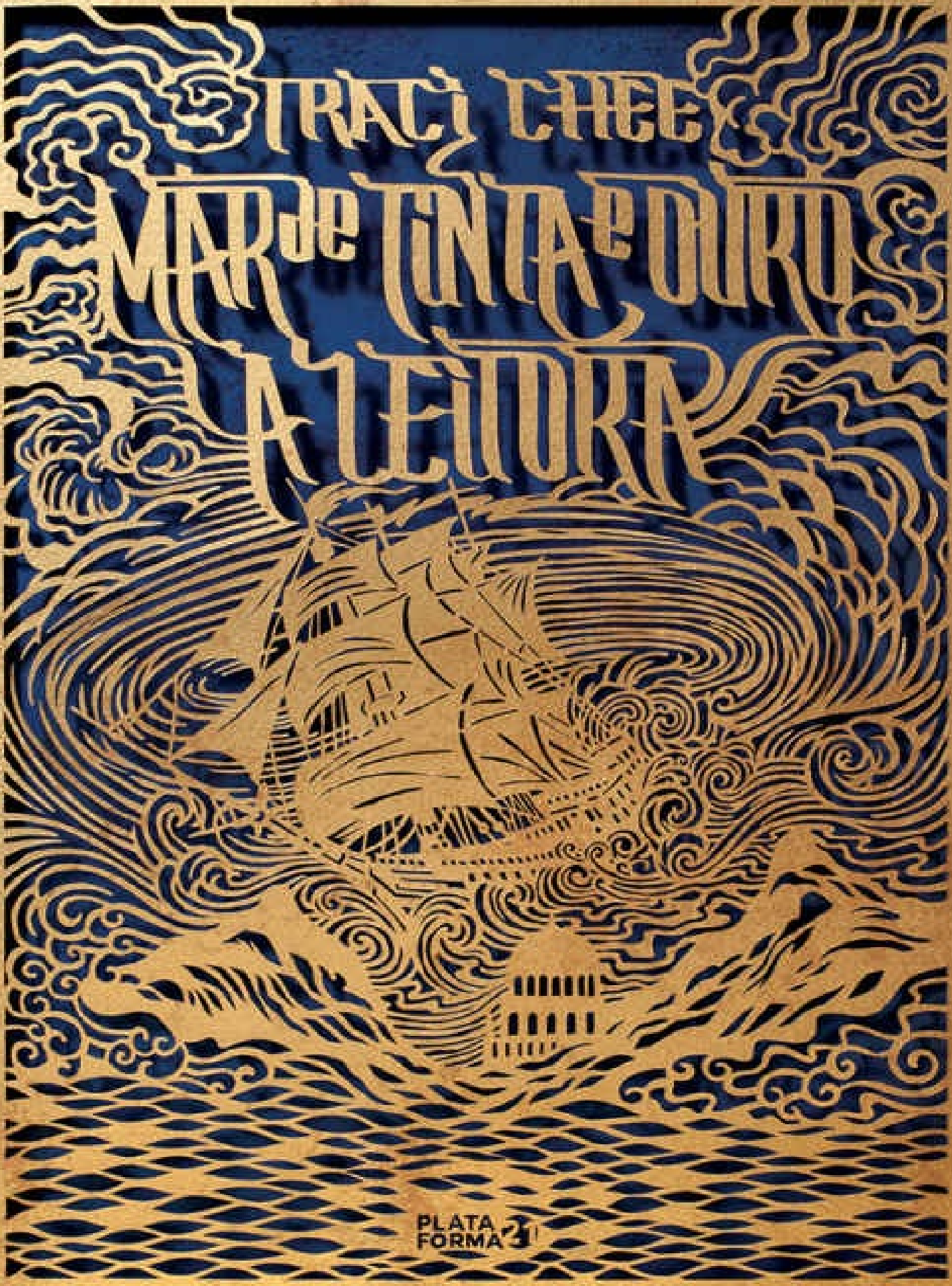
IRACY CHEE

MAR DE TINTA E OURO



PLATAFORMA 3

TRACI CHEE

MAR DE TINTA E OURO

A LEITORA

| LIVRO UM |

tradução

EDMUNDO BARREIROS

PLATAFORMA 21

HTTPS://T.ME/SBDLIVROS

https://t.me/StarBooksDigital
TÍTULO ORIGINAL *The Reader*
© 2016 by Traci Chee
© 2017 Vergara & Riba Editoras S.A.
Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago
EDITORAS-ASSISTENTES Natália Chagas Máximo e Thaíse Costa Macêdo
PREPARAÇÃO Isadora Prospero
REVISÃO Raquel Nakasone e Vanessa Gonçalves
DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt
SBD
DIAGRAMAÇÃO Pamella Destefi
CAPA Carlo Giovani

Todos os direitos desta edição reservados à
vergara & riba editoras s.a.
Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana
CEP 04020-1987 | São Paulo | SP
Tel.| Fax: (+55 11) 4612-2866
vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br
plataforma21.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chee, Traci
A leitora / Traci Chee; tradução Edmundo Barreiros. – São Paulo: Plataforma21, 2017. (Série Mar de tinta e ouro; 1)
Título original: *The Reader*
ISBN: 978-85-92783-13-6
1. Ficção juvenil I. Título II. Série.

CDD-028.5
17-01114

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Sumário

Capa

Créditos

Mapa

Olá!

O livro

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

O lugar dos descarnados

Capítulo 26

Capítulo 27

Harison salva o mastro principal

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

O garoto do mar

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Águas vermelhas

Capítulo 37

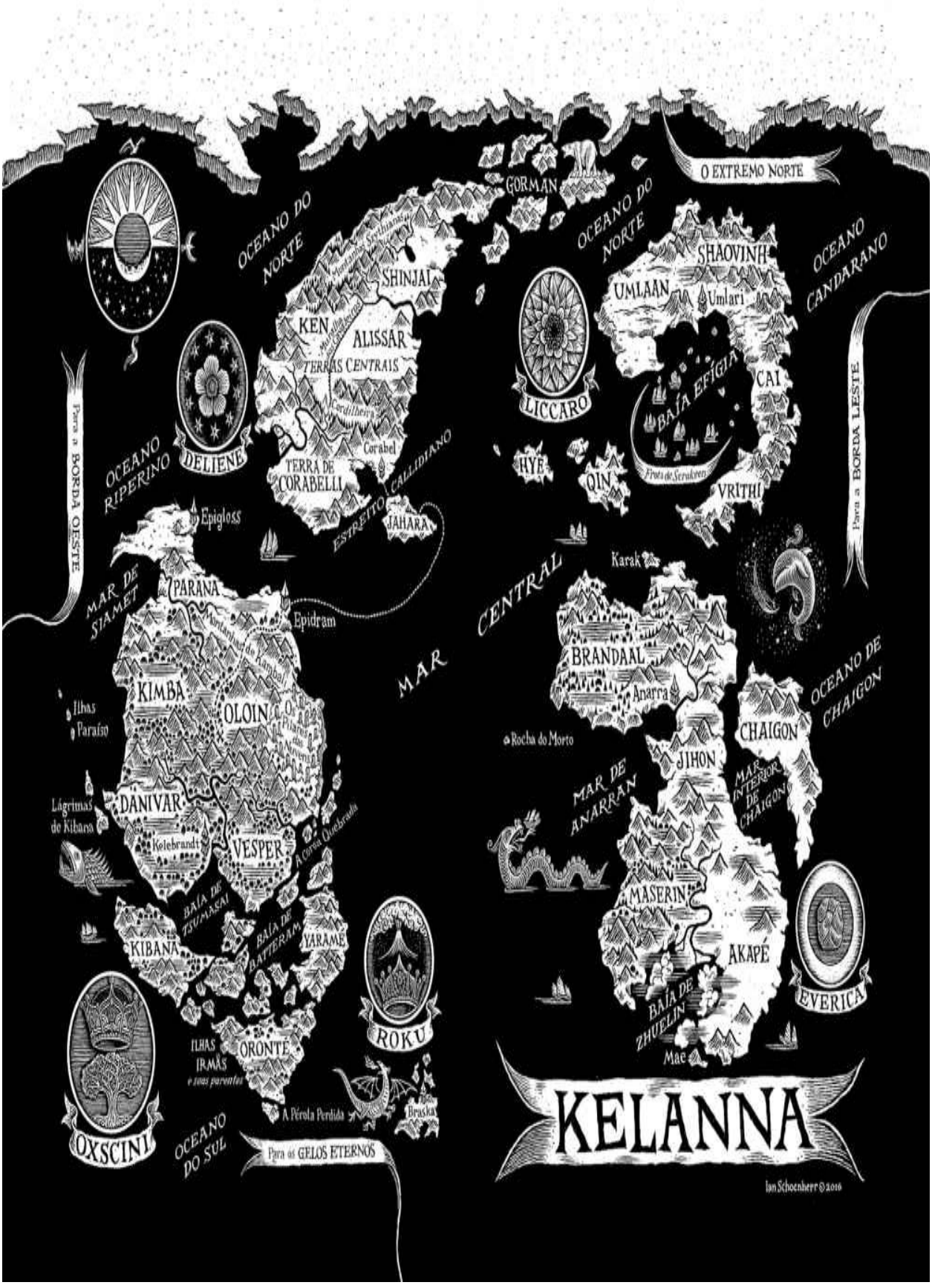
Capítulo 38

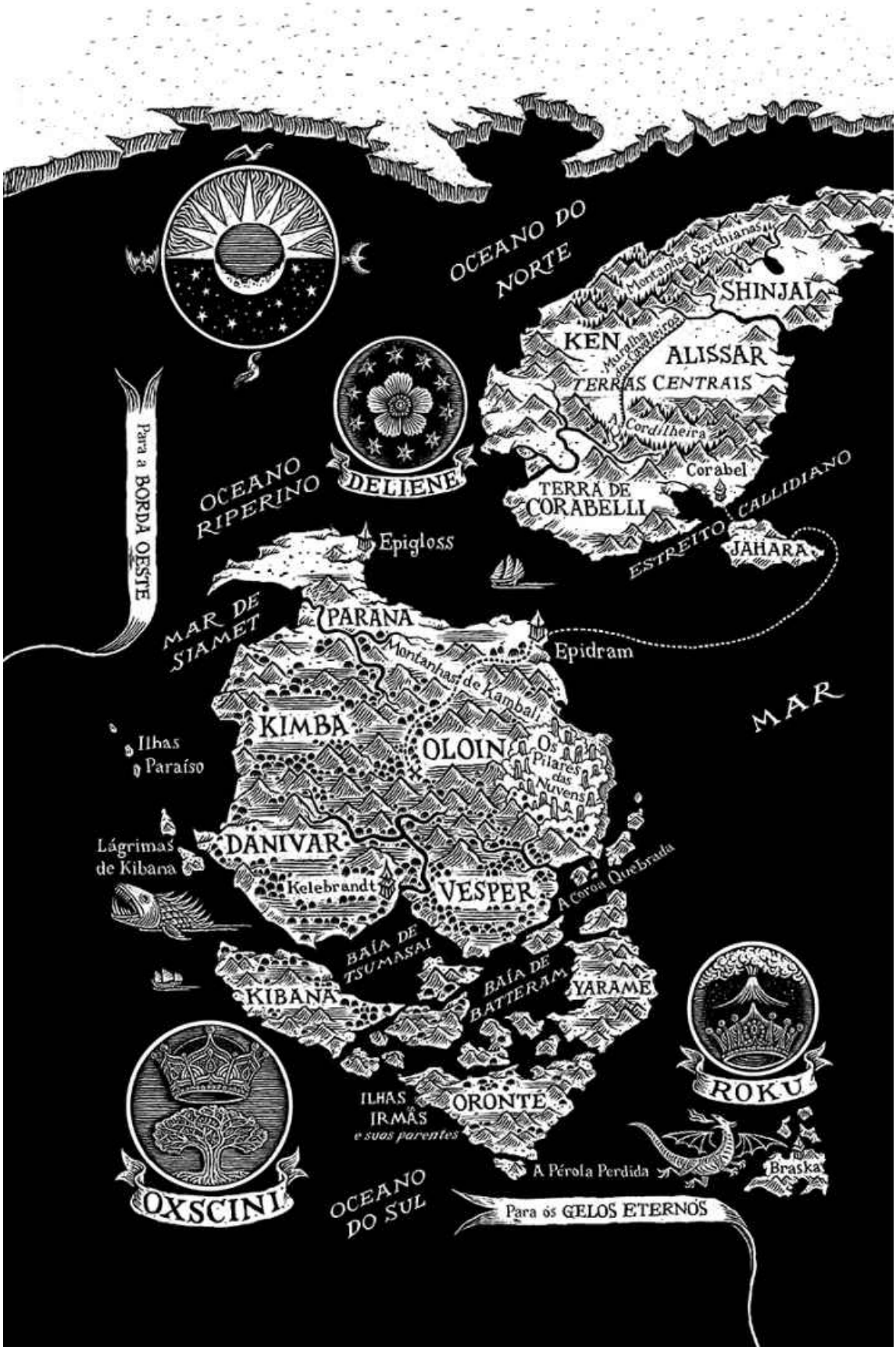
Capítulo 39

Capítulo 40

Agradecimentos

Para minha mãe,
que sempre soube.


KELANNA
O EXTREMO NORTE
OCEANO DO NORTE
OCEANO CANDARANO
OCEANO RIPERINO
OCEANO DO SUL
OCEANO DE CHAIGON
MAR CENTRAL
MAR DE SIAMET
MAR DE ANARRAN
MAR INTERIOR DE CHAIGON
Para a BORDA OESTE
Para a BORDA LESTE
Para os GELOS ETERNOS
GORMAN
SHINJAI
KEN
ALISSAR
TERRAS CENTRAIS
Cordilheira
Corabel
TERRA DE CORABELLI
ESTREITO CALLIDIANO
JAHARA
DELIENE
LICCARO
SHAOVINH
UMLAAN
Umlari
CAI
BAÍA EFÍGIA
Frota de Serakeen
HYE
QIN
VRITHI
Epigloss
PARANA
Montanhas do Rambal
Epidram
Karak
BRANDAAL
Anarra
KIMBA
OLOIN
Ilhas Paraíso
Rocha do Morto
CHAIGON
JIHON
Lágrimas de Kibana
DANIVAR
Kolebrandt
VESPER
A Coroa Quebrada
MASERIN
BAÍA DE TSUMASAI
BAÍA DE BAITERAM
KIBANA
YARAME
AKAPÉ
EVERICA
BAÍA DE ZHUELIN
Mae
ROKU
ILHAS IRMÃS
e suas parentes
ORONTE
A Pérola Perdida
Bruska
OXSCINI
Ian Schoenherr © 2016


OCEANO DO NORTE
Montanhas Szythianas
SHINJAI
KEN
Muralha dos Cavaleiros
ALISSAR
TERRAS CENTRAIS
A Cordilheira
Corabel
TERRA DE CORABELLI
ESTREITO CALLIDIANO
JAHARA
DELIENE
OCEANO RIPERINO
Para a BORDA OESTE
Epigloss
MAR DE SIAMET
PARANA
Montanhas de Kambali
Epidram
MAR
KIMBA
OLOIN
Os Pilares das Nuvens
Ilhas Paraíso
Lágrimas de Kibana
DANIVAR
Kelebrandt
VESPER
A Coroa Quebrada
BAÍA DE TSUMASAI
BAÍA DE BATTERAM
KIBANA
YARAMÉ
ROKU
ILHAS DAS IRMÃS
e suas parentes
ORONTE
A Pérola Perdida
Braska
OXSCINI
OCEANO DO SUL
Para ós GELOS ETERNOS


O EXTREMO NORTE
GORMAN
OCEANO DO NORTE
SHAOVINH
UMLAAN
Umlari
OCEANO CANDARANO
LICCARO
BAÍA EFÍGIA
CAI
Frota de Serakeen
HYE
QIN
VRITHI
Para a BORDA LESTE
CENTRAL
Karak
BRANDAAL
Anarra
OCEANO DE CHAIGON
Rocha do Morto
CHAIGON
JIHON
MAR INTERIOR DE CHAIGON
MAR DE ANARRAN
MASERIN
AKAPÉ
EVERICA
BAÍA DE ZHUELIN
Mae
KELANNA
Ian Schoenherr © 2016

Olá.
Se Você está lendo isto, então talvez saiba
quE deveria ler tudo. E talvez
já Julgue que deveria ler com atenção.
E hÁ
enCantamentos
prOfundos nestas palavras, procure em seus sinais de
fuMaça feitiços e mágica nas páginas
e nA lombada.
E aTé
que aprenda a procurar
faNtásticos segredos no mar,
reCebê-los, você não
irÁ entender o que é ler.
Ei, Olhe, Isto é um livro. Você é o leitor. Veja com atenção.
Aqui há magia.



O livro

Houve uma vez, e um dia haverá.
Esse é o começo de toda história.

Havia um mundo chamado Kelanna, um mundo maravilhoso e terrível, de água e navios e magia. O povo de Kelanna era como você de muitas formas – eles falavam, trabalhavam, amavam e viviam –, mas era diferente em um detalhe importante: eles não sabiam ler. Nunca tinham ouvido falar da palavra escrita, nunca desenvolveram alfabetos nem regras de ortografia, nunca registraram suas histórias em pedra. Eles se lembravam delas com suas vozes e corpos, repetindo-as inúmeras vezes até se tornarem parte deles; e as lendas eram tão reais quanto suas próprias línguas, pulmões e corações.

Algumas histórias eram escolhidas e passadas boca a boca, atravessando reinos e oceanos, enquanto outras morriam rapidamente, repetidas algumas vezes e, então, nunca mais. Nem todas as lendas eram populares, e muitas delas viviam vidas secretas em uma única família ou pequena comunidade de fiéis, que sussurravam as histórias entre si para que não fossem esquecidas.

Uma dessas histórias raras falava de um objeto misterioso chamado *livro*, que guardava a chave para a maior magia que Kelanna jamais conhecera. Algumas pessoas diziam que ele continha feitiços para transformar sal em ouro e homens em ratos. Outras diziam que, com muitas horas e um pouco de dedicação, você podia aprender a controlar o clima… ou até mesmo criar um exército. Os relatos diferiam nos detalhes, mas todos concordavam em uma coisa: apenas alguns poucos podiam acessar seu poder. Diziam haver uma sociedade secreta treinada precisamente com esse objetivo, que trabalhava com afinco geração após geração, debruçando-se sobre o livro e o copiando, colhendo conhecimento como feixes de trigo, como se pudessem sobreviver apenas de frases e

parágrafos dóceis. Eles se apropriaram das palavras e da magia por anos, ficando mais fortes com elas a cada dia.

Livros são objetos curiosos. Eles têm o poder de aprisionar, transportar e, se você tiver sorte, até de transformá-lo. Mas, no fim, livros – até os mágicos – são apenas objetos montados com papel, cola e linha. Essa era a verdade fundamental que os leitores esqueceram. Como o *livro*, na verdade, era vulnerável.

Ao fogo.

À umidade.

À passagem do tempo.

E ao roubo.

Capítulo 1



As consequências de um roubo

Havia casacas-vermelhas na estrada. A trilha de cascalho que atravessava a densa floresta estava apinhada de gente, e os soldados oxscinianos cavalgavam acima do mar de pedestres como lordes em um desfile: os belos casacos vermelhos impecáveis, as botas negras engraxadas até brilhar. Na cintura, o cabo das espadas e a coronha das armas reluziam à luz cinzenta da manhã.

Qualquer cidadão respeitador da lei teria ficado feliz ao vê-los.

– Nada bom – resmungou Nin, ajeitando a pilha de peles em seu braço. – Nada bom mesmo. Achei que esta cidade seria pequena o suficiente para que passássemos despercebidas, mas isso agora não parece provável.

Ao lado dela, agachada nos arbustos, Sefia examinou os outros compradores que carregavam cestas ou arrastavam carrinhos barulhentos forrados de aniagem para seus filhos, os pais gritando bruscamente pelas crianças sujas de terra caso elas se afastassem muito. Em seus trajes desgastados pela estrada, Sefia e Nin teriam se misturado muito bem, não fossem os casacas-vermelhas.

– Eles estão aqui por nossa causa? – perguntou Sefia. – Não achei que as notícias fossem se espalhar tão rápido.

– As palavras viajam depressa quando se tem um rosto tão bonito quanto o meu, menina.

Sefia deu um riso forçado. Velha o suficiente para ser sua avó, Nin era uma mulher atarracada, de cabelo emaranhado e um rosto duro como couro cru. A beleza não era o que a tornava memorável.

Não, Nin era uma mestra do crime, com mãos que pareciam mágicas. Elas

não tinham nada de especial à primeira vista, mas podiam tirar a pulseira de uma mulher com um toque delicado, como um sopro. Podiam abrir fechaduras com um leve movimento dos dedos. Era preciso ver as mãos de Nin em ação para conhecê-la de verdade. Do contrário, em sua capa de viagem de pele de urso, ela parecia um pouco com um monte de terra: seca, marrom, pronta para se desfazer na umidade da floresta tropical.

Desde que fugiram de casa em Deliene, o mais ao norte dos Cinco Reinos insulares de Kelanna, elas mantiveram a discrição enquanto seguiam de um lugar para outro, sobrevivendo do que podiam encontrar na natureza. Mas nos invernos mais duros, quando a coleita era fraca e a caça ainda pior, Nin ensinava Sefia a abrir fechaduras, bater carteiras e até roubar grandes peças de carne sem ninguém perceber.

E por seis anos, elas não tinham sido pegas.

– Não podemos ficar aqui – suspirou Nin, ajeitando as peles sobre seus braços. – Vamos descarregar isso na próxima cidade.

Sefia sentiu uma pontada de culpa no estômago. Era por sua causa que estavam fugindo. Se não tivesse sido tão arrogante duas semanas antes, ninguém as teria notado. Mas ela tinha sido estúpida. Excessivamente confiante. Ela tentara roubar uma bandana nova para si mesma – toda verde-água com estampa em ouro, muito mais elegante do que a sua vermelha desbotada –, mas o negociante de tecidos percebera. No último segundo, Nin enfiara o lenço no próprio bolso e levara a culpa para livrar Sefia, e elas deixaram a cidade com os casacas-vermelhas nos calcanhares.

Tinha sido por pouco. Alguém podia ter reconhecido Nin.

E agora elas tinham de deixar Oxscini, o Reino da Floresta que fora seu lar por mais de um ano.

– Deixe que eu faço isso – disse Sefia enquanto ajudava Nin a ficar de pé.

A mulher franziu o cenho e olhou para ela.

– Perigoso demais.

Sefia puxou levemente a pele do topo da pilha nos braços de Nin. Metade delas era de animais que ela mesma abatera e esfolara, o suficiente para ajudá-las a pagar as passagens para sair de Oxscini, se conseguissem entrar na cidade para negociá-las. Nin as mantivera em segurança por todos aqueles anos. Agora era a vez de Sefia.

– Pode ser mais perigoso esperar – disse ela.

O rosto de Nin se turvou. A mulher nunca explicara exatamente como conhecera os pais de Sefia, mas a garota sabia que tinha sido porque havia

alguém atrás deles. Seus pais tinham algo que seus inimigos queriam.

E que agora estava com Sefia.

Pelos últimos seis anos, ela carregara tudo o que possuía nas costas: todas as ferramentas de que precisava para caçar, cozinhar e acampar, e, lá no fundo, lentamente criando buracos no couro, a única coisa que ela tinha dos pais – um pesado lembrete de que eles tinham existido e agora estavam mortos. Suas mãos se apertaram nas alças da mochila.

Nin se remexeu inquieta e olhou para trás, para o coração da floresta.

– Não gosto disso – disse ela. – Você nunca vai sozinha.

– Você *não pode* entrar lá.

– Podemos esperar. Há uma aldeia a cinco dias de viagem daqui. Menor. Mais segura.

– Mais segura para você. Ninguém sabe quem eu sou. – Sefia empinou o nariz. – Posso entrar na cidade, vender os produtos e sair antes do meio-dia. Vamos andar duas vezes mais rápido se não tivermos de carregar essas peles por aí.

Nin hesitou por um bom tempo, seu olhar astuto indo das sombras nos arbustos aos vislumbres de vermelho na estrada. Por fim, ela deu um aceno.

– Seja rápida – recomendou. – Não espere pelo menor preço. Só precisamos do suficiente para pegar um barco para fora de Oxscini. Não importa para onde.

Sefia sorriu. Não era todo dia que ganhava uma discussão com Nin. Ela pegou com dificuldade a pilha pesada dos vigorosos braços da mulher.

– Não se preocupe – disse ela.

Nin franziu o cenho e deu um puxão na bandana vermelha que Sefia usava para prender o cabelo.

– É a preocupação que nos mantém em segurança, menina.

– Vou ficar bem.

– Ah, você vai ficar bem, é? Sessenta anos desta vida e eu estou bem. Por que será?

Sefia revirou os olhos.

– Porque você é cuidadosa.

Nin acenou com a cabeça e cruzou os braços. Era uma imagem tão perfeita de sua personalidade mal-humorada que Sefia tornou a sorrir e lhe deu um beijinho no rosto.

– Obrigada, tia Nin – disse ela. – Não vou decepcioná-la dessa vez.

Nin fez uma careta, esfregando o rosto com as costas da mão.

– Sei que não vai. Venda as peles e volte direto para o acampamento. Tem

uma tempestade se formando, e quero ir embora antes que ela chegue.

– Sim senhora, não vou decepcioná-la.

Virando-se, Sefia olhou para o alto e percebeu a umidade no ar e a velocidade das nuvens que cruzavam o céu. Nin sempre sabia quando vinha chuva; dizia que era o frio em seus ossos.

Sefia saiu cambaleante, erguendo as peles nos braços magros. Ela estava quase no limite das árvores quando a voz rouca de Nin a alcançou outra vez, rápida, com um alerta.

– E não se esqueça, menina. Tem coisa pior que os casacas-vermelhas lá fora.

Sefia não olhou para trás enquanto deixava o abrigo para se juntar às outras pessoas na estrada, mas não conseguiu evitar estremecer com as palavras de Nin. Elas tinham de evitar as autoridades devido à reputação de ladra de Nin, mas essa não era a razão por que viviam como nômades.

Ela não sabia muito, mas ao longo dos anos compreendera o seguinte: seus pais estiveram em fuga. Tinham feito todo o possível para mantê-la isolada, a salvo de algum inimigo sem rosto e sem nome.

Não fora suficiente.

E agora a única coisa que a mantinha em segurança era sua mobilidade, seu anonimato. Se ninguém soubesse onde ela estava nem o que carregava, ninguém iria encontrá-la.

Sefia ajeitou a mochila mais alto nos ombros, sentindo o peso bater contra a lombar, e insinuou-se discretamente no interior da multidão.

Quando ela chegou aos limites da cidade, os braços latejavam devido ao peso das peles. Passou cambaleando pelas docas, onde pequenos barcos de pesca e navios de mercadores estavam amarrados a atracadouros oscilantes. Além da enseada, estavam ancorados os cascos vermelhos dos navios da Marinha Real oxsciniana, com canhões espetados nos conveses.

Cinco anos antes, um punhado de barcos patrulha teria sido suficiente, mas agora eles estavam em guerra contra Everica, o Reino de Pedra recentemente unificado, e haviam aumentado as restrições ao comércio e a viagens. Sefia e Nin não podiam chegar à costa em conflito de Everica, e mesmo a faixa do Mar Central entre os dois reinos estava repleta de escaramuças e corsários sedentos de sangue. Para os cidadãos comuns, os barcos sentinelas podiam ser protetores, mas para Sefia, que nunca fora comum, eles eram guardas de prisão impedindo sua fuga.

Na entrada da praça da cidade, ela fez uma pausa para estudar a disposição do mercado, à procura de becos que pudesse usar caso precisasse de uma saída

rápida. Em torno do perímetro havia lojas facilmente identificadas pelos brasões acima das portas: um cutelo e um porco para o açougueiro, uma bigorna para o ferreiro, espátulas de madeira cruzadas para o padeiro. Mas era o aglomerado de barracas cobertas no centro da praça que atraía multidões. Em dias de mercado, comerciantes itinerantes e fazendeiros locais vinham de um raio de quilômetros, vendendo de tudo, de rolos de tecido a sabões perfumados e bolas de cordel.

Sefia caminhava desviando de ambulantes que anunciavam manga e maracujá, sacas de café e peixes prateados. Através da multidão de compradores, ela notou fechos soltos em pulseiras e jaquetas com bolsas de moeda protuberantes, mas agora não era hora de roubar.

Ela passou pela banca de jornais, onde um membro da guilda dos jornalistas, uma mulher com um boné de aba curta e tarjas marrons nos braços, a saudou com mais notícias da confusão no exterior:

– Outro navio mercante perdido para o capitão Serakeen, perto da costa liccarina! A rainha ordenou uma escolta naval adicional para embaixadores em viagem a Liccaro! – A seus pés, a lata de coleta tilintava com o *plinc! plinc!* de moedas de cobre.

Sefia estremeceu. Enquanto Everica e Oxscini combatiam no sul, o reino desértico e calcinante de Liccaro tinha seus próprios problemas: Serakeen, o Flagelo do Leste, e sua frota de piratas brutais. Ele aterrorizava os mares em torno da pobre ilha, pilhando cidades costeiras e extorquindo outras, atacando comerciantes e navios de suprimentos que traziam ajuda para um reino que não tinha um rei havia gerações. Ela e Nin mal conseguiram escapar de um dos navios de guerra de Serakeen quando deixaram Liccaro há mais de um ano. Ela ainda se lembrava do fogo que irrompia dos canhões distantes, das explosões de água dos dois lados do barco.

Enquanto se dirigia à barraca do peleteiro, abrindo caminho em meio ao mar de pessoas em camisas de trabalho e calças velhas, vestidos compridos de algodão e casacos com abas pontudas, um brilho de ouro atraiu seu olhar: uma luz não maior que uma poça, ondulando sob os saltos das botas da multidão. Ela sorriu. Se olhasse com muita atenção, iria desaparecer, por isso ela contentou-se em saber que estava ali, nos limites de sua visão.

Sua mãe sempre lhe dissera que havia uma energia oculta no mundo, uma *luz* fervilhante logo abaixo da superfície. Sempre estava ali, girando invisível ao seu redor, e de vez em quando borbulhava, do mesmo modo que água brota de uma fissura na terra, um brilho dourado visível apenas àqueles especialmente sintonizados com ele.

Como sua mãe. Sua linda mãe, cuja pele acobreada assumia um tom de bronze nos meses de verão, que lhe dera a mesma compleição esguia, a mesma graça incomum, a mesma sensação especial de que havia mais no mundo que suas formas físicas.

Quando Sefia tinha levantado o assunto com Nin, sua tia ficara mal-humorada e em silêncio, recusando-se a responder a qualquer pergunta ou sequer a manter uma conversa casual pelo dia inteiro.

Ela nunca havia mencionado aquilo outra vez, embora isso não a tivesse impedido de vê-lo.

Quando a pequena poça de luz começou a se esvair, um homem passou à sua frente. Cabelo negro rígido com traços grisalhos, a curva dos ombros acentuada por um suéter enorme. Ela olhou outra vez.

Mas não era ele. A forma do crânio estava errada. A altura estava errada. Ele não compartilhava de suas sobrancelhas retas nem dos olhos de lágrima, negros como ônix. Tudo estava errado. *Nunca* era ele.

O pai dela estava morto havia seis anos; a mãe, dez, mas isso não a impedia de vê-los em completos estranhos. Isso não detinha a pontada em seu coração quando se lembrava, outra vez, que eles estavam mortos.

Ela sacudiu a cabeça e piscou rapidamente enquanto se aproximava do peleteiro, onde uma mulher irritada remexia peles de chinchila com uma das mãos enquanto segurava o braço do filho pequeno com a outra. O menininho estava chorando. Ela o apertava com tanta força que seus dedos enrugavam a pele rosada da criança.

– Nunca mais saia da minha vista! Os impressores vão pegar você! – Quando ela sacudiu o braço dele, seu corpo inteiro se agitou.

A peleteira, uma mulher simples com braços finos, debruçou-se sobre a banca, enfiando as mãos em uma pilha de peles de raposa.

– Soube que outro menino desapareceu esta semana, perto da costa – sussurrou ela, olhando para os lados para ver se havia alguém escutando.

Semioculta atrás de sua braçada de peles, Sefia fingiu estar mais interessada nos envelopes de papel com os produtos na barraca ao lado, cada um pintado com a imagem das especiarias em seu interior: cominho, coentro, funcho, cúrcuma…

– Viu? – A voz da mãe ficou mais aguda. – Isso é terra de impressor!

O pulso de Sefia se acelerou. *Impressores*. Até a palavra soava sinistra. Ela e Nin ouviam fragmentos de notícias sobre eles havia alguns anos. Segundo a história, meninos estavam desaparecendo por todos os reinos insulares de

Kelanna, um número grande demais para terem fugido. Havia conversas sobre garotos sendo transformados em assassinos. Você os reconheceria se os visse, diziam as pessoas, porque eles teriam uma queimadura em torno do pescoço, como uma coleira. Essa era a primeira coisa que os impressores faziam – marcar os meninos com tenazes em brasa – de modo que todos tinham a mesma cicatriz.

Pensar nos impressores fez com que Sefia curvasse os ombros, percebendo de repente como estava exposta naquele mar de estranhos, que observavam e sussurravam. Ela olhou para trás e captou um vislumbre de vermelho entre as barracas. Casacas-vermelhas. Eles estavam vindo em sua direção.

Assim que a mulher e o filho se afastaram, ela jogou as peles em cima da banca. Enquanto a peleteira as examinava, Sefia se remexia com impaciência, olhando ao redor para a multidão agitada, levando a mão às costas com frequência para se assegurar de que o misterioso objeto rígido ainda permanecia dentro da mochila.

Alguém lhe deu um tapinha no ombro. Sefia enrijeceu e se virou.

Atrás dela estavam os casacas-vermelhas.

– Você viu esta mulher? – perguntou um deles.

O outro estendeu uma folha de papel amarelado que se enrolava nas extremidades. Um desenho esmaecido. Os traços da mulher procurada estavam parcialmente encobertos e indistintos, mas não havia como confundir a curva de seus ombros, a capa de pele de urso emaranhada.

Sefia sentiu como se tivesse sido jogada em águas escuras.

– Não – disse baixo. – Quem é ela?

O primeiro casaca-vermelha deu de ombros e seguiu para a barraca de especiarias.

– Você viu esta mulher?

O outro deu um sorriso tímido.

– Você é nova demais para se lembrar dela, mas há trinta anos ela era a ladra mais famosa nas Cinco Ilhas. Eles a chamavam de a Chaveira. Alguém, a algumas cidades daqui, disse que a viu, mas quem sabe? Provavelmente, ela já está morta há muito tempo. Não se preocupe.

Sefia engoliu em seco e balançou a cabeça afirmativamente. Ela reconhecia a história. Os casacas-vermelhas tornaram a se embrenhar na multidão.

A Chaveira.

O velho apelido de Nin.

Ela aceitou o primeiro preço oferecido pela peleteira e jogou as moedas de ouro na mochila ao lado de um fragmento de quartzo rutilado e os últimos rubis

de um colar que roubara em Liccaro. Aquilo seria suficiente? Tinha de ser.

Guardou a bolsa, esfregou o fundo da mochila mais uma vez e enfiou-se na multidão, acotovelando os outros compradores em sua pressa de deixar a cidade.

Quando chegou à floresta, começou a correr, quebrando arbustos, prendendo-se em galhos, desajeitada e lenta devido ao peso da mochila.

Teriam sido aqueles estalidos na folhagem o som de sua própria passagem, ou os sons de uma perseguição?

Sefia olhou rapidamente para trás, imaginando o rangido de botas de couro, a batida de pés.

Ela correu mais rápido, o objeto duro e retangular batendo dolorosamente contra a base de sua espinha. A floresta ficou quente e úmida ao seu redor.

As notícias viajam rápido. Ela precisava chegar até Nin. Se os casacas-vermelhas sabiam que a mulher estava em Oxscini, não havia como dizer quem mais também sabia.

O acampamento estava apenas vinte metros à frente quando, sem aviso, a floresta ao seu redor ficou em silêncio. Os pássaros pararam de cantar. Os insetos pararam de zumbir. Até o vento parou
de sussurrar. Sefia congelou, todos os seus sentidos em alerta, o som de sua respiração alto como um serrote de lenhador na vegetação rasteira imóvel. Sua pele se arrepiou.

Então veio o cheiro. Não o fedor pútrido de esgoto, mas um cheiro limpo demais, como cobre. Um cheiro cujo gosto podia sentir. Um cheiro que ela podia sentir formigar na ponta de seus dedos.

Um cheiro que ela conhecia.

Através das árvores, ouviu a voz de Nin, baixa e contida, a mesma voz que usava quando estava enfrentando uma caça grande e agressiva, pronta para atacar.

– Então você finalmente me encontrou.

Capítulo 2



Pior que os casacas-vermelhas

Sefia se agachou na faixa de samambaias mais próxima, tremendo com tamanha violência que as folhas começaram a se agitar.

O odor pungente de terra abrasada e cobre estava tão forte que suas entranhas zuniam.

Houve o som de riso, como vidro moído.

– Quase não acreditei quando soubemos que uns casacas-vermelhas quase a pegaram nas florestas oxscinianas, mas aqui está você.

Nós. Sefia cravou os dedos na terra. Alguém – um grupo de alguéns – *estava* à procura delas. E a encontrara.

Por causa dela.

Ela começou a rastejar pelo chão. Teias de aranha se emaranharam em seu cabelo. Espinhos espetaram sua pele. Cerrou os dentes e seguiu em frente, aproximando-se lentamente do acampamento.

– Passei todo o meu aprendizado caçando você. *Não* tinha nem certeza se era tão impossível de capturar como todos disseram…

– Vá logo com isso, está bem? – interrompeu Nin.

Um estalo breve e abafado fez Sefia parar de olhos arregalados nas moitas. Mas através das folhas grandes em forma de pá, ela não conseguia ver nada.

– …ou se estava morta.

Depois de um instante, Nin resmungou:

– Inteira, ainda.

– Por enquanto.

Não. Sefia se arrastou pela vegetação. *Outra vez, não.*

Ignorando os espinhos de uma densa moita de junco, ela se apertou contra um

tronco apodrecido coberto de musgo e plantas aéreas. Galhos se prendiam em sua roupa, mas através das folhas pontudas e de trepadeiras mortas, ela quase podia ver o que estava acontecendo na clareira.

Nin estava de joelhos, tocando cuidadosamente o lado da cabeça. Um fio de sangue escorria pela base da sua mão e pingava de seu pulso.

Uma mulher encapuzada estava parada diante dela. Toda vestida de preto, parecia uma sombra saída direto da floresta, feita de violência e escuridão. Ao seu lado, a mão direita descansava no cabo de uma espada curva.

Além da barreira de folhas, Sefia conseguiu vislumbrar as formas de dois cavalos negros amarrados em meio às árvores. Dois cavalos. Havia outra pessoa na clareira.

– Reviste-a – disse uma voz masculina, seca e dura como ossos.

Sefia estremeceu com o som.

A mulher de preto se ajoelhou diante da mochila de Nin e virou seu conteúdo no chão da floresta. As panelas e facas, a tenda e a machadinha, a luneta retrátil de latão, todos os pertences de Nin caíram chacoalhando, fazendo um estrondo. Sefia levou um susto. Espinhos de junco arranharam seu rosto, tirando sangue.

Ela mal percebeu. Um filete frio de medo escorreu por sua espinha. Agora, podia ver a mulher com clareza. Sua inimiga tinha um rosto: olhos feios cor de água suja e pele esburacada, com alguns cachos soltos de cabelo flutuando em torno do rosto.

Aquela era a mesma pessoa que tinha matado seu pai?

– Ele não está aqui – disse Nin.

Ele. Sefia levou a mão à mochila. Através do couro, os cantos duros de metal do objeto estranho se enfiaram na palma de sua mão. *Aquilo* era o que eles queriam.

A mulher começou a vasculhar os pertences de Nin, jogando para o lado camisas remendadas e utensílios entalhados à mão com um descuido que fez o estômago de Sefia queimar.

Por fim, a mulher de preto se aprumou. O fedor de metal ficou mais pronunciado. Crepitava e queimava, até o ar ficar zunindo com ele.

Ela virou-se para Nin.

– Onde está?

Nin ergueu os olhos para ela, debruçou-se para a frente e cuspiu na terra.

A mulher lhe deu um tapa no rosto com as costas da mão. Nos arbustos, Sefia mordeu a língua para não gritar. O lábio de Nin abriu; sangue se acumulou entre seus dentes.

Nin projetou o queixo para a frente, inclinou-se adiante e cuspiu outra vez.

– Vai precisar de mais que isso para me fazer falar – disse ela.

A mulher de preto soltou uma gargalhada.

– Vai falar. Quando tivermos acabado com você, você vai *cantar*. Viu o que fizemos com ele, não viu?

Seu pai. Sefia se esforçou para reprimir a memória de membros amputados. Mãos deformadas. Coisas que nenhuma criança devia ver. Coisas que ninguém *jamais* devia ver. Nin não vira o corpo. Tinha fugido com Sefia para a floresta assim que ela apareceu à sua porta, chorando e desgrenhada.

Mas Sefia tinha visto.

Ela sabia o que eles podiam fazer.

Nin não disse nada.

Fora do campo de visão de Sefia, o homem tornou a falar, suas palavras como gelo.

– Vamos. Não está aqui.

– Eu já lhe disse isso – resmungou Nin. – Para pessoas que deviam ser tão poderosas, vocês não são muito brilhantes, não é? Não espanta que tenham demorado tanto para me localizar.

– Você acha que isso importa? Acha que isso vai nos deter? – A mulher de preto tornou a bater nela. – Nós somos a roda que move o firmamento. Nós *nunca* vamos parar.

E, mais uma vez, seu punho fez outro som molhado de pancada contra a carne enrugada de Nin.

Sefia retraiu seu corpo e um galho se quebrou bem embaixo dela. Ela ficou toda tensa.

O ritmo dos golpes da mulher não se alterou, mas do outro lado da clareira, Nin congelou. Por um segundo, seus olhos cruzaram com os de Sefia, alertando-a para ficar parada. Para ficar quieta.

Nin desabou com o impacto seguinte, o rosto na terra, a carne inchada e cortada.

Detenha-os, Sefia disse a si mesma. Ela podia sair dali e entregar a mochila. Só dar a eles o que queriam.

Mas o medo se revolvia em seu interior.

Um cadáver desmembrado. O fedor doentio de metal.

Ela tinha visto o que acontecera com o pai.

Houve um movimento a sua direita, o som de passos nas folhas mortas. Sefia ficou gelada. O homem estava indo atrás dela, espreitando a vegetação rasteira

como um predador. Ela ainda não podia vê-lo, mas as pontas das samambaias se dobravam e se curvavam com a passagem dele, enviando ondas através de seus brotos. Ele estava se aproximando.

O cheiro de metal estava tão forte que seus dentes doíam.

– Esperem – tossiu Nin.

O homem parou.

A mulher de preto fez uma pausa, com o braço erguido.

Lentamente, Nin se levantou. Sangue e saliva gotejavam de seu queixo. Ela os limpou e examinou seus machucados.

– Se quer causar algum dano de verdade, tem de pegar meu lado bom – disse ela, dando um tapinha na outra face.

A mulher de negro pegou a mão de Nin e a torceu.

Nin se dobrou.

O pulso quebrou.

Sefia quase pulou para fora das moitas para atacá-la, mas Nin estava a encarando outra vez. *Fique parada. Fique quieta.*

– Basta – disse o homem.

A mulher de preto lançou um olhar furioso para ele, mas segurou a gola da capa de Nin, erguendo-a. Os cavalos batiam as patas e se moviam de um lado para outro na beira da clareira.

Agora, pensou Sefia. *Antes que seja tarde demais.*

Mas ela não conseguia se mexer. Não conseguia.

Eles amarraram as mãos de Nin e montaram. Nin soltou um leve sopro de ar quando eles a forçaram a subir. Apesar dos espinhos presos nas mãos e braços, Sefia afastou as folhas até conseguir ver os olhos inchados da tia observando-a da traseira do cavalo.

Nin.

A única família que lhe restava.

Então os três se foram, desaparecendo entre os galhos que se fecharam atrás deles como se nunca tivessem estado ali.

Quando o som dos cavalos desapareceu ao longe, o cheiro de cobre se dissipou como névoa, deixando aquele travo metálico familiar no fundo da garganta de Sefia.

Sua respiração saía em arfadas entrecortadas. Ela passou por cima do tronco e entrou cambaleante na clareira, onde caiu para a frente em meio aos pertences de Nin. Os soluços surgiram de repente de seu estômago, abalando todo seu corpo.

Seis anos em fuga. Uma vida inteira escondida. E mesmo assim eles a haviam

encontrado.

Sefia começou a recolher as coisas de Nin – uma camisa grande demais, a luneta, suas gazuas – como se fosse suficiente se agarrar ao peso delas, agora que a tia se fora.

Claro que não era.

Sefia desdobrou o estojo de couro que guardava as gazuas, seus dedos tocando as pontas de metal das ferramentas de maior confiança de Nin. Seus olhos se turvaram de lágrimas.

Sua mãe e seu pai estavam mortos. E agora, Nin também fora tirada dela. Para ser espancada, torturada e quem sabe o que mais.

Não. Sefia torceu o couro em suas mãos. *Ainda não*.

As palavras da mulher retornaram a ela como lâminas de vidro cortando através da sua pele. *Nós nunca vamos parar*.

Não até terem destruído tudo o que ela amava.

Não até terem arrasado todos que estivessem em seu caminho.

As mãos de Sefia queimavam, como se tudo o que tocava fosse irromper em chamas.

Eles não iam parar? Bem, ela também não.

Ela guardou as gazuas, enfiou uma trouxa com as coisas de Nin em sua mochila e a jogou sobre o ombro. Então, estreitando os olhos, localizou as marcas de casco na terra macia e marchou para o interior da selva.

Eles eram mais rápidos do que ela, mas Sefia era implacável. Ela os rastreou por quilômetros de floresta tropical, por cima de troncos caídos, por dentro de riachos, passando por emaranhados retorcidos de espinheiros e lagos estagnados zumbindo com mosquitos. No meio da tarde, como Nin previra, cortinas de água começaram a cair sobre a floresta, gotejando do dossel até encharcar tudo. Mal-humorada, Sefia puxou a capa de chuva sobre o corpo e a mochila e olhou de canto para a chuva.

Enquanto avançava penosamente em meio ao aguaceiro, ficava cada vez mais difícil seguir o rastro dos cavalos. Mas eles não pararam, e ela também não. Seguiu em frente sob a luz do fim do dia, à procura de poças em forma de meia-lua e gravetos quebrados.

A chuva caiu, mas ela não parou.

A escuridão caiu, mas ela não parou.

Então, nas margens de um riacho ruidoso, inchado pela chuva, ela escorregou. Deslizou pela margem enlameada, agarrando-se a raízes soltas que arrebentavam em suas mãos, e aterrissou na água túrgida, rolando várias vezes no escuro e no

frio. Várias vezes a correnteza a empurrou para baixo, mas toda vez ela emergiu quase sem fôlego, lutando contra as corredeiras com os braços e as pernas, tentando alcançar a margem.

Sem nada além da determinação e do que restava de sua força que se esvaía, ela conseguiu chegar à margem oposta e se puxou para fora da água com membros trêmulos. A chuva caía sobre seu rosto enquanto ela jazia respirando com dificuldade no escuro. Que distância tinha percorrido? Devia estar quilômetros rio abaixo.

Sefia ficou de pé, cerrando os dentes contra uma dor repentina no tornozelo. Ajoelhou-se, testando a junta inchada com dedos dormentes. Não estava quebrado. Pelo menos isso. Ela pegou a mochila, passou a mão por fora para conferir que seu conteúdo estava em segurança e afastou-se da água mancando para montar sua pequena tenda.

A chuva não parou. Ela martelava a lona enquanto Sefia arrastava a mochila atrás de si e a botava no espaço onde Nin teria se deitado, embora não pudesse fingir que o volume encharcado fosse sua tia. Ela olhou com uma careta para seus arranhões e machucados, tirou com dificuldade as roupas molhadas e entrou embaixo do cobertor, curvando-se em uma bola com as mãos entrelaçadas em torno dos joelhos.

Com os olhos secos, olhou fixamente para a escuridão.

– Nin – murmurou.

Capítulo 3



A casa na colina de frente para o mar

Por algumas horas toda manhã, a casa na colina se transformava em uma ilha redonda, isolada do vilarejo abaixo, flutuando em neblina fria com vista para nada além de aves, ar e um oceano infinito de branco insubstancial...

Horas antes de ser morto, o pai de Sefia desceu com ela a ladeira enevoada até a oficina da ferreira, como fizera todas as manhãs por quatro anos, desde que a mãe dela morrera. Eles sempre iam de mãos dadas pela grama, o pai girando a cabeça como um veado cuidando de seu pequeno bando, e quando se despedia, sempre lhe dava um tapinha de leve no queixo. Aí voltava para a casa na colina para cuidar dos animais, consertar as cercas ou estudar o oceano pelo telescópio.

Sefia adorava a oficina. Na verdade, não era uma oficina, apenas um barracão nos fundos da casa da ferreira, com chão de terra e paredes enegrecidas cheias de ganchos e centenas de fechaduras e chaves penduradas.

Às vezes ela passava os dedos sobre as chaves, fazendo-as bater e tilintar até o quartinho se encher com uma cacofonia de ruídos metálicos. Outras vezes, como hoje, ela simplesmente observava as mãos fortes da ferreira se dedicarem a seu ofício.

– Tia Nin – disse ela, dando um tapinha no ombro arredondado da mulher. – Você me ensina a fazer isso?

– Fazer o quê? – disse Nin, com uma voz áspera como cascalho.

Sefia pôs as mãos na bancada alta.

– Abrir fechaduras.

– Estou consertando uma fechadura, não arrombando uma.

– Mas você vai?

– Vou o quê?

– Me *ensinar*. – Ela tinha aperfeiçoado o choramingo de uma criança de nove anos.

Nin não interrompeu seu trabalho.

– Quando você for mais velha.

Sefia riu. O mal humor da tia nunca a incomodava. Ela estivera por perto sua vida toda. Quando seus pais construíram a casa na colina, Nin os ajudara. Ela pusera trancas em todas as portas e janelas e, a pedido deles, instalou três portas secretas adicionais.

A primeira ficava escondida nas pedras ao lado da lareira. Era preciso usar a ponta do atiçador de fogo para destrancá-la, e ela se abria para uma escada secreta que levava ao quarto de Sefia no porão, apenas um lugarzinho para sua cama e seus pertences. Seus pais nunca a deixaram manter nada na casa propriamente dita, embora nunca tivessem visitantes para receber. Para qualquer pessoa que espiasse pelas janelas, parecia que havia apenas dois ocupantes na casa da colina.

Agora parecia que apenas um viúvo morava ali.

Eles se mantinham reservados o máximo possível, cuidando do jardim, criando galinhas, porcos, cabras e até alguns carneiros, e só descendo a ladeira até o vilarejo por necessidade.

Além da família pequena, só mais uma pessoa era permitida na casa, e essa pessoa era Nin.

Sefia percebera muito tempo atrás que havia algo diferente em sua família – sua reserva, seu isolamento. Havia alguém atrás de seus pais. Ela não sabia por quê, mas imaginava que fosse alguma figura sombria com olhos vermelhos e dentes afiados, um vilão monstruoso saído de seus pesadelos para caçá-los com cães de metal.

Às vezes, ela imaginava a mãe e o pai como heróis. Guardiões de algum conhecimento arcano. A mãe orgulhosa e pequena, seu cabelo negro torcido em um coque na base do pescoço, uma estrela de prata reluzente em seu peito como um xerife. O pai com uma cabeleira que parecia uma escova eriçada endurecida com graxa de sapato, e as mangas compridas enroladas até os cotovelos enquanto a cicatriz em sua têmpora reluzia branca.

Às vezes, ela acordava aos gritos em seu quarto no porão, sabendo com certeza absoluta que alguém estava vindo atrás deles.

– Quando me ensinar, eu vou conseguir arrombar qualquer fechadura do mundo? – perguntou Sefia.

– Só se for muito boa.

– Você é muito boa?

Nin não levantou os olhos.

– Não seja estúpida – disse ela.

Sefia apertou os olhos, que viraram pequenas fendas acima da elevação suave de seu nariz.

– Foi o que pensei. Papai disse que foi assim que ele e mamãe a conheceram. Porque você era a melhor.

– Foi isso o que ele disse?

– Foi. Ele disse que você os ajudou. Disse que não estaria aqui se não fosse por você.

– Bem… eu também não estaria aqui se não fosse por eles.

Sefia assentiu com a cabeça. Seus pais deviam ter sido capturados, no passado, mantidos em jaulas de ferro acima de poços de fogo fervilhantes enquanto seus inimigos falavam rapidamente ao seu redor. Nin devia tê-los libertado, com suas ferramentas elegantes e mãos milagrosas, e todos eles começaram juntos uma nova vida.

Sorrindo, Sefia apoiou a cabeça nos braços cruzados, observando em silêncio enquanto os dedos de Nin trabalhavam e o quartinho se enchia com ruídos metálicos e o movimento de dentes.

Em circunstâncias normais, Nin pararia para almoçar ao meio-dia e levaria Sefia de volta à casa morro acima, mas naquele dia havia cavalos para ferrar, machados para consertar e todo tipo de tranca, dobradiça e trinco para reparar, por isso Nin mandou Sefia sair pela porta dos fundos com avisos para tomar cuidado no caminho e não fazer muito barulho.

– E vá direto para casa, ou seu pai vai querer minha cabeça – acrescentou ela, dando um último empurrão na menina.

Feliz com a nova independência, Sefia saiu para o interior da neblina. No início, riu baixinho e correu na direção das sombras indistintas de barris e carrinhos de mão, fingindo que eram monstros saindo da névoa, mas estava acostumada demais à cautela para se distrair por muito tempo.

Ao deixar o vilarejo e começar a subir a colina até sua casa, a neblina se aproximou. Pelo canto do olho, ela via redemoinhos de luz dourada aparecendo aqui e acolá na subida orvalhada, mas quando olhava mais de perto, eles se derretiam em filetes cinzentos. Os passos de Sefia ficaram mais lentos e enfraquecidos. A umidade do capim alto se agarrava a suas canelas e sapatos,

deixando seus dedos dos pés desconfortavelmente úmidos.

Uma brisa agitou a névoa, e o aroma leve de cobre atingiu seu nariz. Sefia conteve uma tosse e estremeceu na neblina, que se envolveu em torno dela como algo vivo.

Depois de um tempo o cheiro se dissipou – tão repentinamente que ela se perguntou se havia o imaginado. Mas, enquanto inalava o doce aroma da grama, Sefia provou um gosto metálico em sua garganta e soube que aquilo havia sido real.

Na névoa, a subida pareceu levar horas, mas por fim ela chegou ao topo, saindo da neblina que lambia as fundações da casa de pedra solitária, e foi até a porta da frente. Acima dela, o céu era de um azul vazio enervante.

Sefia pegou sua chave – o pai sempre trancava a casa –, mas a porta pesada de madeira em suas dobradiças bem lubrificadas abriu-se silenciosamente ao seu toque.

Dizem que o medo é um vazio no estômago, mas o que ela sentiu foi uma *dissolução,* como se a névoa estivesse queimando e se dissipando, deixando para trás apenas Sefia, exposta e indefesa, com nada a sua frente nem atrás, além de vazio.

Enquanto entrava na casa na ponta dos pés, até as próprias paredes pareciam se desfazer. As tábuas e vigas se foram uma a uma, caindo aos pedaços com pequenos ruídos entrecortados, sujando o piso de madeira, as cadeiras quebradas, os vasos partidos e os lampiões
estilhaçados. Parecia que um furacão tinha destruído a casa. Nada estava no lugar. Pinturas tinham sido cortadas das molduras; o telescópio do pai sumira da janela leste. Enquanto caminhava cuidadosamente entre o entulho, tomando consciência a cada passo de como a casa estava vazia, imóvel, era como se os móveis começassem a se desfazer, os fios de seda se soltando dos tapetes e se transformando em pó, até que tudo na casa – as panelas de cobre no chão da cozinha, a colcha no colchão rasgado dos pais, a mesa de jantar virada – tinha desintegrado. Então, quando chegou ao quarto dos fundos, pareceu que tudo o que restava no alto da colina eram ela… e o cadáver de seu pai.

Sefia soube que era ele sem precisar olhar de perto. Ela não conseguiu olhar de perto. Soube que era ele pelos chinelos de pele de carneiro, pela forma da calça, pelo suéter puído grande demais. Sefia soube sem ter de ver seu rosto, porque [redacted]

Seu pai.

Ela cambaleou para trás. Suas entranhas pareciam neve derretida. Estava tão atordoantemente frio que não conseguia respirar. Engasgou em seco, mas nenhum som saiu, e nenhum ar entrou.

Seu *pai*.

Aos tropeções, Sefia foi até a lareira para destrancar a porta secreta. Houve um *clique* baixo e um painel de pedras deslizou para o interior da parede. Ela entrou, fechou a porta às suas costas e desceu a escada íngreme até seu quarto, que, como seus pais haviam planejado, tinha passado despercebido e intocado. Não havia janelas no porão, por isso ela foi tateando o caminho em meio a cadeiras e brinquedos que antes tinham parecido tão familiares – agora permeados com o potencial para machucar os dedos dos pés e esburacar canelas.

Mas ela estava se preparando para um acontecimento como aquele – exatamente como aquele – havia anos. Quando a mãe ainda era viva, elas ensaiaram aqueles passos juntas; e quando a mãe morreu, o pai a fizera praticar, praticar e praticar. Certos dias, Sefia refazia os passos tantas vezes que sonhava com eles quando dormia. Ela treinara tanto que, como era a intenção, já havia começado a implementar os passos.

Às cegas, tateou a saliência da cabeceira da cama e começou a desatarraxá-la de sua perna de madeira. No interior havia uma chave – uma coisa prateada e brilhante em forma de flor, algo que podia passar despercebido, confundido com um brinquedo de criança – que destrancava a segunda porta secreta, na parede norte.

Sefia a abriu e rastejou para seu interior, fechando a porta atrás de si e encerrando-se em um aposento pouco maior que um baú de viagem. Então ela chorou. Chorou até a cabeça doer e pontos brancos explodirem diante de seus olhos. Ela chorou alto, torcendo para que alguém a ouvisse, e baixinho, temendo a mesma coisa. Chorou até quase se esquecer do corpo mutilado estendido no chão no andar acima dela. E chorou outra vez ao se lembrar.

Após algum tempo, ela deve ter apagado, porque acordou depois do que pareceram horas, com os olhos inchados, quase fechados, e o nariz entupido com coriza. Sefia engoliu alguns soluços secos, se esticou no chão, dolorida, e pôs as palmas das mãos nas paredes de pedra.

Não havia chave para a terceira porta. Nin a projetara para abrir quando as pedras arredondadas nas paredes fossem pressionadas
em determinada ordem, e embora os pais de Sefia tivessem ensaiado a série com ela, eles sempre tinham feito isso à luz quente do lampião de seu quarto. Ir para o quartinho, esperar pela chegada dos pais. Esse sempre tinha sido o plano. Eles

sempre souberam que alguém iria encontrá-los um dia, mas sempre acharam que um deles iria sobreviver.

Sefia se lembrava da sequência; as mãos encontraram os seixos certos por seus contornos – o primeiro no canto superior esquerdo, o segundo com forma de coruja, e o terceiro como uma cabana; em seguida uma meia-lua, dois camundongos em sequência, e o último, um búfalo peludo com um único chifre curto. Ao tocá-las, as pedras clicaram e se encaixaram no lugar. Mas o que aconteceu em seguida foi algo que os pais dela nunca tinham mencionado, algo para o que não a haviam alertado nem preparado, e que talvez fosse a coisa mais importante de todas.

Quando a portinha se destrancou, algo – uma *coisa* pesada e retangular envolta em couro macio – caiu de sua fresta. Devia estar enfiada ali, bem presa na soleira.

Sefia passou os dedos pelo objeto e o abraçou junto ao peito. Ela não o havia visto nenhuma vez em todos os anos em que estivera treinando para sua fuga.

Pensou em deixá-lo. A coisa estava muito pesada e desconfortável em seus braços magros. Desejou ter pensado em levar algo da casa antes de sair. O anel de prata da mãe com o compartimento secreto no interior, um espelho de mão pintado, um dos suéteres velhos do pai – qualquer coisa teria servido. Mas eles nunca a haviam ensinado isso. Nunca lhe disseram que ela talvez quisesse uma lembrança, um suvenir. E agora tudo o que tinha era aquela coisa.

Sefia apertou-a mais firme, até que suas bordas se afundaram nas palmas de suas mãos e na carne de seu rosto, e então levou aquela coisa consigo.

Ela teve de seguir de quatro. O túnel era uma toca de paredes de terra que se desfaziam, com alguns pontos tão estreitos que não conseguia nem engatinhar – tinha de deitar de bruços e *rastejar*, impulsionando-se para a frente com os dedos, empurrando com os ombros e a ponta dos dedos dos pés. Ela rastejou dezenas de metros no escuro inimaginável, uma escuridão quase tangível, mais negra que a noite, mais negra que armários com portas fechadas, mais negra que olhos fechados embaixo das cobertas.

Enquanto avançava lentamente, sem saber que distância tinha percorrido ou quanto ainda faltava, com nada além do ruído do próprio corpo e a escuridão ao seu redor, era a própria *concretude* da coisa retangular, empurrada à frente dela enquanto deslizava pelo túnel, que lhe assegurava que ainda estava viva, que não tinha perecido no mundo da superfície com o pai.

Por fim, ela chegou ao final, onde o túnel terminava abruptamente em um alçapão de madeira. Sefia se agachou embaixo dele, passou a mão pelo teto

lascado e destrancou a porta. Empurrou para cima com o que restava de sua força e a abriu, emergindo em um espinheiro emaranhado com as últimas bagas murchas de verão ainda presas aos ramos. Espinhos prenderam-se em seus braços e nas costas das mãos enquanto ela saía pelo alçapão, apertando a coisa retangular ao seu lado.

Anoitecia. A neblina tinha se dissipado, e o ar fresco estava limpo, as sombras contundidas e roxas. Ela esfregou os braços.

A tarde inteira havia passado, sugada pela escuridão do túnel. Por um momento, Sefia se agachou, arranhada, suja e sangrando, na segurança do espinheiro profundamente emaranhado.

Seus pais tinham lhe dado três instruções. Use as portas secretas. Siga pelo túnel. Encontre Nin. Ela havia feito as duas primeiras e, depois de fazer a última, não lhe restaria nada deles. Nada além do objeto estranho em seus braços.

Sefia fechou o alçapão tão silenciosamente quanto podia e se levantou. Ela reconheceu aquele espinheiro. O pai costumava levá-la para colher frutinhas ali, e quando suas cestas estavam cheias, eles levavam uma para Nin. Ele sempre dissera que aqueles arbustos tinham as frutas mais doces, mas agora ela se deu conta de que ele a estivera treinando, mostrando-lhe o caminho.

Ao pensar no pai, ela começou a chorar outra vez. Apertando o objeto embalado em couro como se fosse um cobertor, um boneco de pelúcia ou um escudo, Sefia saiu dos arbustos com dificuldade e começou a correr pela noite, abaixando-se para desviar de galhos quando eles tentavam agarrar seu cabelo. Árvores jovens batiam em seu rosto e seus braços. Valas despencavam debaixo dela. Mas apesar de chorar e tropeçar, apesar de suas pernas estarem fracas e seu corpo, trêmulo, ela não parou.

Quando chegou à porta dos fundos de Nin, Sefia estava perdida e descontrolada de tristeza e raiva, cega e atordoada, e caiu nos braços grossos e fofos de Nin como se estivesse mergulhando de um penhasco.

Ela ouviu a voz de Nin indistintamente.

– Finalmente aconteceu, não foi? Desculpe, menina, eu devia ter estado lá. Devia ter acompanhado você até a casa.

Ela fizera o que lhe haviam dito. Usar as portas secretas. Seguir pelo túnel. Encontrar Nin. E agora não era o corpo vazio e desmantelado do pai que a assustava tanto, mas o silêncio, aquele silêncio indestrutível dos mortos, porque nunca mais haveria uma palavra de conforto, nenhum gorgolejar familiar ao encostar o rosto na barriga dele, nenhum espirro, nenhuma tosse, nenhum estalar de juntas cansadas, nenhum daqueles sons cotidianos da vida. Ela fizera o que

lhe haviam dito. E agora não haveria mais instruções, não haveria como outra palavra passar dos lábios do pai para o prisma resplandecente do mundo ainda vivo. Ele estava morto. Tinha ido para sempre.

E UM

Capítulo 4



Isto é um livro

A chuva não tinha melhorado quando Sefia despertou na manhã seguinte, e a pequena tenda estava cheia de uma luz fria e sombria. Enquanto estava ali deitada olhando para a lona suja no alto, podia jurar ter visto um movimento pelo canto do olho: Nin se mexendo embaixo da pilha de roupas. Ou ali, passando pelo lado de fora da tenda. Mas era apenas a água pingando de seus pertences, apenas uma sombra caindo sobre a lona. A tia não estava lá. Tinha sido recortada do mundo como uma boneca de papel, embora Sefia ainda pudesse ver onde ela deveria estar, os contornos vagos de sua silhueta, os espaços ecoando com as coisas que ela teria dito.

Fazendo uma careta devido à dor no tornozelo, Sefia se levantou e olhou fixamente para as abas imóveis da lona da tenda enquanto era inundada pelas memórias do dia anterior outra vez. O fedor de metal. O rosto com marcas de varíola da mulher de preto. O *estalo* dos ossos de Nin se partindo.

Nin a protegera até o fim, e Sefia não fizera nada para salvá-la.

Enquanto torcia e afastava o cabelo úmido do rosto, Sefia
começou a retirar seus pertences da mochila, dispondo-os em pilhas organizadas até que suas mãos perscrutantes tocaram algo liso,
sólido e firme.

Aquilo.

Aquilo era o que eles queriam.

Ela o guardara por seis anos, e embora frequentemente se lembrasse dele, pegara-o apenas uma vez.

Tinha nove anos, e ela e Nin haviam deixado a casa na colina dois dias antes.

Nin tinha saído para caçar, e Sefia o retirara da mochila. Uma coisa pesada como uma caixa, com espaços escuros e danificados ao longo das bordas que deviam ter contido filigranas e pedras engastadas, embora alguém tivesse arrancado a maioria delas muito tempo atrás. As únicas partes de ouro que restavam eram cantoneiras nas quinas e duas fivelas escurecidas que o mantinham fechado. Ela estava prestes a abri-lo quando a tia voltou.

– O que está fazendo? – perguntou Nin. Um coelho morto pendia de sua mão.

Sefia congelou e olhou para ela com cara de culpa.

– O que é isso?

Nin olhou fixamente para a coisa, como se fosse uma armadilha de urso, cheia de dentes de metal.

– Eu nunca perguntei – respondeu ela bruscamente. – Guarde-o. Não quero ter nada a ver com ele.

– Mas tia Nin, ele pertencia a…

– Eu não sou seus pais. – Ela deu as costas para Sefia e começou a tirar a pele do coelho. Entre os sons de carne rasgando e tendões rompendo, vieram suas palavras seguintes, por cima do ombro, frias e finais: – Se o vir outra vez, vou jogá-lo no fogo com os troncos.

Sefia não o vira desde então, mas sempre que arrumava a mochila, o tocava. Suas mãos conheciam tão bem a forma da coisa que ela poderia tê-la reconhecido no escuro.

As memórias tornaram a atravessar seu peito.

Seu pai.

Sua tia.

Sefia enfiou os dedos no invólucro de couro e o arrancou. Através de lágrimas turvas e raivosas, ela olhou fixamente para o objeto em seu colo.

O fino couro marrom parecia brilhar como madeira envernizada, e no centro havia uma espécie de emblema, como os brasões que ela vira acima das lojas na cidade, um círculo inscrito com quatro linhas:



O couro tinha sido gravado e abrasado, de modo que as linhas eram escuras e precisas. Uma pista. Enquanto estudava o símbolo, ela tentou imaginar o que poderia ser.

Um tridente.

Um sol nascente.

Um capacete.

Virando a estranha caixa de lado, ela estudou as fivelas de ouro que a

mantinham fechada. O que quer que houvesse em seu interior devia ser importante. E perigoso.

Sua mente revisou rapidamente os objetos mais perigosos que conhecia: pistolas, facas, venenos, objetos mágicos como o Gongo do Trovão ou o Telescópio Longo que podia ver através de paredes, objetos amaldiçoados como o Executor ou os Diamantes de Lady Delune.

Ou talvez ele lhe dissesse onde encontrar as pessoas que tinham levado Nin. E se ela pudesse resgatá-la, se pudesse alcançá-la a tempo, talvez isso compensasse ter deixado que eles a levassem inicialmente.

Ela tinha esperança.

Sefia abriu os fechos e levantou a tampa.

No interior havia papel. Só papel. Liso e quebradiço como gelo. Ela o examinou, virando cada folha de um lado, depois do outro. O papel estava coberto de padrões, linha após linha, como fitas de renda negra.

É isso?

Em pânico, ela examinou atentamente o papel em busca de pistas, virando as folhas cada vez mais rápido até que seus dedos ficaram cheios de cortes e digitais de sangue mancharam os cantos das folhas. Finalmente, ela percebeu que por mais que folheasse, nunca chegava ao início nem ao fim. Sempre havia mais sob seus dedos frenéticos.

Fechou bruscamente a tampa e empurrou a coisa para o lado. Suas mãos doíam.

Papel. Isso era tudo o que eles queriam. Um suprimento infinito de papel, é verdade, mas nada além de papel, polvilhado de marcas como detritos de uma explosão.

Hesitantemente, ela tornou a erguer a tampa. Com a ponta do dedo, traçou as marcas estranhas: linhas retas como trilhas de besouros através de um tronco morto, gotas de sangue, um bando de aves em um céu branco. Cada pequeno sinal estava perfeitamente formado, com bandeirinhas e caudas curtas no fim de cada traço, repousando sobre fios horizontais invisíveis como pregadores em um varal. Mas não eram símbolos nem brasões de guildas, e não formavam imagens, como ladrilhos em um mosaico.

Eles se repetiam. Sefia identificou marcas individuais que apareciam várias vezes em uma única página, e encontrou também agrupamentos inteiros replicados, às vezes dez ou trinta vezes em padrões perfeitos.

Mas algumas figuras destacavam-se sozinhas, isoladas por espaços vazios como tendas armadas em encostas invernais ou postes de luz em estradas

nevadas.

Sefia se retesou.

Ela já vira aqueles sinais antes.

Eles estavam entalhados em alguns de seus brinquedos, blocos de madeira pintados em cores vivas, suas laterais gravadas com símbolos e imagens simples. Havia todo um conjunto deles.

Um mangusto.

Uma alcachofra.

Um rato.

Ela costumava ficar sentada na cozinha por horas, construindo caravanas sobre a mesa enquanto a mãe picava hortaliças do jardim ou abatia galinhas na bancada, a faca rápida e confiante sobre a tábua de cortar, as mãos marrons pontilhadas de cicatrizes pálidas. De vez em quando, ela olhava pela janela à procura do pai de Sefia, depois voltava-se para a filha e espalhava os blocos pela mesa – a serpente, o elmo, a faca –, cantando com sua voz delicada:

– Esse-é-efe-i-a.

– Esse é efeia – Sefia repetia rindo.

– Sim. – A mãe lhe acariciava o rosto com a curva do dedo. – Sefia, minha pequena Sefia.

Sefia piscou com olhos cheios de lágrimas e tocou a marca, como se pudesse imprimi-la em sua pele.

– Esse – sussurrou ela.

O símbolo tinha um significado, e um *som*, como se tivesse sido tirado do mundo real e prensado, achatado como uma estranha flor escura entre as folhas de papel. E aquele som era um chiado, como um formigamento ou o fervilhar de água sobre carvão.

Ela esfregou o rosto. Sua mãe estivera ensinando-a a decifrar aqueles símbolos, antes das febres, da tosse seca e terrível e dos lenços manchados de sangue, a forma como a mãe foi se reduzindo a quase nada.

O pai queimara os blocos no dia seguinte à morte da mãe. Ela se lembrava dele agachado diante da lareira de pedra, alimentando as chamas com seus brinquedos.

– Papai, não! – Ela tentou impedi-lo, mas ele segurou seu corpo descontrolado nos braços.

– Não é seguro. Você não devia saber – disse ele, murmurando nos cabelos escuros dela. – Não é seguro.

Sefia soltou um gemido, chorando pela mãe.

– A mamãe se foi. – O pai acariciou seu cabelo enquanto a luz do fogo tremeluzia sobre a cicatriz em sua têmpora. – Ela se foi, Sefia, agora somos só você e eu.

Ela afundou o rosto nas dobras extras do suéter dele e observou a tinta se enrugar enquanto o fogo consumia os blocos.

– Nós somos uma equipe, você e eu – disse ele. – Estamos nisso juntos, não importa o que aconteça.

O som do choro dele se juntou com o dela, e ela o apertou com mais força, como se nunca fosse soltá-lo.

Sefia estava chorando outra vez, suas lágrimas borrando a tinta. Ela secou as manchas com o punho da camisa.

Os símbolos estranhos eram *palavras*. O papel estava cheio delas. Seriam mensagens? Magia? Alguma sabedoria antiga confiada apenas a seus pais?

Por que o pai não continuara a lhe ensinar?

Por que ele não lhe dera nada para prosseguir?

Ela estreitou os olhos e fechou os dedos lacerados contra as palmas das mãos.

Não era seguro. Ele estava certo sobre isso.

Eles o queriam, e não iriam parar até obtê-lo.

Tinham vindo atrás de seu pai. Tinham vindo atrás de Nin.

E cedo ou tarde viriam atrás de Sefia. Ninguém estava seguro.

A menos que ela os detivesse.

Sefia fechou a tampa e clicou os fechos de volta no lugar. Ela usaria aquela coisa contra eles se pudesse, mas eles jamais colocariam a mão nela outra vez.

Todos aqueles anos, ela tivera alguém para protegê-la, mas agora estava sozinha, e *eles* ainda estavam lá fora. Com Nin, se ela já não estivesse… Sefia enfiou os dedos no , chiando quando a pressão fazia os cortes de papel doerem. *Não*. Nin precisava dela agora. Precisava de sua força e sua resistência, sua inteligência e sua determinação.

Havia apenas um jeito de se proteger das pessoas que tinham destruído sua família.

Ela mesma tinha de detê-los.

Sefia tentou retomar a trilha um dia depois quando o tornozelo doía menos, mas as chuvas haviam lavado tudo, eliminando quaisquer pegadas que eles tivessem deixado na floresta. Embora multidões a deixassem desconfortável, ela vasculhou áreas habitadas à procura de sinais da mulher de preto e seu

acompanhante misterioso, perguntando por eles em vilarejos próximos e em acampamentos de lenhadores na floresta.

Mas ninguém os havia visto.

Ninguém sabia de nada.

Era como se eles tivessem desaparecido completamente, deixando-a com apenas uma pista: a estranha caixa de papel com o símbolo na tampa.

Por isso ela se retirou para as florestas densas de Oxscini com o objetivo de apurar suas habilidades e estudar o objeto. Agora transformava cada caça em um desafio, assegurando-se para que toda flecha atingisse seu alvo. Descobriu como arremessar facas e fazer setas envenenadas com a pele de sapos, como se aproximar silenciosamente de uma presa com duas vezes seu tamanho e rastrear alvos no escuro.

Porque sabia que eles estavam ali fora, as pessoas que vieram atrás de seu pai, que vieram atrás de Nin, e que também viriam atrás dela… se ela não os alcançasse primeiro.

Sefia passou semanas espreitando o interior de Oxscini, estudando os papéis, inspecionando, procurando, questionando. Montava acampamento entre as árvores, em uma rede feita de corda, e quando pegava o objeto estranho, sentia como se houvesse alguém espiando às suas costas, examinando as linhas à procura de segredos, assim como ela.

Não demorou muito até reconhecer marcas diferentes com a mesma facilidade com que reconhecia trilhas de animais – o arquejo vazio de um *O*, o murmúrio de um *M* – mas, só um mês depois, em uma noite de lua cheia que lançava uma luz pálida acima do dossel, enquanto estava deitada na rede com o objeto apoiado nos joelhos, ela começou a ler.

Uma única linha chamara sua atenção. Apenas algumas marcas agrupadas juntas, como as pegadas de um maçarico-das-rochas que abruptamente levantou voo. Elas se destacavam porque estavam sozinhas; as outras marcas desfilavam sem parar pelo papel, mas aquelas estavam flanqueadas por espaço vazio.

Ela se aproximou tanto do papel que a ponta do nariz quase o tocou, e inalou seu aroma de polpa. Franzindo o cenho, ela procurou os sons certos, botando a língua e os dentes para trabalhar – a consoante sussurrada, o chiado.

Isto

Com um sorriso, ela deu um tapa no papel com a mão espalmada. Ela disse

aquilo mais uma vez, memorizando a ordem das formas:

– Isto!

A palavra seguinte saiu mais depressa:

É

E a que veio depois, ainda mais rápido:

UM

A última a fez parar. Ela lutou com os pedaços, tentando forçá-los a se juntar, fazê-los ganhar sentido.

– L-li… li…

Então ela entendeu, com toda a clareza, saltando como as luzes de um prisma, em faixas de cor:

LIVRO.

Ela disse a coisa inteira novamente, dessa vez mais segura de si.

– Isto é um livro. – Sua voz soou estranha e ressoante em meio ao sussurro das árvores, mas ela tornou a dizer, tudo junto:

ISTO É UM LIVRO.

Como se dizer tornasse aquilo verdade. Ela disse de novo e de novo, sem estar completamente segura de que a palavra final significava alguma coisa, embora cada vez que a dissesse, mais fizesse sentido. Era um *livro*. Isto! Aquela coisa estranha e retangular tinha dado um nome a si mesma.

Ela tinha um nome.

– Livro. – Sefia sorriu.

Por um instante, ela sentiu como se as marcas estivessem brilhando e queimando. Ouro surgiu nos cantos de sua vista. Então ela piscou, e o mundo todo se inundou de luz, rodopiando ao seu redor em amplos círculos interconectados, até o céu e em meio às estrelas. Ela tinha visto a luz antes, mas

aquela lhe mostrava que o mundo estava *cheio* de pequenos fluxos de ouro, um milhão deles e um trilhão de partículas de luz, todos perfeitos e exatos e repletos de significado.

A visão daquilo tudo a derrubou de volta na rede. O livro caiu de suas mãos.

Magia. Ela sentia que estava olhando além das bordas das estrelas, para o que quer que houvesse depois.

Podia sentir a si mesma, suavemente, ainda no próprio corpo, ainda sentada na rede, mas havia tanta luz brilhante em movimento que ela sentia que podia ser levada a qualquer instante, perdida para sempre em um mar de ouro.

Era aterrorizante ver tanta coisa. Afogar-se, se debatendo na luz. Seu estômago se revirou. Suas têmporas latejaram. Ela se agarrou aos lados da rede, como se isso fosse ancorá-la, como se fosse fazer o mundo parar de girar.

Então ela piscou, e tudo desapareceu. Sefia ficou ali deitada, tonta e sem fôlego, tentando se concentrar nas formas negras das árvores, em uma única estrela, para impedir que sua visão saísse de controle.

O que era aquela magia?

Como seus pais a haviam descoberto? E por que seus inimigos a queriam?

Nin sabia para o que aquilo servia?

As perguntas sem respostas giravam a sua volta enquanto ela apertava a cabeça para deter o latejar no crânio. As árvores se aproximavam dela.

Ela repetiu as palavras:

Isto é um livro.

Elas eram tão pequenas. Havia dezenas de outras marcas, centenas de outras palavras, só naquela única folha de papel – e na seguinte, mais marcas, mais palavras… e na seguinte e na seguinte e na seguinte.

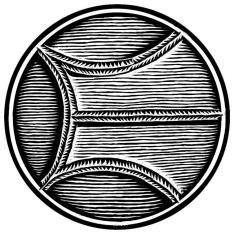
Sefia pensou em sua visão, aquela sensação atordoante e repentina de que tudo era enorme e conectado. Haveria sinais para cada uma das estrelas e grãos de areia na praia? Para *árvore* ou *pedra* ou *rio*? Para *casa*? Será que, pairando no ar, eles seriam tão bonitos quanto soavam?

Era como se, por todo aquele tempo, ela estivesse trancada do lado de fora, captando vislumbres de alguma palavra mágica através da fresta sob uma porta. Mas o livro era a chave, e ela sabia que, se conseguisse apenas descobrir como usá-lo, seria capaz de abrir a porta e ver – realmente ver – a magia que se agitava em correntes invisíveis, além do mundo que ela experimentava com os ouvidos,

a língua e a ponta dos dedos.

E depois de entender tudo aquilo – todos os sinais, todas as palavras – ela descobriria o significado do símbolo na capa, e descobriria por que sua família tinha sido levada, e quem fizera aquilo, e como caçá-los.

Capítulo 5



O aprendiz

Duas semanas antes, a alguns dias de seu décimo quarto aniversário, Lon jamais teria acreditado que sua vida poderia mudar tão drasticamente ou tão rápido.

Houvera o tráfego habitual das manhãs no portão sul – fazendeiros e mercadores seguindo para as elevações em camadas de Corabel, marinheiros recém-chegados de viagem, cheirando a sal e más intenções –, mas muitos deles eram figuras habituais, cuidando dos próprios assuntos, por isso ele não fez nenhum esforço especial para atraí-los para sua mesa.

Ele puxou para perto de si o pequeno braseiro de carvão, depois o empurrou de volta, um pouco para a esquerda, depois outra vez para a direita. Estivera aferrado à esperança cada vez menor de que os pais voltassem para seu aniversário e o levassem embora da cidade em alguma viagem fantástica a uma terra distante, onde ele começaria um aprendizado com um grande vidente, só para ser raptado por um pirata da areia desesperado por encontrar a cura para a doença que assolava sua linda filha.

Mas seus pais tinham partido havia seis meses, viajando com uma trupe de outros acrobatas, atores e artistas de rua. Eles não ganhavam o suficiente para contratar mensageiros, por isso ele não tinha ideia de quando iam voltar. Não sabia sequer se eles ainda estavam no Reino de Deliene ou se tinham viajado para o sul, para as outras ilhas.

Com um suspiro, Lon salpicou um pouco de incenso sobre o braseiro, e, na fumaça de aroma adocicado que subia em espiral das brasas, sentiu como se sua vida estivesse se desenrolando a sua frente: uma série de dias que iam se transformar em anos, cada um igual ao anterior, lendo sortes junto do portão da

cidade, até que ficasse fraco demais para carregar sua mesa para a rua.

Conforme a fumaça se dispersava, ele espiou um homem de idade caminhando em meio à multidão, seu cabelo grisalho e despenteado na altura do ombro, os olhos correndo loucamente dos telhados de terracota e sacadas de ferro ornamentado de volta para as ruas de pedra como se fosse sua primeira vez em Corabel. Sempre se podia identificar visitantes na capital de Deliene por suas expressões de assombro e pescoços virados enquanto tentavam assimilar todas as imagens da agitada cidade na colina.

Lon estreitou os olhos e o estudou com atenção. A pele do homem era morena e enrugada como uma casca de noz, embora houvesse pouco dano provocado pelo sol em seu rosto e suas mãos. Seu robe de veludo comprido e largo não era apropriado para andar pelas ruas cheias, e quando outros passantes pisavam nas barras que ele arrastava, Lon via seus chinelos macios, a parte de cima já se soltando das solas.

Ele deve trabalhar lá dentro, observou Lon. *Mas saiu de casa, hoje, sem pensar em trocar de roupa*. Com pressa? Ou apenas distraído? E se ele estava visitando Corabel, por que parecia ter acabado de sair de casa de roupão?

– Ei, vovô! – chamou Lon. – Aqui!

Piscando, o homem ergueu os olhos. Ele parecia ter dificuldades em focalizar.

Ele provavelmente usa óculos. Lon ficou de pé e acenou para que ele se aproximasse.

O homem de idade seguiu entre carrinhos e peixeiros recém-
-chegados do mar, batendo os dedos dos pés nas pedras do calçamento e esbarrando em marinheiros de folga em terra. Ele despencou agradecido no banco baixo que Lon lhe ofereceu, secando a testa com a barra de sua manga bordada.

Lon sorriu. Depois daquilo, foi preciso apenas um pouco de incentivo para descobrir o nome do homem – Erastis – e um pouco mais para fazê-lo trocar alguns zens de cobre para que ele lesse sua sorte.

– Pegue uma pitada de incenso e jogue sobre os carvões – explicou Lon, embolsando as moedas do homem. – Vou conseguir ver na fumaça o que está reservado para o senhor.

Obedientemente, Erastis fez o que ele disse. O fogo crepitou, e através da fumaça Lon começou a escrutinar o homem, registrando mentalmente o calo no dedo médio da mão direita, as manchas de tinta e o fio de cabelo solto na manga bordada, a curva de suas costas e seus ombros, as sombras roxas sob os olhos, as reentrâncias rasas na ponta do nariz.

Mas Erastis nem piscou quando Lon explicou que ele usava óculos, que raramente saía, mas estava em uma missão importante, e que passava a maior parte do tempo curvado sobre uma mesa, pintando detalhes delicados com um pincel de zibelina.

O velho sorriu, vincando seu rosto já enrugado.

– Qualquer vigarista podia me dizer isso. Eu ouvi dizer que *você* era especial.

Lon hesitou.

– Quem disse?

– Você me diga.

Não sendo do tipo que recuava diante de um desafio, Lon passou as mãos pelo cabelo escuro, fazendo-o se erguer nas pontas.

Inspirou profundamente e encarou Erastis direto nos olhos castanho-claros. Ele sentiu sua consciência se dividir em duas enquanto as cores vivas e o barulho do tráfego começavam a desaparecer, substituídos por uma percepção do mundo que estava além da visão, dos sons e do olfato. Normalmente, era preciso apenas um pouco de observação e alguns comentários direcionados, e os clientes praticamente contavam a ele o que queriam ouvir. Mas quando precisava, sempre havia aquela visão dupla. Ele tinha que se concentrar para dividir a consciência entre o mundo físico e o outro reluzente sob ele, e sempre acabava com o estômago embrulhado, como se tivesse engolido água salgada demais, mas, nos piores momentos, aquele sentido extra fazia com que fosse pago e o mantinha alimentado, e ele tinha bastante orgulho disso.

Ele podia olhar uma manga remendada e observar sua história se desenrolar a sua frente em imagens dispersas: mãos velhas e manchadas costurando à luz de uma vela derretendo, um avô no leito de morte, uma viagem à capital para registrar sua morte com os Historiadores no Salão da Memória.

Se examinasse o engaste vazio em um broche antigo, via o que tinha acontecido com a pedra desaparecida: um mestre avarento, um ladrão à meia-noite, um penhorista, crianças doentes e doses de remédios malcheirosos.

Lon piscou, e seu sexto sentido entrou em foco. Faixas de ouro jorraram sobre a cabeça e os ombros do homem, escorrendo por seus braços até suas mãos magras, onde se empoçaram com significado.

E ele soube por que Erastis viera.

– Esta é apenas a terceira vez na última década que o senhor sai de casa, mas alguém chamado Edmon disse que era importante. – Lon passou a mão em frente de seu rosto, surpreso. – Ele disse que *eu* era importante. Disse que o senhor ia querer me encontrar. “Porque a Biblioteca está há tempo demais sem um

Aprendiz.”

Lon tornou a piscar, e seu sexto sentido se esvaiu. A luz desapareceu, deixando-o apenas um pouco bambo enquanto combatia a tontura e a náusea.

– O que é Biblioteca? Como ele podia saber onde eu estava, para começar?

– Seus dons. – Erastis enfiou o cabelo atrás das orelhas e debruçou-se para a frente. – Outras pessoas nascem com talentos como o seu. Você já ouviu falar nelas, tenho certeza: videntes, feiticeiros, fabricantes de armas mágicas. A maior parte das figuras lendárias tem alguma espécie de habilidade que as torna notáveis.

Lon exultou.

– Como o homem com a força de um boi? Como o joelheiro que fez os Diamantes Amaldiçoados de Lady Delune?

– Eles são amadores comparados a nós. Podemos ensinar você a usar seus dons com a precisão de um bisturi.

– Quem *são* vocês?

– Nós somos uma sociedade de leitores – respondeu Erastis, sorrindo. – Pessoas como você.

Leitores. Lon testou a palavra em sua língua, embora a reverência na voz do velho o impedisse de dizê-la em voz alta.

– Fomos formados muito tempo atrás – continuou o homem. – Antes que qualquer um dos Historiadores possa se lembrar, quando cada onda da história apagava tudo o que tinha vindo antes. Tudo era caos e trevas, e nessas trevas nós nos tornamos a luz, encarregados da proteção de todos os cidadãos de Kelanna.

Lon franziu o cenho. Desde a resolução da rixa de sangue entre as províncias de Ken e Alisar, Deliene estava indo bem, mas todo dia ele escutava notícias da guerra em Everica, e de fome e ruína em Liccaro, o Reino do Deserto.

– Vocês não estão fazendo um grande trabalho, estão?

– Eh, tente proteger um mundo inteiro dele mesmo.

– Não é por isso que o senhor está aqui?

– Verdade. – Erastis deu um sorriso triste. – Temos grandes planos para você.

Ele descreveu os feitos maravilhosos de magia que Lon poderia realizar caso se juntasse a eles. Iriam caminhar entre montanhas e através dos mares, como os aventureiros e foras da lei que enchiam seus sonhos, todos cheios de oceanos, navios a vela e estrondos de canhões. Seus feitos trariam a paz a um mundo instável, preservado em lenda em meio às estrelas.

– Nunca houve uma paz como essa – observou Lon.

– Vai haver.

– Como o senhor sabe?

– Nós temos o Livro.

Lon não sabia o que era o Livro, mas podia sentir seu caminho se bifurcar a sua frente: de um lado estava a vida de um artista de rua, lendo a sorte por trocados. Talvez um dia seus pais o levassem com eles. Talvez nunca voltassem.

Do outro lado, havia o desconhecido, com a promessa de poder e perigo, e o tipo de grande propósito que ele sempre imaginara para si mesmo… e ele sabia que tinha de descobrir qual era esse propósito.

Ele usou as parcas economias para deixar uma mensagem para os pais no posto principal e partiu de Corabel com Erastis naquela noite.

No dia seguinte, começou sua nova vida como Aprendiz Bibliotecário.

A Biblioteca em si era mais do que Lon poderia ter imaginado. Ela tinha sido construída na encosta de uma montanha de onde se avistavam picos de granito e um vale esculpido por geleiras antigas. A parede norte era totalmente feita de vidro, com portas que davam para uma estufa em degraus que refratava a luz como um prisma.

A Biblioteca tinha um teto abobadado, janelas com vitrais e sacadas guardadas por estátuas de bronze de antigos Bibliotecários. Das paredes e colunas de mármore pendiam lâmpadas elétricas que banhavam o ambiente em abundante luz dourada. Eletricidade! Ela o cativou com sua maquinaria misteriosa; o resto do mundo ainda estava usando velas e lampiões de querosene.

Uma *pancada* brusca o arrancou de seu devaneio, e Lon imediatamente ficou atento. Erastis, o Mestre Bibliotecário, batia na lousa com a ponta de uma vara comprida. Lon estava certo, é claro: anos estudando manuscritos tinham provocado grave miopia no Bibliotecário, e ele usava óculos estreitos em formato de meia-lua na ponta do nariz. Lon já havia aprendido que, quando se apressava nas lições, Erastis olhava para ele por cima da armação dos óculos, sério e crítico.

Exatamente como agora.

– I – instou-o Erastis.

Lon devia estar estudando as letras, embora tivesse decorado o alfabeto antes do fim da primeira semana, e agora achasse aqueles exercícios chatos.

– I – repetiu ele obedientemente.

Um sorriso lento e discreto se abriu no rosto de Erastis. Ele inclinou a cabeça, como se estivesse escutando música.

– Esplêndido, e…?

– Esse.

– Te. – A atenção de Lon se dispersou outra vez.

No centro do piso principal havia um círculo de cinco mesas curvas equipadas com luzes de leitura, tinteiros e pequenas gavetas para penas, bolsas de linho com pó de pedra-pomes e sandáraca, papel mata-borrão, lapiseiras, borrachas, lentes de aumento, réguas – tudo de que pudesse precisar para ler ou copiar. Degraus levavam a mais mesas nas beiras do salão, onde estantes de madeira cor de caramelo subiam até os balcões mobiliados com sofás de veludo e mais alcovas de estantes de livros atrás.

Naquela sala, havia milhares de manuscritos. Alguns dos mais antigos precisavam desesperadamente de restauração, suas encadernações se desfazendo e as páginas manchadas de mofo, e Erastis costumava passar as tardes reparando as páginas rasgadas e prendendo lombadas soltas enquanto os criados cegos da Biblioteca tiravam o pó das estantes embora jamais tocassem nos textos em si.

Todos os criados na Sede Principal, inclusive aqueles que serviam à Biblioteca, eram cegos. Para proteger as palavras, disse Erastis. Para garantir que o poder delas não caísse em mãos erradas.

Os manuscritos eram divididos em Fragmentos, textos copiados do Livro, palavra por palavra, em letra cuidadosa, por outros Bibliotecários, mortos muito tempo atrás; e Comentários, interpretações e meditações sobre os significados de várias passagens, índices, apêndices e volumes cheios de definições, etimologias e referências cruzadas. Mestres e Aprendizes mais avançados usavam os livros da Biblioteca para aprofundar seus estudos, para aprender com o passado e se planejar para o futuro. Mas Lon não poderia examiná-los até o Mestre Bibliotecário dizer que ele estava pronto.

Erastis, agora, trabalhava em seus próprios Fragmentos, copiando trechos do Livro que ninguém tinha lido antes, para preservar os escritos caso o Livro se perdesse – ou pior, fosse destruído.Com exceção dos textos que faltavam, perdidos no Grande Incêndio, era possível encontrar quantidades enormes de informação sobre o Livro naquelas estantes: registros de linhagens nobres, histórias das guerras das fronteiras provincianas, profecias de coisas por vir. Apesar de tudo isso, Erastis estimava que tinham reproduzido apenas uma pequena fração do Livro.

– Grande parte dele é inútil – dissera ele, agitando preguiçosamente um pincel de caligrafia no ar. – Estudei páginas e mais páginas da história de uma única pedra.

– Então por que se dar ao trabalho de copiá-lo? – perguntara Lon.

– Porque uma única pedra pode alterar o curso de um rio –
o Bibliotecário respondera. E quando Lon revirara os olhos, acrescentara: – E porque está escrito.

– Lon! – A voz de Erastis o arrancou de seu devaneio.

O garoto levou um susto. Sob o olhar firme de Erastis, ele leu a última letra do quadro.

– Ó. – De todas as letras, o *O* era a de que Lon mais gostava. O som se encaixava com a forma redonda. Ele sorriu. – Isto – disse ele. – Isto. Isto. Isto.

O Mestre acenou com a cabeça em aprovação.

– Levei um mês estudando o alfabeto até conseguir juntar uma palavra.

Lon se ergueu no assento com entusiasmo.

– Então… podemos fazer alguma coisa mais divertida, agora? Rajar e os outros já estão muito à minha frente em Iluminação.

Magia do livro. A habilidade de fazer coisas miraculosas. Ele já usava o primeiro nível de magia, o Olhar, quando o Mestre Bibliotecário o encontrara, mas com a Iluminação poderia aprender a fazer coisas maiores do que espiar a história das pessoas – erguer objetos sem tocá-los, criar talismãs que davam ao portador força ou invisibilidade, desaparecer de um lugar e reaparecer em outro.

– Rajar e os outros estão aqui há mais tempo do que você. E não dê ouvidos a Rajar. – Erastis fez um gesto desdenhoso. – Soldados pensam em termos do que podem manobrar, destruir e conquistar. É por isso que são apenas soldados.

– Sim, mas pelo menos eles *fazem* coisas – disse Lon.

O Mestre Bibliotecário olhou feio para ele.

– Está bem, mas e o cofre? Eu ainda não vi o Livro.

Erastis olhou discretamente para trás. O movimento foi tão rápido que Lon não teve certeza absoluta de realmente tê-lo visto.

– Nós somos a única divisão com o privilégio de trabalhar diretamente com o Livro. Você o verá quando estiver pronto.

A ordem era composta de cinco divisões, cada uma com um Mestre e um Aprendiz, e um Diretor para liderar todos. Os Soldados estudavam estratégias de batalha nos jardins de areia. Os Assassinos seguiam pistas na floresta. Mas apenas Lon iria lidar com o Livro, um dia.

Ele olhou além das lousas para a porta redonda de metal instalada na rocha da montanha. O cofre tinha um volante de cinco raios que controlava as travas, e duas fechaduras, uma de cada lado da maçaneta. O Mestre Bibliotecário tinha

uma chave, que usava em uma corrente de ouro comprida em torno do pescoço; o diretor Edmon, líder da ordem, tinha a outra. Ninguém sabia onde ele a guardava. Quando se tinha as duas chaves, era preciso executar uma sequência complexa de giros e rotações para abrir a porta.

Lon, porém, estava morrendo para ver o Livro. Apenas ouvira falar dele por Erastis, que o descrevera em termos formidáveis, como se o Livro fosse feito de luz e magia em vez de papel e linha. Todo dia, Lon implorava ao Mestre Bibliotecário que o descrevesse, até ser possível ver de olhos fechados – especialmente de olhos fechados – as páginas finas e esvoaçantes, a capa de couro marrom, as fivelas com pedras preciosas e a filigrana de ouro nos cantos. Ele jurava para os outros quatro Aprendizes que sabia a forma dos engastes e das gemas cintilantes, e que às vezes, quando estava deitado na cama à noite, podia até sentir seu cheiro: bolor, grama, ácido, baunilha. Mas nem Rajar acreditava nele.

– Ninguém pode ver o Livro sempre que quer, nem Edmon – advertiu-o Erastis, batendo outra vez na lousa. – Continue.

Lon deu um suspiro e tentou se sentar ereto.

– É – ele leu, pulando a soletração. – Um. Livro. Isto é um livro. – Ele revirou os olhos. – *Isto* não é um livro. É só um quadro-negro.

– É isso o que você acha?

Lon abriu a boca para responder, mas tornou a fechá-la após um momento. Inclinou a cabeça de lado, intrigado. Será que uma lousa *poderia* ser um livro? Será que qualquer coisa poderia ser um livro, se você soubesse como lê-la?

– De novo. – Erastis ergueu a vara.

Lon inspirou fundo e se concentrou nas letras.

– I – disse ele. – Esse. Te. Ó.

É possível que qualquer coisa pudesse ser um livro, não havia limites para o que se podia aprender, se soubesse o que procurar. Seixos lisos formando palavras sobre um chão musgoso. Linhas desenhadas na areia, ou inscritas na lateral de um tronco caído, semiobscurecidas por gravetos e matéria orgânica: *Isto é um livro*.

O capitão Reed e o Corrente da Fé

Uma coisa a se contar é que havia vários navios verdes em Kelanna, mas qualquer pessoa com um mínimo de conhecimento poderia lhe dizer que só um deles realmente importava. Sua figura de proa era uma árvore que parecia crescer do próprio casco, com galhos que subiam em torno da lança orgulhosa do gurupés, dando a impressão de que folhas estavam prestes a brotar a qualquer segundo de seus impressionantes ramos em espiral. As pessoas diziam que era uma árvore mágica do bosque secreto em Everica, onde as árvores andavam, sussurrando para a feiticeira que vivia entre elas.

Diziam que aquele barco era mais rápido do que qualquer outro no Mar Central, sua velocidade equiparada apenas à do Beleza Negra no sudeste. Mas todos sabiam que o Corrente da Fé não corria. Ele já tinha ficado cara a cara com redemoinhos e monstros marinhos, participado de mais batalhas do que barcos com o dobro de sua idade, e sobrevivera a tudo.

Quando o navio estava no porto e a tripulação passava as noites em tabernas úmidas que fediam a suor e cerveja, eles se debruçavam sobre as mesas em clima de conspiração para sussurrar coisas como:

— O Corrente vai lhes mostrar o caminho.

Mesmo no barulho que enchia o teto cheio de teias de aranha da taberna, falavam dele em tons baixos e reverentes.

— O Corrente nunca vai conduzi-los pelo caminho errado.

Outros diziam que o barco não era notável, mas sim seu capitão. Cannek Reed era filho de um pedreiro com punhos de pedra, e pertencia à água do mesmo modo que o pai — uma criatura rara — pertencia à terra. Diziam que o capitão Reed se cercava da melhor tripulação em Kelanna. Eles trabalhavam para ele — dariam suas vidas por ele — porque Reed cuidava de todos, os transformava em lendas e os tratava como irmãos. Ele era sempre o primeiro a enfrentar o perigo.

Às vezes, quando o Corrente estava no porto, o capitão subia no mastro principal e ficava de pé no cesto da gávea enquanto o sol se punha, e conforme as águas ficavam douradas e escuras, ele ouvia o mar. Diziam que a água falava com ele. Ele conhecia todas as baías naturais, as correntes mais velozes, e como evitar uma tempestade mesmo quando ela parecia ter a intenção de destruí-lo. Alguns diziam que até podia olhar para o padrão das ondas e dizer de onde elas tinham vindo e aonde estavam indo.

Todo mundo em Kelanna sabia sobre Reed e seu navio. As coisas eram assim. Você vivia entre gigantes e monstros.

As pessoas passavam as histórias de boca a boca como beijos ou pragas, até que elas escoavam para ruas, sarjetas, riachos e rios, chegando ao próprio oceano.

Capítulo 6



O garoto no caixote

Muito embora Sefia não tivesse deixado Oxscini, ela passou o ano seguinte perambulando pelo Reino da Floresta, procurando em vão por sinais de Nin e seus raptores, tornando-se endurecida e forte em sua solidão. Na maior parte do tempo ela sobrevivia do que conseguia coletar, capturar e caçar, e quando não estava preparando arapucas, montando armadilhas para lagostas ou caçando com arco na floresta, estava ensinando a si mesma a ler...

No início tinha sido lento, uma linha de cada vez, até que ver as letras e compreender as palavras mais comuns se tornou cada vez mais fácil. Ainda assim, ela podia levar minutos para descobrir o significado de algumas delas, lutando contra a pronúncia, testando cada som na ponta da língua antes de desfilá-los todos juntos. Outras passagens eram tão cheias de palavras confusas e enroladas que ela cerrava os dentes diante de sua própria incapacidade e pulava para algo mais simples.

Ela se ensinou a ler empoleirada no alto de árvores, em cavernas esculpidas pelo vento, avistando cachoeiras surpreendentes despencando através das montanhas, e sempre que pegava o livro, sempre que o desembalava de seu invólucro, passava os dedos pelo emblema na capa, traçando suas reentrâncias.



Isso a ajudava a conjurar as pessoas que havia perdido. A mãe, com seus traços desbotando como aquarelas ao sol. O pai, duro e frio como cera. E Nin, olhando para ela através das folhas.

Aquilo se tornou um ritual. Duas curvas para seus pais. Uma curva para Nin. A linha reta para si mesma. O círculo para o que ela tinha de fazer: aprender para

quê servia o livro. Resgatar Nin. E, se pudesse, punir os responsáveis.

Mas ainda assim o livro não lhe dava respostas, e por mais que lesse, por mais habilidosa que se tornasse com a faca e o arco, ela não parecia estar chegando mais perto de cumprir sua promessa.

Então, algumas semanas antes de completar dezesseis anos, tudo mudou.

Como sempre, Sefia estava enroscada em uma rede pendurada entre duas árvores, vinte e cinco metros acima do nível da floresta, com o dossel rangendo e balançando sobre ela, e o chão coberto de matéria orgânica muito abaixo. Nuvens macias passavam flutuando pelo céu azul.

Ela tinha acabado de se instalar com o livro aninhado no colo e o desembalou com movimentos ágeis e precisos. Lá estava o símbolo, olhando para ela como um olho escuro. Ela traçou suas linhas com a ponta do dedo.

Respostas.

Redenção.

Vingança.

Então, ela passou os dedos pelas bordas da capa e o abriu em uma folha em forma de pá que estava usando como marcador. As páginas vibraram sob suas mãos, e ela começou a ler.

O som de gravetos quebrando a interrompeu. Leve como um pássaro, ela fechou o livro e olhou para baixo através dos galhos frondosos. Houve mais sons: passos ruidosos na vegetação rasteira, grunhidos, o chacoalhar de bainhas de espadas e coldres de revólveres. Sefia ouviu com atenção. Julgando pelos barulhos, havia de quinze a vinte pessoas caminhando pela floresta.

Um minuto depois, eles surgiram em sua linha de visão: homens sujos e suados com ombros caídos e posturas curvadas. Eles usavam botas pesadas, e seus passos batiam ruidosamente no chão. Alguns conduziam burros mal alimentados e puxavam carroças frágeis carregadas de suprimentos. Mas a última carroça levava apenas um grande caixote velho, fechado com cadeado, com buracos para respiração perfurados nas laterais, e com uma marca na parte de trás – um símbolo que ela teria reconhecido em qualquer lugar.



Ela pensou imediatamente em livros, mais livros do que poderia ter imaginado que existissem, empilhados uns sobre os outros e, entre suas capas, milhões e milhões de palavras novas. Combinações novas.

Olhou fixamente para o livro em seu colo. Um ano à procura do símbolo e ele surgiu não entre as palavras, mas no mundo, sólido como o caixote onde estava gravado.

Um caixote com buracos para respiração.

Sefia parou. *Livros* não precisavam de ar. Ela conseguiu captar um vislumbre do caixote antes que ele desaparecesse ao virar a curva seguinte.

Nin?

Levou a mão à faca, e, quando o som dos passos desapareceu, desmontou a rede e enfiou seus pertences de volta na mochila. Conferiu o arco e a aljava, com suas flechas de penas vermelhas, e desceu pelo tronco da árvore.

Nin.

Antes de seguir os homens para o norte pelo interior da floresta, Sefia enfiou as mãos na terra e estreitou os olhos, prometendo a si mesma que, dessa vez, não ia falhar.

Lá entre os troncos das árvores, quando o sol já havia caído projetando raios amarelos inclinados e faixas de sombra através da vegetação rasteira, eles pararam. Sefia subiu apressada em uma árvore próxima, de onde podia observar todo o acampamento. A carroça com o caixote estava parada ao pé das árvores. Os homens pareciam evitá-lo enquanto acendiam uma fogueira e preparavam o jantar, desviando para manter uma boa distância entre ele e si mesmos. Enquanto comiam, Sefia roeu algumas tiras de carne seca, procurando fraquezas nos homens enquanto o ronco de suas vozes elevava-se através das árvores.

Um homem parou de lustrar seu rifle.

– Eu lhe digo uma coisa, nunca me canso disso. Nunca vi alguém lutar daquele jeito. O garoto é rápido como um gato.

Ao seu lado, o amigo ergueu um tapa-olho e coçou a pele estendida sobre a órbita ocular vazia.

– Muito.

– Pare com isso. – O homem com o rifle deu um tapa no amigo, que riu e ajeitou o tapa-olho. – Você também lutaria como louco, se estivesse no lugar dele.

Caolho palitou os dentes com uma lasca de osso.

– Mas você precisa ver o rosto dele. Sabe do que estou falando? O rosto dele quando luta é… – Ele olhou nervosamente para o caixote e assentiu com a cabeça. – Ele parece um gato. Um daqueles grandes, com os olhos dourados.

Sefia examinou o acampamento, mas não conseguiu ver ninguém que se encaixasse nessa descrição. Foi tomada por decepção. Provavelmente não era Nin dentro daquele caixote.

Um pouco além do anel de luz do fogo, dois homens estavam sentados em uma pedra longe dos outros. Enquanto a maior parte do grupo comia e conversava distraidamente, aqueles dois estavam vigilantes, cautelosos.

– Um assassino nato – disse um deles, alisando a barba ruiva eriçada. – Acho que esse é o terceiro que ele mata quebrando o pescoço. – A voz do homem era grave e cheia da rouquidão de alguém que fumara a vida toda, e havia um prazer em suas palavras que fez a pele de Sefia se arrepiar.

O segundo homem grunhiu e arrancou uma casca de ferida de seu braço carnudo.

– Tudo o que importa é que ele ganhou, e nós fomos pagos.

Ele devia ser o superior do Barbarruiva. De sua posição acima da clareira, Sefia podia sentir o cheiro de sua autossatisfação. Ela o estudou com mais cuidado; olhos castanhos aquosos, cabelo escasso cor de palha e pele avermelhada, resultado de uma vida na estrada. Ele não era alto, mas tinha o porte musculoso de um lutador. Não era um homem que você gostaria de provocar.

Sefia apertou a faca com mais força; suas curvas frias eram reconfortantes na palma da mão. Ela olhou para o caixote, ainda sem vigilância na beirada da clareira. Os buracos de respiração a encaravam como dezenas de olhos negros.

Impressores. A palavra escorreu pelas costas de Sefia e se espalhou como gelo até as pontas de seus dedos. Garotos capturados e forçados a lutar uns com os outros. Meninos transformados em assassinos. Ela foi tomada por uma onda fria de raiva e confusão. O que os impressores estavam fazendo com aquele símbolo em seu caixote?

– E estamos um passo mais perto da Jaula – acrescentou o líder.

– Acha que vamos conhecer Serakeen, Machada? – perguntou Barbarruiva. – Ouvi dizer que Garula o conheceu, quando seu garoto venceu na Jaula.

Os pelos nos antebraços de Sefia se arrepiaram. O Flagelo do Leste. Será que ele era responsável pelos sequestros, as marcas, as mortes? Aquilo se encaixava com sua brutalidade. Mas por que ali? Por que pagar impressores para transformar meninos em assassinos quando ele já tinha assassinos suficientes em sua frota?

Machada jogou o resto da casca de ferida na terra e deu uma olhada para a pele sensível por baixo.

– Não estou nem um pouco interessado em Serakeen. Faz muito tempo que não chegamos tão longe, e estou louco pra descobrir quanto o Árbitro paga. – Ele se levantou de repente e gesticulou para um de seus outros homens.

Sefia observou um dos homens mais altos do grupo deixar o resto e ir até onde Machada e Barbarruiva estavam sentados.

– Sim, chefe? – perguntou ele. Quando falou, a cicatriz sobre seu lábio inferior se esticou e repuxou, fazendo seu rosto parecer deformado, como o de um palhaço.

– Limpe essa bagunça. – Machada gesticulou para o espeto e a carcaça. – Enterre isso. Longe. Não quero que carniceiros venham farejar por aqui, de noite.

No alto da árvore, Sefia assumiu uma expressão determinada. Então os impressores eram lacaios de Serakeen. Quantos garotos ele tinha, agora? Quantos garotos tinham morrido por aquilo?

Aqueles homens não estavam com Nin. Ela duvidou que também soubessem qualquer coisa sobre o livro. Mas eles estavam conectados, o livro, Serakeen e os impressores, pelo símbolo. E ela tinha de descobrir como. Conferiu as velhas gazuas de Nin no bolso interno de seu colete e se preparou para esperar.

Esta noite você vai receber mais do que carniceiros, ela pensou.

Invariavelmente, as chamas se transformaram em brasas pulsantes, e os homens se acomodaram embaixo de seus cobertores. Alguns roncavam, mas a maioria caiu no sono profundo e silencioso dos exaustos.

Sefia pôs a mochila no ombro e desceu da árvore, pousando na base do tronco como uma sombra. Ela soltou a trava de segurança da faca e seguiu silenciosamente adiante. O sentinela solitário, um jovem impressor de cabelo ruivo, estava sentado em uma das carroças no limite da clareira, encostado na lateral.

Sefia parou ao lado da carroça, observando a nuca do homem.
O cabo da faca ficou quente em sua mão. Não podia correr o risco de que ele alertasse os outros. Ela tinha a vantagem. Fácil. Ia ser rápido.

Ainda assim, ela não se mexeu. O lado do rosto dele exibia sua silhueta contra a luz do fogo que se apagava, que passava através da penugem delicada em seu queixo, iluminando cada fio fino. Ele mesmo era pouco mais que um menino.

A cabeça do sentinela caiu para a frente. Ele começou a roncar.

Sefia engoliu em seco e largou a faca. Ela pegou as gazuas e foi silenciosamente até o caixote, que parecia abandonado na clareira.

Passou as pontas dos dedos pelas arestas lascadas, à procura do pesado cadeado de ferro, e sorriu. Era uma fechadura simples, do tipo que se podia

encomendar em qualquer ferreiro comum. Ela arrombava fechaduras como aquela desde os nove anos. Respirou fundo e examinou o resto da clareira, mas ninguém se mexia.

Sefia traçou o símbolo no canto do caixote. Duas linhas para os pais, uma para Nin. Uma para ela, e o que tinha de fazer em seguida. Com as gazuas na mão, começou a trabalhar.

Depois de alguns segundos, ela destrancou o cadeado e abriu a tampa com uma das mãos. Com a outra, segurou a faca. No fundo, ainda esperava ver Nin, ou pelo menos livros e pilhas de papel, mas não ficou surpresa quando um garoto de aspecto surrado surgiu das sombras. Ele estava coberto de feridas recentes – cortes e machucados nas pernas, nos braços e nas costas nuas. Ele espiava por debaixo do braço que cobria seu rosto, mas ela não sabia dizer se ele estava com medo ou pronto para atacar.

– Psiu – ela murmurou, olhando de relance para o sentinela adormecido. – Estou aqui para ajudá-lo.

O fedor era terrível: uma mistura de sangue, suor e urina. Mas ela cerrou os dentes e sussurrou na voz mais doce que conseguiu exibir:

– Venha comigo. – O menino se encolheu, mas ela repetiu. O cabo da faca estava quente em sua mão. – Por favor, venha comigo.

Ele começou a rastejar. Quando saiu sob a luz, ela viu mais ferimentos e cicatrizes. A pele em torno de seu pescoço estava enrugada e branca – uma cicatriz que circundava-o como um colar.

Ao ver aquilo, Sefia foi tomada por sua percepção de outro mundo, e cambaleou para trás, piscando.

Em um instante, ela teve uma daquelas visões estonteantes, como a que tivera no momento em que aprendera a ler. O menino era de carne, sangue e osso, sim, mas também pulsava com luz. Pequenas correntes de luz o cercavam e se expandiam ao seu redor como um rio. Por um segundo, ela jurou ter visto tempestades, grandes nuvens turbulentas com trovões, e raios explodindo no céu. Sentiu cheiro de fumaça. Sangue quente e molhado. Dentes. Punhos e pés.

Então, com a mesma rapidez, tudo isso foi substituído por uma sensação de insignificância e silêncio. Noite. Lampiões de querosene, refletidos cem vezes. Caminhando sozinha por uma costa rochosa com ondas encapeladas e brancas batendo contra pedras. No escuro, dois pares de mãos explorando delicadamente um ao outro, percorrendo em silêncio nós de dedos, cutículas, pontas de dedos, detalhes delicados. Sorrisos como raios de sol.

Então terminou.

Piscando, Sefia se apoiou na lateral do caixote, enfiando a base da mão na aresta cheia de farpas, como se a dor fosse distraí-la da perturbação em seu interior.

Vertigem. Isso, pelo menos, era familiar. Mas e o resto?

Ela não tinha feito nada diferente. Quando viu aquela cicatriz, contudo, foi como se sua sensação do mundo iluminado tivesse fervido de repente, derramando-se sobre ela, revelando imagens, histórias… ou seriam memórias? História?

Seria aquela mágica algo que seus pais queriam esconder de seus inimigos?

O que quer que fosse, ela estava ficando melhor naquilo.

Agora, o garoto estava totalmente fora do caixote. Era mais alto do que ela, talvez um ou dois anos mais velho. Virando os olhos arregalados para as sombras, ele se envolveu com os braços, sem jeito, como se não soubesse o que fazer com eles. Tudo o que vestia era uma calça rasgada, e seus pés descalços pisavam hesitantemente no chão. Estava mal alimentado, tão magro que os ossos sobressaíam por baixo da pele, e parecia extremamente perdido, parado ali agarrando os próprios cotovelos. As cicatrizes no pescoço brilhavam quase brancas ao luar.

O que quer que ela tivesse visto no clarão de luz, havia sido real, ela tinha certeza disso. De algum modo, ela olhara no interior do rapaz, como se observasse um mar espumante através do buraco de uma agulha, todas aquelas imagens, pensamentos e sentimentos ao mesmo tempo, tudo parte dele. Ela sabia o que ele tinha feito – o que ele fora forçado a fazer –, mas não conseguia se esquecer da ternura com que ele tocara aquelas outras mãos. Sefia não sabia de quem eram as mãos, e não importava. Era aquela sensação de calma e calor. Ela piscou para conter uma dor de cabeça que começara a se formar por trás de seus olhos e prendeu a trava de segurança da faca.

Mas ela ainda não podia ir embora. Rastejou para o interior do caixote e sentiu ânsias de vômito enquanto mexia entre os pedaços de palha no chão e tateava as paredes em busca de sinais de cofres ou compartimentos ocultos. Não havia nada.

Ela podia ter afundado no chão.

Não havia *nada*.

O garoto se remexia com hesitação ao lado dela, ainda olhando ao redor como uma criança perdida. Cerrando os dentes, Sefia ficou de pé, fechou o cadeado

outra vez, e deu um tapa no ombro dele para lhe informar que tinham de ir.

Instantaneamente, a mão dele se fechou em torno do pulso dela. Sefia tentou pegar a faca, mas ele pareceu surpreso quando viu o que tinha feito e soltou-a rapidamente. Havia uma expressão de horror em seus olhos, como se não conseguisse acreditar que aquela era a *sua* mão. Ele abaixou a cabeça, e ela deixou que a faca entrasse outra vez na bainha.

Com um último olhar nostálgico para o caixote e o símbolo nele, Sefia dirigiu-se para a floresta. O garoto apressou-se para acompanhá-la, estranhamente silencioso, e juntos eles se infiltraram no interior da mata.

Caminharam por horas sem dizer nada, abrindo caminho por cima de troncos e sob galhos de árvores que pendiam baixos. O ritmo do garoto era glacial, lento o suficiente para irritar Sefia e fazê-la se assustar com cada graveto quebrado, cada farfalhar de movimento. Mas ela não podia deixá-lo.

Ele logo começou a tremer no ar frio e úmido da noite, porém não reclamou. Seus dentes nem batiam. Mas ele curvou os ombros e esfregou os braços, e Sefia soube que estava com frio. Ela parou por um instante para tirar o cobertor da mochila e o ofereceu sem tocar nele. O garoto olhou para ela desconfiado, mas ela forçou um sorriso, e ele pegou o cobertor com delicadeza – com mais delicadeza do que ela esperava – e o envolveu em torno dos ombros.

Eles continuaram a caminhar. Ela parou uma ou duas vezes para dar ao garoto carne para mastigar e alguns goles de seu cantil, mas, fora isso, eles caminharam sem conversar, e quase sem fazer
barulho. Sefia estava grata por ele não tentar puxar conversa. Ela não queria se aproximar dele. Pessoas que se aproximavam dela sempre se machucavam.

O dia estava quase amanhecendo quando eles finalmente pararam. Tinham cruzado rios e voltado pelos próprios rastros mais de uma vez, para o caso de os homens terem um rastreador entre eles, e Sefia estava exausta. Esgotada, subiu em uma árvore próxima e começou a pendurar a rede.

O garoto a seguiu – se contraindo de dor, mas conseguiu. Ela gesticulou para que subisse na rede, onde ele pegou no sono imediatamente. Sefia se acomodou em um galho amplo e se encostou no tronco da árvore, amarrando uma corda em torno de si para não cair. Por algum tempo tentou manter a guarda, examinando o solo à procura de sinais de movimento, mas logo se distraiu, de cenho franzido e punhos cerrados, enquanto a noite derretia em cinza antes do amanhecer.

epentinamente, quando a tampa começou a se abrir, deixando entrar uma fresta de luar tão forte que doía, o garoto correu para o canto do caixote e se encolheu

Rali, protegendo-se da luz. Estava trancado havia dias; tinha sido empurrado, batido, derrubado. Se via alguma parte do céu, era pelos buracos nas laterais do caixote; todo o resto era escuro e apertado, cheirando a sangue e excrementos.

Ele se encolheu. Todo instante extra de luz e ar significava que medo e dor estavam por vir. Medo e dor estavam chegando em breve, e iria doer, e alguém iria morrer. A visão de árvores e do chão da floresta fez com que ele se agachasse e se encolhesse de medo.

O luar estava entrando pela tampa. Medo e dor se aproximavam.

Em vez disso, foi uma voz que chegou a ele – *Psiu, estou aqui para ajudá-lo* – como um ramo macio e escuro na luz devastadora, enfileirando uma palavra após a outra com extrema delicadeza, remexendo em memórias tão profundas em seu interior que tinham se tornado como sonhos: *Venha comigo*. Uma forma escura estendeu a mão em sua direção, e ele se encolheu, mas as palavras ainda estavam ali: *Por favor, venha comigo.*

Ele começou a rastejar como um animal para fora do caixote e na direção das palavras, que adejavam a sua frente como sombras delicadas. Levantou-se, piscou e olhou ao redor. Medo e dor não estavam ali. Eles não estavam ali. Só aquele frio, e aquela voz. Mas ele permanecia alerta. Porque eles estavam chegando, eles sempre chegavam. E iria doer, e alguém iria morrer.

O tronco de uma árvore é entalhado com uma faca, muito acima do chão da floresta: *Isto é um livro*.

Capítulo 7



Assassino nato

Acima do vasto dossel da floresta oxsciniana, as nuvens corriam pelo céu, ficando mais escuras a cada onda. As criaturas da noite voltavam para seus ocos e grutas, e as aves esvoaçavam nervosamente entre os galhos, cantando. A chuva estava chegando.

Sefia só acordou bem depois do meio-dia. A corda que a amarrava à árvore afundava-se em sua cintura, e ela levou alguns momentos para desamarrá-la enquanto estudava o garoto, que dormia na mesma posição em que estava na noite anterior. O nariz dele era torto – devia ter quebrado em algum momento – e havia um salpicado suave de sardas quase invisíveis no rosto moreno. Agora, ele parecia mais humano, menos como um animal enjaulado.

Ela se perguntou o que sua visão lhe mostrara na noite anterior. Momentos de uma vida comum. A vida dele? Aquela mágica permitiria a ela ver o passado? Seus pais tinham sido videntes também? Era por isso que aquela mulher de preto os queria?

Não, corrigiu-se Sefia. A mulher de preto dissera *ele*. Ela queria o livro.

Ela estava em conluio com Serakeen?

Sefia soltou a mochila o mais silenciosamente possível, mas, ao menor ruído, o garoto abriu os olhos. Eles se voltaram para ela, dourados ou âmbar, com traços de cobre e mogno no interior. Ele não parecia com medo.

Ela nunca estivera tão perto de um garoto de sua idade. Não estivera tão perto de *ninguém* desde que Nin tinha sido levada. Enrolando a roupa no interior da mochila, desviou os olhos da pele nua dele.

– Você pode ir para casa, hoje.

O garoto não falou, mas rastejou lentamente para fora da rede, quase sem

balançá-la. Olhou ao redor como um filhote de animal vendo o mundo pela primeira vez. Até as folhas e a luz acinzentada filtrada pelos galhos lhe pareciam novas. Ele esfregou os olhos.

Como Sefia logo descobriu, o garoto não falava nada. Ela não sabia se ele *podia* falar. Ele apenas a observou, calmo e curioso, enquanto ela enfiava a rede na mochila, e desceu da árvore atrás dela sem dizer uma palavra.

Ela logo ficou irritada com esse desamparo. Ele só ficava ali parado, esperando que ela fizesse alguma coisa. Sefia teve de enfiar uma caneca de lata nas mãos dele para fazê-lo beber.

Enquanto ele mastigava lentamente o café da manhã, ela se sentou a sua frente com os braços cruzados, observando. A pele em torno da garganta dele estava rosada e esbranquiçada onde queimaduras tinham cicatrizado de modo irregular.

O braço direito dele tinha sido queimado também; havia quinze marcas paralelas do tamanho da palma da mão dela e da grossura de um dedo, indo das cicatrizes mais velhas em seu ombro até a mais recente no cotovelo, como os degraus de uma escada.

Ela não o questionou sobre as queimaduras, mas perguntou sobre o símbolo, desenhando-o na terra para ele: o círculo, quatro linhas.

Ele sacudiu a cabeça.

– É o que eu suspeitava. – Ela limpou as mãos e apontou para o oeste. – Tem uma cidade a um dia de caminhada daqui. Só siga em frente e você vai alcançá-la. Alguém vai levá-lo para casa.

Obedientemente, o garoto virou na direção em que ela estava apontando, depois deu meia-volta. Seus olhos eram perguntas.

– Eu vou segui-los. – Ela apontou para o  no chão. – Talvez ainda consiga algumas respostas.

O garoto balançou a cabeça afirmativamente, como se tivesse entendido, então Sefia botou metade de suas provisões nas mãos dele, mais do que ele iria precisar para apenas um dia de viagem. Então ela pôs a mochila no ombro e começou a voltar pelo caminho que eles tinham percorrido. Ela não tinha dado dez passos quando ouviu pés atrás de si. Virou-se, e o garoto caminhou até ela.

– O quê?

Ele inclinou a cabeça e piscou.

Ela franziu o cenho.

– Você está livre agora, vá para casa.

Os cantos da boca dele se curvaram. Talvez ele tivesse quase sorrido.

– Mexa-se. – Sefia fez uma pausa. – Antes que comece a chover.

Quando ele não respondeu, ela praguejou baixinho e começou a caminhar outra vez. Mas o garoto continuou atrás dela, sem dizer nada, apenas segurando alguns pedaços de carne seca e a seguindo.

De vez em quando, Sefia se virava para ver se ele ainda estava ali. Ele sempre estava.

– Vá embora – ordenou ela uma vez. – O que você está fazendo?

O garoto apenas olhou para ela e pôs um pedaço fino de carne na boca. Ele roía a carne e a encarava. Quando ela saiu andando outra vez, ele a seguiu, mastigando lentamente.

Depois de uma hora, Sefia tirou a carne das mãos dele e a guardou novamente na mochila. Deu a ele um gole de água e esperou enquanto bebia. Tinham parado junto de um enorme tronco caído, coberto de musgo e samambaias. Ele tinha rasgado um grande buraco no dossel da floresta ao desabar, criando uma clareira que deixava entrar luz. O céu agora estava mais escuro, completamente encoberto. A tempestade iria começar em breve. Sefia sentou no tronco e apoiou o queixo nas mãos. Eles estavam perdendo tempo. Já era quase meio da tarde. O garoto estava parado de pé, sem jeito, agarrado ao cantil.

– Eles provavelmente estão procurando por você – disse ela, tirando o objeto das mãos dele. – Você deve ir para o mais longe deles que puder. – Ela gesticulou para que ele fosse embora, tentando ignorar a expressão aflita em seus olhos. – Agora.

O garoto olhou para baixo, encarando os pés descalços.

– Você não entende. – Ela levantou a voz e agitou as mãos inutilmente. – Não posso cuidar de você! – Ela estava falando alto demais. E não estava ouvindo com atenção suficiente. Atrás dela, passos esmagavam ruidosamente a camada de material orgânico. – É perigoso demais. – Ela também não ouviu o ranger de couro nem as vozes de homens. E exclamou pela última vez, desesperada: – Apenas vá!

Dois homens entraram na clareira. Homens de Machada. Sefia reconheceu o jovem sentinela, embora seu cabelo estivesse bagunçado de um lado e um ferimento tomasse uma bochecha. O outro homem já estava sacando a espada.

Sefia se ergueu de um salto, puxando o arco das costas e posicionando uma flecha em um movimento suave. O sentinela gritou. As espadas dos homens brilharam.

Ela liberou a flecha.

Mas o garoto foi mais rápido que todos eles. Ele saltou como um borrão dourado, aterrissou no peito do segundo homem e o derrubou, de modo que a flecha atingiu seu ombro em vez do coração. O homem soltou um grunhido quando o ar deixou seus pulmões, o garoto em cima dele como um jaguar sobre sua presa. Houve uma luta rápida, com punhos e dedos. Então o garoto agarrou a cabeça do homem e girou. Sefia ouviu o estalo e sentiu os *tremores* do homem subirem pela espinha.

O sentinela recuou e virou-se para correr, mas o garoto agarrou a espada do outro homem. Ele estava se erguendo. A espada estava deixando suas mãos.

Tudo desacelerou.

O braço do garoto se esticou, com dedos vazios.

As costas do sentinela expostas.

Sefia piscou.

Entre eles, a trajetória da espada foi delineada em torvelinhos ondulantes de luz. Dessa vez, ela pôde vê-los mais nitidamente: cada corrente era feita de milhares de partículas diminutas, todas flutuando e se revolvendo.

A mão do garoto… a espada… as costas do sentinela.

Ela tornou a piscar, e as correntes de luz desapareceram.

O tempo entrou em movimento outra vez.

A lâmina atravessou direto a espinha do sentinela. O arco de Sefia caiu ruidosamente de suas mãos. Ela procurou o garoto. Ele estava parado, olhando fixamente para os corpos.

Os homens estavam mortos. O garoto os havia matado. Eles morreram muito rápido. Ela não sabia que seria tão rápido.

Como seria tirar a vida de uma pessoa?

Ela cerrou os punhos ao lado do corpo, enfiando as unhas na palma das mãos, perguntando-se se era aquilo que tinha acontecido com seu pai quando ele morreu.

Não. Suas mãos tremiam. *Eles se asseguraram de matá-lo lentamente. Não deve ter sido nada parecido com isso.*

A lembrança do corpo dele queimava por trás de seus olhos.

Na próxima vez, seria mais rápida. Seria ela quem os mataria.

Começou a chover. As gotas caíam torrencialmente sobre o dossel, enchendo a floresta com o barulho de água. Trovões ribombavam pelo céu como tambores.

Em minutos, Sefia e o garoto estavam encharcados. Água escorria de seus rostos e se empoçava em torno de seus pés. O chão se transformou em lama sob eles.

Lenta e penosamente, ela abriu a mão. Não eram aqueles homens que Sefia queria. Ela queria a mulher de preto. Queria o homem com voz de gelo.

E, se estivesse envolvido com eles, queria Serakeen também.

Houve um toque leve em seu cotovelo. Sefia chiou e puxou o braço. O garoto recuou, olhando para sua mão como se a tivesse queimado.

O *estalo* de um galho partido explodiu como um tiro através da floresta. Ela ergueu os olhos abruptamente. Em meio ao trovão, soaram gritos na floresta.

– Patar!

– Tambur!

O garoto pegou o arco no chão, tomou-a pela mão e a puxou na direção da árvore mais próxima, onde subiu no primeiro galho e, em seguida, puxou-a para cima. As mãos dela se agarraram à casca molhada. A subida alucinada pela árvore soava tão alta. O arrastar e arranhar. A palma das mãos dela estava sangrando.

– Onde vocês foram? O chefe quer a gente de volta!

Sefia e o garoto não tiveram tempo de subir mais alto. Havia alguns galhos bloqueando-os de vista, mas Sefia teve de puxar as pernas para o alto para que não ficassem penduradas abaixo da proteção das folhas. Eles estavam expostos demais. Ela mal ousava respirar.

– Patar! Tambur!

Dois outros homens de Machada apareceram na clareira abaixo. O homem armado com rifle e o do tapa-olho. Caolho se ajoelhou ao lado do primeiro corpo com que deparou e sentiu seu pescoço quebrado. O homem com o rifle caiu de joelhos com a arma no ombro.

– Morto? – perguntou ele.

– Morto.

– O garoto?

– Provavelmente. Mas ele tinha um parceiro. – Caolho puxou a flecha de Sefia do corpo do homem, sua haste reluzindo vermelha. Examinou-a com atenção, piscando para tirar água do olho bom. – Algum sinal deles?

O homem com o rifle examinou o perímetro da clareira. Para Sefia, era óbvio onde eles tinham sentado, onde os caules e gravetos quebrados e lugares revolvidos na lama revelavam sua passagem, mas o homem estava olhando para as árvores, não para o chão.

Um relâmpago brilhou no céu, seguido quase imediatamente por um trovão. Começou a chover com mais força. Os galhos sob as mãos de Sefia estavam escorregadios.

Caolho sacou a arma do coldre. O barulho metálico da culatra atravessou a cascata de chuva.

– Em que direção eles foram? – perguntou ele.

– Eu pareço saber? – O homem com o rifle cuspiu de lado e chutou inutilmente as samambaias, desalojando gotas de chuva. – O rastreador seguiu para sudeste com Machada! – Ele fez um ruído repugnante no fundo da garganta. – Garoto! – gritou. – É melhor aparecer antes que as coisas fiquem ruins de verdade pra você! Machada está louco da vida porque você fugiu!

Os dois homens pararam para escutar. Para Sefia, eles ficaram ali por horas. *Não olhem para cima. Não olhem para cima. Não olhem para cima.* A pele dela estava escorregadia. Seus braços e pernas começaram a tremer. Ela tentou parar, mas os tremores aumentaram. Seus cotovelos pareciam prestes a ceder a qualquer segundo.

O homem com o rifle deu um passo à frente. Ele estava quase diretamente abaixo deles agora.

As pernas de Sefia sofriam espasmos dolorosos. Ela não conseguiria mantê-las levantadas por muito mais tempo. Seus braços tremiam. Ela cerrou os dentes e tentou se segurar.

Empoleirado no galho logo acima dela, o garoto inclinou-se para baixo – muito, muito silenciosamente – e segurou as pernas dela. Ela o sentiu sustentar seu peso e parou de tremer.

O homem com o rifle estudou os cadáveres.

– Devemos ir atrás deles?

Uma pausa desconfortável. Os homens fizeram silêncio. Sefia sentia como se cada respiração que entrava e saía de seus pulmões pudesse chacoalhar o mundo inteiro. A chuva caía com força.

Depois de um minuto, Caolho sacudiu a cabeça e deu um passo para trás.

– Não, não. Não ligo para o que Machada vai fazer quando a gente voltar.

O olhar do homem com o rifle continuava a se dirigir para a floresta, como se esperasse que o garoto saltasse da vegetação rasteira quando ele não estivesse olhando.

– É – concordou. – Que mandem o rastreador atrás deles.

Sefia prendeu a respiração. Houve um lampejo de esperança em seu interior.

Os homens se entreolharam por mais um segundo antes de guardarem as armas e começarem a fazer uma maca com galhos compridos. Eles trabalharam rápida e metodicamente e logo tinham empilhado os corpos em sua maca improvisada. Com um último olhar nervoso ao redor da clareira, Caolho enfiou a

flecha e a espada na maca ao lado dos corpos, e ele e o homem do rifle tornaram a marchar para a floresta.

Sefia se soltou das mãos do garoto e se instalou com mais segurança entre os galhos. Mas não falou – e não desceu.

Ela e o garoto esperaram enquanto a tempestade desabava sobre eles. No fim da tarde, quando o dilúvio finalmente cedeu e os trovões se tornaram um eco distante, eles desceram dos galhos com a respiração trêmula e profunda. As pernas e dos braços de Sefia estavam moles como trapos molhados. Ela caiu de joelhos. A lama estava fria e escorregadia sob ela, mas pelo menos ela estava no chão outra vez.

O garoto parou ao seu lado, olhando para o interior das árvores na direção em que os homens de Machada tinham ido.

– Eu teria sido pega se não fosse por você – disse Sefia. Depois de um momento, ela acrescentou: – Obrigada. – A palavra pareceu entrecortada e artificial em sua língua.

Ele olhou para ela e assentiu com gravidade. Seu cabelo estava grudado na testa.

– Eu não estou atrás deles, sabia? – Ela tentou esfregar os músculos para fazê-los voltar a funcionar. – Mas acho que você viria comigo mesmo assim.

O garoto tornou a assentir.

Ela deu um suspiro e se ergueu lentamente. Cambaleava um pouco, talvez, mas fora isso, estava bem.

– Nós não podemos ficar aqui – disse ela, olhando para a mancha de sangue e os lugares amassados nas samambaias. – E precisamos
ser mais cuidadosos.

Então, ele sorriu. Um sorriso de verdade, caloroso, que pareceu surpreendê-lo, como se não soubesse que ainda podia fazer aquilo. Um sorriso delicado e emotivo.

Nós.

– É, eu sei. Vamos. Eles vão trazer o rastreador. – Ela começou a se afastar da clareira, tomando cuidado com seus vestígios. Botando os pés onde ela havia posto os dela, o garoto a seguiu, ainda sorrindo.

Folhas frágeis com cores fortes arrumadas em uma colagem no chão da floresta: *Isto é um livro.*

Capítulo 8



Um bom dia para confusões

O capitão Reed corria pelo *Corrente da Fé*, evitando rolos de corda e galinhas de cabeça vermelha que cacarejavam entre seus pés. Quando passava, os marinheiros se comprimiam contra a amurada, em seguida se fechavam atrás dele como ondas, com os ruídos e o arranhar de revólveres e espadas.

À distância na água, o *Crux* singrava os mares, grande e dourado, as ondas reluzindo ao longo de sua figura de proa dourada – uma mulher de madeira segurando um diamante do tamanho de um crânio.

Pelo canto do olho, Reed os viu baixar um bote a remo no mar. Dimarion estava chegando. Eles tinham de estar prontos.

Ele deu um tapa nos dois canhões de proa – *nove*, *dez* – e se virou para estibordo.

Perto da oficina de carpintaria, encontrou Meeks, o contramestre, parado na porta, enquanto Harison estava sentado do lado de fora, passando um trapo de limpeza em seu revólver.

– Dizem que Dimarion matou um dos últimos dragões de Roku por ele – falou Meeks.

O líder do quarto de estibordo era um homem baixo e ágil com dreadlocks bem cuidados, trançados com contas e conchas que brilhavam como pedras preciosas em chenille negro. Ele era insolente e gostava de uma boa história mais do que de qualquer coisa. O resto da tripulação adorava lhe criar problemas, mas ouvia quando ele falava. Mesmo quando ele devia estar preparando seu turno de guarda.

– A batalha durou um dia inteiro, e quando a poeira baixou e a fumaça dissipou, foi Dimarion quem permaneceu de pé, e Dimarion quem tomou o

diamante.

– E o capitão convidou *ele* para o *nosso navio?* – A voz de Harison vacilou na última palavra.

Reed deu um tapa em um dos canhões de dezesseis libras de estibordo – *onze* – e riu.

– É verdade, você não estava aqui quando rolou aquela história com o Gongo do Trovão, estava? Deve fazer uns cinco anos que isso aconteceu.

Meeks sorriu, exibindo a lasca em seu dente da frente.

– O capitão deixou Dimarion em um redemoinho. Me lembre de te contar sobre isso quando acabarmos aqui.

Harrison sacudiu a cabeça.

– Às vezes ainda não consigo acreditar que estou em sua tripulação, capitão.

Reed gostava do grumete. Ele era um garoto engraçado com nariz largo e grandes olhos afastados. Orelhas como as de um gálago, mas isso não impedia as garotas no porto de elogiarem sua macia pele marrom e seus curtos cachos negros.

– Acredite, garoto – disse ele. Em seguida, apontou com a cabeça para Meeks. – Você não tem um turno para preparar?

Meeks ficou imediatamente em posição de sentido e lhe fez uma continência exagerada.

– Sim, senhor, capitão, senhor! – Jogando os dreadlocks por cima do ombro, ele saiu andando pelo convés, gritando ordens para o resto do quarto de estibordo.

Reed revirou os olhos e terminou seu circuito do navio, batendo no segundo canhão de dezesseis libras – *doze* – e subindo a escada para o tombadilho, dois degraus de cada vez. Ele gostava mais dos oitos, mas aceitava quatros, seis, dozes e dezesseis – na verdade, qualquer número par. Isso o fazia sentir que as coisas estavam em ordem.

No tombadilho, Aly, a camareira do navio, estava ocupada botando uma mesa para dois, arrumando guardanapos esvoaçantes e talheres reluzentes. Ela jogou uma de suas tranças louras e compridas por cima do ombro e fez uma dobradura rápida em um guardanapo.

– Antes que pergunte – ela disse quando ele se aproximou –, eu já guardei meu rifle embaixo da amurada.

O capitão Reed sorriu. Dimarion estava chegando. Mas eles estavam prontos.

– Você é tão esperta quanto doce, Aly – disse ele.

Ela sorriu.

O imediato não tinha se mexido de seu lugar na amurada. Um homem de idade com um rosto retangular vincado e uma cicatriz sobre o arco achatado do nariz, ele era o líder do quarto de bombordo e o braço direito de Reed. Ao som dos passos do capitão, ele se virou, sondando-o com os olhos cinza mortos.

– É hoje? – perguntou. A mesma pergunta que fazia antes de toda aventura. Antes de toda empreitada perigosa.

Reed passou os dedos pelo farto cabelo castanho, escutando as ondas baterem contra o casco.

– Não – disse ele. – Hoje, não.

O imediato franziu ainda mais o cenho enquanto entregava ao capitão seu chapéu de copa alta.

– A que distância ele está?

Parte tão essencial do navio quanto o próprio madeirame, o imediato podia ver e ouvir qualquer coisa no *Corrente* – as caretas que você fazia às costas dele, o estado dos compartimentos de carga, as conversas dos tripulantes em seus beliches à noite –, como se as vigas do navio fossem extensões de seus olhos e ouvidos, nariz e tato; mas em qualquer outro lugar, ele era cego, com seus olhos leitosos sem visão. As pessoas diziam que ele nunca deixava o *Corrente da Fé*, e que enquanto vivesse, jamais deixaria.

O bote a remo do *Crux* estava agora quase no casco deles. Dimarion estava virado de costas, mas era impossível confundir sua figura montanhesca. Reed até imaginou ter visto quatro anéis reluzentes na mão direita do homem.

– Perto o bastante. – Ele tamborilou os dedos na amurada. Oito vezes.

O imediato deu um sorriso desgostoso.

– Dimarion não é um homem de se importar com o passado. Você acha que ele deseja uma luta?

– Se tivermos sorte – respondeu Reed.

Quando Dimarion e o *Crux* surgiram no horizonte naquela manhã, bem, a escolha inteligente teria sido fugir. O *Corrente* era rápido, mas não tinha dois conveses de canhões nem a artilharia pesada do *Crux*. Mas ser inteligente era algo a que se dava importância exagerada. Ser estúpido, corajoso e curioso? Isso sim rendia boas histórias.

O bote de Dimarion atingiu o casco deles com uma batida seca, e o imediato grunhiu.

– Preparem as armas. Aí vem confusão.

Meeks passou apressado, seus dreadlocks esvoaçantes às suas costas.

– É um bom dia para confusões! – gritou ele.

O capitão riu. Os homens ficaram à espera do seu sinal para trazer os convidados para cima. A água estava azul e o vento bom, e o cheiro de alcatrão entrava forte em suas narinas. Eles estavam prontos.

Cuca e Aly tinham feito tudo o que ele pedira e mais. Além da porcelana fina e dos talheres reluzentes, eles acrescentaram copos de cristal, uma garrafa de vinho de um vermelho profundo e uma travessa grande de iguarias. Oito fatias de maçã; dezesseis uvas; quatro figos cortados ao meio, suas entranhas brilhando rosa e dourado ao sol; vinte e quatro fatias de queijo; vinte e quatro bolachas redondas salpicadas de ervas; e quatro quadrados de chocolate amargo já amolecendo ao sol.

Dimarion deu um assovio de aprovação e se sentou. Ele era alto, mais alto do que diziam as lendas, tão grande que as pernas não cabiam embaixo da mesa, e estendeu o pé na direção de Reed. O bico de ouro da bota reluziu à luz.

– Espero que não tenha se dado a todo esse trabalho por mim – ele riu. Tinha uma voz profunda e melodiosa, como um instrumento bem afinado.

Reed estava sentado na cadeira à sua frente, traçando círculos com uma das mãos na toalha de mesa.

– Nada menos que o melhor para meu velho inimigo – disse ele.

– Inimigo! – Ainda rindo, o capitão do *Crux* girou a taça entre os grandes dedos de carvalho. Ele tinha uma pele lisa e marrom que combinava perfeitamente com sua voz poderosa como um fagote. – E eu esperava tanto que pudéssemos ser amigos.

– Com todo o respeito, estivemos em lados opostos por vezes demais para sermos amigos. Seria uma pena mudar tudo isso agora.

Dimarion virou o vinho na boca e o bochechou antes de engolir. Ele sorriu e selecionou uma bolacha e uma fatia de queijo.

– Imagino que seja o mais adequado, não é? Afinal, você roubou meu gongo.

Reed enfiou uma bolacha na boca.

– Que gongo? – perguntou ele.

– *Meu* gongo.

– Ah, você quer dizer o gongo que é meu por direito, como restituição pelo modo como você me abandonou naquela ilha? – Ele deu um sorriso malicioso.

– Você o usou?

A verdade era que ele nem funcionava mais, mas Reed não ia contar isso a Dimarion. Em vez disso, deu de ombros e rebateu com outra pergunta.

– Como você saiu daquele redemoinho?

Dimarion sorriu e bebeu o resto de seu vinho. Aly, que aguardava ali perto para servi-los, tornou a encher sua taça e afastou-se outra vez. Ele não agradeceu, sequer olhou em sua direção. Reed ficaria insultado se o talento dela para desaparecer na multidão não fosse tão útil.

O homem grande mordeu uma bolacha e cantarolou de prazer.

– Isso não está nada mau – ele disse. – É uma vergonha um artista como Cuca acabar cozinheiro em um navio como o seu.

– O imediato não aceita nada menos que a boia mais refinada.

Dimarion girou o vinho em seu copo. O líquido bordô agitou-se sobre as paredes da taça e escorreu lentamente enquanto ele o erguia contra o sol. Acostumado ao esnobismo, o homem até andava com um lenço de seda amarrado na cabeça para se proteger do sol. Para um fora da lei que passava o tempo pilhando navios mercantes e tomando os sobreviventes como escravos para as galés, ele era extremamente limpo.

Mas a vida fora da lei atraía gente de todo tipo. Apesar de todo o conflito nas Cinco Ilhas, a jurisdição de um reino só se estendia até onde se pudesse ver suas ilhas. O resto de Kelanna era oceano livre. Foras da lei podiam ser tão bons ou tão imorais quanto quisessem, e não respondiam a nenhuma autoridade além das armas e do mar.

– Mas você não veio aqui para elogiar a comida do Cuca – disse Reed.

Dimarion inspecionou suas unhas bem cortadas. Seus quatro anéis, encimados com diamantes amarelo-canário afiados, reluziam ao sol. Se ele tivesse a chance, usaria os anéis em Reed. Era assim que o capitão do *Crux* marcava seus inimigos. Se ele o socasse com força suficiente – e Reed sabia por experiência própria que ele batia *forte* –, você ficava com quatro cicatrizes em forma de estrela, uma para cada anel, pelo resto da vida.

Dimarion pegou um figo na bandeja cintilante de frutas e o jogou na boca. A polpa rosada escorreu ao ser esmagada entre seus dentes.

– Tenho uma proposta para você.

Reed observou Dimarion olhar de relance para suas tatuagens. Elas se espalhavam pelos braços de Reed, desaparecendo sob suas mangas e ressurgindo na abertura de sua gola, onde o botão de cima da camisa estava faltando – um monstro marinho com tentáculos longos e ventosas, um cardume de peixes alados, a silhueta de um homem com um revólver negro fumegante. Todas as coisas importantes que ele jamais fizera estavam ali, escuras e permanentes. Se você olhasse de perto, podia encontrar as histórias da Senhora da Misericórdia, o

resgate na Rocha do Homem Morto e seu caso de amor com a fria e perigosa Lady Delune.

Mas Dimarion só estava à procura de uma: na dobra do braço esquerdo de Reed havia um pequeno navio tatuado equilibrando-se no alto de um redemoinho em turbilhão – lembrança do último encontro deles. Dimarion estalou os nós dos dedos.

– Tesouro – disse ele.

– Eu tenho tesouros.

– Não um tesouro como esse.

A contragosto, Reed chegou para a frente na cadeira. Só um tesouro podia despertar aquele anseio ganancioso e profundo na voz de Dimarion.

– O Tesouro Perdido do Rei – murmurou Reed.

Não era apenas o tamanho do tesouro que o tornava atrativo, mas o mistério de seu desaparecimento e a desolação do que acontecera quando ele se perdeu. Segundo a lenda, antigamente Liccaro era um reino rico. Suas minas produziam mais metais e pedras preciosas que quaisquer outras em Kelanna. Com tal matéria-prima para trabalhar, os liccarinos se tornaram os melhores artesãos do mundo; viajantes de toda parte vinham ver seu trabalho, e comprá-lo, se pudessem pagar por ele. Então, um dia, sem qualquer razão, o rei Fieldspar pegou todos os cetros e coroas, os mantos e colares com pedras preciosas, os finos vasos esmaltados, e sumiu com todos eles no fundo do labirinto de cavernas sob seu reino, e nunca mais se ouviu falar dele. As pessoas disseram que seu navio afundou na Baía Efígia quando tentava fazer a viagem de volta para casa. O reino mergulhou em decadência. As minas se esgotaram. Seca e fome assolaram a terra. Divididos e corruptos, os regentes nada fizeram. O povo sofreu.

As cidades foram abandonadas e encolheram a uma fração de seu tamanho original, e toda sua riqueza considerável foi vendida para pagar por sementes que não cresciam, por terra que não podiam irrigar.

– Enquanto houver pessoas para escutar, vão contar a história do homem que o descobrir – disse Dimarion, sem jamais tirar os olhos de Reed. – Outra história para sua coleção.

Reed tamborilou os nós dos dedos no tampo da mesa. De vez em quando, à noite, quando não conseguia dormir, acendia uma vela tremeluzente e contava as tatuagens. Ele as contava até se esquecer da escuridão que assomava nas escotilhas e em torno de sua vida. Às vezes, precisava de mais de uma vela.

– Por que está me falando disso? – ele perguntou.

– E se eu lhe dissesse que sei como encontrá-lo?

– Eu diria que se você realmente soubesse onde está o tesouro, a essa altura já estaria a caminho.

– Ah, mas eu preciso de sua ajuda.

– Para quê?

– Não consegui essa informação sozinho. – Dimarion se recostou, pôs a mão sobre o peito e disse, com a voz pingando veneno: – Tive uma fonte a serviço de certa capitã que conhecemos… uma bela mulher, querida de ambos os nossos corações.

Reed bebeu o vinho e secou a boca com as costas da mão. Havia apenas uma mulher que Dimarion odiava tanto quanto respeitava: a capitã do *Beleza Negra*, o navio mais veloz do sudeste. Reed lançou um olhar para o mar ao redor, mas não havia sinal de outro navio.

– É para isso que você precisa de mim – disse ele. – Para combater o *Beleza Negra*.

– Nossos dois navios contra o dela. Se combinarmos forças em nossa busca pelo tesouro, não temos como perder.

– Eu não apostaria nisso. – O capitão Reed tamborilou os dedos na mesa. – Onde ela está agora?

– Oxscini.

– O velho rei de Liccaro escondeu seu tesouro em outra ilha?

– Não. Acredito que ela esteja caçando um traidor.

Reed sacudiu a cabeça. *Ela* não tolerava traições. Se soubesse que alguém de sua tripulação tinha traído seus segredos para Dimarion, não ia demorar para que ela o descobrisse. Ele estremeceu, pensando em piras funerárias queimando na superfície da água, em luzes vermelhas nas profundezas.

– Então onde está o tesouro?

– Não sei ao certo. Mas ouvi dizer que a primeira pista está em Jahara.

Reed riu e se recostou, olhando para o grande casco do *Crux*. Jahara ficava demais ao norte para um navio lento como o *Crux* chegar lá antes do *Beleza Negra*, mesmo que o *Beleza* estivesse fazendo um desvio por Oxscini.

Dimarion se debruçou para a frente.

– Ela não espera que eu me alie a você, não com nosso… passado complicado. – Quando Reed hesitou, ele continuou: – Pense na história que isso vai dar: os três melhores navios de Kelanna envolvidos em uma corrida pelo Tesouro Perdido do Rei! Não importa quem vença, vão continuar a contá-la muito tempo depois que você morrer e seu corpo voltar à água.

– Mas o tesouro provavelmente está enterrado em algum lugar de Liccaro. – O capitão Reed sacudiu a cabeça. – Isso significa se envolver com Serakeen. Se não formos pegos no fogo cruzado entre Oxscini e Everica primeiro.

– Você não navega sob a bandeira de um corsário oxsciniano? – Quando Reed assentiu com a cabeça, Dimarion prosseguiu: – Eu faço o mesmo para Everica. Eles vão nos deixar passar sem criar problemas, se souberem o que é bom pra eles. Em relação a Serakeen… – O capitão do *Crux* se levantou, e o convés pareceu vergar sob seu peso quando ele foi até a amurada. – Esse homem é uma desonra para toda a nossa espécie. Há quanto tempo é assim? Reis e rainhas podem brigar por terra, mas nenhum fora da lei de respeito diz que é *dono* do mar.

– Falta de respeito próprio não faz dele uma ameaça menor.

– Bah. Até o Flagelo do Leste iria pensar duas vezes antes de enfrentar ao mesmo tempo o *Crux* e o *Corrente*. Ele pode até acabar com o *Beleza* e nos livrar da concorrência.

Reed franziu o cenho. Eles podiam ser inimigos, mas a ideia de um mundo sem o *Beleza* fazia com que os mares parecessem menores, um pouco menos grandiosos.

Ele se juntou a Dimarion na amurada. Embora Reed fosse alto e duro como um prego, parecia quase frágil em comparação com o capitão do *Crux*.

Por um instante, os dois estudaram o estonteante mar azul.

O capitão Reed esfregou o círculo de pele bronzeada em seu pulso, a única faixa de pele vazia em seu braço esquerdo. Em um mundo em que a única evidência de sua existência era um corpo condenado à decomposição e as obras que deixava para trás quando esse corpo morria, você tentava todo tipo de coisa para se convencer de que sua vida tinha algum significado, alguma permanência. Mas, um dia, mesmo as tatuagens iriam apodrecer – as imagens de baleias com chifres, mulheres bonitas, ilhas desaparecidas – e nada restaria dele além das lendas sussurradas das coisas que fizera.

Ele olhou para o navio. Sua tripulação parecia ocupada esfregando conveses e apanhando estopa de calafetagem, mas seus olhares não paravam de se dirigir ao tombadilho. Harison, Meeks, Aly. Marinheiros que tinham ficado com ele pelos cinco anos anteriores, depois… bem, depois do que tinha acontecido. Homens e mulheres que dependiam dele para mantê-los vivos em lendas mesmo depois que tivessem partido.

– Vou lhe contar onde achar a pista, e vamos nos encontrar em Jahara como aliados e iguais – disse Dimarion.

O capitão Reed contou até oito. Ele gostava do número, o modo como se articulava quando o dizia, era como morder um pedaço de maçã. Gostava do intervalo que levava para contar até oito, a quantidade de tempo perfeita para tomar uma decisão ou fazer mira. Nunca errava quando contava até oito. Era um bom número.

No convés principal, o imediato esperava junto da amurada, os olhos mortos vendo tudo. Com seu sentido apurado do navio, o velho estava provavelmente ouvindo cada palavra que eles diziam. Sob o escrutínio de Reed, ele balançou a cabeça, apenas uma vez.

Reed batucou oito vezes com a base das mãos na amurada. Era disso que precisava. Perigo. Aventura. Algo para ser lembrado. Porque, em Kelanna, se não continuassem a contar sua história depois que você morresse, você podia muito bem sequer ter vivido.

– Pelo tesouro e pela glória – disse ele, estendendo a mão.

Dimarion a tomou, sorrindo como um predador que sabe ter a presa encurralada.

– E vamos incluir algum derramamento de sangue de juros.

Capítulo 9



Lado a lado

Para alívio de Sefia, eles não encontraram mais nenhum homem no caminho de volta ao acampamento de Machada, mas ela os mantinha fora da trilha e cobria seus rastros mesmo assim. Eles respiravam baixo e não falavam...

Os homens tinham abandonado o acampamento, mas havia muitos sinais de sua passagem: terra revirada, gravetos quebrados, folhas esmagadas. O caixote havia desaparecido, e onde ele estivera só se via os restos de uma pira funerária. Cinzas brancas e carvão queimado, com fragmentos de metal enegrecidos e lascas de osso se projetando da ruína.

Sefia deu uma volta na clareira enquanto o garoto permaneceu atrás das cinzas, olhando fixamente para o monte fumegante como se não conseguisse entender direito o que era.

– Não há nada que possamos usar – disse ela após alguns minutos. – Mas encontrei o rastro deles. Tem certeza de que quer fazer isso?

O garoto balançou a cabeça afirmativamente. O movimento de seu cabelo emanou um cheiro ruim na direção dela. Sefia franziu o nariz e tentou não tossir.

– Certo. Mas… olhe para você. – Ela apontou para a calça rasgada, para a terra e a palha no cabelo cor de areia, para a lama (ou coisa pior) que não tinha sido lavada pela chuva. – Você precisa se limpar.

Ele olhou para as roupas rasgadas, arrancou uma casca de ferida e tornou a olhar para ela.

Ela umedeceu um pano com água do cantil e o jogou para ele.

– Vou roubar umas roupas e sapatos pra você na próxima oportunidade que tiver. Só se limpe, está bem?

Enquanto caminhavam, o garoto limpou seus cortes com o trapo molhado,

tirou os pedaços de palha do cabelo e passou os dedos pelos nós embaraçados. Ele até parou na próxima vez em que atravessaram um curso de água para se lavar no riacho.

Em certo momento durante a noite, Sefia encontrou outra trilha, mais estreita. Ela ergueu o rosto na direção do vento e deu uma fungada profunda.

– Esconda-se – disse, desaparecendo nas folhagens.

Quando ela voltou com uma trouxa de roupas, o garoto tinha se encolhido entre as raízes de uma figueira para esperar.

– Não sei o quanto disso vai caber – disse ela, entregando as roupas para ele. – Mas alguma coisa deve servir.

Ela virou as costas quando o garoto baixou abruptamente a calça. Ele terminou de se trocar, e ela o fez enterrar as roupas velhas. As botas que ela encontrara estavam um pouco grandes e a calça um pouco curta, mas a camisa era larga o suficiente para seus ombros, e pelo menos aquelas peças estavam limpas e inteiras. Ele sorriu de leve e tocou as roupas novas com cautela.

Sefia o examinou criticamente, mas ele não estava tão mal.

– Podia ser pior – ela admitiu de má vontade.

Mas quando ele sorriu para ela, ela virou de costas e se afastou. Depois de um ano sozinha, era estranho estar outra vez viajando com alguém, ter alguém por *perto*. Estranho e reconfortante e perigoso.

Ela tinha perdido todo mundo de quem já gostara. Se não tomasse cuidado, ia começar a gostar daquele garoto também.

E ela sabia que, se isso acontecesse, iria perdê-lo.

Depois de uma semana de cautela, atenta a sinais de emboscada, Sefia se deu conta de que os homens haviam passado alguns dias vasculhando a floresta, deixando alguns rastros que se destacavam entre as árvores em ângulos estranhos e reapareciam algumas dezenas de metros à frente, mas não tinham empreendido nenhuma busca de verdade pelo garoto. Talvez tivessem ficado com medo, como o homem do rifle e seu amigo, e não quisessem estar em território desconhecido com o garoto à solta. Talvez temessem vingança.

Pelo aspecto de suas pegadas, um grupo pequeno tinha seguido para oeste na direção tomada por Sefia e o garoto. Mas quando viu a trilha do grupo se juntar aos outros, ela soube que tinha feito um bom trabalho ao encobrir seus rastros. Depois disso, os homens continuaram a marchar para o norte, e Sefia e o garoto os seguiram.

Aquela parte de Oxscini estava cheia de árvores altas e elegantes com folhas do tamanho dos punhos deles, e não havia nada além de ar entre o dossel e as samambaias no chão da floresta. Também havia aves: de peito vermelho e amarelo, asas azuis, com longas caudas em forma de lágrima ou penas laranja como golas de renda em torno do pescoço. Elas mergulhavam e esvoaçavam, trinando, fazendo os pequenos sons agudos de passarinhos. Às vezes, Sefia parava no meio da trilha para olhar para cima e vê-las adejando entre os troncos de árvore, e o garoto parava ao seu lado e olhava também.

Para evitar que ele fosse um peso morto, ela lhe ensinou as técnicas de sobrevivência que Nin lhe ensinara: como identificar sinais de presas na vegetação rasteira, como espreitar uma caça, como atirar.

Na primeira vez em que Sefia permitiu que ele pegasse o arco, eles usaram árvores como alvos. Ela mostrou ao garoto como avançar furtiva e silenciosamente, ajoelhada; empurrando o arco à frente para minimizar seu movimento, ela mirou.

Mas ela nunca via árvores. Via assassinos. Uma mulher de preto com olhos cinzentos e feios e uma lâmina curva. Um homem sem rosto com voz de gelo.

Respostas. Redenção. Vingança.

Ela soltou a flecha e a árvore estremeceu ao ser atingida, sua ponta de metal enterrada na casca.

Sefia flexionou os dedos e ofereceu o arco ao garoto.

Ele assentiu com a cabeça e o pegou com cuidado – passou a ponta dos dedos pela madeira, testou a força da corda. Então parou de manipulá-lo, imitou os passos dela com perfeição e, agachado, posicionou uma fecha, tensionou a corda e disparou.

E errou.

O garoto olhou para ela e deu de ombros, com o arco inerte em suas mãos.

– Eh – disse ela. – Você vai fazer melhor da próxima vez.

Abrindo caminho entre árvores jovens e galhos caídos, ela encontrou a flecha a trinta metros no interior das árvores, suas penas vermelhas destacando-se contra a vegetação rasteira de vários tons de verde. Quando ela a pegou, havia um uru preso na outra extremidade, que tinha sido acertado no crânio.

Sefia virou-se lentamente. O garoto parou ao lado dela, parecendo chocado.

– Você já tinha feito isso antes? – ela perguntou.

Ele sacudiu a cabeça.

Sefia não se surpreendeu ao descobrir que ele também sabia manejar uma faca com facilidade. Ele podia transformar qualquer coisa – uma vara, um

punhado de lama, um trapo – em arma. Foi mais lento para aprender a esfolar animais e temperá-los, cozinhar, acender o fogo e até roubar, quando eles conseguiram roupas que lhe serviam melhor e um cobertor apropriado. Mas usava o arco como se tivesse feito aquilo por anos, e logo estava arremessando facas mais longe e com mais precisão do que ela. Qualquer técnica que pudesse usar em uma luta, ele absorvia como uma esponja.

Mas Sefia não tinha medo dele. Ela observava a forma como sua cabeça recuava de surpresa quando ele matava alguma coisa – uma mosca com a ponta da faca, um peixe com a flecha – e como ele tomava o maior dos cuidados quando se aproximava das presas abatidas ou recuperava as armas. Ele abaixava a cabeça e aninhava a mosca ou o peixe nas mãos compridas. Se pudesse dizer que sentia muito, ela tinha certeza de que ele faria isso.

Ainda assim – e era tão rápido que ela tinha de estar atenta para ver –, quando lançava uma faca ou disparava uma flecha, ele sorria, e não era o sorriso delicado e hesitante que ela passara a conhecer, mas o sorriso de uma coisa selvagem, faminta, de mandíbulas abertas, com desejo de matar nos olhos.

À medida que os dias passavam, eles começaram a desenvolver a própria forma de comunicação. Logo, era preciso apenas um gesto rápido para ele entender que ela estava à procura de um local para acampar. Ou alguns movimentos da mão para mostrar que os homens que estavam seguindo haviam parado naquele exato ponto na noite anterior.

Às vezes, ele imitava o disparo de um arco e entrava em silêncio na floresta, e ela sabia que ele tinha avistado uma presa entre os troncos das árvores, por isso ela continuava a andar. Quinze minutos ou meia hora depois, ele reaparecia a seu lado, com uma codorna ou um faisão pendurado na mão.

Certa vez, Sefia temperou uma caça e a pôs em um espeto sobre o fogo, estreitou os olhos para ele e disse:

– Você precisa de um nome.

O garoto olhou para ela. Havia pontos escuros em seus olhos cor de bronze, mas eles eram visíveis apenas quando se estava bem perto. Ele parecia desconfiado, mas na expectativa.

– Vou ter de chamar você de *alguma coisa*. – Ela atiçou os carvões com a ponta de uma vara. – Você não pode simplesmente *não ter* um nome.

Sefia o examinou por um longo momento. Ele estava olhando para as mãos e, com as pontas dos dedos, tocava cada uma de suas cicatrizes. De vez em quando, franzia o cenho, como se estivesse tentando se lembrar de onde as havia conseguido. Mas quando tornava a erguer os olhos, sua expressão não tinha

mudado, e ela sabia que ele não havia lembrado.

– Arqueiro – disse ela. – Seu nome vai ser Arqueiro.

Arqueiro sorriu e apontou para a cicatriz no pescoço. Seu sinal para si próprio.

Sefia tentou não sorrir.

Quando rastrearam Machada até o sopé das Montanhas Kambali, no norte de Oxscini, depois de duas semanas juntos na trilha, eles haviam desenvolvido uma parceria informal. Arqueiro ficava atento à caça; Sefia, aos rastros. Ele caçava e apanhava água; ela cozinhava. Sefia montava acampamento; Arqueiro o desmontava e guardava de manhã. Ela falava; ele ouvia. A única coisa que eles não dividiam era a mochila, que Sefia insistia em carregar, embora toda manhã Arqueiro se oferecesse para levá-la.

Certa noite, eles acamparam dentro de uma caverna pequena. Formada muito tempo antes pelo desabamento de dois pilares de pedra, o entulho havia criado um pequeno nicho onde mal cabiam duas pessoas, escondido por uma árvore que se erguia em frente à entrada. Era um daqueles lugares altos e remotos de que Sefia gostava, um dos poucos lugares em que ela se sentiu segura o suficiente para dormir no chão. O outro lado da caverna dava para uma cachoeira que cortava a floresta, com o ruído de água correndo e batendo ao despencar sobre o leito de rocha.

Nem Sefia nem Arqueiro conseguiram dormir. A caverna era tão estreita que seus ombros quase se tocavam quando estavam deitados de bruços, com o queixo apoiado nas mãos, olhando para a cachoeira sob o céu salpicado de estrelas. Mas eles não se tocaram.

– É meu aniversário – disse ela em voz baixa. – Fiz dezesseis anos hoje.

Arqueiro sorriu para ela, mas assim que viu seu rosto, a expressão dele mudou. Ele tocou a têmpora perguntando o que estava errado.

Ela virou o rosto.

– Você teve festas de aniversário, antes de tudo isso?

Ele abriu a boca, mas não saiu nenhum som. Tocou o pescoço algumas vezes e deu de ombros.

– Nunca fui a uma festa. Meus pais nunca me deixaram ter uma. Eles nem me deixavam ter amigos. – Ela fez uma pausa, pensando em sua casa solitária no alto da colina, seu quarto no porão, as vidas insulares de seus pais. – Às vezes eu me pergunto como teria sido crescer como alguém normal.

Arqueiro tornou a dar de ombros.

Por um segundo, ela fechou os olhos. Uma festa de aniversário de verdade.

Haveria lanternas de papel coloridas e fitas cascateando dos galhos de árvores com frutas de verão, e embaixo, em mesas de piquenique cobertas com toalhas coloridas, todas as suas comidas favoritas: saladas de pera, pato assado com pele vermelha e crocante, pãezinhos com porções de manteiga de canela derretida e bolinhos com decoração açucarada e recheio de creme de limão servidos em pratinhos delicados com garfos de prata. Haveria menestréis e uma banda, e histórias constrangedoras contadas por seus pais e amigos mais antigos – uma história para cada ano de sua vida – e em uma plataforma de madeira, haveria dança: casais se divertindo e girando sem parar como penugem de dente-de-leão, pessoas rindo e a música rodopiando entre elas. Teria amigos falsos que cochichariam sobre ela na beira da pista de dança, priminhos que dançariam sobre seus sapatos, e um garoto que nunca tinha falado com ela iria tirá-la para dançar – suas mãos suadas tocando a parte de baixo de suas costas, o rosto dele tenso e nervoso. Talvez, como ela tinha dezesseis, houvesse até um beijo.

Mas aquela não era sua vida. Nunca tinha sido sua vida e, depois do que acontecera com seu pai, com Nin, nunca seria. Sua vida era solitária, carregada nas costas junto com tudo o que tinha das pessoas que amava.

Respostas. Redenção. Vingança.

Quando Sefia tornou a abrir os olhos, Arqueiro a observava. Ela relaxou os dedos.

– Desculpe – balbuciou.

Mas Arqueiro apenas sorriu e lhe entregou uma pena verde e comprida. No centro, havia uma hasta magenta, bárbulas verde-claras e reflexos amarelos, roxos e azuis, dependendo da posição em que ela a segurava.

Sefia girou a pena entre o polegar e o indicador. Ela cortou o ar.

– Onde conseguiu isso?

Ele espalmou a mão e a balançou de um lado para outro, como se imitasse os movimentos de uma pena caindo do céu.

– Obrigada – disse ela.

Ele assentiu.

Sefia passou a pena pelo rosto, sentindo a maciez. O primeiro presente de aniversário que recebia em seis anos, desde que o pai fora morto.

De repente, ela tomou consciência de como eles estavam próximos. Ela podia sentir Arqueiro esticado ao lado dela, seus ombros, cotovelos e pés, a calma silenciosa de sua respiração.

Ela se sentou abruptamente e envolveu os joelhos com os braços.

– O que você acha que as estrelas significam? – perguntou ela, balbuciando

em seu desconforto. – São tantas. Acho que elas devem significar alguma coisa. Às vezes, fico deitada e penso que se pudesse entender o que significam as estrelas, eu ia entender por que as coisas acontecem. Por que as pessoas fazem o que fazem. Quer dizer, o que fizeram com você… o que torna as pessoas tão cruéis? Ou…

Ela ficou um bom tempo em silêncio, olhando para o céu.

– Por que as pessoas nascem – disse ela. – Ou por que morrem. Às vezes sinto que nossas histórias estão todas lá em cima, nas estrelas, e se eu apenas soubesse como escutar, entenderia melhor as coisas. Sabe?

Ele virou a cabeça para ela, a luz baixa tocando suas cicatrizes e os ferimentos que se curavam, as marcas dos impressores escritas por todo seu corpo. E ela soube que não podia deixar que ele continuasse a viajar com ela, não sem que ele soubesse de toda a história. Sem que soubesse em que estava se metendo.

– Arqueiro. – Sefia puxou a mochila em sua direção. – Vou lhe mostrar uma coisa que nunca mostrei a ninguém antes. Acho que nem Nin sabia que estava aqui. – Ela remexeu em seus pertences até encontrar o livro, que não tirava dali havia duas semanas. Depois de pegá-lo com cuidado, ela o pôs no chão à frente deles. – Isto é um livro.

Arqueiro olhou para ela, e à luz de vela ela começou a ler, suas palavras se misturando com os sons da água caindo lá fora.

– “Isso nunca tinha sido feito antes…”

Capitão Reed
e o redemoinho

Isso nunca tinha sido feito antes.

Nunca seria feito.

Todo navio que tentara alcançar a Borda Oeste do mundo havia se perdido no mar: o Dominó, o Jogador, o Rocinante... todos bons navios, agora apodrecendo em algum lugar no fundo do oceano.

Eles não entendiam. Por que arriscar um navio como o Corrente da Fé em uma viagem da qual ele nunca retornaria?

Era um desperdício, disseram.

Uma tarefa absurda, disseram.

E se você começasse esta história com o dia em que eles zarparam na direção do oeste azul e sem limites, você ficaria inclinado a concordar.

Mas para entender realmente por que o capitão Reed levou seu navio para as Águas Vermelhas, e o que aconteceu com ele e toda sua tripulação quando chegaram lá, você teria de começar antes do princípio.

Você teria de começar com o redemoinho.

As paredes já estavam começando a se inclinar e balançar quando o capitão Reed chegou ao fundo do mar. O redemoinho rugia ao seu redor, subindo sempre como as paredes de um poço verde, com o olho brilhante do céu e as silhuetas do Crux e do Corrente circulando muito acima. Sob suas mãos, a areia estava úmida e macia como pó.

Dimarion fez um giro, sua figura enorme

emoldurada por espuma e água em torvelinho. Suas roupas estavam encharcadas, e a ponta de seu lenço de cabeça agitava-se às suas costas como um chicote. Entre eles, os conteúdos do baú de tesouro arrombado jaziam expostos na areia: o malho e o disco de latão tinham ficado verdes com a idade, semicorroídos pelo tempo e pela água salgada, mas o gongo era inconfundível. Havia figuras entalhadas nas bordas, gritando ou cantando, segurando armas ou instrumentos antigos, clamando pela tempestade no centro — nuvens turbulentas e raios.

— Como você... — A voz profunda de Dimarion mal era audível sob o uivo do furacão.

Borrifos do mar atingiram o rosto de Reed quando ele ficou de pé, testando a areia em movimento com os dedos dos pés. Ele sorriu.

— Você acha que há um corpo de água em Kelanna que eu não consiga atravessar?

— Hah. — O olhar de Dimarion se voltou na direção da antiga moeda de cobre na areia. Enquanto ela girasse, o redemoinho permaneceria aberto. Mas ela estava começando a se inclinar e a balançar, suas faces reluzentes alongadas e instáveis. O redemoinho estava se desfazendo, com pequenos ciclones espiralando para o lado e para fora da água. Logo as paredes iriam desabar, e a água iria esmagá-los em segundos,
e seus corpos quebrados seriam mastigados em seu interior para os carniceiros.

— Você não teria nenhuma ideia brilhante, teria?

Reed bateu nervosamente nas coxas, onde deviam estar suas pistolas. Seus dedos seguiram na direção da faca.

— Acabei de aterrissar no pé de um redemoinho com um homem que tentou me matar duas vezes. Acho que nenhuma das minhas ideias é muito brilhante.

Dimarion sacou o revólver.

— Então para que você serve?

Houve um tiro. Uma explosão de luz e fumaça, e o mercúrio da bala cortando a distância entre eles.

Reed se esquivou. Areia foi levantada atrás dele quando ele saltou para a frente, com a faca estendida.

Sangue. Dimarion soltou a arma, e Reed a chutou para o lado, onde ela foi sugada para o alto pela espiral de água e lançada no mar.

Que som fazia o ronco da água em torno deles! O chamado sem palavras do oceano.

Algo colidiu com o lado da cabeça de Reed. Um punho... um pé... uma marreta? Luzes rebentaram em seu crânio. Ele cambaleou para o lado.

Dimarion pegou seu braço e o torceu. A faca caiu.

Então Reed estava sendo erguido. Seus pés deixaram o chão. Aquele ronco. Aquela voz de vento e água. Ele acertou um golpe, talvez dois, antes que Dimarion o lançasse no chão. Uma cratera se encolhendo na areia, e o mar gritando ao seu redor.

Dimarion estava em cima dele. Punhos nus como avalanches golpeando-o no rosto, os braços e as mãos arrancando pedaços de carne, provocando ferimentos e sangramentos.

Reed contorceu-se para o lado e se levantou, arquejante. Ele não ia sobreviver se eles voltassem a trocar socos.

Dimarion riu, erguendo-se como um gigante saindo da terra.

— Não há nenhum lugar para onde você ir.

O capitão Reed sacudiu a cabeça e o circundou, cuidadoso, contando os passos. Um, dois, três, quatro...

— Não se lembra do que eu disse sobre a água?

Quando Dimarion abriu a boca para falar, Reed se lançou pela areia, agarrou o gongo e mergulhou na parede curva de água.

Sua respiração o deixou. O mar despencou sobre ele várias vezes como uma pedra, procurando seus olhos, nariz e garganta. Sua perna quebrou. Ele não conseguia ouvir, não conseguia ver, mas a sentiu quebrar. Sentiu os ossos lascando. Tentou nadar, bater as pernas, mas no redemoinho não havia para cima nem para baixo. Só o torvelinho e a água selvagem.

O capitão Reed se agarrou ao gongo. As coisas estavam ficando quentes e escuras, mas quando encontrassem seu corpo em alguma praia distante, saberiam que ele tinha conseguido aquilo que fora buscar.

E foi quando teve certeza de que ia morrer, varrido para sempre para o interior do oceano azul sem fim, que a água falou com ele.

Ninguém sabe ao certo o que ela disse, mas algumas pessoas acham que ela contou como ele ia morrer. Algumas pessoas acham que ele viu tudo em um clarão, rápido e brilhante: uma última respiração de ar molhado e salgado. Um revólver preto. Um dente-de-leão resplandecente no convés.

E as madeiras do navio estourando.

E escuridão.

Por um instante, ele lutou contra a visão, como se pudesse golpeá-la com as mãos ou debatendo as pernas,

mas logo foi tomado por uma paz repentina e intensa. Ela se espalhou por ele como sangue se espalha por tecido, saturando todas as suas fibras.

Ele ia morrer, certo, mas não ia morrer naquele dia.

E foi então que ele decidiu levar seu navio à Borda Oeste do mundo.

Porque ainda havia milhares de aventuras para serem vividas, e apenas um número limitado de dias para vivê-las.

Porque elas estavam lá fora.

E por que não?

Com esse pensamento, ele sorriu, fechou os olhos e se deixou levar pela água.

Capítulo 10



O início de uma amizade poderosa

Sefia apertou os olhos para a página escurecida a sua frente. A vela tinha queimado quase inteiramente enquanto ela lia, e agora seu pavio enegrecido começava a soltar fumaça. Recostando-se, ela pôs a pena verde entre as páginas e fechou o livro. Seus olhos estavam sombrios e sérios à luz mortiça.

Às vezes, ela sentia que as passagens que lia no livro tinham sido escritas apenas para ela, como se a estivessem conduzindo a um entendimento maior, como tinham feito no dia em que aprendera a ler. E havia pistas até nas velhas histórias de heróis foras da lei que ela escutara ao longo da vida. Mas enquanto delineava o símbolo na capa, ela não conseguia evitar se perguntar: se o livro deveria estar lhe *ensinando*, por que não dava as respostas de que precisava? Por que não contava a ela como encontrar as pessoas que tinham destruído sua família?

– O que você faria se soubesse como vai morrer? – perguntou. – Ia correr na direção disso, como o capitão Reed, ou fugir?

Arqueiro passou o dedo pela base do pescoço e sacudiu a cabeça.

– Eu iria terminar o que havia começado. Se isso significasse correr na direção da morte, bom…

Ela deu de ombros. Por um segundo, teve vontade de raspar e arrancar toda a capa, e as páginas embaixo dela, como se destruir o livro fosse destruir sua necessidade de entendê-lo. Mas não podia fazer isso.

– Estou disposta a fazer o que for necessário – disse ela. – Mas você não precisa. Na verdade, talvez fosse melhor se não fizesse.

Os olhos de Arqueiro se arregalaram de mágoa e surpresa.

Devia ter contado a ele antes. Contado quem ela era e o que tinha, e porque

ninguém que a conhecia estava seguro. Sefia tentava não gostar dele, tentava fingir que não significava nada para ela.

Mas isso não era verdade.

Ela contou tudo a ele – sobre o pai, sobre a casa na colina de frente para o mar, sobre o livro e sobre o desaparecimento de Nin. Porque ele estava em perigo. Todo mundo com quem ela entrava em contato podia ser levado, torturado, morto.

– Você pode sair disso. Pode ir para casa – disse ela. Suas palavras vacilaram. – Mas isso é o que há para mim. Eu não tenho mais nada.

Os dedos dele tamborilaram na borda irregular da cicatriz, e ela prendeu a respiração, temendo perturbar o silêncio que tinha caído entre eles.

Será que ele ia deixá-la?

Ela queria mesmo que ele fizesse isso?

Fora da caverna, a cascata rugia, ficando mais alta no silêncio dele.

Por fim, Arqueiro ergueu a mão. Ela pôde ver apenas as formas de seus dedos contra a luz das estrelas. Enquanto observava, ele cruzou o dedo médio sobre o indicador, entrelaçando-os.

Ele nunca tinha usado aquele sinal antes. Mas quando ela compreendeu seu significado, foi tomada por uma espécie triste de calor.

Ele estava com ela.

Não apenas ali, com ela na caverna, mas *com* ela de todas as maneiras que importavam.

Um sorriso se abriu no rosto dele.

Ela agarrou os joelhos e sentiu os olhos reluzirem à luz fraca. Eles iam fazer aquilo juntos, ela e Arqueiro.

Aprender para que servia o livro. Resgatar Nin. Encontrar as pessoas que tinham arruinado suas vidas e obter sua vingança.

Depois que aprendeu a decifrar aquela primeira frase simples, não demorou muito para Sefia perceber que jamais seria capaz de dominar as palavras a menos que pudesse reproduzi-las. Ela tinha de fazer os símbolos por si mesma, de modo que os compreendesse – suas curvas, como usá-los e se apropriar deles.

Ela começou fazendo as mesmas marcas incontáveis vezes, repetindo-as em voz alta: *Isto é. Isto é. Isto é. Isto é isto é isto é isto.*

No início as letras eram trêmulas e hesitantes, imitações sofríveis das linhas nítidas que ela via no livro, e ela as apagava com o bico da bota ou a lateral da

mão. Então praticou mais.

Mais tarde, escreveu com a ponta enegrecida de uma galho na superfície lisa de folhas: *Isto é um livro. Isto é um livro. Isto é um livro.* Quando terminava, ela as jogava no fogo. Nuvens de fumaça se descortinavam sob os amplos rebordos verdes enquanto as folhas escureciam e murchavam nas chamas, suas palavras se tornando linhas esmaecidas e distorcidas antes de se transformarem em cinzas.

Ela escrevia outras coisas, também. Palavras com sílabas macias como barrigas, passagens que queria memorizar, mas sempre voltava à mesma frase. A primeira frase que aprendeu.

Conforme se tornava uma escritora melhor, Sefia parou de apagar suas palavras. Ela não as deixava onde alguém pudesse encontrá-las, mas fazê-las não era mais suficiente: ela queria que elas fossem permanentes, como as palavras no livro, sinais de que ela tinha estado ali, de que ela existira. Começou a entalhar com a ponta da faca nos galhos mais elevados das árvores mais altas nas regiões mais inalcançáveis da floresta: *Isto é um livro.*

Ou nas pedras de suas fogueiras enterradas: *Isto é um livro.*

E, traçadas invisivelmente na parte interna do braço, na curva de seu joelho: *Isto é um livro. Um livro. Um livro. Um livro.*

O que ela não sabia era que as pessoas que estavam em seu encalço iriam procurar em *todos os lugares*: nas árvores mais altas, em pedras semienterradas. Eles sabiam sobre o livro, estavam ávidos por ele da mesma maneira que pessoas famintas ansiavam por comida. Obcecados de desejo, eles a seguiam. E toda palavra que ela escrevia, toda letra que deixava para trás era uma trilha, com rastros tão claros como pegadas.

A carne do crânio tinha sido removida havia muito tempo, deixando para trás ossos chamuscados como pedaços queimados de madeira flutuante em um oceano de veludo azul que quebrava contra suas órbitas oculares ocas, o vazio enervante do nariz, os dentes protuberantes fixos em um sorriso permanente pela mandíbula presa.

Lon olhou para o crânio, para seu riso silencioso de escárnio, e enrolou suas mangas compridas demais.

– Já sei como fazer isso – resmungou.

– Então prove – disse Erastis.

Ele estava sentado a uma das mesas curvas e compridas, examinando manuscritos dispostos como retalhos de uma colcha. Suas mãos enluvadas

aninhavam as páginas como se elas pudessem se desfazer a seu toque.

Lon olhou para ele de cara fechada. Mas como o Mestre Bibliotecário não ergueu os olhos, ele deu um suspiro e se concentrou. Desde o ano da sua iniciação, ele tinha lido toda palavra esotérica, toda passagem mundana que Erastis jogara sobre ele. Na verdade, dominara a leitura e a escrita com tamanha rapidez que começara a treinar iluminuras três meses antes de qualquer outro Aprendiz. Utilizando seu sentido extra, buscou os pontos de ouro em movimento que reluziam logo abaixo do mundo físico.

Então piscou, e o mundo Iluminado se ergueu ao seu redor. Estava simultaneamente consciente de seu corpo, da Biblioteca ao entorno e do crânio disposto a sua frente, e da tapeçaria de luz magnífica que estava sempre ali, atrás do mundo que ele podia cheirar, tocar e provar. Ao acessar o Olhar, ele podia sentir os dois mundos ao mesmo tempo.

O mundo Iluminado era uma teia de todas as coisas que já haviam existido e das que ainda seriam feitas. Era por isso que provocava náusea em Iluminadores não treinados: era um oceano de história, cheio de redemoinhos e marés subindo e descendo, e poderia fazê-lo em pedaços pelos turbilhões da memória. Para não ser levado, você precisava de uma marca, um som ou um cheiro, alguma referência no mundo físico para ancorar sua mente àquele momento, para que sua consciência dividida pudesse mais tarde se tornar uma novamente.

Lon sentiu um calafrio. Erastis o alertara sobre os perigos de perder a referência. De ser golpeado no mundo Iluminado por todas as correntes estonteantes de luz, tão perdido em todas as coisas que tinham acontecido antes que seria como se afogar, procurando em vão ao redor por uma praia que jamais veria outra vez. Iluminadores que perdiam a referência entravam em colapso, seus corpos vazios e catatônicos, olhos abertos, mas sem ver, respirando, mas não vivendo, até que seus órgãos paravam lentamente de funcionar e eles morriam.

Atingido pelas espirais de ouro, Lon se concentrou nas marcas de queimadura. As correntes de história giraram ao seu redor e entraram em foco, e ele soube o que as havia causado. Calor e fumaça, chamas tão brilhantes que queimavam seus olhos, e uma figura solitária entrando nas chamas e retirando livros em combustão das estantes.

– O nome dele era Morgun – disse Lon, observando a túnica do antigo Bibliotecário pegar fogo e queimar, ouvindo seus gritos. – Ele era o Bibliotecário durante o Grande Incêndio, e morreu tentando resgatar Fragmentos das chamas.

Aquela era a ligação entre alfabetização e Iluminação, por que Erastis insistira

em ensiná-lo a ler antes de ensinar a usar o Olhar: ler era interpretação de sinais, e o mundo estava cheio deles. Cicatrizes, arranhões, pegadas. Se pudesse compreender o mundo Iluminado, podia ler a história de cada marca com a mesma clareza com que lia uma frase em um livro.

– Isso é uma coisa que você pode aprender com esse crânio. Há mais duas.

Lon tornou a piscar, e o mundo Iluminado desapareceu.

– Vamos, me dê um desafio.

– Isto é um desafio – disse Erastis calmamente. – Você já está bem mais adiantado em seu estudo da Iluminação do que eu estava na sua idade.

– Mas isso não é um desafio para *mim*. – Lon cerrou os dentes, frustrado. – Sabia que Rajar recebeu a primeira comissão hoje? Agora mesmo ele está lá fora navegando com seu Mestre.

– Rajar é seis anos mais velho do que você.

Fora da Biblioteca, nuvens negras se encurvavam sobre os picos glaciais, e o vento soprava intermitentemente pelas janelas.

– É um desperdício me manter aqui – disse Lon. – Eu devia estar lá fora. No mundo. *Fazendo* coisas.

– Bobagem. – Erastis agitou os dedos para ele, desdenhoso. –
A noite vai cair em algumas horas.

Lon jogou a cabeça com impaciência, como que para se livrar das palavras de Erastis.

– Não é isso o que eu quero dizer! Quando me juntei ao senhor, me prometeu que íamos fazer coisas grandes. – Ele começou a citar o juramento que fez no dia de sua iniciação. – Proteger o Livro de descoberta e mau uso e consolidar a estabilidade e a paz para todos os cidadãos de Kelanna.

– E estamos fazendo isso. Eu disse a você que o Mestre Bibliotecário e o Aprendiz Bibliotecário são as posições mais poderosas em nossa ordem, além do Diretor. Sem nós, não haveria ninguém para interpretar os Fragmentos. Não haveria ninguém para investigar profecias nem desenvolver técnicas para Iluminação. É por nossa causa que Edmon e os outros podem fazer o que fazem.

– Mas eu não estou *fazendo* nada!

Lon estava prestes a continuar quando viu a garota no umbral da Biblioteca. Ele não sabia quando tinha acontecido, mas de repente ela aparecera na porta, carregando dois volumes de capa azul nos braços.

Ele enrubesceu.

Ela era pequena e magra, com olhos escuros e o cabelo negro amarrado em um coque no alto da cabeça, expondo o pescoço. O coração de Lon palpitou em

seu peito. Ela era incrivelmente bela. Às vezes, quando a via, ele se esquecia de respirar.

Ela era a Aprendiz Assassina, mas não tinha nome. Assassinos não tinham nomes. Assassinos sabiam caçar e matar, e mais nada. Em vez disso, ela era conhecida como a Segunda; sua Mestra era a Primeira. Como nas outras divisões, havia sempre apenas dois.

A Segunda era alguns anos mais velha do que ele e estava lá havia mais tempo, por isso tinha mais privilégios, como poder retirar os Fragmentos da Biblioteca e devolvê-los quando quisesse. Naquele ano de sua iniciação, ela nunca dirigira a ele mais que meia dúzia de palavras. Não que ela estivesse sempre por perto. Como Rajar e o Aprendiz Administrador, ela e sua Mestra frequentemente deixavam a Sede Principal para realizar tarefas para o diretor Edmon. Só Lon estava preso ali.

Mas ele sabia que ela era talentosa. Sem ter a intenção, se virou para ela, para vê-la melhor, para ver o que iria fazer.

Ela se movia com gestos rápidos e delicados como um pássaro ou uma dançarina, alternando de um pé para o outro em um passo complicado, como se estivesse ensaiando uma coreografia. Um chute, uma deslizada, um toque do dedão no piso. Então ela olhou para cima, viu Lon encarando-a e parou. Seus olhos perfuraram os dele, desafiando-o a continuar olhando.

Ele corou e desviou o rosto.

Por fim, Erastis a percebeu junto da porta.

– Entre, entre, minha querida! – disse ele, gesticulando para que ela se aproximasse da mesa. Suas mãos enluvadas adejaram como grandes mariposas brancas. – Você terminou a leitura do Guia Ostis para Armas Brancas Talismânicas, não foi? O que achou?

Ela atravessou o chão de lajotas sem emitir som e pôs os volumes na mesa ao lado do Bibliotecário.

– Obrigada. Eu tenho o que preciso.

– Excelente!

Lon se aproximou da mesa também, sua frustração com o Mestre Bibliotecário momentaneamente esquecida. Ele tentou não olhar diretamente para ela.

– Para quê? – perguntou ele.

Sentiu a Segunda olhando fixamente para ele, em silêncio, mas Erastis abriu um sorriso.

– A Segunda vai forjar sua própria espada de sangue.

– O que é uma espada de sangue?

A Segunda olhou para o Mestre Bibliotecário, que gesticulou para que ela explicasse. Franzindo o cenho, ela pressionou as pontas dos dedos na borda da mesa.

– Uma espada de sangue é uma arma que passou por Transformação. Já ouviu falar nelas? – Quando Lon sacudiu a cabeça, ela tentou outra vez. – Uma arma *mágica*? Como o Executor?

Um revólver negro amaldiçoado que matava sempre que era removido do coldre; se você não escolhesse seu alvo, ele escolhia um para você.

– Ah. Sim.

– Segundo Ostis, você pode usar a Transformação e imbuir uma espada de "sede de sangue", de modo que, quando for hora de matar, a própria lâmina procure seus alvos.

– Você quer dizer que a espada mata por conta própria?

– Não. Ela se torna uma ferramenta mais precisa e mortal para um espadachim habilidoso. Nas mãos erradas, provavelmente iria ferir ou matar quem a portasse.

– Ah.

– Ela também suga o sangue dos alvos, o que dá às espadas de sangue seu odor ferroso característico – acrescentou Erastis, prestativo – e proporcionando uma limpeza fácil.

– Uau… – Lon fez uma pausa. Por um segundo, estava mais impressionado que nunca com a Segunda, com as coisas que ela podia fazer e as coisas que estava aprendendo, mas então seu ciúme e frustração voltaram. Ele virou-se para Erastis. – Ela ganha uma *espada de sangue*? Por que eu não ganho uma espada de sangue? Ou qualquer coisa! Uma… caneta de sangue!

De repente, a Segunda estava em movimento, toda feita de curvas e graça violenta, e o golpeou com tanta força no peito que ele cambaleou para trás e caiu na cadeira que ela de alguma forma puxara de baixo da mesa. Lon desabou, atordoado.

Ela era rápida demais.

Ela o havia *tocado*.

Ele podia sentir a marca de sua mão como uma queimadura latejando em sua clavícula.

– Este é seu *Mestre* – a Segunda o repreendeu. – Você não fala com ele assim.

Erastis riu.

– Ah, ele faz isso o tempo todo. Não deixo que me aborreça. Fiquei sem

Aprendiz por décadas. Eu não o teria escolhido se não valesse a pena.

Ela fez um ruído de nojo no fundo da garganta.

– Ei! – Lon olhou para ela e esfregou o peito onde fora atingido.

O olhar da Segunda cruzou com o dele. Era estranho. Quando criança, ele ganhara a vida com sua habilidade de ler as pessoas. Mas não sabia dizer o que ela estava sentindo naquele momento. Irritação? Desprezo? Provavelmente. Era assim que ela sempre olhava para ele. Mas quando a Segunda fechou os dedos, Lon se perguntou se ela sentia a mesma pulsação quente na palma da mão que ele sentia no peito.

Lon afastou os olhos.

– Eu *valho* a pena – declarou ele, ficando de pé. – Vou lhe mostrar.

Sem esperar que ela respondesse, olhou para o crânio e piscou. O mundo Iluminado explodiu a sua frente, uma teia brilhante interconectada.

Havia a linha fina de uma fratura no maxilar inferior. Ele a acompanhou de volta através dos fios reluzentes da vida do velho Bibliotecário.

– Morgun era Aprendiz, estava caminhando pelo corredor quando o Aprendiz Soldado saltou em suas costas.

Ao lado dele, a Segunda acrescentou:

– Morgun caiu para a frente e quebrou a mandíbula na balaustrada. Uma estupidez. Soldados não têm controle.

Ela também devia estar lendo o crânio, tão rápida para aceitar um desafio quanto ele. Lon olhou para ela e seu coração se partiu.

No mundo Iluminado, ela era *radiante*. Como um cometa. Como devastação e solidão. Era fogo e calor calcinante, flamejando desafiadoramente em meio à escuridão.

– São duas de três – disse Erastis, que parecia estar se divertindo. – Vocês têm mais uma.

Lon procurou outra marca, outra referência, mas não encontrou nada. Caminhou até o crânio e o girou na mão, espiando suas fendas escurecidas.

Foi então que as viu: protuberâncias bem no fundo do osso temporal, onde deveria estar o canal auditivo. Ele nunca as teria visto apenas com os olhos, mas na teia de luz podia espiar além do osso, nos vazios do crânio. Ele riu.

– Você viu – disse Erastis.

– Ele era surdo! – exultou Lon. – Morgun era surdo. Essas saliências nos ossos fecharam seus canais auditivos quando ele era criança.

Ele piscou e a luz desapareceu do mundo.

– Viu? – Ele sorriu para a Segunda, de queixo empinado.

Mas a Segunda franziu o cenho e sacudiu a cabeça. Suas pupilas eram pequenos pontos, mal visíveis nos olhos castanho-escuros. Ela ainda devia estar usando o Olhar.

– Onde? – perguntou ela, toda a irritação com ele desaparecida.

Em outro momento, ele teria se gabado, mas não agora. Não com ela.

Lon deu o crânio a ela, sentindo as palmas abertas das mãos dela roçarem as costas das suas, e apontou para a cavidade no osso temporal.

– Aqui.

Os olhos dela se arregalaram, e ele soube que ela estava vendo Morgun quando criança, com as mãos nos ouvidos e chorando de dor. Estava vendo um médico tocar um diapasão e levá-lo até os lados da cabeça de Morgun. Estava vendo Morgun esfregar as orelhas, tentando ouvir algum sussurro, e lentamente se acostumando com uma vida em silêncio.

A Segunda tornou a piscar e suas pupilas retornaram ao normal.

– Como você soube que isso estava aí? – ela perguntou.

– Ele tem um bom professor – disse Erastis, devolvendo seus óculos ao rosto.

Lon riu. A Segunda o estava observando, com a boca se erguendo levemente nos cantos. Um sorriso. Durante o ano em que a conhecia, ele nunca a vira sorrir. Era uma coisa mágica. Quando percebeu que ele estava olhando para ela, o sorriso dela se abriu.

E dessa vez ele não desviou os olhos.

Capítulo 11



A página dobrada

Tanin alimentou folha após folha na fogueira do acampamento, onde elas se curvavam para dentro como línguas flamejantes antes de murchar e se transformar em cinzas. Em torno dela, na fumaça, os rastreadores riam e contavam histórias obscenas que teriam feito uma mulher de menor envergadura corar de vergonha. Tanin, entretanto, sorria tolerantemente de suas piadas – ela gostava de se considerar acima de emoções triviais como vergonha. Outra noite, talvez ela até tivesse se juntado a eles; afinal de contas, podia contar uma história suja tão bem quanto eles.

Mas naquela noite, ela não estava no clima para isso.

Tanin passou o dedo pelas folhas na beira da fogueira, traçando as letras ali arrumadas:

É UM LIVRO

Ela franziu o cenho. Eles tinham levado três meses para descobrir que a garota existia, e mais dois para saber que ela ainda estava em Oxscini, mas agora estavam perto. Perto o suficiente para Tanin abandonar o que estava fazendo e se juntar à Assassina nas selvas úmidas do Reino da Floresta. Perto o suficiente para quase sentir a atração do Livro como a atração de um ímã sobre limalha de ferro.

Eles alcançariam a garota em três dias.

Ela pegou uma folha com profundos veios roxos e a girou entre os dedos. Àquela altura, a garota devia ter escrito a frase centenas de vezes. Conforme Tanin e os rastreadores reduziam a distância entre eles, as palavras se tornavam

cada vez mais óbvias – entalhadas em troncos, rabiscadas em pedras com carvão –, como se a garota estivesse deliberadamente deixando uma trilha para eles seguirem.

Para os rastreadores, as palavras significavam tanto quanto excrementos e gravetos quebrados, sinais da passagem dela e nada mais, e Tanin mantinha as coisas assim, eliminando cada letra que eles encontravam.

E se a curiosidade de um rastreador superasse sua discrição, ela o eliminava também.

Mais do que qualquer outra coisa, a imprudência da garota a incomodava. Se os pais dela a haviam ensinado a escrever, deviam tê-la ensinado a ser mais cuidadosa. Deviam ter ensinado que palavras eram perigosas. Que, se caíssem nas mãos erradas, isso poderia resultar na ruína de um plano que levara gerações para ser posto em ação.

Recolheu as folhas restantes e as jogou na fogueira, onde pegaram fogo e flutuaram para o alto como páginas negras queimando. Ela se recostou e observou as folhas se apagarem na vegetação baixa.

Ao lado dela, a Assassina olhava para os rastreadores, a escuridão da floresta se erguendo atrás dela. Como sua Mestra, que tinha sido chamada para uma missão na capital oxsciniana, ela se vestia inteiramente de preto, e, por baixo do capuz, seus olhos azul-claros corriam de um homem para outro à medida que suas piadas ficavam cada vez mais vulgares.

Um homem robusto chamado Erryl a cutucou com o cotovelo, piscou sedutoramente para ela e estendeu um cantil.

– Ei, você está quieta demais. Por que não relaxa?

O olhar azul-pálido da Assassina passou uma vez por suas mãos e seu rosto antes de piscar e tornar a se afastar.

Erryl riu. Seu rosto oleoso reluzia à luz da fogueira.

– Vamos, beba. Você está fazendo a gente ficar mal.

Hesitantemente, a Assassina pegou a garrafa e a levou aos lábios. Um segundo depois, ela a afastou outra vez, tossindo. Quando os rastreadores riram, sua pele cor de mingau corou de vergonha. Ela pareceu encolher nas sombras.

Erryl pegou o cantil de suas mãos, rindo.

Tanin estreitou os olhos prateados na direção dele, em alerta, mas ele estava bêbado demais para perceber.

– Você sempre pode julgar uma mulher pelo modo como ela bebe aguardente – gargalhou ele. – Se ela engole ou…

– Você sempre pode julgar um homem por sua conversa. –

As palavras de Tanin foram tão precisas quanto uma lâmina cortando a pele. – Quanto mais tem a dizer, menos ele sabe.

Os outros riram enquanto Erryl balbuciava.

– Na verdade, a julgar pelo quanto você fala, eu diria que sabe muito pouco sobre qualquer coisa – a voz dela tornou a atingi-lo. – Acho melhor ficar de boca calada pelo tempo em que estiver conosco. Talvez aprenda alguma coisa.

– Eu só estava tentando me divertir um pouco…

– À custa de minha tenente? – Tanin deu um riso frio. – Permita-
-me deixar algo profundamente claro: você é dispensável. Ela não é. Por isso, vai tratá-la com respeito e deferência ao ponto da adulação. Se não o fizer, ela tem toda minha permissão para desmembrá-lo o mais rápido ou lentamente que quiser.

O homem ficou branco; seus olhos injetados voaram para a espada da Assassina. A bainha negra era incrustada com detalhes intrincados – meros desenhos para os não iniciados, mas leitoras como Tanin e a Assassina podiam perceber centenas de pequenas palavras gravadas à mão no couro: feitiços de proteção para a portadora, maldições contra seus inimigos. Como se reagindo ao medo do homem, um cheiro penetrante de cobre saiu da bainha e impregnou o ar.

Tanin se ergueu, limpando as mãos.

– Com isso, cavalheiros, eu lhes dou boa-noite.

Ela afastou do rosto o cabelo negro, que começava a ficar grisalho, e deixou o círculo em torno da fogueira. Atrás dela, os rastreadores começaram a falar outra vez, suas vozes suavizadas, e quando entrou nas sombras, ela se virou uma vez para a Assassina, que lhe deu um sorriso.

A escuridão pendia do dossel como cortinas negras, e enquanto os olhos de Tanin se ajustavam, ela seguiu um caminho em meio a raízes espalhadas e troncos em decomposição até chegar a uma clareira.

Sob a luz das estrelas, ela puxou uma página dobrada do colete. O papel era velho e amassado, não mais rígido, mas maleável como tecido. A escrita era corrida e apertada, as margens transbordando de perguntas e anotações feitas apressadamente, mas ela podia ter recitado cada frase e situado cada sinal de pontuação com os olhos fechados.

A cópia de uma cópia. A maior parte do Fragmento original tinha sido destruída pelo fogo – as páginas queimaram e se desfizeram em cinzas, todas as suas palavras transformadas em pó. Ela ordenara que o que havia sobrado fosse trancado em segurança no cofre, mas não antes de copiar aquela única página.

Estava frustrantemente incompleta – parágrafos chamuscados nas bordas, palavras inteiras apagadas pelo fogo – e ao longo dos anos suas anotações tinham submergido o texto original em conjecturas e frases incompletas até que ele se tornara ilegível para qualquer um exceto ela mesma.

De repente, ela ergueu os olhos. As estrelas tinham mudado de posição no céu. Ela devia estar ali estudando a página por horas.

– Não sei por que você deixou que eles a irritassem – disse ela para a escuridão.

A Assassina se adiantou, materializando-se da linha das árvores como que de pleno ar.

– É fácil pra você falar. Eles gostam de você.

Tanin sorriu quando o cheiro adocicado de cobre pairou ao seu redor. Ela aprendera um ou dois truques com os Assassinos ao longo dos anos, mas nunca tinha sido capaz de desaparecer nas sombras como eles conseguiam.

Não fazia diferença. Ela não tinha interesse em ficar invisível.

– Eles me temem – disse ela. – Como deviam temer você.

– Eles me temem, *sim*. – A Assassina mexeu no punho puído de sua camisa.

– Se a temessem, iriam respeitá-la. – Tanin sentou em um tronco coberto de musgo, dando um tapinha na madeira úmida ao seu lado. – E eu não teria de intervir para defendê-la.

– Você não precisava ter feito isso – murmurou a Assassina, juntando-se a ela.

– Claro que precisava.

Embora os votos de sua ordem a proibissem de ter sua própria família, Tanin ainda se lembrava de irmãs mais novas, em sua vida anterior à iniciação: esquisitas, impopulares, teimosas, como versões menos bonitas de suas irmãs mais velhas, a quem elas seguiam como cachorrinhos. Mas as amava – não amava? – por sua coragem, sua lealdade e porque elas eram sua família.

Embora Tanin não tivesse parentesco de sangue com ela, a Assassina *era* família.

Tanin olhou para o papel, como se as palavras pudessem ter se rearrumado quando ela não estava olhando. Mas não tinham, e ela enfiou a página dobrada outra vez no colete. Ela nunca conseguira descobrir detalhes específicos, mas uma coisa que sempre soubera era que iria recuperar o Livro.

E agora sabia quando.

Em três dias.

A Assassina encostou a cabeça no ombro de Tanin.

– De qualquer modo – disse ela –, obrigada.

Tanin apertou o rosto contra o topo da cabeça da Assassina, seus sentidos se enchendo de cobre. Ela fechou os olhos, suspirando.

– Sempre que precisar.

FUNDO.

Capítulo 12



O garoto na cabana

Sefia e Arqueiro tinham chegado às florestas nebulosas das Montanhas Kambali, a última serra antes de a terra inclinar-se pronunciadamente na direção da costa norte de Oxscini. Nas selvas alpinas, lagos e rios atraíam bandos de veados e os grandes felinos que os caçavam, resultando em caça abundante. Três verões antes, ela tinha ido até ali com Nin para comercializar com famílias de caçadores de peles que viviam nas cabanas que pontilhavam as montanhas. Por ter vivido uma vida solitária, Sefia não soubera o que fazer com outras crianças, então enquanto elas jogavam nau dos insensatos e apostavam kispes de cobre, ela roubou suas quinquilharias mais valiosas...

Um galho quebrou na mata – algo grande, pelo som – e Sefia e Arqueiro saíram correndo da trilha, agachando-se em meio a algumas folhas em forma de pá.

Vozes chegaram do fim da trilha até eles.

– Esse é o problema da emaciação. A floresta inteira ficou repleta de carcaças naquele ano, simplesmente apodrecendo. Nós não podíamos fazer nada com elas. Sua carne e seu couro eram inúteis.

– O que você fez?

Duas pessoas surgiram de uma curva na trilha. O garoto era um adolescente, um pouco mais jovem que Arqueiro, mas não muito, com olhos castanho-escuros e mãos pequenas. O homem era alto e magro, com rosto redondo e rugas de riso nos olhos. Ele carregava uma carcaça de veado nos ombros, suas pernas estendidas de modo estranho, a cabeça pendurada, e embaixo do braço havia um rifle de caça. Ele e o garoto usavam chapéus de aba curta combinando.

– Seu avô costumava dizer: “Vamos nos sair melhor amanhã”.

– E você se saía melhor?

O homem riu.

– Às vezes sim, às vezes não. Era uma época difícil. Aí ele dizia a mesma coisa: “Vamos nos sair melhor amanhã”. Por alguma razão, eu sempre acreditei nele.

Eles passaram por Sefia e Arqueiro, escondidos na vegetação rasteira, e continuaram pela trilha rumo ao norte. Suas vozes foram ficando cada vez mais baixas na floresta.

– Por quê, se você sabia que não era verdade? – perguntou o garoto.

– Não é questão de se sair melhor, é? – respondeu o pai. – É questão de fazer o melhor possível e acreditar que pode continuar melhorando.

Suas vozes sumiram quando fizeram a curva na trilha e desapareceram em meio às trepadeiras frágeis e às samambaias verdes. Eles deviam estar indo para casa.

Enquanto esperava que pai e filho ganhassem alguma distância deles, Sefia remexeu no chão com a ponta dos dedos, tocando gravetos e folhas marrons. Alguma coisa no garoto a perturbou – talvez as mãos pequenas ou a forma como inclinava a cabeça quando estava escutando as histórias do pai – e ela olhou para Arqueiro outra vez, mas ele estava observando os dedos dela saltarem e dançarem na camada orgânica que cobria o solo, e não pareceu nem um pouco perturbado por ver o garoto e o pai, por isso ela não disse nada.

Enquanto a tarde se estendia na direção do anoitecer, Sefia e Arqueiro chegaram ao alto de uma colina que dava para um pequeno lago redondo. A água estava verde com vida vegetal, e as árvores pendiam sobre sua superfície vítrea. Do pico de rocha retorcida, eles podiam ver a quilômetros.

Sentaram em algumas pedras, com as pernas penduradas na beira, e dividiram alguns goles do cantil enquanto o sol caía mais perto do topo das montanhas e as nuvens iam de branco a rosa. Uma luz laranja piscou e ganhou vida na extremidade norte do lago. O acampamento de Machada. Sefia estreitou os olhos.

A leste, alguns quilômetros montanha abaixo, uma coluna de fumaça erguia-se do dossel. Arqueiro apontou para ela e inclinou a cabeça, tocando a têmpora com os dedos da outra mão.

– Provavelmente aquele pai e filho que nós vimos hoje mais cedo – disse

Sefia.

Arqueiro concordou com a cabeça. A luz se refletiu em seus olhos, deixando-os quentes e dourados. Um leve sorriso passou por seu rosto.

Conforme as sombras se alongavam sobre a água, Sefia deu um suspiro e se ergueu levando a mochila aos ombros outra vez.

– Vamos. Precisamos encontrar um lugar para acampar.

Arqueiro lhe deu um tapinha no braço.

– O que é?

Ela apertou os olhos e captou o movimento de formas entrando e saindo das árvores – figuras escondidas junto da margem do lago. Enfiou a mão na mochila e sacou a velha luneta de Nin.

– Abaixe-se.

Eles deitaram de bruços no chão.

Sefia se apoiou nos cotovelos e espiou outra vez o lago, levando a luneta ao olho. Havia seis pessoas seguindo para leste pela floresta. Sua respiração acelerou. Ela reconheceu o andar pesado. Cinco levavam rifles, mas o último carregava uma tenaz com extremidades que formavam um círculo negro na ponta.

– Homens de Machada – murmurou ela, passando a luneta para Arqueiro. – Aonde estão indo? – Ela examinou o topo das árvores. – Estão caçando?

De repente, Arqueiro largou a luneta e rastejou para trás. Suas mãos se afundaram no chão, puxando raízes e punhados de terra.

– Qual o problema?

Ele recuou até uma árvore. O branco de seus olhos brilhava sob a luz mortiça.

Sefia tornou a examinar o vale.

– O que você viu?

Arqueiro ergueu as mãos trêmulas e pôs os dedos na base do pescoço, onde começava a cicatriz, então os passou em torno dele como garras.

A tenaz.

Grande o suficiente para envolver a garganta de um garoto. Quente o suficiente para queimá-lo.

– O garoto – murmurou Sefia.

Ela saltou de pé e examinou o vale. A cabana ficava a três quilômetros do acampamento de Machada no lago, mas a quase cinco da montanha. Eles teriam de correr.

Sefia pegou a luneta, pôs a mochila nos ombros e voltou para o lado de Arqueiro. Ele não tinha se mexido.

– Levante-se – disse ela. – Nós vamos alertá-los.

Ele ainda não conseguia se levantar. Estava apertado com tanta força contra a árvore que sua casca áspera lhe rasgou a camisa e a pele por baixo.

Sefia se ajoelhou ao lado dele e pôs a mão em seu ombro. Era a primeira vez que o tocava desde que limpara suas feridas duas semanas antes, e a camisa dele estava molhada de suor, a pele quente sob a palma de sua mão. Ela ergueu a outra mão. Deliberadamente, assegurando-se de que ele visse, ela cruzou os dedos médio e indicador.

Um sinal.

O sinal *deles*.

– Você nunca mais vai ter de fazer isso outra vez – disse ela, encarando-o.

Arqueiro a observou de olhos arregalados.

Ela estava *com* ele.

– Eu prometo.

Ele estremeceu mais uma vez, então se acalmou. Sua boca se fechou e ele se levantou.

Então eles estavam correndo. O céu tinha se transformado em fogo, enfumaçado e laranja. Na escuridão, as árvores assomavam próximas e ameaçadoras. Morcegos adejavam através do dossel, e as aves noturnas gritavam.

Eles correram. Deslizaram pela encosta escorregadia e saltaram trilhas íngremes em zigue-zague que se retorciam em meio à floresta. O cume das montanhas desapareceu na escuridão atrás deles enquanto o terreno se aplainava.

Ao longo da trilha, a lua se erguia redonda e pálida através das folhas. As árvores emitiam um brilho prateado onde a luz as atingia, e o chão estava azul como água.

Eles continuaram correndo. Suas pernas queimavam. Os pés latejavam. Eles correram mais rápido. Os braços em movimento para a frente e para trás, os pés tomando impulso no chão. Seus pulmões doíam.

Em um entroncamento, eles pegaram a trilha para o leste – na esperança de que fosse a certa; sabendo que não teriam uma segunda chance se estivessem errados. Sombras varriam seus braços e cabelo. Eles corriam tão depressa que pareciam prestes a explodir. Até o ar que inspiravam queimava no peito.

Finalmente, eles irromperam em uma clareira com uma cabana no centro, cercada de suportes de secagem e varais que formavam estranhas teias de aranha no quintal, onde o brilho que vinha das janelas tocava a ponta das ferramentas e os couros esticados. Um par de chifres adornava o cume do telhado, e uma

coluna de fumaça se erguia da chaminé como uma torre de sinalização. Sefia e Arqueiro caminharam trôpegos até a porta, vergados de cansaço, a respiração saindo com dificuldade de seus pulmões exaustos.

Sefia bateu. O som oco dos nós de seus dedos na madeira ecoou na clareira, mas a cabana estava em silêncio. Ela bateu outra vez.

Houve um ruído no interior, como se puxassem uma cadeira pelo chão, seguido por passos arrastados. As cortinas se remexeram na janela.

– Quem está aí? – perguntou uma mulher, sua voz soava rude e desconfiada.

– Abram a porta. – As palavras fluíram de Sefia como água. – Vocês todos estão em perigo.

O trinco emitiu um estalido, e a porta se entreabriu. Uma mulher usando uma calça de cintura alta e suspensórios estava parada na soleira. Ela segurava um rifle, o dedo descansando perto do gatilho. Tinha mãos pequenas e delicadas, como as do garoto.

Atrás dela, um fogão a lenha crepitava alegremente, e Sefia pôde ver o canto de uma mesa de jantar posta com pratos, copos e uma panela fumegante de guisado, mas não havia mais ninguém à vista.

– Que tipo de perigo? – perguntou a mulher. A ponta do rifle se ergueu alguns centímetros.

Sefia afastou o cabelo do rosto com impaciência. Sua mão voltou molhada de suor.

– Impressores – retrucou ela.

A mulher cambaleou para trás quando a porta foi escancarada. O homem de rosto redondo que eles tinham visto mais cedo estava ali parado, emoldurado pela porta. Ele apertou os olhos para eles, aprofundando suas rugas.

– Impressores? – O tom de sua voz era profundo e estava cheio de perguntas.

– Só uma história – disse a mulher.

– Não. – Sefia apontou para a garganta de Arqueiro. – Real.

O garoto surgiu atrás dos pais.

– Olhe o pescoço dele, mãe.

Arqueiro tocou delicadamente a extremidade da cicatriz com a ponta dos dedos.

– Venha até a luz, garoto – disse a mulher.

Sefia prendeu a respiração enquanto Arqueiro dava um passo à frente. Ele ergueu o queixo, de modo que a luz do fogo alcançou suas cicatrizes. Instintivamente, a mulher ergueu o rifle. O homem praguejou.

O filho empalideceu. Sefia podia ler os pensamentos em seu rosto tão

claramente como se ali estivesse escrito: *Esse podia ser eu.* Ela o encarou. Ele era muito pequeno. Nervoso. Delicado. Não ia sobreviver um dia se seus lugares fossem trocados, se ela tivesse uma boa cabana confortável e dois pais amorosos e ele tivesse que se defender na floresta. Por um segundo, ela o odiou.

Arqueiro olhou fixamente para o garoto e estendeu as mãos espalmadas para cima. A pálpebra do garoto deu um espasmo.

– Ele quer ajudar você – disse Sefia.

– Ajudá-lo como? – perguntou a mulher. Ela ainda não tinha baixado a arma.

– As pessoas que fizeram isso com ele estão vindo *para cá*. Agora mesmo. Eles vão matá-los e levar seu filho, a menos que vocês fujam.

O homem tirou outro rifle de trás da porta.

– Esta cabana é da minha família há gerações – disse ele.

– Seis impressores estão vindo atrás de vocês – retrucou Sefia. – Não vai lhe restar nenhuma família se ficarem aqui.

– E se partirmos, quem garante que não vamos ser roubados? –

A mulher olhou para ela de cima a baixo: a mochila nas costas, o rosto sujo e suado, o cabelo preto despenteado.

Por um momento, Sefia ficou sem fala. Sentiu como se tivesse levado um tapa. Arqueiro continuava a fazer o mesmo gesto, cada vez com mais urgência, mas ninguém se mexeu.

Então o garoto deu um tapinha no ombro do pai.

– Pai…

O homem o ignorou.

– Mesmo que eles venham, não temos medo de derramar um pouco de sangue.

Sefia reencontrou a voz.

– Não vai ser *um pouco* de sangue. Vai ser o seu, o dela, e o dele. –

Ela apontou para todos eles, um de cada vez, o dedo aterrissando por fim no adolescente, que olhava para ela boquiaberto. – É isso o que vocês querem?

Ela olhou para trás, para a mata prateada. Quanto tempo eles tinham perdido ali discutindo?

Lentamente – muito lentamente – a mulher baixou o rifle.

– A quanto tempo eles estão daqui?

Alívio se espalhou por Sefia como tinta na água.

– Vão chegar aqui a qualquer segundo.

O homem e a mulher se entreolharam. Sefia quase conseguia ver a conversa passando entre eles como flechas.

A que distância conseguiriam chegar se corressem?

O que deviam levar?

Eles confiavam na garota?

O garoto examinava Arqueiro, avaliando o tamanho de seus braços, a disposição de seus dentes, a cicatriz em seu pescoço. Arqueiro passou os dedos pelo cabo de sua faca de caça e virou um ouvido para a floresta.

A lua estava mais alta. Sefia remexia nas alças da mochila.

Os homens de Machada estavam se aproximando. Eles chegariam em breve.

Por fim, o homem e a mulher começaram a abrir guarda-roupas e a apanhar casacos. Toda a família estava alvoroçada e em movimento, pegando agasalhos, armas e cartuchos.

– Temos um abrigo de caça nas montanhas. Difícil de encontrar. – A mulher enfiou um revólver na cintura da calça. – O que vocês dois vão fazer? – Não havia convite em sua voz.

Sefia não esperava que eles os levassem junto. Ela não teria ido mesmo que eles tivessem convidado. Mas veneno surgiu em suas palavras mesmo assim.

– Salvar sua família. Depois fugir também.

A mulher olhou para eles com pena, mas não disse mais nada.

O homem foi o último a sair da cabana. Ele trancou a porta às suas costas e pôs um pacote embalado em couro nas mãos de Sefia.

– Minhas facas – disse em voz baixa, para que a mulher não escutasse. – Bom equilíbrio. Boas para atirar.

Sefia assentiu com a cabeça.

Ele deu um puxão de leve na viseira estreita de seu chapéu, de modo que apenas a parte inferior do rosto ficou visível, como uma lua crescente, então se virou.

Enquanto ela o seguia para trás da cabana, sentiu saudade do pai. Ele teria levado dois garotos perdidos para um lugar seguro. Ela sacudiu a cabeça, pensando em sua casa, seus quartos secretos, sua localização isolada no alto da colina, o modo como eles nunca tinham companhia. *Meu pai teria nos levado, não teria…?*

Atrás da cabana, a mulher já estava entrando na floresta, mas o garoto parou. Ele esperou por Sefia e Arqueiro, tamborilando nervosamente na coronha do rifle.

– Clovis – chiou a mulher, das sombras.

O garoto pegou a mão de Arqueiro, que estava tão ansioso que quase puxou o braço, mas o garotinho insistiu, seus dedos pequenos se apertando sobre os do

outro. Ele tentou dar um sorriso, mas saiu como uma careta.

– Obrigado.

Arqueiro engoliu em seco, fazendo sua cicatriz se elevar sobre o movimento da garganta.

O garoto soltou a mão dele e seguiu a mãe para dentro da floresta. O homem foi por último, e não olhou para trás quando se fundiu às sombras.

Arqueiro fechou os dedos sobre a palma da mão onde o garoto o tocara. Sua boca se retorceu.

Sefia entregou a ele o embrulho com as facas.

– Nós fizemos uma coisa boa – disse ela.

Ela falava sério, mas também se sentia com raiva e vazia por dentro, com um zunido quente como de abelhas. Ninguém alertara Arqueiro. Ninguém a alertara.

Vozes na trilha a arrancaram de sua raiva. Ela e Arqueiro se abaixaram. O quintal estava iluminado com a luz da cabana. Você podia ver tudo. Eles se esconderam atrás de uma pilha de madeira na extremidade mais distante da clareira e respiraram em silêncio.

Ela puxou seu braço e apontou para a mata. Eles ainda podiam escapar.

Arqueiro a ignorou. Ele já estava sacando as facas, testando seu peso. O luar se refletiu nos cabos de osso polido.

Talvez ele não tivesse entendido. Ela tornou a puxar seu braço, mas ele se soltou dela. Suas mãos moveram-se rapidamente através de uma série de sinais: o toque no pescoço que ele fizera no monte; seu sinal para caça; três dedos para a família. Ele ia lutar. Ele ia dar à família tempo para fugir.

Sefia ia protestar quando os homens de Machada chegaram à clareira.

Houve um estrondo repentino e a porta da cabana foi arrombada. Botas soaram nas tábuas do piso como tambores.

– Não tem ninguém aqui! – Alguns segundos depois: – A comida ainda está quente. Eles não podem ter saído há muito tempo.

Outra voz respondeu, grave e profunda. Sefia se lembrava daquela voz. Ela pertencia a Barbarruiva, o que amava violência, o que carregava a tenaz.

– Verifiquem a mata – rosnou.

Sombras se moveram pelo chão quando duas figuras surgiram na lateral da cabana. Eles levavam rifles.

Arqueiro olhou para ela outra vez. Seus olhos pareciam ter um brilho assustador no escuro, como os de um animal. Ele apontou para o interior da floresta, na direção oposta da clareira, e não precisou de palavras para comunicar o que queria dizer.

Esconda-se.

Sefia se arrastou para dentro da floresta, e terra voou debaixo das mãos e dos pés. Ela encontrou um pequeno oco em um tronco e se espremeu em seu interior. Pedaços podres de madeira se desfizeram ao redor de suas orelhas e ombros, entrando na gola de sua camisa. Aranhas ou besouros rastejaram por sua pele. Ela tinha quase entrado quando ouviu o primeiro grito, interrompido no fim. A voz veio da sua esquerda, mais perto da clareira.

Ela ouviu atentamente na escuridão.

– O que foi isso?

Um xingamento abafado.

– É Landin. A garganta dele foi cortada.

Ela tentou acalmar a respiração. Os segundos se estenderam em minutos. Ouviu o farfalhar de tecido e o rangido baixo de couro. Alguém puxou o cão de um revólver para trás. Ela se xingou por ter escolhido um esconderijo com visibilidade tão ruim. Só podia imaginar o que estava acontecendo.

Onde estava Arqueiro?

As pernas dela começavam a ficar com câimbra, implorando para serem movidas. Sefia trocou de posição o mais silenciosamente possível, mas seu arco e sua aljava roçaram o interior do tronco. Ela se encolheu quando o tronco se desfez ao seu redor, soando como uma avalanche para seus sentidos ampliados.

Ela esperou um momento. Tinha seu arco.

Saiu do tronco e tirou o arco e a aljava da mochila. Aguçou os ouvidos, atenta a qualquer mudança ao seu redor, mas as árvores próximas estavam em silêncio; suas folhas prateadas, imóveis.

Posicionando uma flecha no arco, ela espiou por cima do toco. O brilho laranja da clareira destacava a silhueta de um homem na beira do quintal, revistando as árvores com um rifle no ombro. Depois de alguns segundos, ele deu as costas para ela e começou a percorrer o perímetro da clareira.

Quando teve certeza de que ele não estava olhando, Sefia avançou em silêncio, mantendo-se abaixada, como faria se estivesse caçando. Cerrou os dentes. Ela *estava* caçando.

Em silêncio, seguiu adiante, parando fora do anel de luz. O homem estava dando a volta nos suportes de secagem de madeira do lado oposto da clareira. Quando Sefia ergueu o arco, ela o reconheceu: era o Caolho, que construíra uma maca para os amigos mortos e os levara para a floresta para serem queimados. Se ela soltasse a flecha agora, ela o atingiria. Tinha acertado aves a distâncias maiores que aquela. Mas ela hesitou. A corda cortava seus dedos.

Vá em frente, disse a si mesma. Ele era um impressor. Ele merecia, pelo que tinha feito com Arqueiro.

Você não pode falhar outra vez.

Os dedos dela tremeram. De outro lado da clareira, Caolho deu a volta até a frente da cabana e desapareceu.

Uma mão pesada desceu em seu ombro e a puxou para trás.

Seu corpo deixou o chão e desabou na clareira. O impacto derrubou o arco e flecha de suas mãos. Sua cabeça girou. Ela tentou se sentar.

Um homem grande e forte estava parado acima dela; ele era tão grande que o revólver em sua mão parecia um brinquedo. Ao notar as flechas com penas vermelhas, ele sorriu, esticando a cicatriz retorcida em seu lábio inferior. Ela o reconheceu da primeira noite – o homem que tivera de remover os restos da refeição dos impressores.

– Então foi você que causou todo esse problema. – A voz dele era quente e seca como brasas, mas lhe provocou um calafrio.

Um tiro ecoou do outro lado da cabana. Nenhum grito. Ela virou, tentando ver o que tinha acontecido. Não parava de visualizar Arqueiro jogado no chão. Arqueiro imóvel. Arqueiro morto. Ela olhou fixamente para o impressor a sua frente.

– É – disse com raiva. – Sou *eu*.

O homem engatilhou o revólver.

Um olho negro e redondo e o luar em um cano de prata.

Um sorriso distorcido por uma cicatriz.

Sefia inspirou uma última vez. O som foi sugado da clareira. Ela nem ouviu a terra se espalhar embaixo dela enquanto rastejava para trás.

Ela piscou.

Então sua visão tomou conta.

Os lábios do homem se afastaram, e sua boca, seu queixo, as veias em seu pescoço, as juntas dos ossos, o ombro, o braço e o pulso, todos se transformaram em luz. Faixas de luz inundaram o corpo dele, girando em torno de seu tronco e cruzando seus membros, descendo em espiral por suas pernas e sobre as botas.

Ele puxou o gatilho, mas não foi uma bala que saiu na direção dela. Foi um facho de luz.

Ela tinha visto a luz antes, mas nunca daquele jeito. Fios irradiavam a partir do corpo dele, torcendo e se entrelaçando sem parar, de um lado para outro, rodopiando ao redor daquele momento.

O mundo girava.

Nas espirais de luz ela o viu cair. Apenas uma criança, ele perdeu o equilíbrio no cais escorregadio. Seu rosto se abriu na borda cheia de farpas. Foi assim que ganhou a cicatriz.

As correntes mudaram, e ela viu o nascimento dele. A mãe fora uma mulher de cabelos cacheados com uma verruga no lado do pescoço, e ela o chamara de Palo, como o pai dela. Palo Kanta. Esse era o nome dele. Ela viu as irmãs e meios-irmãos dele e os gatos velhos e maltrapilhos que ele resgatava das ruas, as brigas, o sangue, o cheiro de esgoto, a primeira vez que ele segurou uma arma, seu primeiro assassinato, as mulheres que tinha amado ou achado que amara, mas que na verdade só queria possuir. Ela viu um pesadelo recorrente no qual ele tentava correr de uma maré ascendente, mas, por mais
rápido que corresse, por mais forte que movesse os braços, ela pegava seus pés e seu corpo, e sempre o engolia.

Ela foi tomada por náusea e engasgou em seco. Viu a morte dele: esfaqueado diante de um bar, depois da meia-noite, sem testemunhas.

Ela pôde ver todas as maneiras interconectadas pelas quais a vida dele era enredada, e como o levaram até ali – a sua própria morte. Ela pôde senti-la chegar, a coisa toda: a lua e a trilha de fumaça levando ao céu, a bala correndo em sua direção, a luz fluindo atrás dela como ondas. A bala iria perfurá-la. Os cordames de sua vida iam arrebentar.

Ela não queria morrer. Restavam-lhe muitas perguntas a responder. De repente, ela foi tomada por uma raiva quente e penetrante. Ela odiava esse homem com a cicatriz na boca, esse homem que a estava impedindo de fazer o que ela jurara fazer.

Sefia se concentrou. Botou toda a força nas pernas e saltou, passando as mãos pelos fachos de luz. Sentiu seus músculos queimarem, os ossos cederem sob a pressão. Mas as marés mudaram. Uma onda de ouro afastou-se dela ruidosamente, com uma crista cintilante.

Aquilo não era mais sua morte.

Talvez tivesse havido um trovão. Ou era o som da bala explodindo da câmara… atrasado?

O homem se rasgou.

Seus fios arrebentaram.

Produzindo fragmentos.

O som voltou para o mundo abruptamente.

Ela olhou para o braço, esperando ver carne rompida e ossos quebrados, mas ele estava ileso. O mundo girava, remoinhando cada vez mais apertado em torno

de seu crânio. Ela procurou loucamente o homem com a arma, mas ele não estava ali. Estava no chão, arquejante. Com um buraco no peito.

Agora, era apenas um homem, não mais cheio de luz. A luz vazava dele, ficando cada vez mais fraca. A cicatriz em sua boca não parecia mais ameaçadora. Seu rosto estava distorcido, sim, mas triste, como o reflexo em um espelho rachado.

Ele olhou para ela, mas não falou. Talvez não pudesse. Talvez suas palavras estivessem vazando dele também. Ele olhou para ela… e então não estava mais olhando para ela. Não estava mais olhando para nada.

Sefia caiu de joelhos e apertou as mãos em seu ferimento. O sangue dele era escorregadio e morno entre seus dedos. As mãos dela ficaram vermelhas.

Era isso que significava matar alguém.

Ela ergueu os olhos e viu Arqueiro parado no canto da cabana, olhando fixamente para ela.

Ela olhou para baixo outra vez. O mundo tinha ficado molhado e turvo. Ela estava chorando?

Palo Kanta. Esse tinha sido seu nome.

Então Arqueiro chegou ao seu lado e a ergueu. Ele tomou suas mãos sem pestanejar e as segurou nas dele. Encostou a testa na dela, em silêncio.

Ela tentou se afastar.

– Onde estão os outros?

Ele a puxou de volta para si e sacudiu a cabeça. Ergueu três dedos e apontou para o nordeste, na direção do acampamento de Machada.

Só metade dos impressores tinha sobrevivido ao encontro. Arqueiro devia ter matado dois deles.

– Eles fugiram?

Ele balançou a cabeça afirmativamente.

– Por minha causa?

Ele tornou a assentir.

Enquanto ele a conduzia até a cabana, ela tentou explicar.

O homem tinha atirado nela. A bala saíra em sua direção. E ela não sabia como, mas fizera-a dar a volta e retornar. Ela tinha visto aquela história – e então a violara, mudando a morte do homem.

Mudando tudo.

Ele a pôs sentada junto da porta, trouxe uma panela de água e a derramou sobre suas mãos. O líquido caiu sobre a pele de Sefia e sobre o chão, criando uma pequena poça de lama. Arqueiro esfregou e limpou o sangue com

delicadeza. A cor. A viscosidade. Sefia permitiu que ele fizesse isso.

Enquanto ele vasculhava a cabana à procura de suprimentos, abrindo gavetas, tirando coisas dos armários, ela permaneceu sentada em silêncio na porta, esfregando os dedos um a um. Ela tinha matado um homem. Ela continuava a visualizar a expressão vazia, o queixo inerte. Sua cabeça doía.

– Eu não queria matá-lo. – Ela encontrou as palavras, tateando-as como se fossem objetos estranhos no escuro.

Silêncio no interior. Então Arqueiro se sentou ao lado dela.

Os dedos dele correram até seu pescoço… até a cicatriz. Ele entendia que às vezes você fazia coisas por necessidade, coisas horríveis, ou pelo menos traiçoeiras, coisas que você não faria se tivesse escolha.

– Eu sempre soube que queria matar *alguém* – ela disse. – Mas não ele… e não assim.

O que quer que *assim* fosse.

Arqueiro pôs a mão em seu ombro. Agora ele tinha uma mochila cheia de coisas. Havia uma faixa escura de sangue seco em sua têmpora esquerda. O tiro que ela escutara mais cedo. A bala devia tê-lo acertado de raspão.

– Você foi atingido – sussurrou ela.

Ele tocou o lado da cabeça com as pontas dos dedos e as mostrou a ela. O sangue já estava secando. Então recolheu o arco dela e a ajudou a ficar de pé. Ele a levou até a lateral da cabana, além do corpo do segundo homem que ele matara. Caolho. A garganta dele tinha sido cortada, e a terra estava escura embaixo dele. Sefia tentou se concentrar em onde botava o pé.

Eles atravessaram o limite de clareira, até as árvores. As folhas prateadas farfalharam. A argila estava macia e esponjosa sob seus pés. Arqueiro fez com que Sefia o conduzisse a seu esconderijo no tronco, onde a mochila dela ainda estava guardada, então eles seguiram para o interior da floresta – Arqueiro na frente, Sefia seguindo atrás.

Capítulo 13



Não há coincidências

Foi tudo tão rápido, tão improvável, que se ela não tivesse visto antes, se ela mesma não tivesse feito aquilo, não teria acreditado.

Houve um tiro.

Uma nuvem de fumaça e uma língua de fogo.

E a garota mandou a bala em espiral de volta para o peito do homem.

Agachada um pouco além do alcance da luz, Tanin se esforçava para controlar a respiração. De repente, tomou consciência de seu corpo, os pulmões, a dor no peito. Atrás dela, os rastreadores ergueram os rifles e aguardavam seu sinal, mas ela não se mexeu.

A garota caiu de joelhos ao lado do homem. Tanin se maravilhou com ela. Ela era muito jovem, mas tinha o mesmo cabelo negro como fuligem, os mesmos olhos escuros.

E ela sabia Manipulação. Se já tivesse dominado o segundo nível de Iluminação, não havia como dizer o que mais ela poderia fazer.

– Agora – disse a Assassina. Ela se misturava tão bem à escuridão que mesmo sua voz era uma sombra, como o hálito de uma brisa inexistente.

– Ainda não.

A garota estava tentando estancar a ferida. Não ia conseguir.

Ela se parecia com *ela*. Tanin não estava esperando por isso. Não tinha pensado que importaria tanto.

Houve um estalo na vegetação rasteira, e um homem irrompeu das árvores atrás deles, seu rosto redondo retorcido de raiva. Ele deu uma olhada para Tanin e os rastreadores e ergueu o rifle.

Com isso ela podia lidar.

Uma olhada para seus homens, um movimento rápido dos dedos.

O líder dos rastreadores passou a faca pelo pescoço do homem e pegou o cadáver enquanto ele caía no chão. A cabeça dele tombou para frente, seu chapéu de viseira estreita caindo sobre os olhos sem vida.

A Assassina caminhou lentamente e tocou a poça de luz com a ponta do pé.

– Por que não?

– Você não conhecia… ela. – Tanin fez uma careta. Mesmo depois de todo aquele tempo, ela ainda não conseguia se forçar a usar seu nome.

– Não é *ela*.

Não, *ela* estava morta. E Tanin nem estivera lá para ver. Para segurar sua mão ou enxugar sua testa ou o que quer que se fizesse quando seus entes queridos estavam morrendo.

Ela tinha de fazer alguma coisa agora. Era para isso que tinha vindo, não era? Tanin examinou a clareira. Seu olhar percorreu a cabana, o arco e as flechas caídos, o corpo.

– Ela não está com o Livro.

– Você podia fazê-la nos contar. Seria fácil.

Tanin observou o garoto ajudá-la a se levantar. A luz da cabana iluminou seu colar de tecido cicatrizado.

Ele era um candidato.

Tanin sacudiu a cabeça. De todas as companhias que a garota podia ter escolhido, ela tinha escolhido um candidato.

– Veja o pescoço dele – sussurrou ela com voz trêmula. Quando foi a última vez que isso aconteceu?

A Assassina não tirou os olhos da garota.

– E daí? – Sua voz escorria condescendência. – Os cães de Serakeen trazem outro para a Jaula de meses em meses.

Tanin passou a mão sobre o bolso oculto do colete, onde guardava a página dobrada.

– Edmon costumava dizer que não há coincidências, só significado.

Havia dez anos, Serakeen pagava os impressores para lhe conseguir matadores jovens com cicatrizes.

Havia vinte anos, ela estava à procura do Livro.

E agora ali estavam eles, os dois, juntos.

Isso tinha de significar alguma coisa.

– Podemos levar o garoto também, se é isso o que você quer dizer. – A Assassina sacou a espada dois centímetros da bainha. O cheiro de cobre

floresceu em torno deles.

Tanin a segurou pelo cotovelo.

– Eu disse não.

A Assassina olhou para ela, mas a atenção de Tanin já tinha seguido adiante.

O garoto pegou a garota nos braços e a levou de volta à cabana, onde ela desabou nos degraus, com joelhos e cotovelos salientes. Estranha. Vulnerável.

A Assassina arrancou o braço das mãos de Tanin.

– Foi para isso que viemos. Capturá-la. Pegar o Livro. Tem de ser agora.

– Se for ela, você não conseguiria derrotá-la com cem espadas.

– Só preciso de uma.

Com um aceno da mão, Tanin dirigiu os rastreadores de volta para a floresta, onde eles desapareceram rapidamente, como enguias em água negra.

Ela se virou para a Assassina.

– Você vai me obedecer nisso ou vai ser removida desta missão. – Sua voz estava seca. – Não tenho utilidade para subordinadas que não seguem ordens.

A Assassina cerrou os punhos até que a luva de couro na mão esquerda rangeu.

– Você nunca confia em mim – disse ela. – Não como confiava nela.

– Você não é ela.

Os olhos da Assassina se arregalaram com a provocação de Tanin. Ela se virou e saiu apressada para o interior da vegetação rasteira, sem emitir qualquer som.

A garota estava sentada nos degraus da cabana, esfregando os dedos como se pudesse apagar o que eles tinham feito. Por um instante, Tanin quis ir até ela. Abraçá-la, talvez. Ela não sabia.

Lentamente, ela recuou da clareira e desapareceu nas sombras sob as árvores até não conseguir mais ver a garota.

Sefia.

Uma leitora e uma matadora.

Capítulo 14



Dúvida

Sefia sentiu o calor da brisa e o balanço da rede antes mesmo de estar totalmente acordada, e por um instante esteve abrigada no delicado espaço, como um casulo, entre estar dormindo e acordada, completamente satisfeita. Tudo era calor, luz e maciez de algodão.

Mas aí ela acordou.

Abriu os olhos e se viu olhando fixamente para o topo das árvores. Os acontecimentos da noite anterior passaram num lampejo por sua mente.

Palo Kanta.

Sefia se desemaranhou dos cobertores e se sentou. Arqueiro estava sentado a sua frente, as pernas penduradas dos galhos para se equilibrar enquanto afiava as facas novas. À volta dele, pendendo na árvore como frutas disformes, havia outros itens novos: camisas, meias, um pedaço de corda, uma caneca de lata, um cobertor extra e sacos de comida roubados.

Ao vê-la se erguer, ele limpou a faca com um pano e a embainhou.

– Você fez tudo isso? – perguntou Sefia com uma voz fraca.

O olhar de Arqueiro percorreu o pequeno acampamento que ele montara nas árvores, e ele balançou a cabeça afirmativamente.

– Você fez bem.

Olhando para baixo, ela percebeu traços de sangue seco nos vincos da mão e nas formas em U das unhas. Com uma careta, enfiou a unha do polegar nas cutículas da outra mão. Ela saiu com fragmentos de ferrugem por baixo.

Seu rosto se contorceu. Palo Kanta. Ele tinha toda uma *vida* por trás… e podia ter uma vida inteira a sua frente… mas ela tinha lhe roubado isso. Tomara os fios daquele momento e os alterara, invertera a trajetória da bala de modo que

não fosse na direção dela – mas na dele. E a bala o penetrara, fizera um buraco nele, e ele não sobrevivera.

Ela tinha matado um homem.

Lágrimas gotejaram em seus braços.

Houve um movimento nos galhos, então Arqueiro segurou e limpou cada um de seus dedos com um pano molhado e limpo.

– Desculpe – murmurou ela. Não para Arqueiro, mas para Palo Kanta, embora ele não pudesse ouvi-la, embora ele nunca mais fosse ouvir alguma coisa outra vez. – Desculpe.

A situação chegara àquele ponto. Matar ou morrer. Ele ou ela. Uma escolha irreversível.

Arqueiro apertou os dedos dela uma vez e os soltou, guardando o pano.

Sefia pressionou os olhos com os punhos e sacudiu a cabeça.

– Não. Não. Não. O que estou dizendo?

Ela estivera tão segura de que aquilo era o que queria. Respostas. Redenção. Vingança.

Mas não tinha sido vingança.

– Ele teria me matado – ela disse, a boca retorcida. – Ele era um *impressor*. O mundo está melhor sem ele. Por estou *arrependida*?

Arqueiro tocou o peito, sobre o coração, e deu um sorriso triste.

– Eu *não* sou uma pessoa boa. Todos esses meses, tudo o que eu queria… uma pessoa boa não teria… eu simplesmente deixei que *levassem* Nin. – As últimas palavras irromperam dela. – É minha culpa ela ter sido capturada. Se eu não tivesse ido à cidade sozinha… se eu tivesse voltado um pouco mais cedo… eu estava *bem ali*, Arqueiro. Eu só precisava dizer alguma coisa. É minha culpa. É minha culpa, e agora…

Ela socou as próprias coxas; dor floresceu sob seus punhos. Arqueiro tentou segurar suas mãos, mas ela as puxou para fora de seu alcance.

– Eu *tinha* de fazer isso. Por Nin. Por meu pai.

Nós somos uma equipe, você e eu. Foi isso que seu pai dissera a ela. *Estamos nisso juntos, não importa o que aconteça.*

Mas, quando mais importara, ela não estivera lá para ele. Ele morrera sozinho naquela casa vazia enquanto ela brincava, estúpida e ignorante, no vilarejo abaixo. Ela era a única pessoa que lhe restara, e falhara com ele.

Freneticamente, Sefia vasculhou a mochila à procura do livro. Ela precisava dele nas mãos, essa coisa, a única coisa que lhe restara do pai. Precisava dele para lembrar. Para lembrar a si mesma. Abriu a embalagem de couro e passou o

dedo pela marca na capa.



Duas curvas para seus pais. Uma curva para Nin. A linha reta para si mesma. O círculo para o que tinha de fazer.

– Aprender para que serve o livro. – Ela se atrapalhou com as palavras. – Resgatar Nin, se ela ainda estiver viva… – Soluços embargaram sua voz. Sua visão tinha ficado molhada e turva.

Mas, por mais que ela tentasse sorver essa raiva, a fúria que a sustentara por todos aqueles meses, sempre que tentava abraçá-la, ela via Palo Kanta.

Via a bala acertá-lo.

Via o sangue escorrer dele.

Via-o morto a seus pés.

Sefia agarrou o livro nos braços e chorou, odiando-se por essa fraqueza.

– Acho que não consigo fazer isso – sussurrou ela.

Arqueiro entrou na rede e a tomou nos braços. Ela sentiu a pressão do seu corpo nos ombros, a superfície de seu rosto sobre a cabeça, suas mãos segurando as dela. O tipo de contato que ela não tinha havia anos, envolvendo-a repetidas vezes como uma atadura, até que todas as coisas quebradas em seu interior ficaram bem presas no lugar, seguras nos braços de Arqueiro.

A Capitã Cat
e sua tripulação canibal

Depois que o Corrente da Fé pescou o capitão Reed para fora do redemoinho, e ele anunciou a intenção de navegar para a Borda Oeste do mundo, houve alguma consternação entre a tripulação.

Ele tinha enlouquecido, diziam.

Algo havia acontecido com ele, lá embaixo nas águas selvagens.

Aquilo estava indo longe demais.

Alguns foram embora, mas em sua maioria, eles ficaram. Talvez tivessem se acostumado tanto a ouvir histórias exageradas de suas próprias aventuras que realmente acreditassem que iam sobreviver quando todos os outros haviam falhado. Talvez achassem que Reed e o imediato não iam deixar o Corrente desaparecer no mar como os demais. Talvez soubessem que aquele era o único navio em Kelanna com sequer um fiapo de esperança de conseguir aquilo.

Quaisquer que fossem suas razões, eles pegaram seus ganhos consideráveis, carregaram provisões nas Ilhas Paraíso perto da costa de Oxscini, e tomaram o rumo do oeste azul infinito. A viagem foi tranquila até a oitava semana, quando,
à beira de águas não mapeadas, eles depararam com um escaler cheio de ossos humanos.

Pelves, escápulas, costelas.

Entre os esqueletos, dois sobreviventes olhavam para o casco curvo do Corrente com olhos fundos. Seus lábios afastados exibiam os dentes, revelando

línguas inchadas.

— Não está certo — disse Camey, um dos marinheiros no quarto de estibordo de Meeks. Ele era novo, um dos homens que eles tinham apanhado nas Ilhas Paraíso, e um pouco encrenqueiro, mas ninguém o contradisse quando ele tornou a dizer, mais alto: — Só não está certo.

Enquanto a tripulação se remexia desconfortavelmente nas amuradas, o capitão Reed esperava, contando os segundos, avaliando suas opções. Resgatá-los ou deixá-los morrer? Era assim, às vezes, no oceano.

Claro que ele os levou a bordo. Ele era o capitão Reed. Desceu pessoalmente.

Um dos sobreviventes desmaiou assim que Reed aterrissou no escaler, mas a outra recuou, esforçando-se para se equilibrar nas pilhas de ossos. Ela usava um casaco de veludo elegante e chapéu de feltro, porém suas roupas estavam em farrapos, e tufos de seu cabelo ruivo comprido tinham começado a cair. Ela se agarrava a um fêmur quebrado e o sugava com avidez.

Reed sentou ao lado do mastro e desatarraxou a tampa de seu cantil. A mulher olhou para ele curiosa, como se tivesse se esquecido para que servia aquilo.

— Quem é você? — perguntou ele. — O que aconteceu com seu navio?

Um lampejo de compreensão passou pelo rosto dela. Sua boca trabalhou, a língua se soltou dos dentes.

— Catarina Stills — disse com voz rouca. — Capitã do Sete Sinos.

Você ouviu falar do Sete Sinos, é claro. Ele era

conhecido por explorar o sul profundo, aventurando-se cada vez mais longe, além de Roku, para o interior do Gelo Eterno. A capitã Cat herdara o navio do pai, Hendrick Still, o Explorador do Sul, que morrera de pneumonia em sua última viagem.

O que ninguém sabia era que, desde a morte do pai, a capitã Cat estivera explorando o oeste, navegando cada vez mais perto da Borda do Mundo.

— Eu sou o capitão Reed. Você está a salvo agora.

Ela deixou o osso cair das mãos. Reed foi até ela, ergueu seu corpo malcheiroso e emaciado e levou o cantil aos seus lábios, deixando a água cair em sua boca gota a gota, molhando as rachaduras. De olhos arregalados como um bebê recém-nascido, Cat olhou fixamente para ele, surpresa, sem acreditar, enquanto ele sinalizava para a tripulação, que começou a içar os sobreviventes para o convés do Corrente.

Os sobreviventes permaneceram na enfermaria com a doutora pelo resto do dia, mas a tripulação não conseguia parar de falar sobre eles. Não paravam de lançar olhares na direção da escotilha principal, embaixo da qual ficava a enfermaria, embora nunca olhassem diretamente para ela. Marinheiros são fortemente supersticiosos e, enquanto cumpriam suas tarefas diárias, tomavam o cuidado de evitá-la, como se fossem pegar canibalismo ou azar, caso se aproximassem demais.

Contra os conselhos da doutora, a capitã Cat insistiu em jantar na cabine grande naquela noite, embora seu homem Harye ainda estivesse acamado na enfermaria.

— Delirante — disse a doutora enquanto limpava os óculos. — Eu o peguei recolhendo ossos, sabia? Aly e eu achamos que tínhamos pegado todos eles, mas encontrei mais alguns enfiados nas mangas de sua camisa. Acho que ele nem sabe que foi resgatado. Em sua cabeça, ainda está naquele barco. — Ela passou os dedos morenos pelo cabelo raspado e deu um suspiro. — Ficarei surpresa se ele sobreviver mais um dia.

O capitão Reed pediu a Meeks que se juntasse a eles na cabine grande. O contramestre era um exímio contador de histórias: podia absorver uma história e contá-la mais tarde, palavra por palavra, e ficava sempre feliz em fazer isso. Ele se sentou em frente à capitã Cat, brincando distraído com as pontas de seus dreadlocks enquanto guardava a história da capitã na memória.

Cat tinha sido limpa, suas feridas lavadas e enfaixadas, mas estava magra como um varapau, e suas mãos tremiam quando ela pegou os talheres.

— Acreditem ou não — começou ela —, mas foi assim que aconteceu...

O imediato se inclinou para perto, examinando-a com cuidado, à procura de falsidades da mesma maneira com que examinava o Corrente atrás de vazamentos.

Mas ela não mentiu. Às vezes, a verdade é mais pavorosa do que a ficção.

O Sete Sinos estava no mar havia cento e vinte e dois dias à procura da Borda Oeste do mundo quando uma grande rachadura surgiu no céu negro, afogando as estrelas e os mares escuros com cascatas de luz.

— Raios? — perguntou Reed.

A capitã Cat sacudiu a cabeça.

— Foi como se o céu tivesse se rasgado ao meio, revelando um mundo brilhante do outro lado. Quando nos aproximamos, o céu inteiro ficou pálido, e o Sete Sinos foi iluminado, claro como o dia. Nunca me senti tão pequena. Um grão de poeira em um oceano infinito. E havia algo tão bonito naquilo que quase me fez cair de joelhos.

Mas então a luz se apagara, e se apagara com um estrondo, e liberara sobre eles uma tempestade como nunca imaginaram em seus pesadelos mais tenebrosos.

A capitã Cat gritou ordens, mas o barulho ensurdecera a todos. O vento agitava as águas, quebrava os mastros. Havia uma rachadura no Sinos. A água entrava tão rápido que eles mal conseguiram fugir com metade do que estava no compartimento de carga... e isso nem era muito, não depois de viajar tão longe e por tanto tempo.

Os homens estavam espalhados. O vento arrancara alguns diretamente das vergas. Outros afundaram com o navio. De uma tripulação de quarenta e dois, só onze sobreviveram.

A essa altura da história, a capitã Cat ficou em silêncio por um minuto. Quando tornou a falar, sua voz estava áspera
e mais frágil que antes.

Ela descreveu a desidratação, a boca seca de sede. Sob o sol inclemente, seus corpos se encheram de bolhas, e logo eles estavam tão enfraquecidos que até sentar era uma agonia.

Devagar, dolorosamente, os membros remanescentes de sua tripulação começaram a morrer.

No início tentaram usar os corpos como isca,

picando-os e jogando os pedaços em seu rastro. Mas foram atacados por um monstro de olhos azul-leitosos, pele áspera e dentes como lanças se projetando da mandíbula inferior. Maior que uma baleia, pior que qualquer tubarão. Em segundos, ele tinha matado metade da tripulação restante e, bom, eles não puseram iscas em mais nenhuma linha depois disso.

A capitã Cat fez outra pausa, arfando. Suor brilhava em sua testa. As palavras saíam aos borbotões, mais depressa agora, como se uma represa em seu interior tivesse se rompido e a história estivesse correndo ruidosamente através dela.

Na quinta semana, as provisões terminaram, e foi decidido que eles iam tirar a sorte. Rasgaram pedaços de lona e os puseram em um chapéu, e cada marinheiro tirou um.

O ponto preto significava morte. Se ele marcasse você, significava que ia morrer.

Quando Farah o tirou, eles a mataram e devoraram seu coração imediatamente. O resto da carne estragou em dois dias, e depois disso, eles tiveram apenas ossos para roer.

Uma semana e meia depois, tiraram a sorte outra vez, e o ponto negro caiu para Waxley. Ele durou mais doze dias, até chegar a hora de sortear outra vez.

E assim foi.

Tinha de ser um deles, para que os outros pudessem viver.

Você faz coisas para sobreviver que jamais faria em outra situação, só para viver mais uma semana, mais um dia.

— Não me arrependo do que fizemos — disse Cat. —

Mas

me arrependo de ter levado minha tripulação até lá. Eu me arrependo de ter tanto medo do sul, depois que ele levou meu pai, que não consegui voltar. Talvez, se eu não estivesse com tanto medo, eles ainda estivessem vivos. Talvez tivessem sido os primeiros a cruzar o Gelo Eterno até o que quer que exista além.

— Não acho que eles culparam você — disse Reed. — Eles escolheram segui-la.

Pela primeira vez, a capitã Cat olhou para Meeks, cuja pele escura ficou pálida sob seu olhar.

— O quanto de escolha têm seus homens? — perguntou ela. — Eles são nossos homens.

Ela estava ficando cada vez mais fraca com o esforço necessário para continuar falando, mas a história em seu interior estava borbulhando outra vez, e não ia deixá-la descansar até que ela terminasse de contar.

No fim, restaram apenas dois: a capitã Cat e seu homem Harye. Dois pedaços de lona e um ia matar você. Qualquer um deles poderia tê-lo tirado, mas o ponto negro saiu para Harye. Ele estava marcado. Seu septuagésimo dia desde o naufrágio e ele ia morrer.

Mas aí surgiu o Corrente da Fé, e pela primeira vez o ponto negro não significou morte.

— Quarenta de minha tripulação morreram — disse ela. — Só dois de nós sobrevivemos. Quarenta homens... quarenta de meus homens... quarenta...

Ela estava se encolhendo de volta para o interior de seu corpo emaciado, com ombros curvados e pulsos sem força. Parecia ter esvaziado enquanto contava a história, como se por um curto espaço de tempo o conto a tivesse preenchido e mantido em pé, mas

agora que tinha terminado, ela desabara, e não havia mais força nela.

Depois de algum tempo, ela disse:

— Estamos em débito com você, capitão, por nos retornar à civilização.

— O quê? — Meeks piscou, olhando de Reed para o imediato e de volta outra vez. — Capitão, nós não... nós vamos voltar?

Reed inspirou demoradamente e tamborilou o indicador na mesa. Oito vezes. Ele podia sentir Cat observando-o com seus olhos amarelados.

— Não — suspirou ele. — Nós não vamos voltar.

Capítulo 15



Histórias e pedras

Sefia bateu com o livro com a capa para baixo na terra. As páginas dobraram. Ela não se importou. Levantou-se, sacou a faca em um movimento suave e a arremessou na árvore mais próxima, enterrando-a de ponta no tronco.

Arqueiro ergueu os olhos de onde estava com a água até a cintura, lavando suas roupas em um poço cercado por pedras chatas.

Ela ignorou sua expressão confusa, andou até a árvore e arrancou a faca da casca. Girando-a na mão, ela a arremessou de novo.

A lâmina se alojou em outra árvore.

Ignorando a dor em seus pés nus, Sefia caminhou através da vegetação rasteira. Enquanto arrancava a lâmina da árvore, fechou os olhos e expirou pelo nariz, invocando a lembrança de olhos cor de água suja e de um rosto pontilhado, o travo metálico no ar, e uma voz como fumaça.

Ela abriu os olhos, apontou e lançou a faca.

Mas quando a lâmina deixou seus dedos, a lembrança da mulher de preto foi substituída pelo rosto retorcido de Palo Kanta. Um homem que temia o oceano. Um garoto que resgatava gatos.

A faca bateu contra a casca e aterrissou de lado sobre a camada de matéria orgânica no chão.

Praguejando, Sefia foi resgatá-la, mas Arqueiro chegou lá antes dela. Ele esfregou a terra do aço e pressionou o cabo frio na palma da mão dela.

Ela a pegou, mas não tornou a arremessá-la.

Arqueiro tocou a têmpora com os dedos e ergueu as laterais das mãos juntas, abrindo-as e fechando-as como as capas de um livro.

Sefia fechou os dedos em torno da faca.

– Porque a capitã Cat foi covarde – disse ela. – E seus homens pagaram por isso. Ela mesma disse: se não tivesse ficado com tanto medo da coisa que matou seu pai, nunca os teria posto em perigo. Eles morreram porque ela estava com *medo*. Eu podia ter impedido que eles levassem Nin. Estava bem ali. Mas tinha visto o que eles fizeram com meu pai… e não consegui me mexer.

Sefia desviou o olhar. Para o chão. Para a cachoeira que escorria no poço. Para qualquer lugar que não fosse Arqueiro.

– Nem sei se ela ainda está viva. Mas se estiver… eu tenho que os impedir. Não posso deixar que eles a machuquem mais. Não posso deixar que machuquem mais ninguém. – Lágrimas brotaram em seus olhos enquanto ela embainhava a faca.

Arqueiro assentiu com a cabeça e ela o seguiu de volta até a beira do poço, onde ele pegou o livro, alisou suas páginas amassadas e pôs a pena verde entre elas para que Sefia não perdesse o ponto em que tinha parado.

Ela se enroscou perto da beira da água e Arqueiro se sentou ao seu lado enquanto secava ao sol. Ele tinha ganhado algum peso nas semanas anteriores, mas suas costas estavam pontilhadas de cicatrizes. Levaria anos para algumas delas desaparecerem – e outras não sumiriam nunca.

Os homens de Machada tinham deixado o lago três manhãs antes, e ela e Arqueiro continuaram a segui-los rumo ao norte. Eles estavam provavelmente se dirigindo à cidade portuária de Epidram, situada no nordeste de Oxscini.

Desde aquela noite com Palo Kanta, ela estivera praticando sua visão. Podia senti-la o tempo todo agora, tremeluzindo sob a superfície das coisas. Se focalizasse certo e piscasse, ela surgia a sua frente. Mas toda vez que entrava naquele mundo de luz, ela era oprimida por imagens, lembranças, histórias, e se debatia através dos infinitos fragmentos de tempo, lutando contra dor de cabeça, vertigem e náusea.

Era como se afogar. Às vezes, ela se perdia na inundação de imagens e sons e momentos infinitos no tempo e não tinha certeza se conseguiria encontrar o caminho de volta para o próprio corpo outra vez.

Olhou para Arqueiro. Ela tinha sido capaz de ver a vida inteira de Palo Kanta em um borrão rápido. Talvez conseguisse descobrir quem Arqueiro era realmente. A história dele devia estar escondida em seu interior, enjaulada por seu silêncio, embora suas marcas estivessem por todo o seu corpo: as cicatrizes em seu pescoço, em suas costas e braços.

Ela estreitou os olhos e sentiu a visão se elevar a sua volta.

Quinze queimaduras, alinhadas como cordilheiras em seu braço direito.

Quinze marcas.

Ela piscou, e o mundo dourado se descortinou a sua volta.

Quinze confrontos.

Fios de luz ondulavam em torno do braço dele. Eles se acumulavam e giravam, brilhando com partículas diminutas de luz. Ela lutou para controlar sua visão enquanto as imagens passavam correndo por ela em um turbilhão de história.

Então ela viu as lutas.

Elas aconteceram em toda Oxscini: em círculos de terra batida limpos de arbustos e pedregulhos, delineados por tochas que manchavam de preto a parte de baixo das folhas; em porões onde o chão cheirava a barro; em jaulas com barras de ferro através das quais os espectadores atiçavam os lutadores com varas de madeira afiadas, zombando e gritando.

As lutas eram sempre em um ringue e alguém sempre morria.

Eles apareceram em lampejos, mais rápido do que ela podia acompanhar, deixando-a tonta e enjoada: garotos com pescoços quebrados; garotos espetados por lanças; garotos sangrando em dezenas de cortes profundos, morrendo no chão; garotos com rostos arruinados, irreconhecíveis.

E Arqueiro parado acima de cada um deles. Segurando a lança, o punhal, a pedra. Arqueiro derrubado no chão por homens duas vezes maiores que ele e preso no centro do círculo enquanto alguém o queimava com um ferro em brasa. Aconteceu repetidas vezes. O corpo de Arqueiro atingindo o chão. Um lado de seu rosto na terra. O fedor de carne queimando. Seu braço direito colecionando queimaduras como troféus. A dor. Os aplausos. Uma marca para cada luta que venceu.

Ele havia sido marcado porque tinha sobrevivido.

Sefia tornou a piscar, e a luz se esvaiu, deixando-a arquejante. As lutas eram um borrão dentro dela, mas havia visto o suficiente para saber o que tinha acontecido com ele, o que ele tinha feito, por que a história estava trancada em seu interior como um animal. Sentiu como se estivesse estado sob a pele dele, e seu sangue fosse o sangue dele – o coração dele, o dela. Uma proximidade que nunca havia sentido antes e que não merecia.

Era um tipo cruel de roubo, penetrar nas piores lembranças de uma pessoa. Ela segurou a cabeça dolorida, tentando aliviar o latejamento nas têmporas e por trás dos olhos. Não faria isso com ele outra vez.

Mas agora entendia, pelo menos em parte. Remexendo no bolso do colete, ela sacou o porta-moedas e derramou seu conteúdo na palma da mão: alguns colbies

de ouro, uma turmalina bruta e um pedaço de quartzo rutilado do tamanho de seu polegar.

O cristal era entremeado por fragmentos negros e dourados que pareciam estrelas cadentes, e quando você o aproximava do olho, o mundo parecia explodir em fogos de artifício.

Arqueiro olhou com interesse quando ela lhe estendeu o pedaço de cristal que estava no centro da palma da sua mão.

– Eu quero lhe dar uma coisa.

Ele tocou o quartzo com o indicador.

– Nin me deu isso quando eu era pequena – ela explicou. – Chama-se pedra da preocupação. E sempre que eu ficava contrariada, lembrando de todas as coisas ruins que tinham acontecido… a morte de minha mãe, de meu pai… você a esfrega com o polegar e ela o lembra de que está seguro. De que não está mais lá.

Quando Arqueiro foi pegar o cristal, seu polegar roçou a palma da mão dela, deixando uma gota de água entre as linhas de sua mão. Ele levou a pedra à luz, onde ela brilhou, preta e dourada, e esfregou o polegar nela uma vez antes de guardá-la no fundo do bolso. Então sorriu para Sefia. Ele tinha um sorriso grande e bonito, com caninos pontiagudos.

Sefia de repente percebeu a pele dele, as depressões onde a água formava gotas e o brilho de bronze em seus braços nus. E não sabia o que fazer com as mãos, por isso abraçou os cotovelos e deu um sorriso estranho para ele. Ela ainda podia sentir a gota na palma da mão, como uma pequena estrela cintilante.

Arqueiro fez o sinal do livro, abrindo e movendo as palmas das mãos como asas.

Ela revirou os olhos.

– Está bem, eu leio. Mas se a capitã Cat continuar a agir como uma covarde amarelona, vamos pular essa parte.

A capitã Cat e sua tripulação canibal (continuação)

Ele viu a revelação atravessá-la como um raio. Não iam voltar? A capitã Cat olhou para ele boquiaberta, estupefata.

Antes que ela pudesse reagir, houve um estrondo nos conveses inferiores.

— Socorro! — Os gritos explodiram pelo navio. — Socorro!

Reed chegou à porta antes que o resto deles tivesse sequer deixado seus assentos, saiu da cabine principal e foi até o convés, onde a tripulação tinha se reunido em torno da escotilha principal.

— É o capitão — murmuraram, abrindo passagem para ele. — O capitão está aqui.

Enquanto ele descia até o porão e se aproximava da enfermaria, uma sensação profunda de medo surgiu em seu interior. Começou a bater os dedos juntos — polegar e indicador, polegar e médio, polegar e anular, polegar e dedo mínimo. Um, dois, três, quatro...

Inverteu a ordem, começando pelo dedo mínimo. Isso dava oito. Oito toques. Ele chegou à porta.

A doutora ergueu os olhos de onde estava ajoelhada, ao lado de um homem grande que aninhava um corpo inerte e esquelético nos braços. Ele tinha perdido a maior parte do cabelo, e as mãos estavam magras e grandes demais nos pulsos.

Harye. Ele mal parecia humano.

A doutora fechou os olhos de Harye com dois dedos compridos.

O homem segurando o corpo era Cavalo, o carpinteiro do navio. Ele tinha ombros largos e braços musculosos, mãos que pareciam martelos, e a pele coriácea de um homem que havia se queimado de sol tantas vezes que sua compleição naturalmente clara e suave tinha ficado áspera e marrom como couro cru.

— Vim ver como ele estava. — Cavalo apontou a cabeça na direção de um grande cantil jogado no chão ao seu lado. Fungando, puxou o lenço amarelo que usava na testa por cima dos olhos. — Sabe, talvez animá-lo um pouco. Mas quando entrei, ele deu uma olhada em mim e atacou. Eu não sabia o que estava acontecendo. Ele veio para cima de mim do nada. Estava louco, gritando alguma coisa... não sei o quê. Eu... eu bati nele, pra tirá-lo de cima de mim, sabe? Mas ele estava leve demais. Saiu voando pelo quarto até a parede.

Havia sangue na parede ao lado dele, mas não muito. Talvez Harye não tivesse muito sangue no corpo.

— Ele não ia passar desta noite, de qualquer modo — disse Reed, apertando o ombro de Cavalo. Nunca era fácil tirar uma vida. Especialmente para um homem como Cavalo, o tipo que visitava um completo estranho só para animá-lo. — Certo, doutora? Nós o retiramos daquele barco tarde demais. Ele não ia conseguir.

A doutora confirmou com a cabeça.

Cavalo ergueu a bandana de volta à testa e esfregou

o nariz.

— Mas por que ele faria isso?

Houve um grito — o som de um lamento animal. A capitã Cat empurrou Reed do caminho e entrou na enfermaria, onde caiu ao lado do corpo, as mãos movendo-se inutilmente sobre seus membros ressequidos.

— Sinto muito, capitã — disse Cavalo. — Não foi minha intenção.

Quando olhou para o gigante que matara seu último tripulante, os olhos de Cat se arregalaram.

— O ponto negro — murmurou ela, apontando um dedo trêmulo para as mãos dele.

Elas estavam sarapintadas de piche.

A capitã recuou, o rosto contorcido.

— Você foi marcado — disse ela. — Você é o próximo a morrer.

— O quê?

Do lado de fora, os homens sussurravam entre si.

— Isso não está certo — disse Camey. Ele esfregou seu nariz adunco e olhou ao redor para ver se angariava algum apoio da tripulação. — Estou dizendo a vocês. Isso não está certo.

Greta, uma mulher robusta com uma pele pálida e um cabelo negro que parecia escorrer de sua cabeça como cera
de vela, fez um ruído de reprovação com a língua.

Camey cutucou com o ombro o grumete que embarcara com eles nas Ilhas Paraíso.

— Não está certo, está, Harison?

Jigo, o homem mais velho no Corrente, empurrou-o por trás, rosnando por baixo de seu bigode grosso.

— Cale a droga da sua boca.

Camey fez silêncio, mas Greta estalou a língua mais uma vez.

— Basta — repreendeu o imediato.

Atentamente, Meeks observava todos eles.

— Ladainha! Cavalo é nosso carpinteiro — explicou Reed para Cat. — As mãos dele estão sempre assim.

Capitã Cat recuou contra os beliches.

— Ora, não foi culpa de Harye! Ele não sabia. Vocês não entendem. Não estavam lá conosco... por todos aqueles dias sem fim... não sabem como foi.

— Não está mais lá fora, Cat — disse Reed.

Infeliz, ela lançou um olhar para ele.

— Sempre vou estar lá fora. E se não quiser estar lá comigo, tem que voltar.

Tenso, Reed sacudiu a cabeça.

— A minha tripulação saiu para realizar algo. Sinto muito, mas não vamos voltar até terminar.

Metamorfosearam-se em garras os dedos dela. Os dentes em presas.

— Ei, você não escutou? — rosnou ela. — Todos nós vamos morrer lá fora!

Novamente, a tripulação sussurava.

— Todos ouviram o que ela disse?

— Infelizmente, não quero acabar assim.

— Repense, capitã — interrompeu Reed, silenciando os outros. — Vou lhe dar uma escolha. Nós vamos até a Borda, com ou sem sua permissão. Se quiser, pode vir conosco, ficaríamos felizes em tê-la. Ou então pode voltar para seu escaler e tentar a sorte no mar. Talvez sobreviva. Há uma rota de navegação algumas semanas a leste daqui. Mas eu não vou obrigá-la a ir mais longe do que quiser.

O queixo dela caiu, a respiração ficou pesada.

— Sabe que eu não vou entrar outra vez naquele barco — disse ela, a voz entrecortada. — E também não vou com vocês.

O capitão Reed estudou o rosto magro dela, o cabelo desgrenhado, o modo como sua pele se grudava aos ossos. Levou apenas um segundo para entender o que estava querendo dizer. Ela ainda estava lá fora, cercada pelos ossos de sua tripulação, e não importava quão saudável ficasse nem a distância que pusesse entre si e o mar, sempre estaria lá fora.

— Capitã, você não pode...

— Eu posso — disse ela. — Vou fazer de qualquer jeito, se você não me ajudar.

Ela tinha esgotado o que restava de sua vida contando sua história, e com Harye morto, estava pronta para se juntar à tripulação. Completar quarenta e dois. Quarenta e dois mortos. Um número par.

Reed deixou as mãos caírem ao lado do corpo e sacou a Senhora da Misericórdia.

À luz mortiça da enfermaria, o revólver parecia brilhar. Seu longo cano prateado era adornado com folhas de algodoeiro e cachos de ervilhas, seu cabo de marfim, encrustado com madrepérola. Alguns diziam que era o revólver mais bonito que já tinha sido feito, produzido por uma armeira liccarina para seu amante, e nunca houve expressão de desejo ardente e devoção mais perfeita.

Expressões de assombro circularam pela tripulação. Mas o outro revólver permaneceu no coldre, só o cabo negro à mostra sob o polegar irrequieto de Reed.

Quando a capitã Cat se levantou, empinou o nariz e

saiu da enfermaria com o máximo de dignidade que conseguiu.

A tripulação abriu caminho para ela. Alguns inclinaram a cabeça quando ela subiu os degraus até o convés principal. Sob o luar, já parecia um cadáver, com sombras no fundo dos olhos. Ela subiu na amurada, recusando assistência quando a tripulação tentou ajudá-la, e se agarrou ao cordame, o corpo balançando no ar frio.

— É isso, capitã — disse Reed. — Tem certeza?

— Nunca tive mais certeza de uma coisa na vida — ela respondeu, agarrando o cabo em suas mãos ressecadas; estava frágil, mas orgulhosa.

Todo homem e mulher na tripulação observou o capitão erguer a arma. Ele puxou o cão do revólver, e o som atingiu o navio como um trovão.

— Últimas palavras? — perguntou.

A capitã Cat olhou fixamente para ele. Encarando a própria morte, com o ruído do mar às suas costas e a noite estendida como uma capa, ela parecia ter ficado mais alta, soberba. Sua voz ecoou como um sino.

— Talvez eles se lembrem de você, Cannek Reed — ela disse, olhando para cada membro da tripulação por vez,

deixando, por fim, seu olhar descansar em Camey, que coçava o nariz adunco desconfortavelmente. — Mas quem vai se lembrar da sua tripulação?

Reed puxou o gatilho.

Houve um clarão e um estouro, e então o corpo da capitã Cat estava despencando do navio, o cabelo flutuando, braços e pernas espalhados. Ela caiu ruidosamente na água, e assim Catarina Stills, filha do Explorador do Sul Hendrick Stills, última capitã

do Sete Sinos, morreu.

Mas suas palavras permaneceram. Meeks já as estava repetindo para si mesmo, olhando fixamente para o espaço vazio que a capitã tinha ocupado apenas alguns instantes antes. Foram palavras das quais Reed nunca se esqueceu.

Quem vai se lembrar da sua tripulação?

Capítulo 16



Trapaça

O lado leste de Epidram era um labirinto de barracos e becos estreitos atulhados de velhas armadilhas para lagostas, e varais com roupa molhada. Ao longo das ruas de terra, as sarjetas estavam cheias de pequenos rios de imundície e detritos que cheiravam a comida podre e líquidos fétidos.

Sefia e Arqueiro seguiam discreta e desconfortavelmente pelas ruas. Estavam à procura do  entalhado em postes de luz ou acima de portas, mas não havia traço do símbolo. Mais cedo naquela manhã, eles tinham observado os homens de Machada chegarem furtivamente aos arredores da cidade, mas agora os impressores não podiam ser vistos em lugar nenhum.

– Eles vieram por aqui, tenho certeza disso. – Sefia olhou de um lado para o outro da estrada e praguejou. – Não posso rastrear em ruas como esta.

Alguns pequenos comércios estavam abertos, com toldos erguidos sobre suas vitrines largas ou mesas dispostas na rua. De um lado, um homem fumava um cachimbo sob uma tenda, e nuvens de fumaça adocicada erguiam-se dos ramos retorcidos de sua barba. Ele estava cercado por gavetas de boticário, divididas em pequenos compartimentos quadrados nos quais de vez em quando enfiava os dedos para pegar uma pitada ou duas de erva de cachimbo.

Ela nunca tinha se sentido tão visível como quando saiu na rua. Suas botas rangiam. Sua mochila chacoalhava. Tudo o que fazia parecia alto demais, fora de lugar. Ela nunca estivera em uma cidade tão grande.

Nas sombras abaixo de um toldo, Sefia identificou vagamente as figuras de quatro velhos, magros como esqueletos, sentados em cadeiras de balanço. Suas roupas puídas erguiam e desciam junto com suas respirações entrecortadas. Ela

sentiu um calafrio. Teve a sensação assustadora de que ela e Arqueiro estavam sendo observados.

Arqueiro a seguiu, mantendo-se atento ao ambiente, olhando para os telhados e além das esquinas.

Eles não tinham se afastado muito do cruzamento seguinte quando uma figura familiar saiu de um beco em frente a eles. As solas das suas botas estavam cobertas de terra e havia poeira na barra de seu casaco comprido. Ele tinha cabelo grisalho e barba ruiva.

Sefia puxou Arqueiro para trás de uma pilha de caixotes.

– Aquele ali é um dos homens de Machada – ela sussurrou, apontando.

Ele assentiu com a cabeça. Barbarruiva estivera carregando a tenaz quando eles atacaram a cabana. Arqueiro apertou o cabo de sua faca de caça.

Esperaram até que Barbarruiva se afastasse um pouco, então partiram atrás dele. Ele os conduziu para cima e para baixo pelas ruas, cada vez mais fundo na cidade. Sefia e Arqueiro o seguiram, escondendo-se em becos e esperando, semiocultos, atrás de postes de iluminação ou barris.

Sefia não tirava os olhos da parte de trás de sua cabeça. Eles estavam perto agora. Ela podia sentir.

Barbarruiva os conduziu a uma pequena feira livre repleta de gente. Havia coisas demais para ver. Barracas e compradores, batedores de carteira e crianças. Os sons e cheiros cresceram ao redor deles em uma nuvem estonteante. Mas enquanto Sefia hesitava, Barbarruiva adentrou a multidão sem olhar para trás.

Ela saiu correndo atrás dele.

A meio caminho na rua, ele entrou em um prédio com janelas sujas e uma placa de metal pendurada acima da porta: uma caneca com espuma emoldurada por um círculo de corda torcida. A caneca significava que se tratava de uma taberna, mas o laço…

Sefia cambaleou para trás. Tinha visto aquele lugar antes: janelas sujas e porta verde descascando flanqueadas por uma loja de velas, de um lado, e uma barraca de artigos de cozinha, do outro.

Palo Kanta deveria ter ido ali. Deveria ter atravessado aquela porta e entrado no bar com o resto dos homens de Machada.

Repentinamente atordoada, ela cambaleou e esbarrou em Arqueiro, que a segurou pelo cotovelo.

– Ele deveria estar aqui – disse ela, atordoada. – Palo Kanta deveria estar aqui.

Ele concordou com a cabeça.

– Eu o impedi.

Arqueiro não olhou para ela. Estava brincando com as oferendas na bancada diante da oficina do fabricante de velas. Sefia se perguntou o que Palo Kanta estaria fazendo ali dentro. Bebendo, provavelmente. Mas o que mais? Rindo? Contando histórias com os amigos?

– Você acha que Machada está aí dentro também? – ela perguntou.

Arqueiro espiou pelas janelas sujas e deu de ombros.

O fabricante de velas fez uma pausa em seu trabalho e olhou com desprezo para eles. Duas velas inacabadas pendiam de suas mãos desgastadas.

– Ei, garotos, vão comprar alguma coisa? – perguntou.

– Qual o nome daquele lugar?

– O Laço do Carrasco? – Os lábios do homem se retorceram em um sorriso perverso. – Vocês não querem entrar aí, não é um bom lugar para garotinhas e garotinhos.

Sefia se agitou, desconfortável. Eles seguiram na direção da loja do outro lado da taberna, onde remexeram em algumas panelas amassadas.

– O que a senhora pode me contar sobre o Laço do Carrasco?

A mulher enfiou um cacho grisalho para baixo de sua touca.

– Eles enforcam pessoas que não podem pagar.

– Sabe se um homem chamado Machada costuma ir lá?

– Não é da minha conta, menina. Todos os *meus* clientes pagam adiantado.

Sefia agarrou as alças de sua mochila e deu alguns passos para o lado.

– Onde está Barbarruiva? – murmurou.

Arqueiro tamborilou sobre a clavícula e deu de ombros, impotente.

Conforme o sol se erguia mais alto no céu, Sefia ficava cada vez mais nervosa. Apreensiva. Ela se assustava com qualquer barulho alto, qualquer movimento repentino na multidão. Levou a mão à faca várias vezes.

Finalmente, ela não pôde mais esperar. Passou pelas barraquinhas do mercado, agachou-se junto à janela da taberna e esfregou a sujeira com o lado do punho. Levou as mãos em concha à janela e observou através do vidro.

Piscou, procurando os fios dourados da história reluzindo sob o mundo cotidiano. A luz escoava por fendas nas tábuas do piso e se acumulava em torno das mesas, lavando as paredes da taberna até que mesmo cordas pendentes ficaram encharcadas de ouro.

A cabeça dela girava. Havia tanto a ser visto – brigas de bar e copos quebrados, cascas vazias de mariscos recolhidas por uma vassoura, palavras sussurradas, canções de bêbados e, em meio àquilo tudo, Palo Kanta, parado

junto do bar, erguendo o copo, dando tapinhas nas costas de alguém – mas nada daquilo permanecia tempo suficiente para que ela desse uma boa olhada. Alguém passou a sua frente – *Barbarruiva*? – e Sefia virou bruscamente a cabeça para acompanhá-lo, mas o mundo girou com ela. Era um vórtice, girando violentamente, berrando, ameaçando engoli-la inteira.

Sefia piscou, e o mundo voltou a ficar úmido, marrom e sujo.

Sua própria saliva tinha um gosto azedo. Ela não tinha conseguido. Sua magia havia falhado.

Com delicadeza, Arqueiro apertou seu braço.

Quando seu olhar encontrou o dele, ela sacudiu a cabeça. Estava tudo ali, as informações que queria, mas não conseguia descobrir. Não era boa o bastante.

– Temos que entrar.

Sefia ficou de pé e olhou para o vidro sujo. Com pequenos movimentos do dedo mínimo, ela traçou as letras na sujeira da vidraça, articulando os sons com a boca enquanto escrevia. Apenas algumas marcas no canto, mal visíveis, a menos que se estivesse procurando por elas:

Palo Kanta

Ele não podia estar ali – ela se assegurara disso –, mas seu nome, sim, pelo menos por algum tempo. Pelo menos ela podia lhe proporcionar isso. Sefia limpou o dedo na calça.

– O nome dele – disse ela.

Arqueiro tornou a assentir. Ele entendia. Juntos, eles entraram na taberna.

Era um lugar sujo, com manchas escuras e fragmentos de conchas e serragem no chão. Pendurados nas paredes, havia lampiões laranja, velhas âncoras enferrujadas e cordas grossas. Havia alguns outros fregueses na taberna – uma mulher encapuzada acalentando um copo de líquido âmbar no canto, um homem com um braço só sentado no bar, pegando amendoins – e eles ergueram os olhos quando Sefia e Arqueiro entraram, mas Barbarruiva não estava em lugar nenhum. Sefia procurou uma porta dos fundos nos cantos escuros. Onde ele tinha ido?

Limpando copos com um trapo imundo, o balconista não estava em melhor forma que o restante em seu estabelecimento; tinha sujeira sob suas unhas, e seu cabelo pendia em torno dos ombros como as tranças de um esfregão molhado. Seu rosto, entretanto, era o mais marcante: a bochecha esquerda tinha uma fileira de quatro cicatrizes em forma de estrela, brancas e franzidas nas bordas.

Aquelas cicatrizes significavam alguma coisa, o tipo de marca que mostrava quem você realmente era. Sefia tinha ouvido falar delas, ou talvez lido sobre

elas, em algum lugar. Mas ela não conseguia se lembrar ao certo.

O homem sorriu quando viu Sefia olhando para ele. Seus dentes pareciam oleosos.

– Ora, ora, crianças – disse ele. – O que duas criaturas saudáveis como vocês estão fazendo em um lugar como este?

Quando Sefia se aproximou do bar, o homem de um braço só se inclinou em sua direção. Seus olhos estavam desfocados e ele emanava o cheiro nauseante e adocicado de álcool. Seus dedos remexiam nas cascas de amendoim sobre o bar. O lábio dela se retorceu de nojo.

– Estamos à procura de um homem de barba ruiva – disse ela. – O senhor o viu?

O sorriso do balconista era torto e malicioso, fazendo com que as cicatrizes brilhassem em seu rosto. Ele inclinou a cabeça e tamborilou um indicador sujo no queixo.

– Talvez, talvez – respondeu, sorrindo. – Mas eu vejo muita gente. É difícil lembrar de todo mundo.

– Ele estava aqui há menos de quinze minutos. Nós o vimos entrar.

Arqueiro se remexia atrás dela. Ela podia senti-lo olhando ao redor, à procura de ameaças.

– Acho que minha memória já não é mais o que era – disse o homem. – Às vezes ela precisa de alguma coisinha pra começar a funcionar.

Nin sempre dissera que havia quatro maneiras de obter informação de quem não estava disposto a dá-la: suborno, medo, força e trapaça.

Cerrando os dentes para não dar um tapa no homem, Sefia tirou o porta-moedas do bolso interno do colete e sacou a turmalina não lapidada. Ela a ergueu e deixou que sua luz fosca brilhasse através de seus vermelhos e verdes de melancia. Então a bateu no tampo do bar e guardou a bolsa outra vez.

O balconista deu de ombros.

– Está brincando? Essa pedra vale muito mais do que uma simples informação.

– Não parece muito para mim. Ela nem brilha.

Ele tornou a dar de ombros, mas os olhos fixos diziam que estava mentindo. Ele queria mais.

Cerrando os dentes, ela tornou a levar a mão ao porta-moedas.

Então Arqueiro sacou o fragmento de quartzo rutilado que ela lhe dera.

– Arqueiro, não – disse ela, tentando empurrar a pedra de volta para o bolso dele. – Deixe que eu faço isso.

Mas o homem balançou a cabeça afirmativamente e lambeu os beiços.

– Ora, ora, agora estamos negociando.

Arqueiro delicadamente afastou as mãos dela e depositou a pedra sobre o bar. Mesmo sob a luz fraca, os fragmentos negros e dourados pareciam brilhar. O balconista tocou uma aresta com a ponta de um dedo sujo e balançou a pedra de leve para a frente e para trás.

– Isso já é melhor – disse ele. – Mas não vai lhes comprar muito.

Ela lhe lançou um olhar que podia liquefazer carvão. Se suborno não era uma opção, ela teria de enganá-lo.

– Então, que tal fazermos um joguinho? – Sefia puxou o quartzo de baixo dos dedos dele e sorriu com uma confiança que não sentia. – Eu te dou a turmalina só pra jogar.

– Qual é o jogo?

Ele enfiou o cabelo gorduroso atrás das orelhas, e se inclinou para a frente com avidez.

Era uma aposta tola. A visão dela estava inconstante e descontrolada como o mar, e já havia falhado uma vez naquele dia. Nin teria lhe dito para encontrar outra maneira.

Mas Nin não estava ali. E Sefia precisava saber de qualquer maneira aonde Barbarruiva tinha ido.

Ela respirou fundo.

– Você me faz uma pergunta, qualquer pergunta, sobre sua vida. Se eu responder certo, me conta o que preciso saber.

Ele sorriu.

– E se você responder errado?

Sefia ergueu o quartzo rutilado.

– Você ganha isto.

O homem cruzou os braços.

– Não, não, isso não parece justo. Qualquer um pode acertar uma resposta por sorte. – Ele a olhou de esguelha. – Faça *cinco* perguntas e temos um acordo.

– Duas – regateou ela.

– Três.

Sefia pôs o quartzo em cima do balcão outra vez.

– Não minta para mim quando eu acertar.

– Pela minha honra, não vou mentir.

Eles apertaram as mãos. A palma dela saiu grudenta e fria.

– Primeira pergunta – disse ele, deslizando a turmalina para uma dobra do

avental. – Qual é o meu nome?

Ela estudou seu rosto: as rugas, o nariz aquilino, a boca balbuciante. Mas precisava ver mais que isso. Concentrou-se nas cicatrizes, como quatro estrelas em seu rosto. Ela tentou decifrá-las do mesmo modo que decifraria uma palavra desconhecida de quatro letras, um símbolo enfileirado após o outro.

Então piscou e a luz se derramou sobre ela. Quatro cicatrizes em forma de estrela na face esquerda: *Mentiroso. Traidor.* Ela podia ver as linhas da vida do homem recuando a partir daquele instante, através do tempo. Ela viu sua solidão, sua pobreza, seu medo. Anos e anos se estendendo cada vez mais para trás até que ele era apenas um rapaz, servindo no convés de um enorme navio dourado. Ele ficara ganancioso. Então fora apanhado.

– Farralon Jones – ela engoliu em seco. – Seu nome é Farralon Jones.

O balconista riu.

– Ora, ora, esse é um belo truque! Quem te contou? – Ele apontou para o homem de um braço só. – Foi você, Melcarvalho? Seu velho bastardo safado.

O homem deu um gole em sua bebida e riu, falando arrastado:

– Não fui eu, Jonesy, nunca disse uma palavra a essa garota na vida.

Os olhos de Sefia se desfocaram à medida que ela deslizava, tonta e enjoada, através das correntes da vida dele. Suas têmporas começaram a latejar e a dor irradiava por trás de seus olhos. Ela encostou uma das mãos no bar para se equilibrar.

– Essa foi uma – disse ela. – Faça outra pergunta.

Jones tamborilou os dedos no queixo de novo.

– Interessante, interessante. Esse é um belo truque. Preciso pensar em uma pergunta mais difícil dessa vez.

– Não perca o dia inteiro nisso – retrucou ela bruscamente. Sentia um nó nas entranhas. – Estou com pressa.

– Está bem, já sei. – Ele apontou para o rosto. – Como eu consegui essa cicatriz? Não se esqueça de nenhum detalhe.

A luz girou em torno dela em espirais de revirar o estômago.

– Você traiu seu capitão.

– Ora, ora, garota. – Ele esfregou o rosto. – Você vai ter de fazer melhor que isso.

Ela estreitou os olhos. Um sabor azedo invadiu sua língua.

– Você era um marinheiro comum no *Crux*, servindo sob o capitão Dimarion. Poderia ter se dado bem, se não tivesse se tornado tão ganancioso. Mas vocês estavam passando por águas oxscinianas e havia uma recompensa por ele. Tinha

aumentado desde que ele começara a atacar navios na Baía de Batteram. O dinheiro era muito bom. Você o entregou. Achou que poderia se safar, mas ele o pegou.

Melcarvalho riu, e o balconista lhe lançou um olhar furioso.

– Está bem, está bem. São duas.

Sefia estava suando. O salão parecia respirar a sua volta. Ela podia sentir o calor da mão de Arqueiro em seu cotovelo e tentou se concentrar nisso em vez de na tontura, em vez de na dor excruciante dentro de sua cabeça.

– Faça outra pergunta – disse ela.

Farralon Jones olhou fixamente para o pedaço de quartzo e passou uma das mãos pelo rosto. Então estreitou os olhos e disse:

– O que eu mais valorizo neste mundo?

Sefia procurou a resposta, sua visão inundando os cantos mais escuros do passado dele, invadindo sua história. Ela viu coisas demais para citar; imagens, sons, cheiros derramaram-se sobre ela repetidas vezes como ondas cruéis, mas entre elas, como se estivesse espichando a cabeça para fora d'água, tentando respirar, ela teve vislumbres da resposta. O capitão tinha um punho grande como uma marreta e usava quatro anéis com pedras de aspecto maligno. Ela sentiu a dor no rosto como se fosse sua própria face que estivesse sendo rasgada. Ninguém iria contratá-lo depois daquilo. Ninguém queria contratar um homem marcado. Nem mesmo a própria mulher confiava nele. E Sefia podia ver o quanto aquilo significava para ele, perder a mulher, a filha, as duas únicas pessoas que ele amara de verdade, além de si mesmo.

Ela se debateu na luz, engasgando enquanto tentava voltar a si mesma. Seu corpo. Em algum lugar lá fora nas contracorrentes de ouro e luz.

Então ela sentiu a pressão da palma de Arqueiro na ponta de seu cotovelo, puxando-a de volta para ele. De volta para si mesma.

Ela piscou, e sua consciência voltou em alta velocidade para seu corpo. Seus joelhos cederam, mas Arqueiro a segurou.

– Você quer que eu diga sua mulher e sua filha. – Ela engasgou em seco. Suas entranhas estavam embrulhadas; a boca, seca. Mas mesmo o enjoo era bem-vindo, pois ela estava ali inteira outra vez. – Mas isso é mentira. Você nunca cuidou delas como cuidou de si mesmo. Se as amasse, nunca teria feito o que fez. Você só se preocupa consigo mesmo. Esta é sua resposta.

Todos no bar estavam olhando para eles.

– Como você…? – Os olhos do homem iam nervosamente de um lado para outro. – Eu nunca contei a ninguém…

– Eu vejo você – disse Sefia, apertando a base das mãos contra as têmporas, como se isso pudesse deter o martelar terrível. Ela se lembrou das palavras da mulher dele, as últimas palavras que lhe dirigira, e as repetiu uma atrás da outra. *– Você é um covarde mesquinho, Farralon Jones, e agora todo mundo que o vir vai saber disso.*

Ele derrubou o copo que estava limpando. O vidro bateu no tampo do bar, rachou e caiu no chão, se estilhaçando aos seus pés. Ele recuou, esmigalhando os cacos com os pés.

– Eu não… como você soube…

– Eu te falei – disse Sefia. – *Eu vejo você.*

Ela estava sem fôlego, tonta e enjoada por dentro, mas tinha ganhado. Pegou o quartzo e o devolveu a Arqueiro, que o guardou solenemente no bolso.

Melcarvalho ainda estava rindo, balançando bêbado em seu banco. Ela enfiou o dedo em seu copo e desenhou o  no bar de madeira, suas bordas molhadas ficando irregulares sob os dedos trêmulos.

– Este símbolo – disse ela. – Você o viu?

Jones olhou para ele em silêncio.

– Nunca vi essa marca antes.

Sefia assentiu com a cabeça. Exceto pelo caixote de Arqueiro, ela também nunca vira o símbolo em todas as suas viagens.

– Então me conte sobre o homem da barba ruiva. – Ela respirou rápido pelo nariz e tentou ignorar o fedor nauseante de serragem ensopada que se erguia do chão.

– Ele trabalha para um homem chamado Machada.

– Eu sei. Aonde ele foi?

– Saiu pela porta os fundos. – Jones apontou para um canto da taberna, onde havia uma portinha oculta entre mesas escurecidas. Ele deu um sorriso seboso, embora Sefia não soubesse ao certo por quê. – Ele e Machada vão deixar o porto hoje de manhã em um navio chamado *Balde de Lata*. Está atracado no Cais do Javali Negro.

– Para onde eles vão?

Ele deu de ombros.

– Não tenho ideia. O *Balde* pode ir a praticamente qualquer lugar do Mar Central, saindo daqui.

– Quando eles partem?

Ele se ajoelhou para pegar os pedaços de vidro no chão, e sua voz se ergueu

de trás do bar como fumaça.

– Em meia hora.

Ela olhou para Arqueiro, que balançou a cabeça com raiva.

– Nós não temos muito tempo.

Sefia seguiu na direção dos fundos, ainda sem firmeza nos pés, puxando Arqueiro com ela. Ele fechou a porta atrás dos dois no momento em que ela caiu de joelhos e vomitou na sarjeta.

Ela esvaziou o estômago várias vezes. Seu corpo estremecia e vacilava.

Arqueiro sentou-se ao seu lado e esfregou suas costas, a palma de sua mão fazendo movimentos delicados para cima e para baixo de sua espinha, por suas omoplatas. O toque a reconfortou, ajudou-a a controlar a náusea e a dor de cabeça causticante.

Quando ela finalmente sentou, ele lhe ofereceu o cantil. Ela o pegou sem forças e lavou a boca algumas vezes. Estavam em um beco pequeno atulhado de latas de lixo e redes de pesca velhas.

– Achei que estivesse perdida, lá atrás. Como se fosse ser levada. Minha mente, minhas lembranças, tudo se despedaçou e se dissolveu em nada.

Sefia estremeceu. Os últimos vestígios de dor de cabeça ainda latejavam entre seus olhos, e os barracos e as ruas não paravam de balançar, mas ela se esforçou para ficar de pé.

– Mas você me trouxe de volta – terminou. – Obrigada.

Arqueiro sorriu.

– Vamos.

Ele concordou com a cabeça e pegou o cantil. Eles deixaram o beco o mais depressa que os pés vacilantes de Sefia permitiram.

Perto do mar, os atracadouros estavam repletos de botes a remo e outras embarcações pequenas. Os navios mercantes tinham bandeiras com as cores de seus reinos de origem – ouro e branco para Liccaro, preto e branco para Deliene –, mas não havia traço do azul e cinza de Everica. Desfraldar as cores da Marinha Azul em Oxscini teria significado morte certa. Além do arco da baía, uma flotilha da Marinha Vermelha patrulhava a costa – um traço de carmesim no profundo mar azul.

Estivadores subiam e desciam apressados pelas pranchas de embarque e desembarque enquanto carregavam grandes redes com carga e as içavam acima das amuradas, e mensageiros com tarjas negras no braço corriam de um lado para outro entre os passageiros e recitavam rápida e precisamente suas mensagens antes de sair correndo outra vez. Gaivotas voavam em círculos no

céu como abutres ou ficavam empoleiradas, agourentas, em estacas encrustadas de cracas que se projetavam da água verde.

– Notícias do Reino do Norte! – chamou um jornalista quando passavam. – Não há informação sobre o Rei Solitário há meses! Sir Gentian vai voltar para Deliene!

Sefia jogou um cobre em sua lata de coleta quando passaram, e a notícia seguinte mal a alcançou em meio ao barulho do porto.

– A Marinha Azul atacou as rotas de navegação oxscinianas outra vez! A rainha Heccata mandou mais navios de Kelebrandt para o norte!

Na entrada de cada cais havia um pilar alto de madeira, e em cima de cada pilar havia uma escultura. Sefia e Arqueiro passaram correndo pelo Cais da Coroa, o Cais do Canário e o Cais do Barril Vermelho, desviando de órfãos de guerra magros, carroças e marinheiros descarregando engradados. Quando finalmente chegaram ao Cais do Javali Negro, com um porco selvagem de aço com expressão furiosa no alto de seu pilar, eles o encontraram tão alvoroçado e agitado, tão repleto de botes e pequenas chalupas e marinheiros, que foi difícil caminhar. Espiando através da multidão, Sefia avistou alguns navios altos na extremidade da doca. Homens moviam-se em torno deles como formigas negras.

Ela puxou a manga de um marinheiro próximo.

– Pode me dizer para onde o *Balde de Lata* vai?

Ele puxou o braço para fora do alcance dela.

– Não enche, pirralha. Eu não trabalho aqui.

Enquanto Arqueiro ficava de vigia, atento a Machada e seus homens, ela tentou encontrar alguém que soubesse o destino do *Balde*, até propondo suborno com alguns kispes de cobre, mas ninguém lhe disse nada.

– Se aquele covarde nojento e traiçoeiro mentiu para nós… – Ela remexeu com as alças da mochila. – Venha. Vamos ver por nós mesmos.

Arqueiro assentiu. Juntos, eles caminharam discretamente pelo atracadouro lotado, se escondendo em meio a grupos de passageiros, mas não viram sinal dos impressores.

Conforme se aproximavam de um navio cinza e envelhecido que devia ser o *Balde de Lata*, eles se abaixaram atrás de uma pilha de caixotes para examinar a doca. De quatro, Sefia espiou por trás dos caixotes, seus olhos rápidos identificando estivadores circulando pelos conveses e pranchas de embarque.

Mas nenhum deles eram Machada e seus homens.

Sefia xingou de novo e saiu do esconderijo, caminhando sorrateiramente através do amontoado de barris, redes velhas e outras cargas variadas que

aguardavam para ser embarcadas. Ela olhou para trás, para Arqueiro, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, Barbarruiva saiu num salto de trás de uma caixa e a segurou pelo pescoço, arrastando-a dolorosamente até o centro da doca. Lutando em suas mãos, ela observou horrorizada o resto dos impressores surgir de seus esconderijos.

– Não! – Sefia chutou e se debateu, mordeu e gritou. – Arqueiro, fuja! – Ela conseguiu avistar seu rosto assustado antes que Barbarruiva a acertasse no lado da cabeça.

O mundo girou, e ela se lembrou do sorriso sebento do balconista. Ele os havia enganado. E ela não tinha percebido.

Machada e seus homens se fecharam em torno de Arqueiro, com armas em punho.

Capítulo 17



Medo e dor

Arqueiro saiu correndo. Ele tinha de alcançá-la. Quatro homens o cercaram e havia outros atrás. Ele podia senti-los bloqueando a saída do cais. Sua faca estava na mão. Ele tinha de alcançá-la. Chutou o primeiro, acertando o pé direito bem no estômago do homem, que cambaleou para trás. Outro o atacou. Arqueiro desviou e cortou sua garganta. Sangue. Aquele som gorgolejante e familiar – surpreso. Eles sempre pareciam surpresos.

Um tiro, como um trovão. Arqueiro saltou. Precisava alcançá-la. Alguém saltou sobre ele. Estava no chão. O homem era pesado, com braços grandes. Ele se esforçou para respirar, buscando loucamente por Sefia.

O homem da barba ruiva estava rindo enquanto ela se debatia em seus braços. Ele a girou, com uma faca em seu pescoço.

– Ladra! – ele rosnou.

Ela levou as mãos ao pescoço, mas ele era forte demais.

– Pelo menos, você trouxe de volta o que roubou.

Sefia pisou forte no pé do homem. A força dele afrouxou e ela lhe deu uma cotovelada no estômago. Ele perdeu o fôlego, então ela ficou livre.

– Arqueiro!

Arqueiro ergueu a faca e apunhalou o homem que o derrubara. A lâmina deslizou entre as costelas até o cabo. Ele empurrou o corpo para longe. O homem de barba ruiva chutou-o na lateral do corpo, várias vezes, para mantê-lo no chão.

O garoto cortou o tornozelo do homem. Houve um estalo. Barbarruiva desmoronou. Arqueiro se levantou outra vez. Os outros vinham se fechando ao

seu redor, mas ele estava apenas à procura de Sefia.

Ela, porém, tinha sido apanhada, levantada pelo pescoço. Tentava respirar, os dedos cravados na mão que a segurava. A mão de Machada. Com a outra, ele encostou uma arma na cabeça dela.

– Chega – disse ele. Seu rosto gordo estava vermelho, seus olhos castanhos perigosamente semicerrados. – Fique quieto, garoto.

Ele não podia arremessar a faca mais rápido do que Machada podia puxar o gatilho. Arqueiro abaixou as mãos. Havia sangue nelas. Havia sangue na doca. Os homens se afastavam mancando. Dois não estavam se mexendo, esticados no chão.

– A faca também – ordenou Machada.

O rosto de Sefia estava ficando vermelho. Arqueiro largou a faca e sentiu os homens a sua volta soltarem suspiros de alívio.

– Olhe pra você, garoto! Gordo e bem alimentado. Aposto que esta coisinha o tem tratado *muito* bem. – Ele olhou maliciosamente para ela. – E obrigado a *você* por devolvê-lo em condições tão boas. Ele está em melhor forma do que quando o roubou. – Aproximou o rosto do dela. – Achou que eu não sabia que estava sendo seguido? Achou que ia simplesmente deixá-lo ir? Ele é o melhor lutador que eu já vi. Não ficaria surpreso se *fosse* ele quem Serakeen está procurando atualmente. Um grande soldado para liderar seu exército.

Arqueiro calculou a quantidade de tempo que levaria para alcançar Machada. Tempo demais. Os olhos de Sefia estavam se fechando. Seu rosto ficava cada vez mais escuro.

Machada guardou a arma no coldre, mas não afrouxou a pegada na garganta dela.

– Você foi tolo em vir aqui, garoto. Podia ter escapado com sua liberdade se não fosse por ela.

Estava acontecendo de novo. Ia acontecer de novo. A terra batida, enlameada com sangue. Os punhos, as facas e correntes. O caixote.
A escuridão fétida. Aquilo não. Qualquer coisa menos aquilo. Ele ia fugir. Ele morreria antes de voltar.

Mas não podia deixar que matassem Sefia.

Arqueiro se preparou para um golpe, só que ele não veio. Houve outro tiro. Machada chiou e largou Sefia quando pedaços de carne e osso se estilhaçaram em seu braço. Lascas voaram da caixa atrás dele. Sefia caiu no chão e não se levantou.

Todos olharam para o homem com a arma fumegante do outro lado da doca.

Ele era alto e magro e tinha o chapéu encobrindo os olhos. Um marinheiro de aparência normal. Mas era para sua arma que estavam olhando fixamente: filigranas de prata e um cabo de marfim encrustado com madrepérola. Um dos dois revólveres mais famosos do mundo. O outro ainda estava no coldre.

– Soube que você estava traficando crianças – disse o homem lentamente. – Mas não quis acreditar.

Machada cerrou os dentes e estendeu o braço ferido.

– Isso não é da droga da sua conta, Reed. Só me deixe pegar minha propriedade e…

Outro tiro raspou seu ouvido. Houve um pouco de sangue e um tufo de cabelo caiu no ombro de Machada. Ele se encolheu, mas não gritou.

– Pessoas não são propriedade – rosnou Reed. Seus olhos azuis brilharam sob a aba do chapéu.

– Estamos indo para Jahara, longe de seu caminho – declarou Machada, sem se deixar intimidar. – Pode ficar com a garota, se ela estiver viva.

Arqueiro olhou para Sefia. Ela não estava se mexendo.

– Garoto. – Reed apontou com a cabeça para ele. – Melhor levar sua amiga e sair depressa daqui.

– Talvez toda essa fama esteja lhe subindo à cabeça, capitão – escarneceu Machada. – Porque você parece achar que pode entrar aqui tranquilamente e conseguir o que quiser com uma arma, quando, na verdade, está em inferioridade numérica.

Os homens de Machada engatilharam as armas. Os cliques dos cães sendo puxados para trás lembravam o som de insetos.

O capitão riu.

– Eu sei contar.

Atrás dele apareceu a tripulação do *Corrente*. Eles pareciam grandes, ali parados, sorrindo e loucos por uma luta.

Os homens de Machada abaixaram as armas. Arqueiro abriu caminho entre eles até Sefia. Ela respirava com dificuldade, mas estava viva. Ele a tocou no ombro com delicadeza.

– Vamos, garoto – chamou Reed.

Arqueiro a pegou no colo. Ela era leve demais. Como uma pena ou um filhote de passarinho. Ele apanhou sua mochila. Ela não teria gostado se ele se esquecesse da mochila. Ele a carregou com delicadeza, como se fosse se quebrar em seus braços, e os homens de Machada lhe abriram caminho.

O capitão não havia baixado a arma.

– Tenho gente por todo este reino – disse ele. – E se ouvir mais uma palavra sobre você capturando crianças, vou pegar meu navio e caçá-lo como um animal. Não importa aonde vá neste grande mundo azul, eu vou encontrá-lo.

Arqueiro já estava fora do campo de audição, por isso não conseguiu ouvir o que Machada respondeu, mas escutou os tiros. Ouviu gritos e o clangor de espadas.

Sefia não estava bem. Havia feias marcas vermelhas ao redor de seu pescoço. Ele engolia compulsivamente, sentindo o tecido da cicatriz em torno do pescoço se contrair. Chegou ao início do cais, que estava deserto. Todo mundo tinha fugido. Ele não sabia o que fazer. Aquilo não era como na floresta, onde ela mostrava a ele para onde ir. Ela não tivera tempo de lhe ensinar o que fazer.

Todas as docas pareciam iguais – todos os barcos, navios e pilhas de carga. Ele não podia ficar. Tinha de ir para algum lugar.

Começou a correr. Precisava encontrar ajuda. Ainda havia gente nos outros atracadouros. Talvez conseguissem fazer alguma coisa.

Arqueiro saiu correndo entre eles e abriu a boca.

Mas as palavras não saíram. Elas não estavam nele. Ele podia sentir o lugar onde elas deveriam estar, como um buraco negro em seu interior, mas as palavras em si não estavam ali.

– Garoto, você está bem?

Os rostos deles assomaram, enormes, a sua frente. Mãos se estenderam em sua direção.

– O que aconteceu com a garota?

Eles se amontoaram em torno dele. Todos pareciam iguais e a cabeça de Arqueiro girou. Não sabia onde estava, a que distância chegara. Sefia respirava com dificuldade em seus braços.

Havia gente demais. Eles estavam perto demais. Suas mãos o agarravam, tentando tocar Sefia. Suas palavras ficaram indistintas. Eles eram barulhentos e o cercavam. Ele precisava sair dali. Precisava ir para algum lugar seguro.

Escuridão. Era disso que precisava. Um lugar pequeno. Um lugar onde eles não pudessem alcançá-lo, onde estivesse em segurança.

Medo e dor estavam chegando e, dessa vez, a voz sombria e delicada de Sefia não estava ali para impedi-los. As marcas lívidas no pescoço dela haviam roubado sua voz, e agora ela jazia inconsciente em seus braços.

Então ele fez a única coisa que sabia fazer: se escondeu. Encontrou um engradado de carga vazio em um dos cais, pôs Sefia no interior e entrou depois dela, fechando o caixote em seguida. Não havia nada além da escuridão e do

som de passos e vozes do lado de fora.

Suas mãos estavam grudentas de sangue, mas ele deixou os pertences de ambos no chão e fez o melhor para afastar o cabelo do rosto dela antes de apoiar a mochila atrás de sua cabeça como travesseiro. Então, Arqueiro se encostou na lateral do caixote, com os braços em torno dos joelhos, e ficou ouvindo a respiração de Sefia, tentando escutar sons de perseguição e esperando que ela acordasse.

Capítulo 18



A primeira aventura de Haldon Lac

O suboficial Haldon Lac estava irritado. Era cedo demais – na verdade, se estivesse sendo honesto consigo mesmo, coisa que não estava, ele tinha acordado tarde demais. E por que não? Era um homem jovem, amadurecendo, que precisava dormir, e aquele novo horário não era nada adequado para ele. Ele não tivera tempo para sua xícara de café com creme e três torrões de açúcar, de modo que o sol através das nuvens estava claro demais, a brisa do mar fria demais, e o cheiro de peixe forte demais para seus delicados sentidos olfativos. Franziu os lábios de formas perfeitas e examinou os telhados partidos e as redes abandonadas de onde se erguia o cheiro insalubre de peixe. Levou a manga ao nariz e tossiu.

– Respire pela boca, senhor – disse Hobs, seu subordinado, sorrindo de seu desconforto. Hobs era um cara engraçado, de olhos oblíquos e cabeça quase esférica. Minucioso e exigente, tinha boa ética profissional e absolutamente nenhuma ambição, o que agradava ao suboficial Lac, que tinha muita ambição, mas, diga-se de passagem, nenhuma prática profissional. Eles formavam uma boa equipe.

– Cale a boca, Hobs – disse Raposa.

Ela era algo completamente diferente. Embora tivesse uma patente abaixo da de Lac, possuía a combinação perfeita de diligência, talento e motivação. Os três eram novos acréscimos ao complemento naval da cidade, mas se os rumores merecessem crédito, ela já tinha feito seu nome em Epigloss, a cidade irmã de Epidram, a oeste. Além do mais, como Lac frequentemente observara desde que ela fora transferida para a unidade dele, era linda. Bela como um quartzo fumê,

com dentes perfeitos e olhos cortantes. Ela enfiou uma madeixa rebelde para trás da orelha.

– Quanto ainda falta para o Mercado do Leste?

Lac examinou a ruela de cima a baixo e deu de ombros. Eles deviam render outra patrulha, mas quem sabia onde ficava qualquer coisa naquele ninho de ratos de setor? Ervas marrons e secas murchavam nas janelas da casa mais próxima dele, e barris de água estagnada e caixotes descartados enchiam o pátio. O falatório dos comerciantes e o ruído das carroças enxameava o ar, embora o mercado não estivesse em nenhum lugar à vista.

Uma dupla de rapazes magros com aventais de ferreiro manchados passou por eles, suas camisas abertas no colarinho. Um ignorou o olhar de Lac, mas o outro, que tinha um modo de andar levemente torto que o fazia mancar de vez em quando, olhou-o nos olhos. Lac sorriu. Ele tinha fé em seu sorriso. Era uma lua crescente perfeita que acalmara mais humores e lhe ganhara mais favores do que podia contar.

O garoto riu e saiu andando. Ah, ele tinha ombros excelentes. Lac o olhou ir embora, melancólico.

– Acho que estamos perdidos outra vez, suboficial – disse Hobs.

– Estamos? – Ele gemeu e se virou na direção de onde tinham vindo. – Eu nunca vou me acostumar com esta cidade.

– Com sorte, não vamos precisar – disse Raposa. – Quero embarcar em um navio o mais rápido possível. É lá que está a ação.

– Concordo plenamente.

Inflando de leve o peito, Lac se apoiou no barril mais próximo. Balançou e derrubou um líquido fedorento em seu casaco vermelho.

– Eca! – Uma gosma grosseira, marrom-esverdeada, penetrava no tecido. Haldon Lac sentiu ânsia. – Acabei de mandar limpar isso!

– Parece ruim, senhor – acrescentou Hobs, prestativo.

Raposa olhou para ele com desdém e deu um suspiro.

– Eles me alertaram sobre vir a Epidram. Mas eu ouvi?

– E por que *se* transferiu, então? – perguntou Hobs. – Você nunca disse.

Ela hesitou tanto que Lac tirou os olhos da mancha em seu casaco para estudar seu rosto. Ela parecia… triste. Nunca parecia nada além de impaciente ou concentrada. Sua tristeza era silenciosa e delicada, como uma folha caída.

Antes que Lac pudesse dizer qualquer coisa, a porta dos fundos de um dos prédios se abriu, e por ela saiu um homem com uma barba ruiva muito grande. Lac o reconheceu imediatamente. Ele nunca tinha visto o homem pessoalmente,

mas vira cartazes de “Procurado” fixados na base. Segundo os rumores, Barbarruiva e um homem chamado Machada estavam metidos em algum esquema de tráfico humano, embora nunca houvessem surgido testemunhas e ninguém parecesse ter prova. Havia anos que eles conseguiam evitar a Marinha oxsciniana, sempre entrando e saindo da cidade antes que qualquer um percebesse, deixando problemas em seu rastro.

Lac agarrou Raposa e Hobs e os arrastou para trás das latas de lixo. Ele levou um dedo aos lábios.

O suboficial Haldon Lac era preguiçoso, e se estivesse sendo honesto consigo mesmo, coisa que definitivamente não estava, havia muito tempo que contava com sua boa aparência e seu charme natural, mas, bem no fundo de sua pele impecável e de sua estrutura óssea perfeita, ele tinha alguns talentos verdadeiros – entre eles, um faro para situações importantes. E ele podia dizer que aquela, por mais inócua que parecesse, era uma situação importante.

Lac se virou para Raposa, que assentiu com a cabeça.

Eles saíram de trás das latas de lixo e seguiram o homem de barba ruiva até a entrada do beco, onde outro homem se juntou a ele. Lac, Raposa e Hobs se abaixaram atrás de uma pilha de redes de pesca para observar e escutar.

– Machada estava certo – murmurou o homem de barba ruiva. – Depois que deixei que me vissem, eles me seguiram até o Laço.

– Bom – disse o outro. – Jones sabe o que fazer?

– Ele é ganancioso. Vai tirar uma propina deles, se puder.

– Mas vai fazer o que mandamos?

– Vai. – O homem de barba ruiva olhou para trás e ergueu mais a gola da jaqueta em volta do pescoço. – Vamos até o *Balde*. Não gosto de ser seguido por aquele garoto… ou pela garota, por falar nisso.

A cabeça de Lac se revirou. Devia ser a falta de café. Que balde? Que garoto? Ele estava extremamente consciente da presença de Raposa ao seu lado, e se estivesse sendo honesto consigo mesmo, coisa que sem dúvida não estava, torcia em segredo para que ela estivesse prestando atenção em como ele estava lidando com a situação.

– O *Balde de Lata* atracou no Cais do Javali Negro há uns dois dias – sussurrou Raposa. – Esse navio faz a travessia de ida e volta entre aqui e Jahara.

Haldon Lac percebeu, atônito, que ela devia estar registrando todos os navios que entravam e saíam de Epidram. Era tão ambiciosa quanto ele e provavelmente esperava uma promoção.

Na entrada do beco, o homem de barba vermelha e seu companheiro viraram

a esquina e sumiram de vista.

Haldon Lac levantou e alisou o cabelo.

– Ouçam – disse enquanto Raposa e Hobs se levantavam. Ele podia sentir que aquele era seu momento. Ah, o suboficial Lac estava tendo um momento de grandeza, e queria que tudo saísse perfeito. – Nós vamos verificar esta situação por conta própria. O Javali Negro não é longe e, assim que virmos o que Machada está tramando, podemos mandar alguém de volta à base com informações concretas. Ele fez uma careta ao olhar para a mancha marrom no seu casaco, que era a única nódoa em seu momento de grandeza, mas ela estava secando rapidamente ao sol da manhã, e agora ele não podia fazer nada em relação a ela. Pelo menos não fedia mais.

Eles deixaram o beco e seguiram para o norte pelas ruas que se contorciam, fazendo alguns retornos acidentais e curvas erradas que Lac esperava que ninguém percebesse. Ele tinha mencionado que *odiava* esse lado da cidade?

Mas Raposa estava sorrindo. Seu sorriso era algo sorrateiro e feroz, como o esgar de um coiote.

– Não é curioso como esse sujeito consegue essa barba ruiva? – perguntou Hobs, de repente.

– O quê?

– O cabelo dele é grisalho, certo? Vocês acham que ele pinta dessa cor? Ou pinta a barba? – Hobs balançou a cabeça e puxou o lábio inferior.

– Cale a boca, Hobs – repreendeu-o Raposa.

– Talvez ele enfie a barba em…

– Cale a *boca*, Hobs!

Ao se aproximarem das docas, Haldon Lac ensaiou o que ia dizer quando prendessem Machada e seus homens. “Apenas fazendo meu dever, senhor!” Ele sorriria, para dar a seus superiores todo o efeito de seu charme. “Uma promoção, senhora? Bem, se insiste! Vou expulsar aqueles canalhas de azul de nossas rotas comerciais. O rei
Darion vai aprender o que significa mexer com a Marinha Real oxsciniana!” Ele estava tão ocupado praticando discursos que se esqueceu de prestar atenção aonde estavam indo, e Hobs teve de dizer a ele que tinham deixado passar totalmente a estrada de carroças para o porto e agora seguiam na direção errada.

Quando finalmente chegaram ao Cais do Javali Negro, Lac gemeu. Havia muita *gente*. Levaria uma eternidade para encontrar Barbarruiva.

De repente, eles ouviram um tiro. Gritos irromperam da multidão. Lac pulou. Olhou ao redor para checar se alguém havia notado.

Mas ninguém percebera.

As pessoas passaram voando por ele, se acotovelando para fora do caminho.

– Calma, agora – disse Hobs naquele seu jeito tranquilo. – Não há nada com que se preocupar. A Marinha Real está aqui, a Marinha Real está chegando.

Ninguém prestou atenção nele.

Outro tiro soou.

Raposa saiu correndo pelo meio do aglomerado de gente, desviando de estivadores e saltando caixotes. Haldon Lac seguiu em seu rastro. Se estivesse sendo honesto consigo mesmo, coisa que absolutamente não estava, talvez tivesse estragado tudo. Ele podia sentir seu momento de grandeza escorrer por entre os dedos.

Os três chegaram ao fim do cais em alguns minutos e se abaixaram atrás de alguns caixotes para se proteger. Raposa estava em um ponto mais privilegiado, mas Lac viu um garoto aproximadamente da sua idade pegar no colo uma garota magra e de cabelo negro e passar correndo por eles pela doca. Ele se sentiu fraco. A menina estava inconsciente, e as mãos do garoto estavam cobertas de sangue.

Erguendo as sobrancelhas, Hobs apontou para eles, mas Lac sacudiu a cabeça. Raposa fez uma série de sinais com a mão enquanto ele se esforçava para lembrar o que significavam. Eram números, mas ele não se lembrava quais. Cinco? Quinze? Vinte? Os dedos dela se moviam tão depressa que pareciam colibris pulando de um significado para outro.

Uma voz ecoou pelo píer.

– Tenho gente por todo este reino. E se ouvir mais uma palavra sobre você capturando crianças, vou pegar meu navio e caçá-lo como um animal. Não importa aonde vá neste grande mundo azul, eu vou encontrá-lo.

Esse era o momento de Lac. Era uma vergonha que ele já tivesse perdido o confronto inicial, mas agora seu dever era impedir que continuasse. Não havia tempo para chamar reforços. Lac respirou fundo, saiu de trás de seu caixote e disparou sua pistola para o ar uma vez.

– Isso já basta – anunciou ele. – Nós vamos assumir ago…

Uma bala o atingiu no braço. Primeiro ele sentiu a dor, depois ouviu o tiro. De onde ela viera? Ele gritou de um jeito nada atraente e caiu para trás.

O cais irrompeu em violência. Clarões de detonação explodiam de pistolas e rifles. Aço reluzia ao sol. Lac se apoiou em um barril, agarrando a arma com as duas mãos. Seu ombro sangrava. *Doía*.

Raposa e Hobs estavam lutando contra um punhado de homens sólidos e de

aspecto perverso no cais, mas não estavam lutando sozinhos. A eles haviam se juntado alguns marinheiros que estavam berrando e gritando com alegria enquanto golpeavam com suas espadas e disparavam suas armas.

Haldon Lac piscou. Ele os reconheceu como você reconheceria um personagem que tivesse saído da própria história e entrado na sua. O gigante com a bandana amarela. O marinheiro rápido com os dreadlocks. Eles lutavam com um abandono selvagem que nunca vira antes, nunca sequer imaginara, empurrando os homens de Machada na direção da beira do cais e para dentro da água. O próprio Machada estava recuando, agarrando o braço ferido, cambaleando para trás sob o ataque, então lançou um olhar venenoso para a confusão e mergulhou nas águas fétidas da doca. Apesar da dor em seu ombro, Haldon Lac se sentiu decepcionado. Seu momento de grandeza estava lhe escapando para a espuma verde.

A luta já tinha acabado. Ele se esforçou para sentar, mas a dor em seu ombro estava forte demais. Um dos marinheiros se aproximou dele. O suboficial Haldon Lac se encolheu e estreitou os olhos para ele.

O homem se abaixou. Ele tinha olhos azuis muito brilhantes – ainda mais bonitos que os de Lac, se ele estivesse sendo honesto consigo mesmo, coisa que não estava. Ele sentiu mãos o erguerem e tirarem a poeira do seu casaco.

– Não foi sua ideia mais brilhante entrar aqui disparando suas armas – disse o homem lentamente. – Mas acabou funcionando.

Gesticulando com as armas e rindo, os outros marinheiros encurralaram o que restava dos homens de Machada. Só sobraram três deles, agachados nas docas e sangrando profusamente de suas feridas. Quatro estavam mortos. Barbarruiva, que Lac tinha visto menos de uma hora antes, jazia na doca, sangue escorrendo do tornozelo e do peito, manchando sua barba desgrenhada de um tom mais profundo de vermelho. Seus olhos estavam abertos, a boca fixa em uma expressão de raiva silenciosa.

Raposa passou um pedaço de corda para Hobs e disse:

– Faça alguma coisa útil.

Hobs se abaixou para amarrar as mãos dos homens de Machada.

– Onde está o suboficial?

Haldon Lac se sentiu empurrado para a frente por uma mão firme.

– Imagino que seja você – disse o homem.

Lac cambaleou, mal consciente do sangue e da mancha marrom em sua jaqueta.

Raposa olhou além dele.

– Obrigado, capitão Reed – ela disse. – O senhor nos ajudou a deter três comparsas do criminoso conhecido como Machada.

Capitão Reed? Lac tornou a piscar. Aquele homem era ele? Tentou sorrir, mas ninguém estava olhando para ele.

Reed deu uma risada seca.

– Só estou cumprindo meu dever com o reino.

Só cumprindo com seu dever. O sorriso de Haldon Lac foi se esmorecendo.

– Vou me assegurar de que meus superiores saibam que foi o senhor quem nos ajudou – prosseguiu Raposa.

– Eu apreciaria isso, senhora.

Reed tocou o chapéu na direção dela e saiu andando, deixando o suboficial Lac emudecido na doca. Rindo e conversando, os outros marinheiros seguiram o capitão. Agora o suboficial reconhecia a tripulação do *Corrente da Fé*: Cavalo, o enorme carpinteiro com a bandana amarrada na testa; Meeks, o contramestre de dreadlocks que adorava histórias…

Hobs olhou para cima e sorriu.

– Aí está você, senhor. Achei que tinha perdido toda a ação.

Haldon Lac sacudiu a cabeça.

– Faça pressão nesse ferimento – disse Raposa.

De modo obediente, ele apertou a mão sobre o ombro e olhou para o sangue nos corpos nas docas. Aquele não era um momento de grandeza, de jeito nenhum. Eles tinham avançado sem ordens, e nem tinham Machada para exibir. Outra pessoa havia entrado em cena e ficado com toda a glória, coisa que Raposa iria lhe dar – por direito, se Lac estivesse sendo honesto consigo mesmo. Não, aquele era um capítulo na história de outra pessoa, provavelmente um nem muito importante, e ele não movera um dedo para participar dele.

Bom, ele chegou a erguer um braço. E veja qual tinha sido o resultado.

– Machada escapou – ele disse.

Raposa deu de ombros.

– Temos prisioneiros. Vamos pegá-lo na próxima vez.

Será que ela estava sorrindo para ele? A perna dela estava ferida, e havia sangue em sua testa, mas sim, ela estava sorrindo para ele. Aquele sorriso de coiote selvagem.

Haldon Lac retribuiu o sorriso.

Capítulo 19



O caixote novo

Quando Sefia despertou, estava tão escuro que ela não tinha certeza se tinha sequer aberto os olhos. Ouviu passos, vozes roucas, o rangido de cordas. O ar quente e encerrado se comprimia ao seu redor como um cobertor. Ela tossiu, se remexeu e disse, com a voz baixa e rouca:

– Arqueiro?

Algo fresco estava sendo apertado em suas mãos, e seus dedos tocaram de leve os dele quando ele ergueu o cantil até sua boca. Água escorreu por seus lábios e desceu por sua garganta. Ela sentou e tornou a falar.

– Onde estamos? Eles nos pegaram?

As mãos dele apertaram as dela. Eles estavam em segurança.

– Obrigada – sussurrou ela.

Enquanto ele se recostava, tirou algo do bolso e começou a revirá-lo entre os dedos. Ela estendeu o braço e, no escuro, encontrou a pedra da preocupação repousada na mão dele.

Do lado de fora, ondas murmuravam na respiração lenta da maré. Estavam perto da água, talvez em um dos atracadouros. Seu esconderijo era pequeno, com laterais duras de madeira, mal cabia os dois.

– Um caixote! – Seus dedos passaram pelas dobras da roupa dele.

A mão de Arqueiro encontrou as delas, e ele ergueu dois dedos cruzados no escuro. Eles estavam grudentos – com sangue? –, mas ela sabia o que significavam.

Ela estava com ele. Estavam juntos. Então ele estava bem.

Sefia se encostou nas paredes do caixote, mas a mão dele permaneceu sobre as suas. Na escuridão, a pressão dos seus dedos parecia a única coisa real no

mundo, e se ela soltasse, todos os seus pedaços iam se espalhar, girando loucamente para a escuridão. Eles tinham se tocado antes, mas a sensação nunca tinha sido aquela.

Ela não tirou as mãos da dele.

– O que tem lá fora?

O ombro de Arqueiro se ergueu e caiu. Ela tomou outro gole de água.

– Desculpe – ela disse, sua voz baixa e vacilante. – Eu devia ter sido mais cuidadosa. Devia ter percebido… simplesmente não consegui controlar minha visão… – Ela fez uma pausa. – Machada disse que você deveria liderar um exército.

Ele não respondeu, mas ela sabia que ainda estava esfregando a pedra da preocupação. Serakeen já tinha reivindicado várias faixas do oceano. Agora ele queria terra também. Liccaro, com seus regentes corruptos e sua população empobrecida, seria presa fácil.

Era por isso que ele necessitava de garotos? Para seu exército? Porém, a forma com a qual Machada falara sobre Arqueiro na doca deixou transparecer que ele acreditava que o garoto era especial. Não bucha de canhão, mas um líder. Um capitão. Um condutor de violência. Arqueiro já havia matado quinze rapazes, mas Serakeen queria muito mais. Legiões mais.

– Nunca. – Ela apertou com mais força os dedos dele. – Você nunca mais vai ter de matar para eles.

Ele se inclinou e encostou o rosto no alto da cabeça dela.

Depois de um minuto, Sefia estendeu a mão e sentiu a forma familiar de sua mochila e do livro em seu interior.

– Nós nem descobrimos aonde eles estavam indo.

Arqueiro deu tapinhas urgentes nas costas de sua mão.

– Eles disseram alguma coisa?

Arqueiro balançou a cabeça afirmativamente e ela começou a tentar adivinhar. Corabel. Kelebrandt.

– Roku! – ela riu. O menor dos reinos era uma ilha vulcânica fumegante que cheirava a enxofre e cinza. Embora já tivesse sido um território oxsciniano e ainda exportasse pedras pretas e pólvora para seu antigo soberano, era pequeno e isolado demais no sul profundo para ter muita importância. – Eu sei. Ninguém vai a Roku.

Mesmo assim, ela não demorou para chegar à resposta certa.

– Jahara – sussurrou. – Eles estavam indo para Jahara.

Arqueiro parecia prestes a responder quando ouviram passos ecoando no

exterior, batidas rápidas e leves como as de uma ave. No interior da caixa, eles congelaram. Apertada contra o ombro dele, Sefia podia sentir a própria pulsação vibrando em seu pescoço. Os passos ficaram mais altos, então pararam. Alguém estava perto, separado deles por apenas algumas tábuas.

Houve o ruído de arranhões, como uma escavação, como fogo em madeira seca. Ele mordiscava e estalava em torno deles, enchendo o caixote de barulho.

Então uma voz rouca:

– Você, aí!

O ruído cessou, e eles ouviram alguém sair correndo.

– Ei, aquela não era a garota que…?

– Não, velho. Ela era apenas uma coisinha magrela.

As vozes se aproximaram, e alguém deu um tapa na lateral do caixote. Sefia sentiu um calafrio.

– Depois daquela encrenca no Javali Negro, todo mundo está atrasado. O capitão queria a gente no mar uma hora atrás.

– Mesmo uma hora atrás não teria sido cedo para o capitão.

Eles riram.

A mão de Arqueiro se apertou em torno das dela.

O caixote balançou. Algo grande e pesado estava sendo batido contra ele. Cordas. O caixote estava sendo amarrado como um presente. Ela se segurou contra as paredes. Estivera em barcos antes. Sabia o que viria em seguida.

Sentiu como se o chão tivesse despencado de baixo dela. Seu estômago quase saiu pela boca. Eles estavam em voo, balançando pelo ar, adernando de um lado para outro. Ela caiu sobre Arqueiro quando as mochilas acertaram suas costas. Eles caíram um por cima do outro, uma mistura de cotovelos, cabeças e alças se agitando.

Então eles foram soltos. Sefia mordeu o lábio para não emitir nenhum som com o impacto.

Eles estavam cercados por gritos e murmúrios e coisas sendo colocadas no lugar. Sefia e Arqueiro jaziam imóveis no fundo do caixote, enroscados onde haviam caído. Os braços dele junto dos dela. A respiração entrecortada dela em seu cabelo desgrenhado. Em toda a confusão, ele não havia soltado a mão dela.

Houve um grande *baque* seco: uma escotilha sendo fechada acima deles, então eles ficaram sozinhos. As vozes vinham distantes, de algum lugar acima.

Eles tinham sido carregados para um navio.

Sefia estremeceu. Eles eram clandestinos, e clandestinos eram dispensáveis. Ela tinha ouvido histórias. Se o barco estivesse em uma viagem curta, entre

reinos ou pela costa, eles poderiam ser escravizados e vendidos no próximo porto. Se o navio estivesse em uma daquelas longas viagens marítimas, eles seriam mortos imediatamente, e seus corpos jogados no oceano aberto, sem cerimônia.

A caixa, que apenas momentos antes parecera quente e segura, agora se fechava em torno deles como uma prisão.

Arqueiro estava tremendo. Sua respiração estava acelerada demais. Sob a mão, ela podia senti-lo passar o polegar por cima da pedra da preocupação repetidas vezes. Ela se enroscou ao seu redor e apertou o rosto contra seu cabelo, abafando o tremor dele com a pressão do próprio corpo.

– Está tudo bem. – Suas palavras mal se ouviram quando sussurradas no ouvido dele. – Está tudo bem.

Quanta comida eles tinham?

– Está tudo bem.

Quanta água?

– Está tudo bem.

Quanto tempo eles poderiam durar nas entranhas do navio?

– Está tudo bem.

Capítulo 20



Ela

Tanin se encostou na amurada do navio como se aquele fosse seu lugar, apoiada sobre os cotovelos, com as mãos cruzadas frouxamente nos pulsos. Não era seu navio, claro, e aquele *não era* seu lugar, mas do convés da velha chalupa ela tinha uma vista clara e desobstruída das docas e, a cinquenta metros de distância, do caixote que continha o garoto e a garota.

Ao lado dela, a Assassina estava aparando as unhas com a ponta da faca, atirando pequenas lascas brancas na água verde e espumante. Sob suas botas, os conveses estavam escorregadios com o sangue dos vigias que agora jaziam mortos no fundo da escotilha principal.

– Ainda acho que estamos perdendo tempo – disse a Assassina.

Tanin não tirou os olhos do engradado.

– Isso importaria, se eu me importasse com o que você pensa.

A Assassina não disse nada, mas frustração irradiava dela em ondas.

Tanin deu um suspiro.

– Desculpe. Sei que você está impaciente. Eu também. Mas se agirmos antes de termos todas as informações relevantes, podemos perder o Livro, e esse não é um risco que estou disposta a assumir.

– Como é relevante observá-los sentados em uma caixa? –

A Assassina embainhou a faca.

– Se eles são tão importantes quanto eu acho que são, tudo é relevante.

Os olhos de Tanin se estreitaram quando houve um breve movimento na doca. Uma figura magra saiu correndo de trás de um conjunto de caixotes, com o comprido cabelo negro amarrado. Ela se movia com os passos rápidos de uma ladra ou de um pássaro caçando insetos, tão segura e elegante que Tanin ficou

sem fôlego.

Não. Não pode ser ela.

Tanin estava longe demais para ver o rosto com clareza, mas, enquanto observava, a mulher parou ao lado do caixote. Uma faca brilhou em suas mãos. Ela olhou ao redor para se assegurar de que não havia ninguém observando e começou a entalhar.

Tanin se aprumou imediatamente. Ela teria reconhecido aquela postura em qualquer lugar.

A mulher estava escrevendo.

Tanin saltou por cima da amurada e desceu a prancha de desembarque correndo até o cais. Através do atracadouro lotado, ela viu dois homens se aproximarem do caixote. A mulher pequena de cabelo escuro ergueu os olhos uma vez – longe demais para que Tanin identificasse seus traços – e se escondeu na multidão.

Tanin passou os olhos por crianças pedintes e marinheiros, criados e mercadores, mensageiros correndo de um lado para outro com suas toucas pretas.

A Assassina se juntou a ela no cais.

– Aquela é…

A mulher saiu correndo de trás do aglomerado de passageiros e fugiu. Tanin correu atrás dela.

Ela podia ver a Assassina pelo canto do olho, correndo ao seu lado enquanto desviavam através da multidão, evitando por pouco carrinhos de puxar e homens rolando barris pelas tábuas de madeira. À frente delas, a mulher saltou por cima de pilhas de redes e deslizou, as pernas batendo com força, sobre baús de madeira, esgueirando-se entre comerciantes gordas e grupos de viajantes confusos.

Enquanto corria, Tanin não parava de torcer – *com todas as forças* – para que a mulher se virasse, nem que só por um segundo. Apenas tempo suficiente para que desse uma boa olhada nela. Ver que era realmente ela. Mesmo que isso fosse impossível.

Mas a mulher não olhou para trás nem uma vez.

Elas a perseguiram até o fim do cais e, sem diminuir o passo, a mulher se apoiou em um conjunto de caixotes, saltou e voou por cima da água, com os braços abertos como asas.

A Assassina ergueu a faca, que brilhou ao sol.

– Não! – Tanin a empurrou quando a lâmina deixou sua mão.

A faca cortou o braço da mulher pouco antes que ela desaparecess

A lâmina caiu na água, mas não houve o barulho de um corpo desabando. Era como se a mulher tivesse desaparecido completamente.

Tanin congelou.

Teletransporte. Aquele nível de magia era tão avançado que até os Mestres Iluminadores raramente o tentavam. Mas a mulher não podia ser…

A Assassina parou o impulso do empurrão e socou um dos caixotes com a mão enluvada. Ele arrebentou, suas laterais de madeira quebrando como gravetos. Alguns estivadores próximos partiram em sua direção, mas ela os encarou com tamanha maldade que eles ergueram as mãos e recuaram, sacudindo a cabeça.

– Por que você me impediu? – ela indagou.

Tanin encarava o espaço onde a mulher estivera há pouco.

– Eu não queria que você a matasse – disse em voz baixa.

A Assassina chutou as lascas de madeira sobre a doca.

– Eu não a teria matado. Impedido que ela se teletransportasse, sim. Conseguido as respostas que você queria, sim.

– Eu não podia correr esse risco.

– Ao menos era *ela*?

Tanin se virou enquanto lágrimas distorciam sua visão.

– Não sei – ela sussurrou. As palavras saíram entrecortadas conforme sua voz, sempre tão controlada, vacilava e se partia como gelo.

A Assassina escarneceu.

– Por que você se importa tanto?

Mais algumas lágrimas escorreram dos cantos de seus olhos, e ela as esfregou apressadamente e alisou as roupas.

– Porque ela era família.

– Nós não temos família. Fizemos um juramento. – A Assassina cuspiu de lado. – Às vezes parece que você nem quer o Livro de volta.

Todos os traços de decepção desapareceram do rosto de Tanin em um instante. Ela segurou com força o pulso da Assassina e deu uma torcida cruel.

A mulher deu um grito e caiu de joelhos, a mão presa firmemente na pegada forte como um torno de Tanin.

– Gosto de você, Assassina – ela disse com candura. Sua voz tinha voltado ao normal, tão flexível e afiada quanto um florete de esgrima. – Sob circunstâncias normais, gosto até de suas reclamações obstinadas e de sua devoção cega à causa. – A cada palavra, ela botava mais pressão no pulso da Assassina, até que a

junta começou a ceder e lágrimas brotaram nos olhos da mulher mais jovem. – Mas estes são momentos extraordinários, e se você não conseguir se segurar para não soar como uma chata tacanha toda vez que abrir a boca, vou mandá-la de volta para a Sede Principal e deixar que os Administradores a domem como o burro chucro que é.

Ela deu uma última torcida no pulso da Assassina e a soltou.

A Assassina engasgou em seco, aninhando a mão machucada sobre o peito.

Tanin sorriu para ela.

– Agora deixe-me soletrar para você: aquela mulher, quem quer que fosse, *transformou* aquele caixote. Ela os está *protegendo*. Se alguém tão poderoso está cuidando dessas crianças, elas devem ser importantes. Você seria uma tola se tentasse capturá-las agora.

Apesar da dor no pulso, os olhos da Assassina brilharam com o desafio.

Tanin se aprumou, jogou os ombros para trás e empinou o nariz. A brisa marinha atingiu seu cabelo negro e prateado, afastando-o de seu rosto.

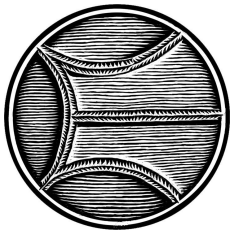
– De todo modo, sabemos aonde estão indo. Vamos seguir o navio. – Ela fez uma pausa. – Ficarão seguros, se tomarem cuidado.

A seus pés, a Assassina parecia capaz de cuspir veneno, mas não disse nada.

– Venha. – Tanin pegou seu braço e a ajudou a se levantar, limpando farpas de madeira de sua manga preta. – Eu lhe devo uma faca nova.

SUA MÃO.

Capítulo 21



O significado das estrelas

Lon estava parado junto da parede de vidro da Biblioteca, olhando para as montanhas lá fora. Dedos cinza de luar dividiam as nuvens, tocando picos azuis e árvores negras salpicadas de neve. Ele respirou fundo e piscou, permitindo que o mundo Iluminado surgisse diante de seus olhos.

Sob o cobertor branco do inverno, as rochas e árvores cintilavam com fios dourados de luz, movendo-se e se alterando com a passagem do tempo.

Ele observou o crescimento das árvores e sentiu incêndios florestais queimando pela paisagem, experimentou raios atingirem cúpulas de granito, e sofreu o avanço lento e inevitável do gelo glacial. Vidas inteiras se desenrolaram a sua frente enquanto ele estava ali parado, mal tomando consciência dos minutos que passavam, seu hálito soprando contra o vidro.

Erastis sempre dissera que ele precisaria de uma referência, algo no mundo físico para ancorá-lo nos mares de luz que abarcavam toda a história. Mas Lon era melhor que isso. Levara meses de treinamento, só que agora ele podia absorver décadas de informação sem adoecer nem se perder nas ondas de luz.

– Achei que fosse encontrá-lo aqui.

Lon piscou, e o mundo Iluminado se esvaiu. Ele virou e viu a Segunda parada ao seu lado, cheirando a metal. Nas sombras, ele podia ver que ela estava inteiramente vestida com o traje negro de Assassina, com gelo ainda colado ao cabelo escuro. A espada curva pendia ao seu lado.

– Você voltou – disse ele. Embora tivesse falado com delicadeza, sua voz ecoou suavemente no salão de mármore.

A Segunda não olhou para ele, mas assentiu com a cabeça. Havia algo diferente em relação a ela. Depois do encontro na Biblioteca, eles haviam

passado seis meses se tornando amigos – enquanto ela forjava a espada de sangue e ele praticava a Visão – até que um dia, mais de cinco semanas antes, ela e sua Mestra desapareceram. Ninguém contava para onde elas tinham ido, e Erastis, quando pressionado, apenas sacudira a cabeça e dissera:

– Eu lhe avisei para não ficar ligado demais a ela, Lon. Assassinos não criam elos que não podem romper.

E agora ela parecia quase tão distante quanto no dia em que se conheceram.

– Aonde você foi? – ele perguntou.

– Estava em outra missão. – Suas palavras eram um fio de condensação, desaparecendo rapidamente contra o vidro.

– Ah.

Por um minuto, nada se moveu além dos flocos de neve lá fora.

– Por quanto tempo você vai ficar?

– Enquanto me ordenarem.

– Ah.

Lon a observou com atenção. Ela saíra em missões antes de obter sua espada de sangue, antes de eles se tornarem amigos. Mas não se lembrava de ela retornar desse jeito, fria e distante como o gélido Extremo Norte.

A Segunda tirou a espada cerca de um palmo da bainha, e seu olhar passou pelo aço cor de cobre que tinha sido inscrito com centenas de palavras, subindo e descendo pela lâmina em espirais perfeitas. Depois de forjar a lâmina, ela passara mais três meses usando Transformação para gravar a arma, imbuindo-a com suas propriedades mágicas. Ao luar, as letras pareciam reluzir.

Ele puxou as enormes mangas, sem jeito. Não gostava de pensar naquilo, mas os Aprendizes eram designados para suas divisões por uma razão. Aos dezoito anos, a Segunda já tinha ido em pelo menos uma dúzia de missões, cada uma delas um assassinato, e à medida que ficasse mais poderosa, iria começar a operar por conta própria, separada da Primeira, dobrando seu alcance mortal. Um dia, seu melhor amigo Rajar, de coração e boca grandes, iria deter nas mãos a vida de centenas de soldados. O Aprendiz Administrador, que era quase tão velho quanto seu Mestre moribundo, tinha sido escolhido muito tempo atrás por suas aptidões com venenos e tortura.

Lon ainda estava ansioso para se provar, mas não invejava mais seus colegas Aprendizes.

– Você quer conversar sobre isso? – perguntou baixo.

A Segunda hesitou por um longo momento antes de devolver a espada à bainha com um *clique* definitivo.

– O que você estava fazendo aqui?

Ele engoliu em seco.

– Vigiando as geleiras.

Um vislumbre da velha amizade passou pelos olhos dela.

– Você deve ter melhorado desde que o vi pela última vez.

Ele deu de ombros.

– Mas ainda não posso ver o futuro.

– Só um vidente em mil consegue ver o futuro.

– É isso o que Erastis diz também. – Lon falou mais lentamente, entrecortando as palavras em uma imitação do Mestre Bibliotecário. – "É preciso um talento raro para ver as histórias que ainda não foram contadas, meu Aprendiz. Como você pode vê-las quando não sabe o que elas vão ser?" – Ele revirou os olhos. – Mas não significa que eu não possa tentar.

A Segunda ergueu uma sobrancelha.

– Imagino que vá querer se teletransportar para o futuro também, em alguns anos.

– Por que não?

– Porque *isso* nunca foi feito.

– O que não significa que não possa ser feito.

Uma luz se acendeu no corredor do outro lado da Biblioteca, e a Segunda pegou a mão dele e o puxou para as portas de vidro da estufa, para o ar quente e terroso de seu interior.

Ela fechou a porta e se agachou com ele atrás de um canteiro de papoulas ressecadas enquanto observavam Erastis entrar na Biblioteca com um lampião a óleo balançando na mão. Ele dizia ser desperdício de força usar uma lâmpada elétrica só para ele.

Lon fez uma expressão contrariada.

– Achei que ele ia dormir por mais tempo hoje.

– Psiu.

À noite, o Mestre Bibliotecário usava as mesmas túnicas compridas de veludo que vestia durante o dia, e elas se arrastavam com um sussurro pelo chão enquanto ele subia os degraus até um dos nichos. A luz do lampião tremeluziu e desapareceu por trás das estantes de livros.

– Ele me repreende por vir escondido aqui à noite, mas traz *lampiões* até as pilhas – resmungou Lon.

– É o responsável pela Biblioteca. Ele dita as regras.

– Mas eu vou ser o Mestre Bibliotecário um dia. E também não vou incendiá-

la.

Erastis emergiu das estantes carregando um volume de capa vermelha embaixo do braço, então saiu da Biblioteca, a luz do lampião batendo no teto enquanto ele se afastava pelo corredor.

– Você tem sorte de ser Bibliotecário. O resto de nós… – A Segunda parou por um instante; sua boca se retorceu, e o restante da frase pareceu mudar abruptamente de direção. – …não pode entrar aqui e pegar o que quiser. Nem mesmo o Diretor.

Os poderes de observação de Lon, afiados durante o tempo que vivera como artista de rua, disseram a ele que havia algo errado. Que a última missão dela tinha sido diferente, que a havia abalado de algum jeito, de modo que os pedaços que a formavam tinham sido tirados do lugar e agora chacoalhavam em seu interior. Mas ele não ousou perguntar de novo sobre isso. Em vez disso, falou:

– Nem eu.

– Mas um dia vai. – Ela deu um sorriso triste, mas ele sabia, pelo sofrimento em seus olhos, que a tristeza não era por ele.

Como ele não disse nada, ela abraçou os joelhos e olhou para o céu através do teto de vidro. Ali, entre as nuvens, eles podiam ver as constelações – cada conjunto de estrelas, uma história, escrita em pontinhos de luz e nos fios imaginários que os conectavam.

– Conhece a história da grande baleia? – perguntou a Segunda.

Lon acenou a cabeça afirmativamente.

– Quando eu era criança, meus pais me botavam na cama toda noite e me contavam todo tipo de histórias sobre a Lua, as estrelas e as formas das árvores. Quando estavam em casa, pelo menos. Antes que sua trupe fosse chamada outra vez sabe-se lá para onde.

– Conte-a para mim. – A voz dela estremeceu, como uma onda na superfície imóvel de um lago.

Lon a observou por um instante, mas ela não o olhou nos olhos. Então ele encontrou as estrelas que criavam a forma da baleia, inspirou o aroma profundo da terra que o cercava, e começou, a voz entrando facilmente na cadência das histórias antigas:

“Houve uma vez, e um dia haverá. Esse é o começo de toda história.

“Houve uma vez uma grande baleia, do tamanho de um reino insular, tão negra quanto a própria noite. De dia, a baleia nadava pelos oceanos e saía do mar ao pôr do sol, dando um grande salto no céu com gotas de água ainda presas à pele. Durante toda a noite ela nadava pelo céu e, quando amanhecia, tornava a

mergulhar no mar e repetia o ciclo: pela água durante o dia, pelo céu durante a noite.

“Naquela época, havia um famoso baleeiro cujo nome foi esquecido, embora seus feitos não tenham sido. Ele tinha matado mais baleias do que qualquer homem que já havia vivido ou que viveu depois. Diziam que seu navio era feito de ossos de baleias e que ele bebia em copos feitos de dentes de baleia. Toda noite, ele observava a grande baleia nadar pelo céu, e sabia que, por mais baleias comuns que tivesse matado, ele nunca seria o maior de todos os baleeiros se não matasse aquela.

“Levou muitos anos, mas, por fim, ele estava pronto. Ao amanhecer, quando a reluzente baleia negra mergulhou de volta para o mar, o baleeiro disparou seus arpões. A baleia foi pega! Mas era tão forte que continuou a nadar. Nadou através de Kelanna o dia inteiro, puxando o pequeno baleeiro atrás de si.

“Com a aproximação da noite, o baleeiro preparou seu barco para voar. Mas quando a baleia saltou para o céu, as cordas arrebentaram.

O navio caiu com força de volta no mar. Muitos homens foram lançados e se perderam nas águas escuras. Mas era impossível deter o baleeiro.

Ele e a tripulação restante levaram o navio para navegar no ar… porém era tarde demais. A grande baleia já tinha atravessado metade do céu, e embora o baleeiro tivesse perseguido sua presa durante o que restava da noite, o sol o alcançou, e ele e seu barco desapareceram na luz.

“Na noite seguinte, um novo conjunto de estrelas apareceu; era o baleeiro, condenado a perseguir sua presa pelo resto dos tempos. E a grande baleia nadou livremente pelo oceano e pelo céu, sem ser perturbada pelos homens.”

Quando Lon terminou sua história, as mãos da Segunda desceram para sua espada de sangue, e o cheiro de metal floresceu na estufa.

– Seus pais lhe contaram isso? – ela murmurou.

– Os seus não?

Os olhos escuros dela se fixaram nele.

– Eu não tenho pais – respondeu.

– Certo. “Abandonarei todas as ligações com familiares e reinos.” – Lon repetiu rapidamente as palavras de seu juramento. – Mas, de qualquer modo, você *teve* pais em algum momento.

Enquanto os dedos dela se apertavam na bainha, ele pôde ver cicatrizes e cortes se remexendo sobre seus tendões.

Por fim, ela relaxou os dedos em torno da espada. Seus ombros se curvaram, e ela abraçou os joelhos junto do peito.

– Você me conta outra? – perguntou.

Lon a estudou por um momento. Ela tinha fechado os olhos, e a luz azul-acinzentada delineava sua testa, seus cílios, seu nariz e seus lábios. Ele nunca vira alguém parecer tão vulnerável e impenetrável ao mesmo tempo.

– Conhece a história do homem urso que dividiu as Ilhas Gorman? – ele perguntou.

De modo quase imperceptível, a Segunda sacudiu a cabeça.

Lon se inclinou, apoiando-se nas mãos, e olhou para o céu.

– Houve uma vez, e um dia haverá… – começou.

Ele contou a ela uma história atrás da outra, lançando-as como pedras jogadas na escuridão, onde elas desapareciam sem ruído. Ela não falou nada sobre sua missão e ele não tornou a perguntar, mas passaram o resto da noite na estufa, até o céu se iluminar e o cheiro de coisas verdes amadurecendo superar o travo de sangue e ferro.

Capítulo 22



Os clandestinos

Sefia não sabia quanto tempo se passara desde que Arqueiro dormira, mas a julgar pelo modo como os ruídos do navio tinham gradualmente diminuído – as vozes, os passos, o desenrolar repentino de velas, como páginas viradas –, era noite quando ele se mexeu.

Ele acordou tão silenciosamente quanto fazia todas as outras coisas, com um leve estremecimento da ponta dos dedos. Ela o sentiu se sentar.

– Temos água e comida suficiente para três dias, se formos cuidadosos. – Ela começou a tatear as arestas da caixa. – Precisamos encontrar uma saída.

Depois de empurrar e forçar um pouco, uma lateral do caixote se entreabriu. Ar fresco entrou soprando pela abertura, e eles respiraram fundo, felizes. Mas seu alívio durou apenas um momento, porque quando empurraram a parede com mais força, ela emperrou e não abriu mais.

Arqueiro golpeou-a com o ombro, empurrou com os pés, as mãos e o corpo. Sefia rastejou para longe dele. Ele se lançou outra vez contra as paredes, com punhos, cabeça e pernas. O caixote pareceu se encolher em torno deles. Eles foram envolvidos pelos cheiros imaginários de sangue e urina, palha velha e chão imundo.

– Arqueiro, por favor!

Ele a ignorou. Empurrou todo o peso contra o lado da caixa. Ela podia sentir o pânico dele tão palpável quanto suor.

Então, com um ruído alto, a parede cedeu. Arqueiro se espremeu e saiu no interior do compartimento de carga no fundo do navio. Ficou ali abaixado por um longo instante na semiobscuridade, ouvindo. Sefia prendia a respiração.

Mas não havia sinais de que alguém tivesse ouvido – nenhum som dos vigias,

nenhum passo.

Logo Sefia rastejou para fora também e esticou as pernas. O resto do compartimento de carga estava cheio de caixotes, barris e sacas de aniagem. Arqueiro examinou a escotilha que levava ao convés inferior acima deles, mas não havia sinais de movimento.

Perto da parte dianteira do compartimento de carga, Sefia arrombou a tranca da despensa e encontrou batatas, carne salgada, cenouras, queijos duros embalados em pano, manteiga, gordura, ovos e, no canto, um lampião apagado com o globo de vidro rachado.

Ela piscou, e a história do lampião nadou a sua frente; o mar revolto quando ele quebrara, de onde viera, imagens tão rápidas e confusas que ela não conseguia se concentrar nelas. Foi tomada por náusea e cambaleou, batendo a parte de trás das pernas em um caixote próximo.

Por que sua visão funcionava algumas vezes e outras não? Ela sacudiu a cabeça, piscou e tentou outra vez, mas ainda assim ficou se debatendo no mar de mãos, rostos, vislumbres de lugares escuros. Sua visão saltou do passado para o futuro: ela se viu acendendo o lampião, viu as sombras do rosto de Arqueiro, e então ela estava deslizando pela história até a oficina de um soprador de vidro, sentindo o calor no rosto, vendo globos de vidro girarem em hastes de ferro como enormes bolas de caramelo de cristal.

Então ela piscou e voltou ao presente, onde Arqueiro estava parado a sua frente com um sorriso nos olhos. O estômago de Sefia se revirou, e não apenas pela náusea. Por quanto tempo ele estivera ali? Como ela devia parecer? Ela quase riu, e nervosamente cobriu a boca com a mão para se controlar.

O sorriso de Arqueiro se abriu.

Para se ocupar até que o calor em seu rosto arrefecesse, pegou o lampião e procurou ao redor até encontrar óleo para acendê-lo. Então ela e Arqueiro voltaram em silêncio para o caixote.

Durante os dias seguintes, eles comeram primeiro a própria comida, mas quando seus estoques terminaram, começaram a roubar, sempre pegando um pouco menos do que precisavam: meio punhado de ervilhas, uma concha de água, um pedaço pequeno de porco. Estavam constantemente com fome. Seus estômagos roncavam. Mas não podiam se dar ao luxo de ficar cheios.

Eles aprenderam a diferenciar a noite do dia pela forma como os sons do navio desapareciam, acompanhando a hora pelas irrupções repentinas de barulho na troca de guarda, e só saíam depois que o resto do navio tinha ido dormir – só alguns minutos para se esticar e recolher suprimentos.

Uma vez, estavam catando migalhas de queijo quando passos soaram no convés. Eles se abaixaram atrás do caixote mais próximo quando a luz de um lampião inundou o compartimento de carga escuro. Houve o som de ratos correndo para se esconder nos cantos.

Uma sombra comprida atravessou o compartimento até a despensa. O grumete destrancou a porta e começou a procurar entre os barris; era uma silhueta de membros compridos e cachos sobre as madeiras curvas.

– Manteiga – disse ele. – Manteiga, manteiga, manteiga. Nunca vou me acostumar com isso. A gente devia arranjar uma vaca e fazer a nossa, pelo ritmo que ele está usando.

O grumete a encontrou embrulhada no canto do porão, pegou um pedaço e tornou a subir a escada, ainda resmungando baixo.

Eles não roubaram mais nenhuma manteiga depois disso.

As viagens ao compartimento de carga tornaram-se regulares, ocorrendo algumas horas antes de cada refeição, em visitas inesperadas e ocasionais, e Sefia e Arqueiro se acostumaram às idas e vindas e resmungos do rapaz.

Eles dormiam durante o dia, apertados um contra o outro. Acordavam apenas com o som dos passos acima, então ficavam imóveis e mal respirando, até que os passos desapareciam e eles estavam sozinhos outra vez.

No tempo que passavam acordados, durante as horas mais escuras e seguras da noite, Sefia praticava sua visão. Às vezes, funcionava. Às vezes, ela via antigos pastos delieneanos, montanhas verdes e ondulantes com vacas malhadas pastando à sombra do pico Kozorai, onde valas e muros de pedra cobertos de mato serviam como lembranças de um cerco que ocorrera centenas de anos antes, no calor da rixa de sangue dos Ken-Alissar. Às vezes, ela via mãos brutas separando cordas e trançando-as outra vez, com o sal no ar e uma brisa nas velas. Mas cada momento que via lhe provocava dor de cabeça e enjoo, e ela não conseguia manter a visão por muito tempo.

Outras vezes, quando considerava seguro o bastante, acendia o lampião no interior de seu pequeno caixote. Arqueiro debruçava-se para perto, a luz iluminando seu queixo, as maçãs do rosto, os olhos dourados. E ela lia. Sua voz os cercava de histórias, até que ficavam saturados com o mundo no interior do livro, inalando-o, ouvindo não os rangidos do próprio navio, mas o do navio da história, um de casco verde que navegava para a Borda Oeste do mundo.

O Corrente da Fé e a ilha flutuante

Depois de deixar a capitã Cat e os ossos de sua tripulação canibal para trás, continuaram a navegar. Quando encontraram a ilha flutuante mais de seis meses após a partida das Ilhas Paraíso, eles já estavam sentindo os efeitos da fome. Nem Cuca, com todos os seus truques com cascas de legumes e caldo de osso, conseguia amenizar as pontadas que sentiam no estômago. Alguns dias, o capitão Reed sacrificava uma de suas refeições para Harison, o grumete que ele pegara nas Ilhas Paraíso, ou Jigo, o homem de guarda mais velho, mas eles estavam todos ficando com fome.

Por isso, não foi surpresa que, ao avistar a ilha, a tripulação corresse a se preparar para ir à terra. Reed estava de pé na proa enquanto eles se movimentavam ao seu redor, com Jigo e o imediato ao seu lado.

O imediato ergueu o rosto envelhecido para a brisa úmida.

— A julgar pelo vento, diria que estamos seguindo direto para aquela tempestade — disse.

Ao lado dele, Jigo concordou com a cabeça, esfregando o quadril com mãos velhas e nodosas.

— Essa vai ser mesmo uma fera. Vai durar a noite inteira.

Depois de uma dura queda do cordame vinte anos antes, ele dizia conseguir prever a duração de uma tempestade pela dor em seus ossos. Pelo que se sabia, nunca tinha errado.

Reed estreitou os olhos e observou as nuvens

enfurecidas de chuva.

— Não gosto de ficar ancorado em uma tempestade mais do que vocês, mas não vamos sobreviver se não encontrarmos alguma coisa naquela ilha.

Jigo resmungou e saiu capengando para se juntar ao resto da turma do quarto de bombordo.

Os olhos cinzentos e mortos do imediato não piscavam.

— É hoje?

— Hoje, não. — Reed tirou o chapéu e passou os dedos pelo cabelo. — Vou deixar Aly com você. Mande-a se ficar apreensivo. Essa tempestade vai se abater sobre nós, e é melhor estar todo mundo de volta a bordo. E nossa carga também.

Agora, eles estavam perto o suficiente da ilha para ver que ela fervilhava de vida vegetal, com árvores duas vezes maiores que o navio e uma vegetação rasteira de arbustos e capim alto.

— Você vai passar perto.

— Ha! — Reed enfiou o chapéu de volta na cabeça e sorriu. — Já passei mais perto que isso.

A ilha estava se movendo rápido, mas o Corrente era páreo para ela. Eles se aproximaram da costa, passando por praias sarapintadas e capinzais. Veados de chifres pequenos saltavam entre os arbustos, e aves parecidas com pedras preciosas adejavam pelo ar escuro. O vento beijava o rosto deles e girava em torno de seus braços. Então, de repente, por todo o navio os marinheiros soltaram gritos de alegria, e seu riso encheu
as velas.

A ilha nada tinha de ilha. Era uma tartaruga marinha gigante com um casco largo que se erguia

trezentos metros para fora da água, suas nadadeiras enormes agitando as ondas em grandes movimentos de baixo para cima, como lentas batidas de asas. Sua cabeça maciça erguia-se acima das ondas sobre um pescoço longo e branco que dava lugar a delicadas escamas marrons, olhos antigos com pálpebras, e um bico afiado que podia cortar um homem ao meio.

Cavalo ajustou a bandana.

— Agora, isso é especial...

Ao lado dele, Harison murmurou com a mesma voz assombrada:

— É mesmo.

Após um aceno de cabeça do capitão, Airoso, o timoneiro, virou o Corrente na direção da tartaruga. Ele estava gargalhando como um louco. Nenhum deles jamais vira Airoso tão excitado com nada — cabeça jogada para trás, molares expostos. E toda a tripulação estava agarrada às amuradas, assoviando e dando vivas.

O capitão Reed subiu no gurupés e ficou ali, equilibrado sobre o mar ruidoso, simplesmente berrando de alegria.

E, por um momento, eles se esqueceram da fome. Porque experiências como aquela eram melhores do que qualquer provisão que tivessem pensado em preparar.

Conforme se aproximavam o suficiente para usar seus ganchos de abordagem, o capitão montou na amurada. Por toda a volta havia o som do mar, o murmúrio de ondas na costa, a cacofonia de água caindo das enormes nadadeiras da tartaruga enquanto elas mergulhavam e se erguiam do mar.

Abordar uma criatura antiga como aquela! Mais

velha
do que todas as histórias que jamais tinham ouvido. Mais velha, talvez, que todas as palavras no mundo.

Era mesmo incrível, sem dúvida.

Assim que chegaram em terra, o capitão os despachou.

— Peguem o que precisarem, mas não peguem tudo — disse. — Este lugar é bonito demais pra ser arruinado por gente como nós.

Em duplas, eles se espalharam pela ilha em busca de provisões. A vegetação rasteira era cheia de tubérculos, cebolas selvagens e alface picante; as árvores pendiam com frutas verdes e amarelas. Roedores grandes fuçavam entre as raízes e comiam satisfeitos as nozes caídas.

Na vegetação rasteira, Harison se abaixou até o chão e pegou uma pena de cauda verde com um cacheado curioso na extremidade. Girou-a entre os dedos por um instante, depois a enfiou na casa de botão mais alta de sua camisa.

— Minha mãe coleciona penas desde criança — ele explicou. — Ela tem pelo menos umas cem, mas pode contar a história de como conseguiu cada uma. Prometi pra ela que levaria penas de todos os lugares que visitasse.

O capitão lhe deu um tapinha nas costas.

— Vou ficar de olho.

Enquanto continuavam cavando à procura de raízes, Camey e Greta caminharam em sua direção. Camey tinha um javali pendurado sobre os ombros, e Greta carregava três aves mortas no punho que lembrava uma marreta.

Harison fez uma careta quando eles se

aproximaram.

O capitão riu.

Nem Camey nem Greta tinham se tornado populares com o resto da tripulação. Eles eram reservados na maior parte do tempo, e faziam apenas o que lhes era pedido, mais nada. Mas eram parte de sua tripulação, e Reed os tratava bem.

— Só acho que o trabalho seria mais fácil se a gente pudesse expulsá-los com fogo — disse Camey, dando um tapa no traseiro do javali. Ele era um bom atirador; o animal tinha sido baleado exatamente entre os olhos. — A gente sempre fazia isso em casa. Certo, Greta?

— Aqueles malditos saíam de seus esconderijos bem rápido — sorriu Greta, os dentes amarelados devido a anos de fumo. Ela passou a mão livre pelo cabelo negro e gorduroso, e fragmentos de caspa caíram sobre seus ombros largos. — Era como atirar em garrafas em cima de uma cerca.

— Lamento, mas isso não é como em casa — disse Reed. — A ilha é uma coisa viva, e coisas vivas se protegem. Se começarem um fogo aqui, a ilha afunda, e vocês só vão conseguir uma morte na água.

— Vencidos pelo mar ou pela espada, né, capitão? É isso o que nós, foras da lei, podemos esperar.

Ela estalou a língua melancolicamente e, percebendo a caspa na camisa, começou a tirar os flocos maiores com o polegar.

— Ora, só um tolo corre na direção da morte — murmurou Reed, mais para si mesmo do que para Greta. — Mesmo se corrermos dela, acabamos perdendo a corrida no final.

— Gracejador, eu não sou um idiota — resmungou

Camey. Segurando outra vez as patas do javali, ele continuou descendo na direção da praia, murmurando: — Não é certo tratar a gente assim.

As aves mortas balançavam na mão de Greta, que estalou a língua como que dizendo: "O que você pode fazer?".

Reed, olhando-os se afastar, perguntou ao grumete:

— Ora essa, há quanto tempo eles estão assim?

Timidamente, Harison deu de ombros e passou a mão suja pelos cachos escuros.

— Olha, capitão, desde que me lembro.

— Eles vão criar problemas se não chegarmos logo à Borda.

Depois de duas horas, a chuva começou. A tripulação correu sem parar entre as árvores e o navio, trazendo carne e ovos, repolhos selvagens e barris de água fresca. Gotas grandes bombardeavam a grama e a superfície do mar. A caça desapareceu, abrigando-se da chuva, e os homens começaram a coletar qualquer coisa que pudessem: frutinhas vermelhas como gotas de sangue, nozes de casca dura, aves que não voavam, com asas brancas e cinzentas.

Trovões ribombavam. Raios reluziam em bolsões do céu.

O capitão Reed começou a tocar cada caixote e barril de água antes que fosse carregado. Mesmo com o ruído da tempestade, eles podiam ouvi-lo contando: seis, sete, oito...

Harrison e Jigo saíram em busca de mais tubérculos na mata.

A chuva caiu com mais força. Um raio riscou o céu

como um tridente, e por um instante toda a ilha se iluminou com uma luz forte e ofuscante.

Gotas de chuva brilhavam no céu negro.

As nadadeiras da tartaruga pareciam pedras gigantes em movimento, avançando pela água.

Veados mortos aguardavam para serem carregados — com a pele encharcada e as patas imóveis.

Trovão. Um brilho laranja e uma trilha de fumaça na floresta.

O raio tinha ateado fogo às árvores.

Reed deu ordem de embarcar o restante da carga, então subiu o morro correndo e entrou na mata à procura do resto da tripulação.

Jules e Goro.

Theo e Senta.

Dupla a dupla, ele os mandou de volta para o navio, até que os únicos membros da tripulação ainda não localizados eram Harison e Jigo.

A chuva despencava como balas, mas não aplacou as chamas. Folhas caíam a sua volta como mariposas quentes e adejantes, enquanto galhos murchavam, transformando-se
em brasas e cinzas.

— Jigo! — Fumaça queimava a garganta do capitão enquanto ele corria em meio aos arbustos emaranhados. — Harison!

Árvores estavam em chamas por toda a sua volta. Ele não conseguia mais ouvir a água — nem a chuva nem a batida das nadadeiras pelo mar —, só o crepitar das chamas enquanto engoliam as árvores antigas e os brotos tenros.

Ele quase tropeçou em Jigo no caos. O velho estava no chão tentando fazer uma tala na perna com um

galho molhado. À luz do fogo, ele apertou os olhos para o capitão. Eles estavam vermelhos devido à fumaça.

— Caí — resmungou. — Esse maldito quadril.

Com dedos rápidos, o capitão amarrou a tala.

— Onde está Harison?

O velho apontou para o alto do morro com um dedo nodoso.

— Disse que não podia deixar que todos morressem.

Reed praguejou.

— Vá para casa. Vou encontrar o garoto.

Enquanto Jigo mancava na direção da praia, Reed penetrou mais fundo no interior das árvores.

O ar tremeluzia. Chamas saltavam de uma árvore para outra, acendendo as coroas de folhas. Galhos se partiam e caíam, levantando nuvens de fagulhas.

— Harison!

— Capitão!

O garoto estava parado no centro de uma clareira, com seus cachos escuros sujos de cinzas. Nos braços, levava o chapéu como se estivesse carregando algo precioso em seu interior. Havia um saco de aniagem vazio jogado sobre ele.

O capitão Reed segurou a mão de Harison, ignorando o grito de alarme do garoto com o movimento súbito, e o puxou para fora da clareira. O fogo lambia suas mãos e antebraços. Eles saíram correndo das árvores em meio a explosões de fumaça e fagulhas. Quando emergiram da mata em campo aberto, raios riscavam as nuvens.

Juntos, Reed e Harison correram aos tropeções pelo campo. A encosta estava escorregadia com o capim molhado, e eles tropeçaram e deslizaram, os pés

escorregando. Quando chegaram à praia, toda a ilha sacolejava de maneira enjoativa embaixo deles.

Mais da metade da carga tinha sido embarcada, mas as ondas estavam crescendo, e o Corrente tensionava os cabos que o mantinham ancorado. A tripulação corria pela praia, carregando os barris de água e as sacas de legumes e verduras para bordo.

— Eu me lembrei do que o senhor falou — disse Harison com voz rouca, puxando para trás o pedaço de aniagem que cobria seu chapéu. Quatro pares de olhos pequenos e brilhantes reluziram nas sombras, e houve um adejar suave de penas.

Aves. Harison estava recolhendo filhotes de aves.

— Eu não podia simplesmente deixá-los, senhor.

A ilha tornou a arquejar. Estavam embarcando a carga o mais depressa possível, mas não eram rápidos o bastante. Até Camey e Greta, incomumente silenciosos, faziam sua parte. Carregando e movimentando-se. Empacotando e amarrando.
Os sacolejos da ilha pioravam à medida que o fogo se aproximava.

De repente, ouviram o imediato gritar acima da tempestade:

— É hora de soltá-lo!

Não se discutia com o imediato quando o assunto era o Corrente. Eles pegaram o que quer que conseguissem carregar
e escalaram os cabos de abordagem até o navio.

Reed foi o último homem a embarcar. Enquanto saltava a amurada, o navio pendeu de lado. O último cabo de ancoragem se rompeu. Eles foram arrastados para longe, os ventos empurrando o navio em uma direção, a tartaruga nadando para outra,

mergulhando de lado nas águas para aplacar as chamas em seu casco.

O capitão apertou os olhos na chuva. O convés estava um caos. Alguns membros da tripulação estavam nos mastros, colhendo as velas, outros abaixo. Será que todos tinham conseguido embarcar?

Como se em resposta, o imediato surgiu ao seu lado. Água corria por seus olhos cinzentos e turvos e, quando falou, sua voz estava oca.

— Jigo não está aqui.

Reed se jogou contra a amurada, procurando por sinais de seu tripulante nas ondas. A última vez que vira Jigo, o velho era uma silhueta curvada mancando para o interior de arbustos em chamas. Ele devia ter conseguido voltar. Ele devia estar ali.

Mas não estava.

A ilha já estava desaparecendo na chuva, os esqueletos de árvores fumegando contra o céu. Na água, os animais perdidos remavam com suas patinhas e procuravam por terra, mas, um a um, eles afundavam.

Jigo estava lá fora em algum lugar. Afogando-se na água ou abandonado na ilha. Talvez naquele exato momento ele estivesse observando o Corrente se afastar, com um nó no estômago e cheio de medo, sabendo que iria morrer lá sozinho, sem ninguém para queimá-lo ou se lembrar de seu nome.

Harison estava chorando. Ele ainda segurava o chapéu com as quatro pequenas aves no interior.

Reed esfregou os olhos.

— Eu o vi. Eu o mandei de volta para o navio. Eu o vi.

Um raio atingiu o céu e iluminou o mar encapelado, mas Jigo não estava ali, e a água nada

REVELOU.

— ELA ME AVISOU — DISSE REED.

Capítulo 23



Assassino no navio

– Eu nunca deixaria você para trás. – Sefia pôs a pena verde entre as páginas e fechou o livro.

Arqueiro tocou a ponta da cicatriz e, sob a luz fraca do lampião, um sorriso atravessou seu rosto como um sopro de fumaça.

Ainda faltavam algumas horas para o amanhecer, e o ar estava frio e calmo, cheio dos sonhos de homens adormecidos. Logo, o cozinheiro iria mandar o grumete até o compartimento de carga buscar uma saca de arroz ou um pedaço de porco. Sua aproximação significava que era hora de Sefia e Arqueiro apagarem o lampião, se arrumarem outra vez dentro do caixote e se obrigarem a dormir até que a noite chegasse. Tinham vivido assim por cinco dias e estavam determinados a continuar o máximo que pudessem. Nenhum deles reclamava. Era melhor que a morte ou a escravidão.

Arqueiro puxou a tampa do caixote para o lugar e se acomodou. No espaço apertado, eles ficaram deitados face a face, com os joelhos se tocando.

Sefia alisou as bordas do livro, passando os dedos pelas folhas que se projetavam das páginas, até encontrar a lâmina macia da pena que Arqueiro lhe dera. Uma pena verde como a que Harison pegara para a mãe na ilha flutuante.

Sua própria mãe não tinha nenhum interesse em colecionar o que quer que fosse – nem conchas nem botões nem pedras brilhantes. Não, sua mãe amava coisas vivas. Costumava passar muitas horas no jardim, arrancando ervas daninhas e semeando, capinando e colhendo, o pescoço formando um arco elegante como o de uma ave, com o cabelo negro solto sobre o rosto. Ela cheirava a terra escura, úmida e fértil.

Certa vez, quando Sefia perguntara por que ela amava tanto a jardinagem, a

mãe dera um suspiro e sentara de cócoras. Seus ombros caíram, como se ela estivesse cansada, embora tivessem se passado poucas horas desde o amanhecer. Depois de algum tempo, respondeu:

– Há morte suficiente neste mundo. Quero ajudar as coisas a crescer. – Por um instante, seus olhos castanhos ficaram radiantes em sua tristeza. Então ela sorriu e esfregou o rosto de Sefia, sujando-a de terra.

Fazia onze anos desde a morte dela, e às vezes Sefia não conseguia se lembrar de seu rosto, mas se lembrava da textura das linhas das suas mãos, finas como agulhas, e do cheiro de terra.

Ela esfregou os olhos e alisou a extremidade da pena até ficar com uma ponta afiada. O livro sempre mexia com ela por dentro, revolvendo suas lembranças. Ele as trazia de volta. Tornava-as reais.

Enquanto a mente divagava, ela começou a tremer. Estava com frio; a pele, grudenta. Sua respiração se acelerou. Havia algo errado. Seus dedos tatearam na escuridão; as pernas se retorceram. Tudo em seu interior estava gritando: *Corra! Corra! Corra!*. De repente, ela se sentiu pequena e com medo.

Porque podia sentir o cheiro maligno de metal quente.

Um cheiro forte e pungente que zunia entre seus dentes. Ela viu imagens do dia em que Nin foi levada: a mulher de preto, a sombra de uma voz, Nin encarando-a através das folhas.

Não, disse a si mesma. *Eu não estou aí. Estou em um navio. Estou com Arqueiro. Posso senti-lo ao meu lado. Estou com Arqueiro*. Quando as imagens desapareceram em seu interior, ela abriu os olhos e se sentou.

Arqueiro também estava acordado, sentado ereto, tenso e alerta. Mas ele não sabia. Não estivera lá. Ela enfiou o livro na mochila, afastou-o do caminho e saiu para o compartimento de carga. O cheiro estava pior e lhe deu dor de cabeça. A luz amarela de um lampião tremeluzia nas vigas. Havia uma pessoa murmurando na escada.

– Se não é manteiga, é bacon. – Era o grumete. – Bacon. Bacon. Bacon.

Ele não conseguia sentir o cheiro? Não conseguia sentir aquela presença? Alguém ia morrer.

Mas Sefia podia impedir. Tinha de tentar.

Ela sacou a faca e saiu correndo de trás dos caixotes a tempo de ver o grumete ao pé da escada, segurando um lampião, os olhos se arregalando ao vê-la, e então a forma negra atrás dele, o brilho de uma lâmina.

– Não! – ela gritou.

O grumete virou – tarde demais. Um grito estrangulado, cortado no fim.

Sangue jorrou no chão.

Ele se dobrou como um pedaço de papel.

Atrás dele, na escada, estava a mulher de preto.

A espada curva.

O rosto cheio de crateras.

Os feios olhos cor de água suja.

Ela.

A mulher sorriu ao reconhecê-la e abriu os braços, chamando Sefia com a mão esquerda enluvada.

Sefia apertou a faca. *Faça isso,* disse a si mesma. *Por Nin*.

Mas, enquanto hesitava, o grumete jazia no chão apertando a lateral do pescoço, sangue vazando entre seus dedos como água de uma represa rompida.

Matar ou morrer.

Ele ou ela.

Uma escolha que você não tinha como desfazer.

Sefia caiu de joelhos e puxou o lenço do cabelo, apertando-o contra o pescoço do garoto. Ele segurou suas mãos e engoliu em seco. Seus olhos estavam arregalados e assustados.

Arqueiro passou correndo por Sefia, sacando a faca. Quase alcançou a mulher, mas a espada dela surgiu repentinamente. Ele saltou para trás, sangrando.

Sefia podia ouvi-los se mover, os impactos rápidos de seus braços e mãos. Mas as facas não faziam som. O sangue se empoçava no pano, entre seus dedos.

– Meu nome é Sefia – disse. A boca dele se moveu, mas não saiu nenhum som. O sangue veio mais rápido. – Shh – ela disse. – Está tudo bem. Estou aqui com você.

O ritmo da luta mudou. Ela olhou para cima. Entre as pilhas de caixotes e barris, os movimentos eram tão rápidos que pareciam uma dança, um bailado acelerado e complicado de esquivas e contragolpes, as lâminas brilhando como fagulhas entre eles.

Houve um grito vindo de cima, algo ininteligível, uma espécie de berro animal cheio de raiva e medo, então havia alguém ajoelhado ao lado dela. Ele cheirava a ervas e gordura de cozinha.

– Aperte com força, garota – disse. O homem arrancou seu avental e o embolou sob as mãos dela. – Mais forte.

Ela estava apertando com tanta força que temia estrangular o garoto, mas o sangue estava saindo rápido demais.

– Ele precisa da doutora. Fique com ele.

Então o homem desapareceu. O vermelho era absorvido pelo avental. Ela apertou com mais força.

– Está tudo bem – disse, olhando no fundo dos olhos vidrados e amedrontados do garoto. Ela podia ver ondas douradas de luz se acumulando ao redor dele. Elas escorriam do canto dos olhos sobre o rosto, vazavam através das dobras do pano em seu pescoço. Ela piscou e começou a visualizar rapidamente os capítulos da vida dele. As espirais turbulentas de lembranças a deixaram enjoada, mas não importava. O que importava era que alguém o conhecesse, o entendesse, estivesse com ele.

Sua infância passou diante de Sefia, sua adolescência nas Ilhas Paraíso velejando em esquifes e caçando com lança com os amigos, as aves piando na varanda da mãe, e então…

Ela soube quem ele era.

Por um segundo, ela se perguntou se tinha entrado no livro, se ela e Arqueiro agora estavam seguindo na direção da Borda do Mundo e de dias estranhos e famintos.

Ela sacudiu a cabeça.

O grumete estava mais velho do que no livro, mas tinha os mesmos cachos negros, os mesmos olhos afastados de cachorrinho. Só que aquilo não era o livro. Aquilo era real. E ele estava morrendo. Então ela viu algo mais sombrio, mais frio, com luzes vermelhas piscando no fundo. Algo que assomou da vida dele como a sombra de um prédio caindo sobre você em uma tarde fria – um prédio em que você não quer entrar, embora saiba que deve. O garoto estava com medo. E ela estava com medo por ele, com medo do escuro, do frio e das luzes vermelhas. Ela piscou e saiu arquejante de sua visão.

O grumete olhava fixamente para ela. Os cantos de seus olhos estavam molhados.

– Não morra. – Ela aproximou a boca de seu ouvido e desejou que o sangue parasse de escorrer dele, que voltasse, ficasse em seu interior, onde era seu lugar. – Não morra, Harison. – Então até o sangue ficou dourado e brilhante, cheio de pequenos pontinhos de luz, como estrelas, desacelerando, gotejando como o movimento das constelações pelo céu. Ela observou cada gota de luz despencar preguiçosamente dele, com uma lentidão dolorosa. Cada gota de sua vida.

o outro lado do compartimento de carga, Arqueiro atacou o rosto da mulher, sua faca brilhando à luz do lampião. A mulher desviou com habilidade e o cortou

Datrás do braço. Ele recuou, o braço doendo. Sua cabeça estava zunindo com o cheiro quente de metal.

O convés inferior estava cheio de carga, formando corredores estreitos no porão. Não havia muito espaço para manobra. Fácil ser encurralado.

Então a mulher atacou, cortando, apunlhalando. Arqueiro mal conseguia se esquivar da lâmina, que passou sussurrante por sua pele.

Eles se afastaram.

A mulher esperou, a faca curvada para baixo, a mão esquerda enluvada erguida para proteger o pescoço.

Ele tornou a atacar, dessa vez esfaqueando, mas ela prendeu o pulso dele com a faca e segurou seu braço, fazendo-lhe um corte no abdômen. Sangue jorrou dele.

Ele recuou, seu pulso torcendo na mão dela. A lâmina dele brilhou e cortou a pele da mulher. Então eles se encararam outra vez.

A manga da blusa dela estava rasgada. Olhou para o braço, para o corte em sua barriga. Ela o atingira duas vezes. Ele não tinha certeza, mas parecia ter passado muito tempo desde que alguém tinha feito aquilo.

O olhar pálido da mulher passou por ele e se dirigiu ao caixote onde ele e Sefia estavam escondidos. Ela queria o livro. Ele girou a faca nas mãos, copiando-a, segurando a lâmina como um picador de gelo. Não ia deixar que ela passasse por ele. No fundo havia a tranquilidade reconfortante da voz de Sefia.

– Shh – dizia ela. – Está tudo bem. Estou aqui com você.

Mas não estava tudo bem. Ele reconhecia um ferimento daqueles quando o via. O garoto não ia sobreviver.

A mulher atacou. Mas, do mesmo modo que fizera com ele, ele enganchou o lado sem corte da faca sobre o pulso dela, prendendo seu braço, e girou. Os olhos dela se arregalaram. Ele conseguiu fazer um corte em seu estômago antes que ela saísse outra vez de seu alcance.

A boca dela se abriu, revelando dentes brancos e pequenos. Ela estava rindo: um “Ha, ha, ha…” delicado, sua respiração saindo como nuvens de fumaça.

Então eles lutaram, facas esvoaçando de um lado para outro, defendendo, esquivando, abrindo pequenos cortes nas mãos, braços e pernas um do outro. Era a luta mais rápida em que ele estivera; cada ataque vinha mais depressa do que ele podia pensar, e só a agilidade de seus membros permitiu que ele a acompanhasse.

Eles fizeram uma pausa, olhando um para o outro, respirando com dificuldade. Quanto tempo havia se passado? Minutos? Alguns segundos? Outra

pessoa desceu a escada correndo, com passos como marteladas.

– Aperte com força, garota – disse uma voz irritada. – Mais força.

A mulher avançou outra fez, tentando cortar a mão que segurava a faca com um golpe lateral. Arqueiro se defendeu, mas o ataque seguinte não veio da lâmina. Ela socou com força sua caixa torácica com a mão enluvada. Ele tinha visto o golpe chegando, mas não esperava que o derrubasse de joelhos. Algo quebrou. Ele ficou sem ar. Golpeou com a faca enquanto caía no chão. A mulher dançou para fora de seu alcance. O chão girou aos seus pés. Ele nunca tinha sido atingido com tanta força. Ele se apoiou e ficou de pé outra vez.

A mulher flexionou os dedos; a luva de couro estalou.

Ela correu para a frente, atacando outra vez, furiosa e impaciente. Um golpe quase pegou a mão dele que segurava a faca enquanto ele recuava. Outro quase arrancou sua perna. Suas costas atingiram algo duro e imóvel. Barris. Arqueiro tinha sido encurralado contra eles. Então o punho enluvado estava vindo em sua direção, e ele soube que, se o atingisse, os ossos em seu rosto iam se espatifar. Ele se abaixou. Um barril se estilhaçou às suas costas. Um grande estrondo encheu as entranhas do navio. Por um segundo, todo o lado esquerdo dela ficou exposto. Ele atacou seu pescoço. A ponta da faca tocou sua garganta, mas ela não recuou. Ela tornou a atacar. E novamente. E novamente.

Ele mal tinha tempo para reagir. O ferimento em suas costelas o deixava lento. Ela não parava de acertar com a faca. Ele perdera a conta de quantas vezes ela o havia cortado.

Novamente.

E novamente.

E novamente.

Ela era tão rápida que ele não percebeu que ela o havia desarmado até ser tarde demais. Sua faca caiu no chão. Ela podia ter acabado com ele ali, mas todo o navio estava acordando. O tempo estava se esgotando. Logo o resto da tripulação desceria para o compartimento e então não importaria muito quão rápida ela fosse. Eles seriam demais.

Ele deu uma boa olhada no rosto dela. Ela estava sangrando, vermelho vivo escorrendo de sua testa para os olhos. Então ela saiu correndo, saltando os degraus, e desapareceu nas sombras do convés acima.

Ele pegou a faca e saltou atrás dela – por cima do corpo inerte do garoto e pela escada. Talvez Sefia o tivesse chamado. Ele não ouviu.

Houve um grito acima dele, mas Arqueiro não conseguiu identificar as palavras. Ele chegou ao convés inferior. Através dos degraus da escada, viu uma

figura avançando na direção da mulher de preto. Ela ergueu o braço com a faca para atacar. Arqueiro reconheceu o golpe sendo formado por seu braço.

Sua faca estava sólida e bem balanceada na mão. *Boa para arremessar.*

Ele a lançou.

Ela se cravou no antebraço em movimento da mulher, alojando-se profundamente no músculo. Ela não gritou.

No segundo que ele levou para dar a volta na escotilha, ela puxou a faca do braço e atacou o homem grande, que cambaleou para trás. Ela passou correndo por ele até sair ao ar livre.

Arqueiro parou para agarrar o homem pelo antebraço e erguê-lo, então subiu os degraus aos saltos até o convés principal, onde respirou o primeiro hausto de ar fresco em dias. Fazia frio e o navio estava envolto em neblina. Homens saíam apressados do castelo de proa, dando gritos lancinantes na noite.

A mulher de preto sacou uma espada. O cheiro de metal se espalhou quando a arma sibilou pelo ar frio. Ele sentiu um nó na garganta. O aço cheirava a sangue. A espada girou, formando um arco cor de cobre, incitando-o a se aproximar.

Ele ouviu o tiro no instante em que viu o clarão atrás dela. A mulher girou. Ele nunca vira ninguém reagir tão depressa. Sangue jorrou de seu ombro, mas ela ainda estava de pé. O tiro a teria matado se ela não tivesse desviado.

Então, em um movimento suave, ela saltou pela amurada do navio, os braços estendidos. Com o corpo suspenso como uma ave em mergulho, ela era apenas uma sombra contra a névoa revolta.

Houve outro tiro. Ele a acertou enquanto ela caía, bem na cabeça. Seus braços e pernas perderam a força, e ela despencou na água como uma pedra.

Silêncio. Uma figura alta e magra atravessou o convés, segurando um revólver fumegante. O homem parou junto da amurada e olhou para a água, mas havia apenas o murmúrio das ondas no casco.

Mesmo à luz mortiça, Arqueiro reconheceu a arma: toda negra com gravuras de escamas e ornamentos em ouro fosco. O Executor, uma arma amaldiçoada. Ao longo dos anos, o Executor trocara de mãos tantas vezes que ninguém se lembrava de quem tinha sido seu primeiro proprietário. Mas todos sabiam quem o possuía agora.

Arqueiro cambaleava, observando o homem se aproximar.

Agora o Executor pertencia a Cannek Reed, capitão do *Corrente da Fé*.

Arqueiro sentiu os membros da tripulação se virarem para ele. Não tinham abaixado as armas. Onze deles, e ele sozinho. Eles não o reconheciam? Não se lembravam da briga no cais? Desejou que Sefia estivesse ali. Ela conseguiria

explicar tudo. Ele estava extremamente consciente de seus sangramentos, da forma como sua pele fora aberta pela faca da mulher. Se preparou para lutar.

– Parem com isso – disse alguém. O homem grande que Arqueiro ajudara na escada abriu caminho através do círculo de marinheiros: Cavalo, o carpinteiro do navio. – O garoto salvou minha vida.

Eles hesitaram, mas Arqueiro não relaxou. Seu olhar passava rapidamente por eles, contando armas, à procura de fraquezas.

O capitão Reed olhou por cima do ombro de Arqueiro para o imediato, que estava parado além do círculo da tripulação.

– Então? – ele perguntou.

O imediato assentiu com a cabeça.

– Cavalo tem faro para essas coisas. Tem uma garota na coberta também… com Cuca e a doutora. – Ele deu um suspiro. – Harison está morto. Uma facada na garganta.

A tripulação começou a murmurar e Arqueiro ergueu as mãos defensivamente, mas Reed os silenciou. Ele ainda brandia o Executor.

– Não é a primeira vez que temos problemas em nosso próprio navio e não vai ser a última. Cavalo, leve o garoto para a cabine principal.

Arqueiro sentiu a mão do homem grande o segurar pelo cotovelo, mas se soltou. O capitão estava dando ordens tão rápido que ele, tonto devido à perda de sangue, tinha dificuldade para acompanhar, porém lutou contra a tontura até que o ouviu mencionar Sefia.

– …vá buscar a garota e traga-a para a cabine também.

Arqueiro tentou avançar, piscando rapidamente para limpar a visão. Parecia que suas pernas não podiam sustentá-lo, mas ele não ia deixar que a levassem.

– Calma, garoto. – Cavalo colocou a mão no ombro dele.

O resto da tripulação tinha se dispersado. Reed se aproximou de Arqueiro suavemente, mantendo distância. O Executor parecia absorver toda a luz que o atingia, como uma sombra na mão do capitão.

– Eu me lembro de você – ele murmurou. – Não sei como entrou em meu navio nem o que está fazendo aqui, mas é melhor não criar nenhum problema, se você e a garota quiserem sair disso vivos.

Arqueiro balançou a cabeça, concordando, e deixou que Cavalo o tomasse pelo cotovelo e o conduzisse pelo convés principal. Ele deu uma última olhada para o céu antes que a porta se fechasse atrás dele.

Capítulo 24



Tão cego quanto nunca

Quando o imediato e os outros membros do quarto de bombordo desceram pela escotilha principal até o nível mais baixo do navio, o compartimento de carga se encheu com o baque surdo de passos e o rangido de dobradiças de lampiões. Enquanto os homens procuravam sinais dos clandestinos, o imediato circulou entre a carga, verificando o interior de um caixote, levantando a tampa de um barril. Embora cego, ele pôde dizer que pequenos pedaços tinham sido cortados da parte de baixo das peças de carne salgada, e que algumas das frutas mais velhas e duras estavam faltando – não tantas que o roubo ficasse óbvio, mas o suficiente para confirmar que os garotos do Cais do Javali Negro estavam escondidos ali desde que eles deixaram Epidram.

Isso o deixou perturbado. Com seu sentido agudo do funcionamento inteiro do navio, ele devia ter conseguido farejar dois clandestinos assim que eles embarcaram. Com os ratos tirando pedaços de seus suprimentos todo dia, era fácil esconder um pequeno furto aqui e ali, mas esconder duas pessoas completamente – isso nunca tinha sido feito. Não no *Corrente*.

Jules descobrira algo perto do centro do compartimento de carga. O imediato soube disso no momento em que os ombros dela se aprumaram e seu rosto se esquentou de satisfação. Antes mesmo que ela gritasse “Encontrei, senhor!”, ele já estava seguindo em sua direção.

O imediato desviou com habilidade das pilhas de mantimentos e peças sobressalentes até chegar a Jules. Os outros se reuniram ao redor.

– Bom? – ele perguntou. – Onde está?

Jules hesitou. Aquilo não era comum. Com seu companheiro no quarto de

estibordo, Theo, ela liderava as canções de trabalho dos marinheiros enquanto eles erguiam as velas, suavam e arquejavam no cabrestante. Ela era confiável e decisiva em uma posição em que o ritmo era o mais importante. Raramente hesitava.

Houve um murmúrio indistinto dos outros marinheiros.

Eles estavam surpresos.

O imediato devia estar brincando.

– Senhor? – ela perguntou. Sua voz normalmente forte estremeceu como seda na água. – Está bem a sua frente.

O imediato herdara a habilidade de se comunicar com as árvores do bosque de sua avó em Everica. Perto do fim das Guerras de Rocha e Rio, quando as províncias evericanas lutaram umas contra as outras por terra e recursos, a madeira do bosque fora usada para construir um elegante navio com uma árvore como figura de proa. As madeiras do *Corrente* diziam a ele o que estava acontecendo com o navio tão claramente que ele costumava se esquecer de que não tinha mais o uso dos olhos. Mas agora, pela primeira vez em muito tempo, ele lembrou que era cego – total e completamente cego. E, pelo som de suas vozes, a tripulação tinha lembrado também.

Consciente da sensação crescente de alarme em Jules e nos outros, o imediato estendeu a mão e deu alguns passos hesitantes, adotando a postura curvada e os passos arrastados que achou que nunca teria de usar outra vez. Sentiu-se velho, as mãos tateando o ar, os pés deslizando pelo chão até a ponta dos dedos da mão roçarem a extremidade dura de um caixote.

– Bom, eu vou… – Ele passou as mãos sobre o caixote, não totalmente convencido de que ele estivesse ali.

Mas sua incapacidade de vê-lo não era a causa da profunda inquietação que sentia. Havia algo ainda mais perturbador lá dentro.

– Jules, tem algo peculiar em relação ao conteúdo deste caixote?

A surpresa de Jules esvoaçou por seu rosto largo como um morcego ao anoitecer.

– Não, senhor – disse ela, levando a mão ao interior.

O imediato engoliu em seco. No interior do caixote, o braço forte e tatuado de Jules desapareceu completamente. Devia ter sido assim que os clandestinos escaparam a sua atenção. Tudo dentro do caixote era invisível, mas só para ele.

– Só duas mochilas e camas improvisadas. – Jules se levantou, puxando as duas mochilas. Para o imediato, elas pareceram se materializar em pleno ar.

Ele foi tomado por uma onda de vertigem. Sentiu os joelhos fracos. A mochila

menor, mais gasta do que a outra, pendia da mão de Jules como se fossem vísceras. Algo em seu interior fazia com que ele se sentisse tonto e pequeno – muito, muito pequeno –, um ponto diminuto, não maior nem mais significativo que uma partícula de poeira. Aquilo fedia a magia.

Ele pegou as duas mochilas das mãos de Jules. Embora mais leve do que esperava, a menor deu a impressão de ser pesada e instável, como um balde com água até a borda que ameçava transbordar.

– Continuem procurando – ele disse, seguindo na direção da escada. – Assegurem-se de que não haja mais surpresas aqui embaixo.

Os outros o encararam, perguntando-se o que estava errado.

Por que ele estremeceu quando Jules pegou as mochilas.

Por que ele estava com medo.

– E traga esse caixote para cima – gritou, virando para trás. – O capitão vai querer vê-lo também.

Ele encontrou Reed no convés com o quarto de estibordo, espreitando o perímetro do navio. O ar da noite estava fresco e denso de umidade.

– Não consigo ver praticamente nada nessa neblina – disse o capitão enquanto ele se aproximava. O homem contrabalançeou o Executor na mão e continuou a andar. – Descobriu onde aqueles garotos estavam escondidos esse tempo todo?

O imediato passou a mão pela amurada enquanto caminhava. A curva da madeira o conectava ao navio, e seus sentidos se espalhavam pelas tábuas, velas e o cordame até a enfermaria, onde Cuca cuidava do corpo de Harison, e até o alto do cesto da gávea, onde Aly estava agachada, de vigia no frio.

As mochilas pendiam de sua outra mão. Ele contou a Reed o que encontrara.

– Perigoso? – perguntou o capitão.

– Mais estranho que perigoso.

Com seus sentidos aguçados, ele revistou o conteúdo das mochilas sem abri-las, evitando cuidadosamente a coisa no fundo da menor.

Reed olhou para as mochilas.

– Não achei que fôssemos ver esses garotos outra vez depois da confusão no Javali Negro. Quando os interrogarmos, ponha as mochilas no chão – ele instruiu. – Quero ver como reagem.

Jules e os outros trouxeram o caixote do compartimento de carga e o deixaram no convés principal antes de serem dispensados pelo imediato. Reed pegou um lampião de um suporte de parede e se aproximou com cautela do caixote – ou pelo menos o imediato achou que estivesse se aproximando. Ele fez

uma careta, odiando sua inabilidade de sentir onde o negócio estava.

O capitão riu de seu desconforto e estendeu as mãos no ar.

– Nunca achei que veria o dia em que ficaria cego no *Corrente*.

– Acho que é com você, então – respondeu o imediato, azedo. – Seja meus olhos.

O capitão riu baixo, ficou de quatro e desapareceu até a cintura. O imediato empalideceu ao sentir apenas metade de seu corpo, destacada de um tronco, mas ainda em movimento, ainda viva. O resto dele reapareceu alguns minutos depois, removendo alguns cobertores, que dobrou cuidadosamente e pôs de lado. Então ficou de pé e se dobrou na altura da cintura, como se estivesse fazendo uma reverência.

Ele pôs o lampião em cima do caixote – para o imediato, ele parecia flutuar em pleno ar – e espiou um dos cantos. Devia ter visto alguma coisa, e o que quer que fosse drenara dele todo o humor. Bateu no peito e ficou ereto outra vez.

– Capitão?

– Venha cá – disse Reed. Quando o imediato se aproximou, o capitão o tomou pela mão e levou seus dedos até a borda do caixote. Arranhões. Os entalhes farpados espetaram sua pele, mas ele não conseguiu entendê-los.

– Não significam nada para mim – disse o imediato. – Mas não gosto disso.

O capitão se aprumou e olhou na direção da popa, onde os clandestinos aguardavam na cabine principal com a doutora e Cavalo. Ele girou o tambor do revólver negro com o polegar várias vezes – um som que parecia dentes batendo.

Fazia muito tempo que Reed não ficava com tanta raiva. Ela emanava dele como correntes de calor, tão altas e causticantes que, mesmo sem sondá-lo, o imediato podia sentir lampejos de dor em seu peito, visões de líquido negro e âmbar, vergonha. O imediato fez uma careta, mas não se intrometeu mais.

– O que o senhor está planejando fazer com eles? – indagou.

Reed não respondeu.

No silêncio, Cuca enfiou a cabeça pela escotilha principal. Seus olhos estreitos estavam inchados de chorar e, quando ele fungava, dezenas de argolas de prata tilintavam nos lobos de suas orelhas.

– Capitão – chamou, caminhando na direção deles. Sua voz estava rouca e úmida. Quando chegou à amurada, ele esfregou o nariz. – Ainda bem que o alcancei.

Diante da tristeza de Cuca, Reed se sacudiu, sua raiva diminuindo.

– Tudo bem com você, Cuca?

O homem esfregou a mão sobre o couro cabeludo liso.

– Tudo bem, capitão, obrigado. A doutora está cuidando do garoto agora, mas ela queria que eu contasse uma coisa antes que o senhor entrasse lá. – Ele fungou. – Ela disse… estava surpresa por Harison ter durado até que eu a buscasse. Acho que, com ferimentos como aquele, a maioria das pessoas se esvai em sangue em poucos minutos. Ela disse que isso foi extremamente peculiar.

Bom, isso era importante. A doutora tinha visto sua cota de ferimentos de batalha e enfermidades místicas. Ela não teria mencionado isso a menos que fosse digno de nota. De algum modo, a garota dera a Harison alguns minutos extras, embora não tivessem sido suficientes para salvá-lo.

Reed deu um aceno breve.

– Obrigado, Cuca.

O cozinheiro se remexeu no lugar e esfregou o nariz.

– Hã, mais uma coisa, capitão.

– Sim?

– Vá com calma, está bem? Eles parecem bons meninos.

O capitão puxou a aba do chapéu sobre os olhos.

– Foi o que eu pensei quando nós os resgatamos de Machada. Mas então eles acabaram embarcando escondidos em meu navio.

– Sim, capitão.

Enquanto o cozinheiro caminhava penosamente de volta para a cozinha, Reed sacudiu a cabeça.

– Não gosto de matar crianças… mas podíamos abandoná-las. Tem algumas ilhas por aqui. Eles podem ser resgatados.

As ilhas entre Oxscini e Jahara eram lugares expostos e varridos por areia, com pouca cobertura e nenhuma água fresca.

– Resgatados por quem? Dimarion está atrás de nós. Você sabe o que ele fará com os dois se os encontrar. – O imediato fez uma careta. – O senhor não vai nem interrogá-los primeiro?

– Claro que vou. Há muitas perguntas que precisam de respostas. – A raiva tornou a explodir dele em fagulhas quentes, embora o único sinal externo fosse o aperto de seus dedos no Executor. – De um jeito ou de outro.

Capítulo 25



Uma história para salvar sua vida

Enquanto Arqueiro jazia na mesa comprida da cabine, os restos esfarrapados de sua camisa descartados, Sefia observava a doutora cuidar de suas feridas. Os olhos escuros da mulher examinaram o corpo à procura de ferimentos como uma coruja caçando à noite. Então suas mãos abriram os fechos de metal de sua bolsa preta e começaram a retirar dela vidros transparentes com líquidos, ataduras, reluzentes tesouras de prata, fórceps, agulhas curvas e fio. Ela fez cada sutura com perfeição, um ponto limpo depois do outro, até que eles se alinharam sobre as feridas de Arqueiro como nítidas letras negras, quase como se cada grupo de suturas fosse uma palavra de cura que a doutora escrevera para manter sua pele unida.

Houve um estrondo do lado de fora quando um objeto pesado de madeira atingiu o convés. As tábuas do chão ribombaram.

Sefia pulou de susto, mas Arqueiro segurou sua mão, e a olhou, implorando que ficasse. Havia sangue demais – na mesa, no chão, em seu rosto, suas mãos e seu peito – e, quando ele se mexia, os cortes em seus membros se abriam como olhos vermelhos. Ela afundou no banco.

Não se falara nada sobre a origem da mulher de preto, nem se os outros iriam segui-la. Como ela os encontrara, para começar? Como soubera da existência de Sefia? Havia apenas uma…

– Então você estava com ele, com Harison, quando ele se foi? – Na ponta da mesa, Cavalo, o carpinteiro do navio, ergueu os olhos do cantil enorme aninhado em suas grandes mãos, que pareciam pás. Ele puxara o lenço amarelo para baixo, sobre a testa.

– Sim – murmurou Sefia. – Eu falei com ele.

Terminando de amarrar uma fileira limpa de pontos, a doutora fez um baixo *humm*.

Cavalo esfregou o rosto. Quando ergueu os olhos outra vez, eles estavam brilhando com lágrimas.

– Que bom que você estava com ele, garota.

Sefia assentiu com a cabeça – mais por obrigação do que por vontade. Era difícil ficar satisfeita quando ela tinha visto uma pessoa morrer. Em um segundo, ele estava chorando, com a respiração arquejante em seus braços, e então… mais.

E então…

…nada.

Como Palo Kanta.

– Mas não faz sentido – acrescentou Cavalo, girando o cantil na palma da mão. – Para começar, por que aquela mulher estava no compartimento de carga? Não tem nada de valor lá embaixo.

Sefia e Arqueiro se entreolharam. *Eles* estavam lá embaixo. O *livro* estava lá embaixo. Ela tornou a olhar na direção da porta. Ele ainda podia estar escondido em seu caixote, mas com tudo o que tinha acontecido, não ia permanecer assim por muito tempo.

A mão de Arqueiro se fechou em torno da dela, seu rosto se contorcendo enquanto a doutora começava a costurar uma ferida em sua mão direita. Ele fez uma careta quando ela ergueu as extremidades do corte com um par de fórceps.

– Não é tarde demais para aquela bebida – ela disse, embora não parasse de suturar.

Ele apertou os lábios.

– Faça como quiser.

Afundado na cadeira, Cavalo deu uma risada fraca e tomou um longo gole de seu cantil.

– Harison nunca gostou muito de beber também, não depois da primeira vez.

Ele não parecia esperar uma resposta, por isso Sefia se manteve em silêncio.

O carpinteiro do navio era exatamente como ela o havia imaginado: seus ombros como montanhas; o rosto moreno com rugas de sol; o lenço amarrado em torno da testa. E as mãos revelando o abuso das farpas, pontilhadas de cicatrizes e piche. Ele tinha até o cheiro certo – como estopa de calafetagem e serragem.

Como se se sentisse observado por ela, ele ergueu os olhos turvos.

– Que foi?

Sefia sentiu o rosto esquentar.

– Este é mesmo o *Corrente da Fé*, não é? – perguntou. – Você e a doutora… todo mundo… vocês estão todos aqui mesmo?

– Por enquanto – ele murmurou.

Ela olhou ao redor da cabine. Era exatamente como o livro a descrevia, até a forma como tudo vinha em números pares: os ganchos na porta, as cadeiras, os armários nas paredes. Os mostruários de vidro continham dezenas de lembranças: um rubi do tamanho do punho de um homem, um fragmento de ouro em formato de sanduíche, até o Gongo do Trovão sobre o qual ela lera no livro. Ela sentiu como se tivesse caído em uma página, entre as letras, como se o livro tivesse de algum modo atraído o *Corrente* para eles, como se tudo estivesse pré-ordenado. Ficou atordoada.

Arqueiro piscou para ela e os cantos de sua boca se ergueram, fazendo covinhas em seu rosto. *Eles* estavam ali, e ainda estavam juntos.

No antebraço dele, as mãos da doutora entravam e saíam uma por dentro da outra, rápidas e silenciosas como sombras.

– Não acredito que não percebi antes. – Cavalo tossiu. – Vocês são os garotos do Javali Negro.

– Você estava no cais?

Cavalo balançou a cabeça grande algumas vezes.

– Mundinho engraçado, não é?

– É – Sefia respondeu sem energia.

Seu olhar foi novamente atraído para os objetos nas estantes: uma chave de ferro enferrujada, uma caixa preta decorada com marfim, um colar com safiras azuis e quadradas, cercadas por diamantes cintilantes. Estava coberto de poeira, exceto onde algumas impressões digitais permitiam que a luz atravessasse. Ela piscou, e em sua visão captou vislumbres do capitão Reed mexendo com o colar. Uma nuvem de cinzas. E a mulher mais bonita que ela já tinha visto, usando o colar no pescoço, obtendo a juventude eterna. Era isso o que o colar fazia. E se você fosse bonita, bom… ele deixava que ficasse com isso também. Não importava o quanto envelhecesse, a mulher estava sempre cercada por homens, flores, risos, filhos… e depois por doença, gritos e fumaça.

– Os Diamantes Amaldiçoados de Lady Delune. – Sefia fechou os olhos e esfregou as têmporas, que latejavam.

– Segundo a história, o capitão foi o único homem que conseguiu afastá-la desses diamantes. Ela virou pó assim que soltou o colar. – Cavalo suspirou. –

Acho que, no fim, era isso o que ela queria. A mulher não viveu uma vida muito feliz.

Sefia pensou na mulher de sua visão. Embora nunca envelhecesse, ela foi ficando cada vez mais fria com o passar dos anos, conforme seus pais, maridos, filhos e netos eram assolados por pragas, incêndios, acidentes com carruagens, suicídio e velhice debilitante.

– A vida é mais do que ser jovem e bonita… ou feliz, na verdade.

Sefia pensou em sua própria vida. Ela não estava vivendo para ser *feliz*. Fazia muito tempo desde a última vez que desejara algo tão simples quanto *felicidade*.

– Isso não é verdade, garota.

– Meu nome é Sefia – ela corrigiu.

Cavalo assentiu com a cabeça e bebeu de seu cantil.

– Certo. Sefia. Vocês são uma dupla e tanto, os dois. Espero…

A porta se abriu e ar frio invadiu a cabine principal, fazendo Sefia tremer. Cavalo se aprumou e escondeu o cantil quando o imediato entrou. O homem carregava as mochilas deles em uma das mãos. Sefia procurou avidamente o retângulo familiar do livro e ficou aliviada ao ver seu contorno marcado contra o couro. O imediato largou as mochilas despreocupadamente no chão, mas ela percebeu como seu braço recuou, como se mal pudesse esperar para se livrar delas. Ela resistiu à vontade de tomar a sua nos braços.

Então o capitão entrou. Ela o reconheceu por seus olhos azuis brilhantes, seu ar de comando e o revólver negro que tinha em uma das mãos. Ela ficara empolgada ao vê-lo – o verdadeiro capitão Reed! –, mas agora, diante dele, sua animação congelou no estômago. Ele estava com raiva. Sua raiva fervilhava sob a pele, por trás dos dentes. Aquele não era o Reed das histórias.

– Qual o dano? – perguntou.

Arqueiro se sentou com uma leve careta. A doutora deu um suspiro e começou a suturar um corte profundo em seu ombro.

– Onze ferimentos no total, seis precisando de pontos, e duas costelas quebradas. Acho que até o senhor ficaria orgulhoso, capitão.

Reed ignorou o humor na voz da médica.

– E a garota?

Sefia falou por si mesma.

– Estou bem, senhor. Foi Arqueiro quem lutou, não eu.

O capitão a encarou por um longo momento – longo o suficiente para ela desejar poder engolir suas palavras e desaparecer entre as tábuas do piso –, mas ela não desviou os olhos.

– Cavalo?

O carpinteiro acenou com a mão carnuda para que ele não se preocupasse.

– Nada além de uns arranhões nas costas, capitão – disse.

Reed apontou a cabeça na direção da porta.

– Então vá andando.

Cavalo se levantou imediatamente, mas piscou para Sefia. Quando passou pelo capitão, inclinou-se e sussurrou alto o bastante para que ela ouvisse.

– Eles são bons garotos, capitão. Se precisar, pode deixar que eu como um pouco menos e trabalho um pouco mais. Pode até retirar do meu salário, se chegar esse ponto.

Sefia deu um sorriso leve.

Se o capitão ficou surpreso, não deu sinal. Cavalo pôs a mão pesada no ombro da doutora, onde ela apoiou o rosto moreno enquanto continuava a suturar os ferimentos de Arqueiro.

Um toque tão pequeno, que comunicava tanto.

Ele apertou o ombro dela uma vez, retirou a mão e saiu pela porta para o ar frio da noite.

O capitão se sentou na cadeira que estivera ocupada por Cavalo e pôs o revólver preto sobre a mesa. Sefia o observou com cautela. Com o imediato atrás deles, Reed desenrolou um embrulho de couro e tirou um conjunto de ferramentas, alinhando-as em fileiras organizadas. Sem dizer palavra, começou a limpar a arma, abrindo-a, removendo as balas, verificando o cilindro. Prendeu um pequeno pedaço quadrado de pano na extremidade de uma vareta de metal e começou a enfiá-la pelo cano e pelas câmaras – oito vezes. Estava claro que ninguém ia falar até que a doutora saísse, por isso Sefia simplesmente observou.

O revólver preto era lindo, ornamentado em ouro e ébano entalhados como escamas de dragão, mas de perto ela podia ver o quanto tinha sido danificado: cheio de marcas e arranhões, com manchas de idade e de atos de violência há muito esquecidos. O cabo estava rachado ao longo do veio da madeira, e havia uma fenda profunda onde fora colado de novo.

Ela estreitou os olhos, tentando ver as luzes que queimavam suavemente por baixo do mundo físico, e então piscou e entrou na Visão – que ela começou a pensar com V maiúsculo. Quando Reed se pôs a esfregar o Executor com uma escovinha, a história da arma negra se derramou sobre ela.

O ruído de tiros, um jato de sangue e o barulho molhado do impacto de um corpo atingindo a água. Então a Visão mudou, e ela viu o ex-capitão do *Corrente*, um homem de rosto simpático e nariz bulboso, encostar o Executor na

própria têmpora.

Uma explosão. Fogo, carne e osso.

O revólver negro caiu no chão e seu cabo se partiu com o impacto.

Momentos depois, Reed subiu até o convés pingando água salgada, que fazia sua camisa se grudar ao peito e revelava a paisagem de musculatura e tinta preta por baixo. O oceano se empoçou aos seus pés quando ele estendeu a mão para pegar o revólver quebrado.

Ela engoliu em seco e se recostou, piscando sem parar. Seu olhar pousou rapidamente nas mochilas.

A doutora terminou os curativos de Arqueiro e fechou ruidosamente sua bolsa negra. Ao se levantar, empurrou os óculos para o alto da ponte achatada do nariz e focou no capitão.

– Cuca contou ao senhor? – ela perguntou.

Reed piscou os olhos para Sefia e assentiu.

O que Cuca tinha dito? Será que ele a culpava pela morte de Harison? Porque ela não apertara com força suficiente, não estancara sangue suficiente? Houvera tanto sangue, saindo tão rápido… ela mordeu a parte interna do lábio.

A doutora fez um aceno para Arqueiro e depois para ela. Sefia queria lhe agradecer, mas o silêncio de pedra da cabine era proibitivo, por isso ela apenas acenou com a cabeça em resposta. A médica deixou a cabine, então Sefia e Arqueiro ficaram sozinhos com o capitão Reed e o imediato.

Reed terminou de limpar o Executor e começou a aplicar gotas de óleo em suas partes móveis, repetindo o gesto algumas vezes. Ele fazia tudo em números pares, exatamente como dizia a lenda. Então enrolou o conjunto de limpeza, pôs o revólver sobre a mesa e alinhou os cartuchos restantes em uma fileira organizada de quatro.

– Lembro-me de vocês das docas – disse, traçando dois círculos interligados no tampo da mesa, o dedo indo de um para o outro sem parar. – Mas não esperava vê-los aqui.

– Não, senhor – disse Sefia.

– Vocês sabem quem eu sou e em que navio estão?

Sefia confirmou com um aceno.

– Então sabem como é peculiar para nós vermos intrusos por aqui. Esta noite, peguei três de vocês, e um membro de minha tripulação morreu. Agora, isso levanta algumas questões. Dependendo das suas respostas, posso matá-los ou, se estiver me sentindo leniente, deixá-los em uma ilha deserta para serem apanhados pelo próximo barco que passar. Entenderam?

Sefia olhou para trás, por cima do ombro, e o imediato virou os olhos turvos para ela. Com um susto, ela viu que o cinza neles eram cicatrizes: lugares perfurados que haviam curado com o tempo. Ela engoliu em seco. Todas as histórias diziam que o imediato podia sentir o cheiro de mentiras como um cão de caça. Ela teria de contar a verdade. Uma verdade que não fizesse com que ela e Arqueiro fossem mortos.

Então ela olhou para Arqueiro, que estava sentado ao seu lado, e aninhou a mão na mão enfaixada dele.

Ele fez um aceno, sem jamais tirar os olhos dourados dela.

O que ela dissesse em seguida ia determinar se eles viveriam ou morreriam. Ele os mantivera vivos no Cais do Javali Negro, e agora era a vez dela. Ela respirou fundo, trêmula, e tornou a olhar para Reed.

– Nós entendemos.

O capitão girou uma vez o cilindro do Executor, em seguida disparou a primeira pergunta.

– Quem são vocês?

– Eu sou Sefia, ele é Arqueiro – ela respondeu.

– Ele não responde por ele?

Ela olhou para Arqueiro, que sacudiu a cabeça.

– Ele não pode falar – ela respondeu. – Acho que não se lembra de como fazer isso.

O olhar de Reed passou por cima do ombro dela e se dirigiu ao imediato, que deve ter assentido, confirmando.

– Como vocês entraram no meu barco? – quis saber o capitão.

– Estamos aqui desde Epidram, quando acidentalmente viramos clandestinos em um de seus caixotes.

– Acidentalmente?

– Não sabíamos que era seu. Só precisávamos de um lugar para nos esconder.

– Há mais quantos de vocês por aí?

Ela sacudiu a cabeça, confusa.

– Somos só nós, senhor.

– Como Harison morreu?

– A mulher o esfaqueou na garganta. Eu tentei… – Lágrimas brotaram em seus olhos e ela as esfregou. Não conseguia esquecer o jeito como ele tinha ficado imóvel. – Eu tentei salvá-lo, mas quando a doutora chegou, ele já estava morto.

– Quem era a mulher?

Sofia sentiu-se fria. Seus punhos se cerraram.

– Não sei. Mas ela raptou minha tia. – Ela não mencionou o travo de metal nem como o ar ficara infestado por ele no dia da morte de seu pai.

– Para quê?

Seu olhar se dirigiu à mochila. Devia contar a eles sobre o livro? Seria pior se fosse pega mentindo.

– Ela queria o livro. – Sefia sentiu a cor se esvair de seu rosto. A única pessoa que sabia que ela tinha o livro era Nin. Será que isso significava… ela afastou o pensamento imediatamente.

– O que é um livru? – A voz do capitão Reed interrompeu seus pensamentos.

– Um *livro*. É… uma coisa que eu tenho. – Sefia pegou sua mochila no chão e começou a remexer em seu interior, tateando à procura do livro. Ela o sacou; depois dos acontecimentos desconcertantes da última hora e da interseção repentina de sua jornada com a do *Corrente,* ele pareceu sólido e familiar em suas mãos, e fez com que ela se sentisse real. Quando desdobrou o invólucro de couro, o imediato grunhiu às suas costas, como se tivesse levado um soco no estômago. Arqueiro se virou, e Reed franziu o cenho para ele, mas ninguém disse nada.

– Isto é um livro.

Ela o ofereceu para o capitão, e em um movimento rápido ele se levantou e estendeu a mão, alisando a borda da capa com a ponta do dedo.

Mas não o pegou. Olhou desconfiado para ele por um instante antes de abrir os fechos e erguer a capa, como se fosse uma caixa e ele estivesse esperando ver qualquer que fosse o objeto mágico que contivesse…

Reed virou-se para ela. Antes que Sefia pudesse reagir, o Executor estava apontado para o meio de seus olhos.

Arqueiro a empurrou para o lado. O livro voou das mãos dela, as páginas abertas, marca-páginas espalhados. Ela atingiu o chão. Atrás deles, o imediato tinha apontado um revólver para Arqueiro. O garoto congelou.

Sefia se sentou, esfregando o cotovelo. Restavam apenas três cartuchos na mesa. O capitão tinha carregado e engatilhado a arma em menos de um segundo.

– Arqueiro, não! – ela exclamou, em seguida para Reed: – Não é perigoso. Não vai machucá-lo.

O imediato remexeu-se no lugar.

– O menino salvou Cavalo – disse.

O capitão Reed pôs o Executor de volta à mesa e sentou-se de novo.

– É por isso que ele ainda está respirando.

Arqueiro se curvou para ajudar Sefia a se levantar, mas ela gesticulou para que ele se sentasse. Ela começou a recolher seus marcadores do chão: a pena verde, as folhas prensadas. Nunca mais conseguiria achar os pontos em que estavam – todas as histórias que estava lendo perdidas entre as páginas infinitas. Cuidadosamente, ela botou os marca-páginas dentro do livro e o pôs sobre a mesa.

– Por que fez isso?

Ela estudou o rosto dele, as linhas de confusão e raiva. Ele não gostou do que tinha visto. Não confiava no livro, talvez até o temesse.

Reed coçou o peito.

– O que são essas marcas?

– Palavras.

– Palavras são coisas que você fala, não coisas que você vê.

– Elas são palavras também. Só que… em uma forma diferente.

Reed estreitou os olhos.

– O que há de tão especial nelas?

– Não sei.

O imediato fez um pequeno movimento atrás dela.

– Esta é a última vez que você mente para mim. – Agora, o capitão não apontou a arma para ela. Em vez disso, enfiou os três cartuchos restantes nas câmaras vazias e encheu as outras a partir de um bolso em seu conjunto de limpeza. Ele pôs o cilindro de volta no lugar e enfiou o revólver no coldre. Ela percebeu por que ele o estivera limpando: só podia limpá-lo depois de ter matado, porque sempre que o Executor era sacado, alguém morria. Ao mesmo tempo, entendeu que, se ele o apontasse para ela outra vez, iria matá-la.

– Quer dizer… – Ela procurou pelas palavras. – Eu não entendo totalmente ainda, mas há algo mágico nelas. Posso ver coisas…

– Como o imediato?

– Não, não exatamente. – Ela inclinou a cabeça, pensando. – Ou… talvez? Posso dizer onde algum objeto esteve, quem o possuiu. Esse tipo de coisa.

– E foi essa magia que a escondeu do imediato?

– Não sei. Passamos a maior parte do tempo no caixote. Tentamos não fazer muito barulho.

Reed descartou sua teoria com um aceno de mão.

– Ele devia ter conseguido sentir vocês de qualquer jeito. – Olhou para o livro. – Então era isso que a mulher queria, hein?

Ela traçou o  na capa.

– Sim. – A palavra foi pouco mais que um sussurro.

– Por quê?

– Acho que meus pais o estavam protegendo dela.

– Por quê?

– Não sei. Eu nem sabia que eles o tinham até ter nove anos… quando meu pai foi morto. – Ela continuou a traçar o símbolo. Respostas. Redenção. Vingança.

– Por essa mulher?

Sefia confirmou com a cabeça, embora não tivesse coragem para erguer os olhos e admitir que tinha falhado outra vez. Se a mulher de preto a tivesse encontrado porque Nin havia revelado sua existência, a tia já podia estar morta. Sefia podia estar atrasada demais.

Ela cerrou os punhos e enfiou as unhas nas palmas da mão, desejando a dor, desejando alguma punição, desejando que algo fosse diferente porque ela nunca conseguia fazer o que tinha de ser feito.

– Acho que sim – ela murmurou.

– E como Machada entra nisso tudo?

Ela estudou as palmas das mãos, as quatro luas crescentes perfeitas em sua carne.

– Ele queria Arqueiro, e eu… é uma longa história.

O capitão Reed olhou por cima do ombro dela para o imediato, e depois de um momento, deu um suspiro.

– Bom, garota, vou lhe dizer uma coisa: não acredito que vocês estejam aqui para causar mal a mim, ao meu barco ou à minha tripulação, por isso não vou matá-los. Agora tenho duas opções: ou abandono vocês, como disse mais cedo, ou os levo com a gente.

Sefia se tranquilizou com essas palavras, mas Reed ainda estava falando.

– Cuca e Cavalo já deram seu aval por vocês, e a doutora… bom, ainda preciso de respostas para algumas perguntas. O acordo é o seguinte: você me conta sua história, quem realmente é, de quem está atrás, o que sabe sobre este *livru*, e a força de sua história vai determinar se ficam ou vão. Os termos são aceitáveis para você, senhorita?

Sefia assentiu com a cabeça e ergueu o nariz. Uma história para salvar suas vidas. Ela podia contar uma história. Podia pelo menos fazer isso.

– Meu nome é Sefia – começou.

PARECERÁ



O lugar dos descarnados

Em Kelanna, quando você morre, eles colocam seu corpo em uma balsa flutuante. Eles o colocam em uma pilha de troncos, carvão e arbustos secos e o mandam em chamas para o oceano.

Não acendem velas. Não queimam varetas fragrantes de incenso nem pilhas de papel para mandá-lo embora. Não colocam moedas em seus olhos para que você possa pagar pelo barqueiro. Não acreditam em um barqueiro. Em Kelanna, não há vida após a morte para onde ir de barco.

Em Kelanna, quando você morre, é o fim. Eles não acreditam em almas. Não acreditam em fantasmas. Não acreditam em espíritos tranquilizadores que caminham ao seu lado depois que seu amigo, sua irmã ou seu pai morreram. Não acreditam que você recebe mensagens dos mortos. Os mortos não existem mais.

Em Kelanna, quando você morre, eles não fazem orações por você, pois não têm um paraíso nem deuses para quem rezar. Não há reencarnação; você não vai voltar. Sem corpo, você não é mais nada, exceto uma história.

Em Kelanna, quando estão de luto, eles contam histórias – como se as histórias fossem manter você perto deles. Acreditam que, se as contarem com muita frequência, por tempo suficiente, você não vai ser esquecido. Esperam que as histórias o mantenham vivo, mesmo que apenas na memória.

Mas alguns deles, alguns poucos esperançosos e tristes, falam de um mar morto. No oeste distante, nas águas selvagens além de todas as correntes: o lugar dos descarnados. Dizem que à noite, quando o céu está mais escuro, as ondas brilham como rubis. Dizem que são os mil olhos vermelhos dos mortos – embora haja mais de mil, e eles nem sempre estejam mortos.

Muito abaixo da superfície do mar, bem além do alcance cálido da luz do so existe um mundo cego, onde não há diferença entre o dia e a noite. Não há cores, formas nem sombras. Eles ficam suspensos no vazio, incapazes de dizer se estão parados ou em movimento, porque não há pontos de referência. Não há nada que diga a eles onde estiveram ou para onde estão indo. Eles estarão sozinhos.

Esse é o mundo negro e selvagem do fundo do mar, um lugar feito apenas para monstros e fantasmas.

Mas então, finalmente, depois de anos intermináveis de espera, eles vão ouvir o chamado. Vão se erguer, lançando-se para cima através da escuridão como raios de luz. Vão chegar ao azul profundo, onde as baleias cantam suas tristes canções e tubarões famintos nadam quilômetros em busca de presas. Vão passar por lulas, tartarugas marinhas, nuvens de camarões, cardumes brilhantes e entrar no mundo turquesa logo abaixo da superfície, onde o brilho branco da parte inferior do céu e do sol atinge a água.

Como lanças, vão explodir no ar. Vão se lembrar de como o mundo é colorido, como as ondas brilham, como o céu é tão impiedosamente azul. Vão se lembrar de como o vento os puxa, arrasta, repreende e talha. E o *som* de todas as coisas: o bater das ondas em um casco de madeira, o rangido do madeirame, o pio das gaivotas, as vozes ásperas e salgadas dos marinheiros e o tumulto de atividade no convés, o ruído de martelos batendo em praias distantes, crianças rindo, espadas cruzando, pistolas disparando, pessoas falando, gritando, cantando.

Eles vão ter voltado.

isto é um livro

Capítulo 26



Navios na neblina

Já tinha amanhecido quando Sefia e Arqueiro foram liberados da cabine principal. O capitão Reed não dissera que ia deixá-los ficar no navio, mas haveria um funeral naquele dia e o capitão e o imediato precisavam cuidar de outro assunto que não explicaram. Embora o sol tivesse se levantado, a neblina obscurecia muito a luz matinal, e para o cérebro privado de sono de Sefia, eles pareciam flutuar em um espaço limítrofe entre a noite e o dia, aqui e ali, realidade e ficção. Ao lado dela, Arqueiro bocejou e fez uma careta, tocando as costelas machucadas.

O resto da tripulação tinha se reunido no convés principal, onde uma jangada improvisada com carvão aguardava para ser baixada ao mar. Em cima da pira, jazia o corpo de Harison com uma única pena vermelha entre os dedos rígidos.

Para sua mãe.

– Parece que ele está dormindo, não parece? – murmurou Cavalo.

Sefia se manteve firme. Ele parecia *vazio* – não uma pessoa, mas um monte de carne e osso em forma de gente, e o que quer que fizera dele Harison, o que quer que o fizera ter medo, resmungar e rir havia desaparecido. Os olhos dela estavam secos enquanto observavam a neblina se agitar acima das águas cinzentas.

Como regra, ritos funerários no mar eram assuntos rápidos, e a maior parte da lamentação ocorria nas semanas posteriores, quando aqueles que conheciam o morto contavam e recontavam as histórias de sua vida. Então houve pouca cerimônia; o badalar do sino do navio, a tocha, e a descida da pira até o mar.

Dois membros da tripulação empurraram a jangada em chamas para longe do

navio, e Jules deu um passo à frente, revirando o gorro nas mãos. Sefia a reconheceu das lendas sobre o *Corrente*: uma marinheira vigorosa com pele em tom de luz do sol sobre mel e braços tatuados com aves e flores. Ela era encarregada de liderar as canções de trabalho no quarto de bombordo, cantando verso após verso para o resto dos marinheiros repetirem enquanto içavam velas ou giravam o cabrestante. Sua voz era forte e fina como seda, sussurrante, e se ergueu acima deles enquanto a pira flutuava para dentro do nevoeiro, fogo e fumaça negra se misturando à neblina.

Suave como um eco, sinto-me esvair…
Esvair até desaparecer.
Ainda assim permaneço. Escuto e espero…
Espero você continuar.
Outra vez, outra vez.
Conte-me minha história outra vez.
Repita-a logo antes que eu seja esquecido…
Imploro, oh, conte-me outra vez.

Theo, o líder dos cantos de trabalho no quarto de estibordo, acrescentou seu barítono fantasmagórico ao coro, e um a um os outros marinheiros se juntaram a eles, até que a música virou uma tapeçaria de sons dispostos uns sobre os outros em uma harmonia contínua impressionante. A música fez Sefia pensar no modo como uma cidade desaparece, cada vez menor no horizonte, à medida que um navio se afasta dela, até que não é nada além de uma sombra vaga… um borrão… um ponto imaginário no vasto mar azul.

Quando as últimas notas terminaram, Cavalo murmurou:

– Um homem faz muita falta.

E o resto da tripulação o ecoou:

Um homem faz muita falta.

Então terminou, e a tripulação se dispersou para as equipes de seus quartos. Marinheiros se espalharam para o castelo de proa, a cozinha, o cesto da gávea. Sefia recebeu uma caneca fumegante e uma tigela de papa de arroz, enquanto Arqueiro foi levado para a enfermaria. Ela nem teve a chance de lhe dizer que ia ficar tudo bem antes que desaparecesse sob o convés.

Sefia subiu com dificuldade os degraus até o tombadilho, segurando o café da manhã. Seu caixote repousava no convés, sua lateral quebrada e lascada onde Arqueiro a arrombara. Atrás dela, o capitão Reed rondava de um lado para outro na amurada, olhando para o interior da neblina, depois virando de novo para encarar o caixote com a mesma intensidade. Ela se perguntou por que aquilo o

perturbava tanto. O imediato estava apenas parado ao lado do caixote, passando os dedos por ele de vez em quando, como se quisesse confirmar que ainda estava ali.

Ela tomou um gole apressado de café e engoliu algumas colheradas do arroz, que estava leve, cremoso e fofo como uma nuvem, com um toque de gengibre e pedaços vermelhos de linguiça. Mesmo alguns bocados da comida de Cuca aqueceram suas entranhas e ela se sentiu imediatamente mais acordada.

Reed gesticulou para que ela comesse mais rápido. Ela enfiou mais algumas colheres de papa na boca obedientemente.

– O que você pode me dizer sobre esse caixote? – ele perguntou.

Sefia engoliu. A caixa de madeira estava identificada com insígnias de todos os navios em que tinha viajado: cada selo era pintado com um traço negro quando a caixa era entregue, e depois ela era marcada outra vez antes de ser carregada em outro navio. Mas isso não era nada incomum. Ela olhou mais de perto, e o que viu quase a fez deixar cair seu café da manhã.

Ali, no canto superior, riscadas nas placas de madeira, havia palavras.

Palavras!

Ela tentou tocá-las. As pequenas bordas farpadas penetraram na ponta de seus dedos.

TOTALMENTE INVISÍVEIS

As letras eram tão precisas que deviam ter sido necessários anos de prática para aperfeiçoar. Então havia outros escritores. Outros leitores.

Sefia sentiu-se fraca. Os arranhões que eles ouviram nas docas – alguém havia *entalhado* aquelas palavras na madeira enquanto ela e Arqueiro estavam no interior.

Ela teve uma sensação repentina de que havia algo *errado* com o caixote – ou não, não exatamente errado, mas *estranho*, de modo que ele aparecia e sumia de sua visão como se fosse feito de algo mais que madeira e pregos de ferro. Ela estendeu a mão para se firmar, assegurar a si mesma de que a caixa ainda estava ali.

Puxou a mão. Era isso que o imediato estava fazendo, passando os dedos no caixote porque *não conseguia vê-lo*. O objeto era *totalmente invisível* para ele, que conseguia ver tudo no *Corrente*. Mas como? Eram as palavras que tinham feito aquilo?

Enquanto ela explicava o que diziam as palavras, o capitão Reed olhou para o

imediato, que franziu ainda mais o cenho, aprofundando as rugas em seu rosto vincado.

– Mas eu não sabia que palavras podiam fazer *isso* – ela acrescentou.

Reed abriu um canivete com um movimento.

Sefia ficou tensa e olhou para o imediato, mas seu rosto carrancudo estava impassível.

O capitão lhe ofereceu a faca, com o cabo virado para ela, e estendeu um pedaço de madeira.

– Vamos ver se você consegue fazer alguma coisa desaparecer.

Ela hesitou por apenas um instante antes de pegar a faca e começar a entalhar. Contara tudo a ele na noite anterior, tudo o que sabia sobre o livro e o símbolo, seus pais e os impressores, Arqueiro e Serakeen, o que significava ler, e como ela aprendera sozinha a escrever. Então enfiou a ponta da faca na madeira, raspando e recortando as curvas das letras, até que a madeira pálida mostrou.

TOTALMENTE INVISIVEL

Fez uma careta para sua própria escrita imperfeita, as letras tortas e diferentes.

– Então? – perguntou o capitão.

O imediato arrancou o bloco de madeira das mãos de Sefia e passou os dedos sobre as letras entalhadas apressadamente.

– Não – ele disse.

Reed pegou a faca de volta, soprou as últimas farpas da lâmina, a dobrou e guardou no bolso outra vez. Tamborilou os dedos no peito, pensativamente, e parecia prestes a falar quando algo na água chamou sua atenção. Ele se apertou contra a amurada, o olhar indo de um lado para outro das ondas, traçando suas formas.

Sefia reconheceu aquela expressão assim que a viu. Ele estava *lendo*. Talvez não soubesse ler palavras, mas sabia ler a água. Podia navegar por ela sem esforço, como se os oceanos estivessem se abrindo em estradas líquidas e reluzentes para ele. *Ninguém* conhecia o mar como ele.

– Tem alguma coisa aí fora – ele murmurou.

– O barco de onde veio aquela mulher? – perguntou o imediato.

– Não sei.

Sefia olhou do alto da escada para o convés principal. Se mais pessoas estivessem vindo atrás do livro, eles precisavam fugir. Arqueiro estava na enfermaria; o livro, na cabine grande. Ela não partiria sem eles.

– Vela à vista a estibordo! – gritou Meeks do cesto da gávea.

Reed olhou fixamente para a neblina.

– Que tipo de barco?

– Não sei, capitão. Desapareceu antes que eu conseguisse ver.

Atrás deles, o imediato perguntou:

– É hoje?

Sefia olhou para o capitão, que sacudiu a cabeça.

– Hoje, não – ele disse.

Com marias-chiquinhas voando às suas costas, a camareira do navio, Aly, correu até eles e entregou uma luneta a Reed. Ele a levou ao olho. Por todo o convés, marinheiros olhavam atentamente para a neblina. Por um momento, nada se mexeu, exceto a névoa turbulenta.

Sefia se dirigiu para a escada, pronta para correr.

O imediato a pegou pela nuca. Ela lutou brevemente, mas as mãos dele se apertaram como um torno e ela ficou imóvel.

– Acho que não, garota.

Ela lançou um olhar furioso para ele.

Do alto, Meeks chamou:

– Lá está ela outra vez, capitão!

Um navio surgiu na neblina, pouco mais que uma sombra com ramos de névoa rodopiando ao redor do casco. Reed passou a luneta para Aly.

– Preciso de seus olhos, garota. Quem está lá fora?

A camareira alta ergueu a luneta. Após um instante, tornou a baixá-la e sacudiu a cabeça.

– Tem neblina demais para dizer, senhor.

Reed praguejou.

Os dedos rígidos do imediato beliscaram a nuca de Sefia.

– Você disse que podia ver coisas, garota.

Ela tentou escapar, mas ele a segurou. Sefia olhou na direção do navio, preparando-se contra a dor e a náusea. Então piscou, e torrentes de luz dourada ondularam a partir do barco nas sombras. Ela viu uniformes, costas rochosas onde evericanos antigamente lutaram contra evericanos, antes de serem unidos pelo rei Darion contra seus colonizadores oxscinianos. Cambaleou para a frente, piscando.

O imediato a ergueu outra vez.

– Qual o problema, garota?

– É de Everica. – Ela fez uma careta ao ser tomada por vertigem. – A

Marinha.

Um músculo se retorceu na mandíbula do imediato.

– Tem certeza?

Ela esfregou as têmporas.

– Tenho certeza.

Ela ouvira que ataques a rotas de navegação estavam ficando cada vez mais frequentes. Muita gente estava com medo de deixar os próprios reinos. Mesmo foras da lei como o capitão Reed evitavam as zonas de batalha no Mar Central.

Meeks soltou outro grito do alto:

– É um navio da Marinha Azul, capitão! Está vindo em nossa direção!

Os olhos de Reed se arregalaram de surpresa.

– Isso foi um truque e tanto, garota.

– É de lá que veio a mulher? – perguntou Sefia.

– A Marinha Azul não produz assassinas assim – murmurou Reed. – Pelo menos, não costumava fazer isso.

Sefia olhou para o oceano. O navio estava se aproximando, crescendo cada vez mais na neblina como uma sombra ao anoitecer.

De repente, fogo surgiu. Duas explosões laranja iluminaram a névoa como fogos de artifício.

– Abaixem-se! – gritou Reed.

Sefia foi jogada no convés. O corpo do imediato aterrissou em cima dela, protegendo-a do golpe. Os sons de canhões distantes os alcançaram, mas não houve estilhaços de madeira, nenhum barulho de ferro caindo na água. Ela saiu de baixo do imediato e o ajudou a se levantar.

O capitão já estava na amurada, observando o oceano.

– Esses tiros não eram para nós.

A névoa recuou e desvelou um segundo navio, seu contorno indistinto, suas cores esmaecidas. O navio da Marinha evericana alterou seu curso para enfrentá-lo.

– Consegue ver quem é, Aly?

A camareira levou a luneta ao olho.

– Desculpe, capitão.

Sefia correu até a amurada.

– Foi *de lá* que veio a mulher de preto?

Reed deu um aceno.

– Talvez.

Ela aprumou os ombros e estreitou os olhos. Os dois navios estavam se

atacando como cavaleiros em uma justa com lanças pontudas, a neblina flutuando suavemente ao seu redor enquanto se preparavam para a batalha. Se aquele fosse o navio da assassina, ela podia descobrir de onde ele tinha vindo. Quem mais estava nele. Sefia piscou e sua Visão se encheu de ouro.

Ela viu canhões. Barris de pólvora. Balas encadeadas. Depois um espelho. Corredores ecoantes de mármore e uma porta de cofre redonda, de aço polido. Uma fechadura em formato de estrela, com extremidades pontiagudas e pássaros em pleno voo gravados ao redor.

Ondas de luz cascatearam por sua Visão, perturbando seu foco. A neblina estava se fechando sobre os dois navios, cobrindo suas popas e velas. Ela viu tempestades, chuvas, gotas de água se formando e caindo e se desfazendo ao atingir a superfície do mar. Ela se debateu na Visão à procura do navio, mas ele tinha desaparecido. As correntes de ouro passaram sobre ela, empurrando-a mais fundo nas profundezas da luz e da memória. Faixas de azul. Calor. O disco branco do sol. A luz girava em espiral ao seu redor, arrastando-a cada vez mais longe de seu próprio corpo, até que ela pôde sentir as bordas de sua consciência começando a se desfazer, dissolvendo-se no mar infinito de luz.

E então…

Alguém a agarrou. Ela o sentiu de forma distante. Mãos apertando seus braços. A dor se espalhou para os cotovelos e subiu até os ombros, desceu para as mãos e o interior de seu peito. Ela se sentiu ser puxada de volta para o interior de seu corpo, atravessando os mares de ouro até se encontrar outra vez.

Sefia piscou, mas não conseguia ver nada além de massas densas de névoa.

Então começou a tossir, engasgar, e debruçou-se sobre a água com os braços de Arqueiro ao seu redor, as feridas dele sangrando através dos curativos enquanto tentava segurá-la.

Sefia estremeceu de raiva e exaustão.

– Não…!

Mas o navio tinha desaparecido. Eles ouviam o trovejar abafado de canhões, viam chamas na neblina.

Ela desmoronou sobre Arqueiro.

– Eram *eles*, eu sei que eram!

Farpas de madeira espetaram suas mãos quando ela socou a amurada.

Arqueiro tomou as mãos dela e as pressionou contra a amurada, prendendo-as, quentes e machucadas, em suas próprias mãos.

Ela se virou e afundou a cabeça em seu peito.

– Desculpe – disse. – Eu tentei.

A doutora estava parada junto da escada, na extremidade do tombadilho.

– Ouvimos os canhões – ela comentou. – Ele não me deu atenção quando eu disse que você estava em segurança com o capitão e o imediato.

Atrás deles, o imediato murmurou:

– O *Crux* não pode ter chegado aqui tão cedo. Acham que era o *Beleza Negra*?

– Ela não vai arrumar briga com a Marinha Azul quando quer esse tesouro tanto quanto nós – respondeu Reed, tamborilando os dedos na fivela do cinto. – Não vou ficar esperando para ver qual deles sai disso vivo. Ponha os homens nas vergas.

– Esperem! – Sefia escapou das mãos de Arqueiro enquanto o imediato se dirigia ao convés principal, gritando ordens. – Eles podem saber onde está minha tia. Ela pode até estar naquele navio!

O capitão sacudiu a cabeça.

– Não vale o risco, garota.

– Eles mataram meu pai! Eles mataram Harison!

– Você acha que eu não sei disso? – ele retrucou bruscamente. – Aquele garoto era minha responsabilidade. Sou eu quem vai ter de contar à mãe dele que seu bebê está morto. Não vou fazer o mesmo para mais ninguém de minha tripulação. Hoje, não.

Ele deu as costas para ela, e Sefia ficou em silêncio enquanto os marinheiros começavam a subir no cordame. Houve um grande rangido de cordas e velas, e o *Corrente* ganhou velocidade. A doutora puxou Arqueiro de volta para a enfermaria para refazer seus curativos, e Aly se afastou tão silenciosamente que Sefia nem percebeu que ela tinha sumido. Então Sefia ficou sozinha com o capitão.

O estrondo distante do fogo de canhões mergulhou em silêncio, substituído pelo sibilar do navio nas ondas. Eles estavam parados junto da amurada, Sefia lutando contra a ânsia de despejar o conteúdo de seu estômago no mar.

– O que aconteceu? – perguntou o capitão.

Ela segurava a cabeça latejante entre as mãos.

– Achei que era minha chance de conseguir as respostas que tenho procurado.

– Você parecia estar morrendo.

Ela mordeu o lábio.

– Acho que estava.

– E seu garoto a salvou.

– Ele não… – A frase morreu. – É. Ele me salvou.

Os olhos azuis do capitão brilharam na sombra sob seu chapéu.

– Vocês têm sorte.

Sefia delineou o  na amurada.

– Eu não diria *sorte*.

Reed ficou em silêncio enquanto estudava o mar cinza como aço.

– Você disse que estavam indo para Jahara – ele disse por fim.

– Era para onde Machada estava indo. Achei que encontraríamos o símbolo outra vez lá.

Reed olhou para ela. Uma penetrante investigação azul.

– Você já esteve em Jahara, garota?

Ela sacudiu a cabeça.

– Não, senhor. Tia Nin sempre disse que era perigoso demais.

– Ela estava certa. – Ele examinou as ondas e tamborilou os dedos no peito. – É melhor você esquecer isso. Machada é uma coisa, mas você não quer cruzar o caminho de um homem como Serakeen.

O vento fustigou o cabelo dela, aguilhoando seu pescoço e seu rosto enquanto eles deslizavam sobre a água encapelada com as cristas brancas das ondas.

– Eu preciso salvar Nin.

– Se ela ainda estiver viva.

– É.

– E depois?

– Detê-los. Para sempre. – Ela olhou para trás, na direção da escotilha principal e da enfermaria abaixo dela. – Ou ninguém de quem eu goste jamais estará em segurança.

Reed tamborilou os dedos.

– E se você falhar?

Sefia se voltou para o caixote e enfiou as unhas nas letras, arrancando lascas e as jogando no mar.

– Eu já falhei – ela disse.

Ele traçou o círculo vazio em seu pulso. Havia um redemoinho em seu cotovelo, seguido por um esqueleto comendo seus próprios ossos e árvores no casco de uma tartaruga: todas as histórias sobre como eles chegaram à Borda Oeste do mundo, mas nenhuma história sobre a própria Borda.

– Às vezes você consegue o que quer – ele murmurou. – E, às vezes, você deseja não ter conseguido.

– Talvez. – Enquanto dizia a palavra, ela se espetou em uma farpa de madeira.

Uma gota de sangue formou-se na ponta de seu dedo, e ela a sugou e cuspiu no oceano. – Mas preciso tentar.

Capítulo 27



Atenção: isto é como uma teia de luz e sombra

Enquanto a luz do lampião tremeluzia pelas escotilhas e as sombras se alongavam pelo chão, as paredes da pequena cabine pareciam se fechar sobre Tanin. Na teia de luz e sombra, ela se debruçou sobre a mesa, alisando as bordas do papel repetidas vezes, até que as pontas de seus dedos ficaram vermelhas e irritadas. Ela tinha chorado tanto nas horas anteriores que chorar mais parecia impossível.

Sua boca se retorceu quando a dor atravessou seu rosto. Lágrimas turvaram sua visão.

Ela tinha mais uma carta a escrever.

Tanin enfiou a pena em um vidro de tinta, e todo movimento parecia pesado, como se seus membros fossem feitos de pedra, e pedaços de osso fossem explodir em nuvens de poeira ao menor movimento de suas juntas. No alto da página, ela escreveu Caro Erastis, em uma letra fragmentada.

Tanin passou os dedos sobre os olhos, espirrando tinta preta sobre a blusa. Ela xingou e enfiou o bico da pena no vidro outra vez. As palavras se borravam na página enquanto ela escrevia:

A Segunda está morta.

Ela fez uma pausa. Seu olhar dirigiu-se às quatro cartas lacradas que ela já havia preparado: uma para cada um dos Mestres para lhes informar dos

acontecimentos da noite anterior, e de seu fracasso. Ela já tinha escrito aquelas palavras cinco vezes e ainda não era o suficiente. Elas não descreviam como o mundo tinha sido *reduzido*, como se a ausência da Assassina tivesse sugado todas as luzes em todas as cidades de Kelanna, e objetos que momentos antes eram sólidos e com formas definidas agora estavam turvos, sombrios e a meio caminho de desaparecer.

Ela apertou a pena sobre a página e continuou escrevendo, recordando a raiva que sentira quando a tenente do navio lhe dissera que a Assassina havia desaparecido. A busca apressada nos conveses, sua frustração cedendo à preocupação e ao pânico abissal quando percebeu que a Assassina não estava mais a bordo. O ranger de cordas enquanto os tripulantes içavam Tanin em seu escaler pela lateral do navio.

A noite ficara negra e cinzenta à medida que a neblina encobriu o escaler, enroscando-se em seus braços enquanto ela se esforçava nos remos. Bolhas se formaram na palma de suas mãos.

Então ela ouviu o tiro, rapidamente seguido por outro, como trovões no escuro.

Ela congelou.

O frio da noite tocou a ponta dos seus dedos dos pés e das mãos, subindo por seus membros até o peito. Ela começou a tremer.

Então um barulho de água.

Um corpo atingindo a água.

Em algum lugar da neblina, havia vozes murmurando indistintamente, formas redondas e palavras semiformadas. Em seu barquinho, Tanin apertou o estômago e se balançou para a frente e para trás, para a frente e para trás enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto, passando pela boca aberta conforme os lábios articulavam as palavras sem dizê-las.

Não, não, não, não, não…

Eles a haviam matado.

Eles a haviam matado.

E era culpa de Tanin.

Se ela apenas tivesse permitido que a Assassina agisse mais cedo… se não tivesse sido tão dura com ela… se não tivesse se distraído tanto com aquela garotinha…

Houve uma batida na porta.

Tanin ergueu o rosto da página, os olhos baços. O que ela tinha escrito? Ela mal conseguia entender a própria letra. Esfregou as lágrimas dos olhos, puxou a

tampa cilíndrica entalhada sobre a escrivaninha e escondeu seus instrumentos de escrita.

Então limpou a garganta.

– Entre.

A porta se abriu e a tenente do navio entrou. Escalia era uma mulher formidável, com ombros e peito largos como os de um homem e uma postura ereta que fazia todo cômodo parecer encolher assim que ela entrava.

Ela faz uma breve continência para Tanin.

– O navio evericano desapareceu, senhora. Escapou para o interior da neblina e não deixou rastros. – A voz dela era arrojada, endurecida pelo clima, mas ainda mantinha um reflexo metálico.

Tanin deu um aceno.

– Obrigada, tenente.

– Devemos montar uma busca? – Os dentes de ouro de Escalia brilharam à luz do lampião.

Tanin sabia que isso ia acabar acontecendo, esse conflito entre ela e a Marinha Azul de Darion, com o Reino de Pedra dele em guerra com Oxscini, e o navio dela pego em mar aberto como qualquer outro fora da lei. Mas isso não tornava aquilo um estorvo menor. Ela não tinha tempo de enfrentar a Marinha Azul enquanto perseguia o *Corrente da Fé*.

– Não – disse ela. – Continue no curso para Jahara.

– Sim, senhora.

Tanin a observou por um instante.

– É isso?

A tenente inclinou a cabeça para o lado.

– É isso o quê, senhora?

– Não vai discutir comigo?

– Não, senhora.

– Bem, isso é animador – disse Tanin, cansada.

Escalia deu de ombros.

– Eu sigo ordens. Não questiono.

– E sua opinião?

– Sou uma mulher simples, senhora. Deixo isso de ter opinião para mentes maiores que a minha. – A tenente fez uma pausa, passando o polegar por um dos braceletes de metal que usava na parte superior dos braços. – Sei que há uma razão para a senhora fazer o que faz. As coisas sempre se resolvem.

Tanin apertou as pontas dos dedos sobre os cortes feitos pelo papel.

– É mesmo?

– Sim, senhora. Acredito que sim. Mesmo uma tragédia como esta.

– Obrigada, tenente. Está dispensada.

Com outra continência para Tanin, Escalia se esgueirou da cabine e fechou a porta às suas costas com um *clique*.

Tanin encarou a porta fechada. A coisa toda era um espelho com uma moldura de prata com páginas e ondas – as letras jorrando para o alto em ondas espumantes, com contracorrentes e redemoinhos de palavras abaixo –, detalhes tão refinados que a moldura parecia feita de metal líquido.

Ela sempre acreditara que coincidências não existiam, que tudo o que acontecia, acontecia por uma razão. Mas que razão havia para a morte da Assassina?

Eles podiam ter recuperado o Livro na cabana em Kambali. A Assassina quisera fazer isso, mas Tanin a impedira. Por causa da garota.

Empurrando para trás o tampo da escrivaninha, Tanin examinou rapidamente a carta, seu olhar pousando nas palavras.

A Segunda está morta.

Mas dessa vez ela se sentiu entorpecida, como se, ao repetir aquilo pela quinta vez, jogando-se contra as rochas de seu pesar, as palavras tivessem finalmente se erodido, deixando nada além de um vazio liso e frio para trás. Com a expressão fechada, ela dobrou a carta com movimentos precisos e passou os vincos a ferro.

Tudo voltava à garota. Ela tinha o Livro. Ela conhecia Ilumi-
nação. De algum modo, libertara um candidato, e juntos eles descobriram que o teste final estava em Jahara.

E ela era uma matadora.

Com um fósforo, Tanin aqueceu um bastão de cera até pérolas derretidas começarem a pingar uma a uma sobre o papel, criando uma poça negra. Ela passou a língua por um sinete de latão e apertou o selo com firmeza na cera.

Uma leitora *e* uma matadora.

A ideia se espalhou por ela enquanto a cera esfriava e endurecia sob a pressão do selo.

Era por *isso* que a Assassina tinha morrido?

Para que eles tivessem uma abertura em suas fileiras?

O selo deixou uma impressão na cera, e Tanin a traçou com a ponta dos dedos esfolados. Um círculo inscrito com quatro linhas, tão familiar para ela agora

quanto a forma do próprio rosto.

Encaixava. Era quase perfeito. A garota era um pouco velha demais para ser iniciada, mas era possível abrir exceções. Afinal de contas, ela já não tinha ninguém. Não tinha família. Nenhum laço existente.

Ela daria uma Assassina extraordinária.

Tudo sob o Sol cumpria um círculo completo – as estações, as estrelas, os próprios ciclos da vida. Era como poesia.

Com cuidado, Tanin reuniu as cinco cartas, ordenando-as, e se aproximou do espelho. Seu rosto, normalmente pálido e liso como giz, estava rosado e inchado de chorar. Ela estudou o próprio reflexo com asco.

Ela era a Diretora – a líder de sua ordem, aquela que todos os Mestres e seus Aprendizes procuravam quando precisavam de proteção e orientação – e a Diretora não demonstrava fraqueza.

Edmon tinha sido fraco. E morrera por isso.

Ela olhou fixamente dentro de seus olhos cinzentos e enfiou uma mecha de cabelo negro atrás da orelha, invocando as palavras de seu juramento como se fossem um encantamento de proteção.

– Antes eu vivia nas trevas, mas agora carrego a chama – sussurrou. – Devo carregá-la até que as trevas venham por mim outra vez…

Ela arrumou a gola da blusa marfim, fechou os botões do colete e recuperou a determinação enquanto recitava as palavras

– Vai ser meu dever proteger o Livro de descoberta e mau uso, e obter estabilidade e paz para todos os cidadãos de Kelanna.

Passando a lateral do dedo sob os olhos para remover o resto de suas lágrimas, ela fungou algumas vezes e empinou o nariz.

– Não devo temer nenhum desafio. Não devo temer sacrifício. Em todos os meus atos, devo estar além de qualquer censura.

O olhar de Tanin percorreu seu reflexo.

– Eu sou a sombra no deserto – murmurou. – Sou o farol na rocha. Sou a roda que move o firmamento.

A cada frase, sua voz ficava mais forte, até que começou a soar como aço e a brilhar como gelo, e qualquer um que a ouvisse saberia nos próprios ossos que ela era tão dura e impenetrável quanto uma armadura, e não seria movida de seu curso.



Harison salva o mastro principal

– É o mesmo com as histórias e as pessoas – disse Meeks, seus olhos castanhos brilhando à luz minguante do pôr do sol. – Elas ficam melhores à medida que envelhecem. Mas nem toda história é lembrada, e nem todas as pessoas envelhecem:

"Fazia trinta e dois dias que tínhamos deixado a ilha da tartaruga, e a noite estava imóvel como a morte. Lembro-me de que as estrelas tinham um brilho especial, como flocos de neve sobre uma mesa preta. Você podia ver a droga do céu inteiro refletido na água, e nós também, todas as nossas velas e as luzes do quarto, como se estivéssemos em dois lugares ao mesmo tempo: a bordo do *Corrente* singrando o mar, e abaixo da superfície, de cabeça para baixo e famintos por ar.

"Sentimos a brisa primeiro, e corremos para recolher as velas, mas fomos lentos demais. O vento estava soprando forte do nordeste, e as ondas quebravam contra a proa, batendo no casco como mãos de gigantes se erguendo do mar.

"Daí o céu se abriu, todo serrilhado nas bordas, e a luz simplesmente penetrou por ele, clara como o amanhecer. Que alvoroço! Estávamos pendurados no cordame, e os ventos nos agitavam como folhas. Não havia tempo para olhar para aquele buraco no céu como a
capitã Cat e sua tripulação canibal, ou todas as nossas velas iam ser rasgadas em farrapos e os mastros se quebrariam em dois.

"Então veio a trovoada, e o mundo ficou escuro. O som expulsou todo o barulho de nossos ouvidos, e ficamos trabalhando em silêncio absoluto – não conseguíamos ouvir o vento, não conseguíamos ouvir nem o capitão, nem Jules

nem Theo chamando, não conseguíamos ouvir nada.

“O navio estava mergulhando nas depressões entre as ondas, uma depois da outra, as velas se abrindo e rasgando ao vento. A vela
de estai foi feita em pedaços; a vela de mezena principal rasgou de um lado a outro. Estávamos todos correndo na direção do gurupés ou subindo o mastro principal, o vento nos fustigando, rugindo, embora não pudéssemos ouvi-lo. Eu tinha certeza de que a droga do navio ia ser chacoalhado e arrebentado, e que cairíamos nas ondas como isca de peixe.

“Daí a vela principal, do mastro real, se soltou de suas gaxetas, sacudindo e fazendo o mastro tremer como um pé de feijão.

“O capitão estava gritando ordens. Eu podia ver sua boca aberta e seus olhos alucinados. O mastro principal ia se partir se alguém não recolhesse aquela vela real ou a cortasse.

“Em algum lugar no meio de todo esse caos, Harison era o único que sabia o que fazer. Ele subiu correndo e começou a juntar a vela com seus braços compridos. Às vezes, o vento ficava tão ruim que ele quase era derrubado do mastro, mas seguiu em frente. Através do balanço das águas e do silêncio impossível da noite. Por conta própria, ele baixou a verga. Salvou o mastro principal, salvou o navio, tudo sozinho.

“Foram gestos ousados assim que nos permitiram sobreviver àquela noite, até que os ventos perderam a força e as águas se acalmaram. Tínhamos trabalho para as semanas seguintes: consertar todos os estragos provocados por aqueles ventos. Mas, graças a Harison, tínhamos mais algumas semanas para fazer isso.

“Aquele garoto conquistou mesmo seu lugar entre nós naquela noite.”

Capítulo 28



Isto é escrito

As coisas estavam indo bem.

O sol ardia sobre o navio e as nuvens eram bolas de algodão no céu. O *Corrente da Fé* singrava o mar a uma velocidade tremenda, suave como seda pela água. Naquele ritmo, eles chegariam a Jahara em dez dias.

Em troca de sua assistência com a mulher de preto, sua honestidade em recontar sua incrível história e a promessa de seus serviços no futuro, Sefia e Arqueiro tinham conseguido passagem para Jahara com a condição de que o livro e as gazuas de Sefia ficassem em um cofre, com dispensa especial para ler quando ela não estivesse em seu turno, até desembarcarem. Então eles seriam devolvidos a ela em sua condição original.

Até agora, ela não tivera tempo para ler. Não faltavam tarefas para ela e Arqueiro – limpar conveses, esfregar panelas, cortar alcachofras para Cuca, que gritava com eles se tudo não fosse feito rápido o suficiente – e eles eram mantidos tão ocupados que, quando ela tinha um momento livre, caía exausta em sua rede e dormia até seu turno seguinte.

Mas depois de três dias de trabalho de quebrar os ossos, ela estava finalmente se adaptando à vida no mar, e hoje ia ver o livro outra vez. Sefia examinou os calos que se formavam em suas mãos e esperou sentada no tombadilho.

Acima dela, Cavalo e Arqueiro estavam nas vergas com pequenos baldes de madeira, alcatroando o cordame. Suas mãos se moviam pelos cabos, seus pincéis de pelos eriçados e duros pingando. De vez em quando, o cheiro sombrio e acre passava pelo navio.

Naqueles últimos dias no *Corrente*, Arqueiro parecera mais feliz e relaxado do que ela jamais o vira. Seu sorriso estava mais largo e ele ria com mais

facilidade – uma espécie de riso silencioso visível em seus olhos.

Como se sentisse que ela o observava, Arqueiro olhou para baixo e inclinou a cabeça para o lado. Em silhueta contra o céu azul chapado, ele descansava tranquilamente na verga, indiferente e perfeitamente equilibrado como um gato. Embora àquela distância ela não pudesse ver seus olhos nitidamente, sentiu seu olhar sobre ela, sondando, indagando, detendo-se em seus olhos, seus lábios, seu rosto.

Sefia corou e afastou os olhos. Por alguma razão, ela não conseguia parar de sorrir.

O som de passos nas escadas a assustou, e ela ergueu os olhos para ver o imediato atravessando o tombadilho com os braços estendidos, segurando o livro como se ele fosse algo vivo e perigoso, como uma cobra. Ela riu quando ele o largou em suas mãos.

Abraçando o livro, Sefia inalou seu cheiro familiar, sentindo suas bordas no interior de seus braços.

– Por que você o segura assim? – perguntou.

O imediato se sacudiu como um cachorro e cruzou as mãos atrás das costas.

– Não sei o que tem aí dentro – respondeu. – Quanto mais longe de mim, menos provável que me pegue, se alguma coisa sair rastejando daí.

– A única coisa dentro dele são palavras – disse Sefia.

– Você já viu tudo que tem aí dentro?

Ela sacudiu a cabeça.

– Então você não sabe, não é? – O tom dele era tranquilo, prosaico.

Sefia olhou para ele. O imediato era uma figura bonita, com o queixo quadrado e a boca grande, mas a pele em torno de seu pescoço estava começando a ficar flácida e as rugas em seu rosto pareciam ravinas. Enquanto ela o estudava – o cabelo grisalho, a marca sobre a ponte do nariz –, ela sentiu o mundo de ouro e luz rodopiar bem atrás da sua vista…

– Você é enxerida, hein?

Seu sentido da Visão desapareceu, e ela se aprumou rapidamente.

– Eu não quis…

– Claro que quis.

Sefia engoliu em seco.

– Desculpe.

– Não faça outra vez.

– Não, senhor.

Ele deu um suspiro.

– Sabe, eu também vejo coisas. Tudo o que acontece neste navio. – Quando ela assentiu com a cabeça, ele prosseguiu: – Eu percebi o que aconteceu com você no outro dia. Você quase se perdeu.

– É. – Ela se inclinou para a frente. – Mas acho que minha Visão funciona de um jeito diferente. Não consigo ver o presente como o senhor, porém, às vezes capto um vislumbre do que já aconteceu antes. – Mesmo depois de encontrar Arqueiro, ela estivera tão sozinha naquilo, avançando com dificuldade pelas palavras, lutando para controlar a Visão, sem ninguém para ajudá-la a entender o que estava acontecendo, o que aquilo significava. – E a história é grande – acrescentou em voz baixa.

– Quando me juntei à tripulação, costumava ficar enjoado. Não por causa do balanço do navio, veja bem, e sim de pura sobrecarga sensorial. Eu posso sentir tudo no *Corrente*, não só as pessoas, mas a carga também. E os ratos. – Ele fez uma careta. – Uma pessoa não devia absorver tanta coisa.

– Como aprendeu a controlar isso?

Ele deu de ombros.

– Do mesmo jeito que você controla qualquer coisa. Paciência.

– Mas só o navio, mais nada?

Um lampejo de tristeza passou pelo rosto do imediato.

– Não, mais nada.

Sefia olhou para ele.

– Por quê?

– São as árvores – ele murmurou. – As árvores me contam tudo.

Eles ficaram em silêncio, ouvindo o vergar e o gemido do madeirame, o chiado do vento nas velas. Sefia amarrou o livro com um rolo de corda, por segurança, então se ergueu e limpou as mãos na calça.

– O senhor me ensina?

Ele olhou para baixo com os olhos cinzentos e mortos, e ela sentiu que estava examinando seu interior. O que via? Ela era tão corajosa ou boa quanto esperava? Ou ele viu uma garota estúpida e irresponsável que tinha levado à captura de Nin? Que tinha matado Palo Kanta? Ela aprumou os ombros e encarou seu olhar morto, enervante.

Finamente, ele concordou com um aceno.

– Está bem, garota. Preste atenção e faça o que eu disser.

Ela sorriu. Normalmente odiava quando as pessoas a chamavam assim, mas a forma como o imediato disse a palavra lembrou-a de Nin, que raramente usava seu nome. Mas sempre que Nin a chamava de “garota”, queria dizer que se

preocupava com ela. Queria dizer que ela não seria deixada para trás.

– Que tal começarmos com essa cicatriz?

O imediato deu um tapinha na marca em seu nariz.

Ela assentiu com a cabeça.

– Não se deixe olhar para o todo. Você vai passar mal e não vai conseguir compreender nada quando estiver deitada no chão tentando segurar o café da manhã no estômago. Concentre-se em uma coisa. Ignore o resto.

Ela piscou e o mundo se encheu de ouro. Trilhas de luz envolveram as feições quadradas do imediato, fluindo de um lado para outro como correntes cintilantes. Ela viu sua infância, antes que perdesse a visão: a costa rochosa evericana, uma velha rindo, o cheiro pungente de matéria orgânica no solo, e árvores e mais árvores, árvores murmurando e estalando e rindo e falando. Imagens, sons e cheiros se agitavam ao seu redor, misturando-se em um fluxo de memória atordoante.

– É como encontrar uma pessoa em uma multidão. – As palavras do imediato atravessaram o caos. – Uma voz. Aquela que você está escutando. Deixe que todo o resto vire ruído de fundo.

A marca em seu nariz. Todos os filamentos de seu passado giravam em torno dela, cada vez mais rápido quanto mais ela olhava. Mas um reluziu mais forte que os outros.

– Conseguiu? – ele perguntou.

A avó dele podia conversar com as árvores. Passara a vida toda entre elas, na luz verde e dourada e na fragrância mentolada de sua casca. E quando os pais dele morreram num acidente em uma mina, o imediato foi morar no bosque com ela, aprendendo a transfomar tenros brotos em gigantes enormes com folhas farfalhantes em forma de leque.

Quando ele tinha onze anos, os homens apareceram. Vieram com serras, machados, rifles e carroças. Chegaram acompanhados por soldados em uniformes azuis com dragonas prateadas. A Marinha precisava de barcos, disseram, e não importara o que sua avó dissera nem o quanto implorasse – eles derrubaram as árvores. Os golpes e talhos dos machados. O imediato viu uma das árvores mais antigas do bosque tombar, gemendo, seus galhos tentando agarrar seus vizinhos como se eles pudessem impedir que caísse.

A avó cuspiu nos soldados e os amaldiçoou. As unhas dela deixaram sulcos profundos em suas peles. Mas ela não conseguiu impedi-los. Eles a encerraram dentro da própria casa e atearam fogo. O crepitar e o chiado de madeira queimada. O cheiro de cabelo chamuscado e carne em bolhas.

O imediato correu atrás dela, mas os soldados o pegaram antes que ele pudesse entrar. Ele se debateu contra eles com os punhos pequenos. Um deles levantou um rifle. A coronha desceu com força em seu rosto. Explosões atrás de seus olhos. Sangue. Fumaça.

Quando despertou, estava cego, e as árvores tinham sido levadas. Ele não conseguia ouvir o sussurro de suas folhas nem sentir o aroma medicinal de suas cascas. Tudo o que conseguia cheirar era cinza e terra revirada.

Alguém – um homem com voz de camurça – ajustou os curativos sobre seus olhos e nariz.

– Eles não precisavam cegá-lo – disse com tristeza. – Mas as pessoas são cruéis.

O imediato concordou com a cabeça. Seu rosto queimava enquanto ele tentava se segurar para não chorar.

– Agora você tem uma escolha – disse o homem. – Venha comigo e vai ficar em segurança. Vai ter uma vida boa na Biblioteca. – Ele descreveu todas as formas como a Biblioteca era adequada aos cegos: a rotina, a mobília fixa, os puxadores e armários da cozinha com texturas. Ele ganharia um lar, e tudo o que precisaria fazer era cuidar do local. Limpar as mesas. Cuidar do jardim. Uma vida simples, longe da crueldade dos homens. – Ou você pode tentar fazer as coisas por conta própria – disse o homem por fim. – Mas o mundo não vai ter pena de um garoto cego.

– Agora você sabe – disse o imediato.

Sefia piscou quando as luzes giraram e se apagaram. Ela engoliu em seco, cautelosa, esperando pela náusea e pela dor de cabeça, mas nada disso aconteceu. Ela ficou radiante.

– Quem era esse homem? Você foi com ele? – As perguntas borbulhavam dela em sua excitação. – Para a Biblioteca? O que é uma Biblioteca?

O imediato deu de ombros.

– Eu nunca descobri.

– Você recusou a oferta dele? Por quê?

Ele esfregou as mãos sobre a madeira lisa da amurada.

– Não estava em condições de ir com eles, então ele me deixou aos cuidados de uma família em uma cidadezinha próxima enquanto eu me recuperava. Não sei se ele voltou, porque assim que me recuperei, fui embora.

– Por quê?

– Quando minha avó morreu, deve ter passado seu poder para mim, porque eu podia ouvir suas árvores me chamando. De início, muito baixo, mas depois cada

vez mais alto. Do outro lado do reino, eu podia ouvi-las chamar meu nome. – O imediato fechou os olhos, e Sefia se deu conta de que ele estava ouvindo o navio, os próprios troncos de que era feito. – E eu tive de ir até elas. Já havia falhado com elas antes, mas não podia deixar que fossem levadas de mim outra vez.

Aquela não era a mesma magia de sua Visão, mas era o mais próximo que ela já havia encontrado. Talvez o imediato pudesse ajudá-la a dominá-la, de modo que estivesse pronta para obter as respostas de que precisava da próxima vez.

Sefia torceu algumas mechas de cabelo entre os dedos e olhou para o livro, que esperava como um ovo no ninho de corda, pronto para chocar.

– Vamos trabalhar – disse ela.

O imediato a fez praticar por horas: mergulhar na Visão e girar para fora dela, estudar o cabrestante, os canhões de proa, o anel de âmbar que ele usava no dedo mínimo da mão direita. Ela precisava de uma marca. Uma depressão, rachadura ou arranhão. Algo em que focalizar sua Visão para não ser levada. Quando os quatro sinos tocaram, Sefia estava exausta, mas podia brandir a Visão com a precisão de uma faca de trinchar. Se quisesse, podia ver a história dos canhões de dezesseis libras nas canhoneiras, do navio, até do céu, do mar, do próprio ar que se agitava a sua volta.

– Ainda não, garota – resmungou o imediato. – Ainda falta muito.

Ela riu.

– Vá embora. Vá perturbar outra pessoa. – Ele a dispensou com um gesto rápido, e ela recolheu o livro e seguiu para o convés principal.

Tropeçando de leve no último degrau, Sefia acenou para Airoso. Um homem magro de cinquenta anos, o timoneiro nunca deixava o convés. Não importava o clima, ele estava lá em cima com peles e capas impermeáveis, abandonando seu posto apenas por algumas horas toda noite para dormir em um pequeno compartimento no tombadilho, a poucos metros do timão. Ele nunca fizera mais que grunhir ao ser saudado por ela, e ninguém da tripulação gostava muito de sua companhia, mas ele sabia conduzir um navio melhor que qualquer um em Kelanna.

No convés principal, ela se jogou em meio às cordas sobressalentes e baldes de alcatrão que Cavalo e Arqueiro tinham deixado para trás. Apertando o livro aquecido pelo sol junto ao peito, ela se encostou na amurada.

Arqueiro estava no mastro principal, e o sol brilhava através dos fios eriçados

de seu cabelo, deixando-os dourados como feixes de trigo. Ela o observou por um instante, pintando o cordame de negro, o pincel se movendo rápido e com firmeza sobre as cordas enquanto as sombras mudavam sobre seus braços.

Havia muita graça em seus movimentos. Ela se perguntou por que não havia percebido aquilo antes.

Com um sorriso, abriu o livro.

Seus marcadores de página estavam empilhados entre duas páginas; suas histórias, perdidas. Ela pegou a pena de Arqueiro, verde e fúcsia iridescente, e a passou pelo rosto antes de enfiá-la no cabelo.

As letras estalavam com a sensação de possibilidade. O que ela iria ler em seguida? Que grande aventura iria encarar? Debruçando-se sobre o livro, começou a ler.

Quando mergulhou na página e submergiu nas palavras, tudo o que viu de início foi neblina – neblina densa como neve, abafando os sons do mundo cotidiano. Os ruídos do vento e as ondas pareceram se distanciar ao seu redor.

Ela estremeceu, contente, quando as palavras começaram a formar imagens na névoa. Estacas de cercas. Sombras indistintas de barris e carrinhos de mão. Ela imaginou grama molhada de sereno batendo em seus sapatos e em suas pernas.

A luz do sol pareceu diminuir enquanto ela penetrava cada vez mais no mundo silencioso do interior do livro. Um arrepio subiu por suas costas quando uma casa surgiu acima dela. No início, era apenas uma sombra na neblina, mas quando ela se aproximou, identificou a forma obscura de uma colina gramada, uma fundação de pedra e paredes brancas. Dos dois lados da casa, erguia-se uma chaminé do telhado íngreme.

Sefia engasgou em seco. Ela sabia onde estava – onde o livro a levara. E sabia o que iria encontrar dentro da casa. Sabia o que iria ver e ficou gelada no momento em que a porta se abriu e ela se deparou com o silêncio frágil no interior.

Mas parte dela, bem no fundo, uma parte que ela não conseguia subjugar completamente, queria ver. Queria vê-lo outra vez, embora na verdade não fosse ele, deitado no chão da cozinha.

Ela continuou a ler. Não conseguia parar. Observou a casa se quebrar em pequenos pedaços e começar a se desfazer. Observou a menina no livro entrar, tremendo, os sapatos molhados deixando lama e capim no carpete. Observou-a passar pela sala de estar e pela sala de jantar – os tapetes descosturando, a mesa se esfacelando e as pinturas nas paredes virando pó.

Ela chegou à cozinha, e era exatamente como se lembrava: os armários caiados, lascados nos cantos; a bancada de azulejos; a tábua de corte de madeira riscada e marcada com a idade. Até os farelos no chão eram os mesmos, da torta de ovo com legumes que tinham comido na noite anterior.

Ela estava ali.

Ali na página e ali na memória, vendo aquilo duas vezes, vendo tudo outra vez. Querendo olhar para longe e precisando desesperadamente continuar a ler, precisando vê-lo de novo. Mas ela sabia que era ele sem precisar olhar de perto. Ela não conseguia olhar de perto. Soube que era ele pelos chinelos de pele de carneiro, pela forma da calça, pelo suéter puído grande demais. Soube sem ter de ver seu rosto, porque não conseguia mais ver seu rosto. Não havia…

Sefia agarrou um balde de alcatrão ao seu lado no convés. Ela mal conseguia enxergar. Seus olhos ficaram encobertos de lágrimas. Ela ergueu o pincel.

…nenhum rosto.

Ela passou as cerdas pela página, eclipsando as palavras.

Os assassinos de seu pai tinham feito mais que matá-lo.

Cada palavra.

Eles o destruíram.

Cada imagem.

Eles tinham arrancado suas unhas, as rótulas, os lóbulos das orelhas, os olhos e a língua.

Cada lembrança.

As frases ficaram escuras e indecifráveis sob o pincel. O cheiro de fumaça enchia seu corpo. Ela empurrou o balde para longe e ele se derramou sobre o convés, negro e grudento. Ela largou o pincel. Gotas de alcatrão salpicavam sua roupa, suas mãos, seus braços e seu queixo.

Aquilo eram passos? Ela estava retornando à sala de estar, à lareira e à escada secreta?

Alguém a segurou. Eles a tinham encontrado! Não era assim que tinha acontecido. Ela se debateu em suas mãos. Não conseguira chegar ao túnel a tempo. Eles iam levá-la embora. Eles iam matá-la. Já tinham matado seu pai e agora iam matá-la também. Ela gritou.

– Qual o problema, Sef? – Uma voz como os foles de uma forja. Braços grandes e mãos como martelos a seguravam por trás. – O que aconteceu?

Outra pessoa se ajoelhou diante dela, segurando suas mãos. Dois dedos cruzados, fortes como cordas. Ela piscou. O rosto de Arqueiro se materializou a sua frente. Arqueiro. Sim. Ela estava com Arqueiro, e Cavalo estava atrás dela,

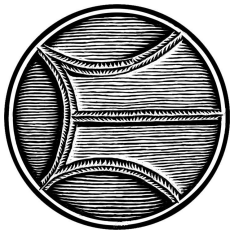
perguntando o que havia de errado. Ela estava no navio. Estava ao vento. Não houvera vento naquele dia. Com muita delicadeza, Arqueiro afastou uma mecha de cabelo da testa dela, passou-a por sua têmpora e a enfiou por trás da orelha. Arqueiro. Ela se agarrou aos braços dele.

– Eu estou no livro – sussurrou.

Ela olhou para a página desfigurada, com suas marcas negras horrendas, e as palavras começaram a saltar sobre ela, de olhos vazios e bocas abertas. Ela foi pega. Estava sendo sugada com elas, para o interior do livro, para dentro daquela escuridão, daquele cubo frio e sombrio que era o seu quarto no porão, onde se agachava chorando sobre o chão frio de argila.

Seu pai estava morto. Ele estava morto. Para sempre.

Capítulo 29



Hoje um beijo,

amanhã uma vida

Lon caminhava sorrateiramente pelos corredores. Seus pés descalços doíam de frio sobre o mármore branco como neve. Ele cerrou os dentes contra a friagem e passou pelos arcos abobadados com mosaicos no maior silêncio possível. Mas nunca igualaria o silêncio assustador da Segunda, e podia ouvir sua respiração rasa e o bater escorregadio de seus pés nos corredores com arcos de pedra.

Das sombras, os olhos pintados de ex-Diretores pareciam segui-lo, com seus rostos austeros e seus lábios imóveis. Seus semblantes eram tão vivos que às vezes ele tinha certeza de que iam sair de suas molduras no meio da noite com as mãos espalmadas tentando agarrá-lo, suas roupas se agitando em ventos invisíveis.

Na Biblioteca, as grandes mesas curvas estavam vazias; as luzes de leitura, apagadas. As estantes de livros com seus manuscritos bem organizados repousavam nas sombras, enquanto a luz pálida do luar penetrava através dos vitrais coloridos, iluminando estátuas em bronze de antigos Bibliotecários que mantinham guarda sobre as galerias.

Lon hesitou na porta, mas não havia sinal de movimento. Ele tinha pelo menos duas horas antes que o Mestre Bibliotecário despertasse de seu sono

intermitente e viesse caminhando em meio às estantes para conferir uma referência, uma nota de rodapé, uma anotação nas margens. Entrou na Biblioteca, agarrando-se às paredes como a Segunda lhe orientara, fingindo que ele também podia se misturar completamente com as sombras e manchas de luz sobre o chão de mármore.

Passou pelo cofre, tocando com as mãos os raios de aço, as fechaduras como rosas dos ventos, e apertou o ouvido contra a porta, como se pudesse ouvir um farfalhar de páginas em seu interior. Mas, como sempre, não ouviu nada, e continuou na direção das estantes. Lon tamborilou os dedos contra cada uma das lombadas, e puxou um livro. O cheiro de couro, papel e cola pairou a sua volta, e ele sorriu. Só havia um cheiro de que gostava mais do que do cheiro de livro.

Como sempre, a Segunda chegara antes dele, e o travo leve de metal ainda pairava no ar. Ela deixara as portas para a estufa entreabertas, com espaço suficiente apenas para que passasse de lado, e ele inspirou profundamente ao entrar no jardim.

Do lado de fora, flocos de neve caíam em espiral do céu negro, aterrissando nas paredes de vidro e derretendo imediatamente, mas o ar da estufa era quente e úmido e cheirava a terra. Lon caminhou em silêncio pelo centro do prado coberto e olhou ao redor. Prímulas brancas se agrupavam embaixo de árvores, e havia cíclames com folhas verdes e prateadas espalhados em meio aos arbustos e a aflorações rochosas como estranhas taças de neve.

– Você está atrasado – deslizou das sombras a voz familiar da Segunda.

Lon deu um sorriso torto para ela. Era tão silenciosa que ele nunca sabia ao certo onde ia aparecer, como um peixe rompendo a superfície
de um lago negro. Sempre que a via, sentia-se como uma testemu-
nha de uma criatura rara que iria desaparecer outra vez se ele piscasse.

– Não muito. – Ele lhe entregou o livro.

A Segunda usava um pijama verde-escuro, e seu cabelo negro caía solto em torno dos ombros, misturando-se às curvas de suas costas. Seus pés estavam descalços, e a barra da calça do pijama subiu acima do tornozelo quando ela se sentou na grama, pousando o livro no colo. Ela passou os dedos pelas bordas da capa e olhou para ele.

– O que é isso?

Lon sentou-se ao lado dela.

– Um manual sobre a Transformação de água em gelo. Acho que você vai gostar. No inverno das Guerras do Norte, a general Varissa ficou sem munição, por isso começou a fazer lanças de gelo para arremessar sobre os navios

inimigos. Você não é soldado, mas achei que pudesse aplicar o mesmo princípio a algo menor.

A Segunda sorriu.

– É irrastreável.

– É.

Ela sacou um conjunto de estrelas de arremessar das dobras da roupa. Elas eram feitas de algum metal escuro e fosco, algum material desenvolvido especialmente para os Assassinos. Ela as ergueu e sorriu.

– Você ainda acha malabarismo entediante?

Lon tinha agora quase dezessete anos, e três anos depois de ser iniciado, passara para o segundo nível de Iluminação: Manipulação, uma magia mais complicada que envolvia dirigir as correntes de luz no mundo Iluminado para manobrar objetos de um lugar para outro.

Depois de quatro semanas de exercícios lentos e dolorosos na sala de treino, Erastis ainda só lhe permitia manipular um objeto por vez. Por isso, ele começara a se encontrar com a Segunda em segredo. Embora aos dezenove anos ela normalmente ficasse longe da Biblioteca e suas lições não fossem frequentes, sob sua tutela, ele finalmente sentiu que seu progresso se igualava a sua ambição.

Mas diante da imagem das estrelas de arremesso, ele fez uma careta. Tinha feito exercícios de malabarismo com ela antes, mas sempre com sacos de feijão do tamanho da sua palma, que ele podia pegar se vacilasse. Naquela noite, não haveria como pegar nada. Ele não gostava nem de cortes de papel, e sentiu um calafrio ao pensar em como seria se uma das estrelas o atingisse.

– Fique parado ali – ela disse, apontando para uma área gramada limpa. – Você pode começar com um, e eu vou jogando os outros se achar que está pronto.

Lon respirou fundo e ficou parado onde ela lhe dissera, permitindo que a percepção do mundo Iluminado se erguesse dentro dele. Então piscou, e toda a estufa começou a brilhar com fios dourados de luz, rodopiando e se movendo e se agitando com o crescer lento das árvores, o soerguimento vagaroso das flores.

– Pronto…

Uma estrela de arremesso zuniu na sua direção pelo escuro. Ele mal a viu chegar. No último segundo, encontrou o fio dourado de sua trajetória e agitou as mãos no ar. A estrela subiu girando para a escuridão.

– Não tão alto – disse a Segunda, ríspida.

A arma se dirigia ao teto de vidro. Antes que o atingisse, Lon ergueu a mão e

gesticulou para que descesse outra vez. Ela pairou no ar por um instante, e veio rodopiando de volta na direção dele. Para cima e para baixo, ele girou a estrela, as mãos empurrando e puxando as correntes de ouro como se fossem cursos de água. Para cima e para baixo, repetidas vezes, enquanto a Segunda examinava o Comentário que ele levara para ela, seu cabelo caindo em torno do livro, seus dedos se afundando e flexionando no ar enquanto ela praticava as técnicas descritas nas páginas.

Quando seus movimentos ficaram automáticos, ela jogou outra estrela em sua direção. Instintivamente, ele se esquivou, mas ela raspou seu ombro.

– Que bom que eu não estava apontando para você – disse a Segunda sem levantar a cabeça.

Lon não teve tempo para responder. A estrela estava seguindo para a parede de vidro. Esforçando-se para manter a outra circulando no ar, ele encontrou o curso flamejante da segunda estrela e o puxou em sua direção. A dor em seu ombro foi rápida e limpa, mas continuou a incomodar muito tempo depois de ele ter as duas estrelas sob controle. Tentou fazê-las se movimentarem juntas, examinando seu Olhar e movendo as mãos para cima e para baixo, para cima e para baixo, repetidas vezes.

No fim, a Segunda o ajudou a colocar todas as cinco estrelas girando em círculos no ar, e as estranhas formas escuras adejaram como morcegos. Então, aos poucos, ela as tirou de suas órbitas e as trouxe de volta para suas mãos. Ele não sabia como ela as pegava sem se cortar; devia ser uma coisa de Assassina.

Arfando e suando devido ao esforço, Lon desabou na grama ao lado dela. Pelo canto do olho, pôde vê-la fechar o livro e jogar o cabelo por cima dos ombros.

– Erastis acha que não estou pronto, mas veja o que posso fazer! – reclamou.

A Segunda ergueu as sobrancelhas, cética.

– Com minha ajuda.

– É claro. – Ele sorriu para ela e acenou vagamente para a Biblioteca às escuras. – Quando eu for o Mestre Bibliotecário, não vou passar tanto tempo encolhido aqui em cima. Para fazer mudanças de verdade, você precisa estar lá fora no mundo. Já li sobre antigos Bibliotecários que viajaram por Kelanna, solucionando disputas de fronteiras. Outros passaram suas carreiras estudando o mundo natural, fazendo descobertas científicas. Sabia que foi assim que obtivemos eletricidade? Não com o Livro. Com o *mundo*.

– Nunca lhe ocorreu que é exatamente assim que Erastis contribui com a causa? Permanecendo na Biblioteca, estudando o Livro?

– Claro que sim. Mas não é suficiente. Não para mim. – Lon olhou através do teto. – Quando eu for o Bibliotecário, vou fazer coisas grandiosas. Coisas que pareceriam impossíveis para qualquer outra pessoa.

O riso da Segunda girou em torno dele como flocos de cinza.

– Agora entendo. Você vai ser o responsável por essa longa paz da qual Edmon está sempre falando.

– Sim. Por que não?

– Porque você é desleixado. – Ela apontou um dedo para sua manga rasgada, a cicatriz fina por baixo.

– Eu vou melhorar. – Ele riu. – Erastis não vai a lugar nenhum. Eu tenho tempo.

A Segunda puxou o cabelo para trás, expondo as dobras perfeitas de sua orelha.

– Você gostou do livro? – ele perguntou.

Ela confirmou com a cabeça.

– Veja.

Lon sentou-se enquanto ela levantava os dedos. Gotas de umidade se ergueram da grama a seu lado, brilhando como pérolas enquanto ela as transformava em projéteis de gelo. Ela as revirou no ar por um instante, então estendeu os dedos para a frente, como se estivesse jogando bolas de gude. Elas voaram para longe e desapareceram, perdidas na escuridão da estufa.

– Tudo bem, e…? – ele perguntou.

A Segunda inclinou a cabeça para ele e largou o livro. Então se levantou graciosamente, caminhou pela grama e voltou com um único cíclame preso entre o polegar e o indicador. Sentou-se de novo e o entregou a Lon, que começou a rir baixinho.

Cada uma de suas pétalas dobradas e quebradiças tinha sido perfurada por um pequeno dardo de gelo, deixando para trás buracos minúsculos que piscavam como vaga-lumes na luz.

– Você é maravilhosa – ele disse.

Ela parou de sorrir instantaneamente e afastou o rosto. Tudo o que ele podia ver era sua nuca e a curva de seu ombro. A amizade deles funcionava quando estavam trabalhando, quando ela lhe ensinava alguma coisa ou ele estava encontrando Fragmentos para que ela os estudasse. Mas se ele tentava lhe perguntar quem ela era, como se sentia, como as coisas eram para ela, a Segunda se trancava. Não era culpa dela. Ela era uma Aprendiz Assassina – conhecida apenas como a Segunda – e não podia ter nenhuma identidade, opinião ou

sentimentos.

– Desculpe – ele disse, sabendo que não devia. Ela não gostava de desculpas. Desculpas tornavam as coisas piores.

A Segunda estava imóvel. No escuro da estufa à noite, ela parecia se dissolver.

O que era mais ou menos verdade, pensou Lon. Era seu trabalho matar e depois desaparecer, como se nunca tivesse existido. *Estar presente* – ter família ou amigos, forjar as conexões humanas que davam sentido à vida – era um privilégio para outros, não para ela. Erastis dissera a ele que se exigia isso de todos os Assassinos, se quisessem dominar sua arte. Para ser um Assassino perfeito, você não podia existir.

– Lon? – ela chamou. O nome dele flutou na escuridão.

– Sim?

– Quero que você me leia.

– O quê?

Ela se virou. Ele viu o canto de sua sobrancelha e a curva da maçã do rosto, o brilho molhado de seus olhos, a sombra do nariz.

– Leia-me.

Ele ficou branco. Você não lia outras pessoas. Assim que aprendera a Olhar, tinha aprendido isso. Ler uma pessoa era mais que rude. Era uma invasão à própria essência da pessoa, mais profunda do que qualquer agulha ou lança poderia chegar. Talvez eles fizessem isso com seus inimigos, mas não uns com os outros.

– Mas…

Ela pôs a mão em seu ombro.

– Eu quero que você veja.

Lon engoliu em seco. Ele tinha aversão à ideia, ao mesmo tempo que era atraído por ela. Ler a *Segunda*, que o enfeitiçava, alegrava e desafiava tanto? *Realmente* vê-la?

Ele tentou se concentrar no rosto dela, no cabelo caindo sobre o ombro, em seus movimentos precisos, mas sua visão parecia escorrer dela como gotas de água sobre penas. Aquilo era algo que Assassinos faziam consigo mesmos? Algo que os deixava impenetráveis, mesmo ao Olhar?

Ele abaixou os olhos para a mão dela. Era coberta de cicatrizes. Marcas na pele. Cortes. Talhos e furos rosados. Elas brilhavam com história. Ele piscou e, de repente, a viu praticando seus movimentos como uma dançarina pelo chão de madeira encerado. Os golpes nos nós de seus dedos. Sangue vermelho

escorrendo dela.

Ele viu sua infância. A mãe a tomando nos braços, rindo, os dedos correndo como aranhas por sua barriga. Os gritinhos de seu riso ecoando pela cozinha, com sua mesa de madeira e panelas de ferro fundido, e o pai sorridente parado junto do fogão, uma espátula erguida ao lado de uma frigideira quente.

Ela costumava ver os pais cuidarem de pacientes na sala da frente da casa. Acidentes nas minas. Vítimas de queimaduras. Lençóis manchados e garrafas de vidro transparente. Às vezes, o cheiro de álcool de massagem e de sangue permanecia por dias.

Quando os pais perceberam que ela não se abalava com seu trabalho, ficaram felicíssimos. *Não surpreende!*, disseram eles. Era um sinal de que ela não passava mal ao ver sangue. Ela ia ser médica, como a mãe e o pai!

As correntes de luz mudaram, e Lon viu sua cerimônia de iniciação. O juramento. O roubo de seu nome, como um vento vindo do norte, soprando e enviando as sílabas para o nada.

Ele viu seus assassinatos, um depois do outro, a forma como a luz se esvaía dos alvos, a forma como desmoronavam como se fossem um saco de pedras.

Ele a viu com dezoito anos, agarrando o cabo de sua recém-forjada espada de sangue enquanto subia os degraus de lajotas que levavam a uma pequena cabana. Ela entrou na sala da frente, sua memória do local se derramando sobre ela. Lá estava a mesma mesa de operação, as mesmas seringas de vidro.

A casa de seus pais.

Ela sacou a espada, e a lâmina brilhou. O aço estava coberto de sangue.

Primeiro o pai.

Depois a mãe, que enquanto morria aninhava a filha que chorava, murmurando com delicadeza, em seu cabelo:

– Mareah. Mareah. Minha pequena Mareah.

Lon piscou, e as luzes do mundo Iluminado se apagaram. A Segunda o observava, seu rosto de lua erguendo-se diante dele.

Ela tinha matado os pais.

Aquilo tinha sido a primeira coisa que ela fizera com a espada de sangue?

Fora *aquilo* que sua Mestra a mandara fazer?

Abandonar todos os laços com parentes e reinos. Para garantir – testar – sua lealdade. Era impensavelmente cruel. E, mesmo assim, alguém havia pensado nisso. Sua ordem havia pensado nisso.

Ele ergueu a mão. Aninhou o rosto dela, tocando a ponta de seu queixo com o polegar.

– Mareah – sussurrou ele.

A palavra formou uma poça nos olhos dela. Ela sorriu, um sorriso contorcido, com um nó de dor no centro. Ela tinha um nome.

Então ele a estava abraçando. Estava roçando a boca contra a dela, no início com hesitação, depois, quando ela retribuiu, com mais força, como se a pressão de seus lábios pudesse por um instante fazê-la
se esquecer da tristeza, do horror e do arrependimento. Fios de seu cabelo se prenderam nos dedos dele, emaranhando-se. A boca dela era delicada – mais delicada do que ele poderia ter imaginado – e quando ele piscou viu explosões de fagulhas como fogo e ouro. Lampejos de suas vidas entrelaçadas. Beijos roubados. Respiração aquecida. O *futuro*. Eles fariam coisas grandiosas juntos. Magia com a qual ninguém jamais havia sonhado.

Então ele encerrou o Olhar, de modo que tudo o que sentia era o movimento de seus lábios, e tudo o que cheirava era o vento e o cobre de sua pele, e tudo o que viu quando abriu os olhos foram as sombras de seu rosto, os cílios como foices, e o céu de vidro pontilhado de neve.

Capítulo 30



O livro de tudo

Quando Sefia acordou, ela se viu em uma cama. Fazia tanto tempo que não dormia em outro lugar que não no chão, em árvores ou balançando em uma rede nos porões do navio, que passou um minuto inteiro sentindo a firmeza do colchão, o espetar do travesseiro de penas. Se mantivesse os olhos fechados, quase podia enganar a si mesma imaginando que tinha nove anos outra vez e estava enroscada na cama com seu crocodilo de pano.

Lágrimas escorreram por seu rosto.

Seu pai.

Ela abriu os olhos, apertando-os contra a luz filtrada pelas vigias. A sua volta, vidros de remédio, potes de unguento e velas semirremendadas se alinhavam na parede. Maços de ervas secas pendiam do teto, enchendo o ar com um aroma misto de tanaceto e laranja-da-terra.

– Veja quem está acordada.

Ao som da voz de Reed, Sefia se sentou. Sentia o corpo pesado e frio, como se tivesse dormido na neve. Ela esfregou o rosto com as costas das mãos.

– O que aconteceu?

– Você que me conte. – O capitão estava equilibrado em um banco ao pé do beliche, o braço tatuado jogado sobre o joelho. Ele estendeu uma caneca de lata na direção dela. – A doutora disse que você devia beber isso quando acordasse.

Sefia levou a caneca aos lábios. O líquido era acre e cítrico, mas assim que o engoliu, ela se sentiu menos vazia, menos congelada por dentro.

O capitão se encostou na parede e traçou dois círculos sobre a curva do joelho, que entravam e saíam um do outro, como cobras.

– Seu garoto está em serviço, mas vai descer aqui aos oito sinos. Ele praticamente não saiu do seu lado.

Sefia bebeu da caneca de lata que segurava nas mãos entorpecidas.

– Quanto tempo estive dormindo?

– Meio dia. O que quer que tenha visto, abalou muito você.

Ela desviou o olhar, e foi quando percebeu o livro no aparador. Alguém o havia fechado, confinando todas as eras da história entre duas fivelas de ouro. Era uma maravilha ele não ter naufragado o navio, levando todo mundo para o fundo do mar.

– Eu me vi – ela murmurou. – No dia em que meu pai foi assassinado.

Reed moveu o corpo para a frente, os olhos azuis em chamas.

– Você está no livro?

Sefia confirmou com a cabeça.

– Nós todos estamos no livro. Deve ser por isso que eles o querem tanto, as pessoas que fizeram isso. Acho que o livro contém tudo o que aconteceu ou vai acontecer. Toda a história. Todo o conhecimento. Tudo.

As sobrancelhas de Reed subiram além da aba de seu chapéu.

– Achei que você tinha dito que eram só histórias.

– Achei que fossem. – Ela deu outro gole. – Mas agora acho que são um registro. De tudo o que fizemos e ainda vamos fazer.

– Eu?

– Você. Eu. Todo mundo.

– Eu estou no livro. – Ele piscou algumas vezes e passou a mão pelo rosto, repetindo: – Eu estou no livro. Você pode me mostrar?

Sefia inclinou-se para a frente, pousou a caneca e puxou o livro até ele cair em seus braços, uma sensação familiar e estranha ao mesmo tempo. Se ela usasse sua Visão agora, sabia o que veria: um feixe de luz tão denso que seria como olhar para o sol, todas as correntes ofuscantes da história girando em espiral umas sobre as outras.

Esse momento também estava no livro. Por um segundo, ela hesitou, com medo de que, quando o abrisse, ela estivesse ali, bem ali, olhando para si mesma enquanto lia. Ela podia imaginar aquilo repetidas vezes, como se refletido entre dois espelhos, em um corredor sem fim.

Ler sobre si mesma no livro.

Ler sobre si mesma lendo sobre si mesma no livro.

Ler sobre si mesma lendo sobre si mesma lendo sobre si mesma…

Talvez alguém a estivesse lendo naquele exato momento, e se ela erguesse os olhos, veria seus olhos encarando-a, seguindo cada movimento seu. Talvez alguém estivesse lendo a leitora.

Ela sentiu um calafrio.

Mas, quando abriu os fechos, nada peculiar aconteceu. Ela folheou as páginas, à procura do nome de Reed em meio aos parágrafos empoeirados e às frases desconexas, mas as histórias tinham desaparecido.

– Desculpe. É grande demais. Eu podia passar a vida inteira procurando sem nunca achar o senhor.

O capitão deu um suspiro e se encostou na cadeira.

– Acho que era bom demais para ser verdade.

– O que você quer dizer com isso?

– Se eu estivesse no livro, permanentemente, sabe, e houvesse um lugar onde pudesse descansar, onde eu pudesse existir mesmo depois de morto… talvez não tivesse que fazer tudo isso.

– Tudo o quê, senhor?

– Tudo. – Ele deu de ombros. – A caça ao tesouro em que Dimarion me meteu. O Tesouro Perdido do Rei.

Pilhas de ouro tão altas que você podia escalá-las como montanhas e escorregar de volta para baixo, produzindo sons tilintantes e lampejos de luz.

– Então é por isso que você vai para Jahara – ela disse.

Ele deu um sorriso triste.

– Prometeram-me uma boa história.

Sefia fechou o livro. Da capa, o  piscou para ela como um olho com catarata.

– Aprender para que serve o livro – ela murmurou. – Resgatar Nin. – Ela fez uma pausa, a ponta do dedo na borda do círculo. – Eu tinha as respostas que procurava o tempo todo.

– Sef…

– Se você soubesse usá-lo, poderia saber o que alguém faria antes mesmo de eles terem a ideia de fazê-lo. Poderia encontrar a localização de tesouros ou os segredos de reis. Poderia até saber onde encontrar seus inimigos, e como matá-los. – Quando ela ergueu o rosto, seus olhos escuros estavam brilhando de desespero. – Eles estão aqui em algum lugar. Se eu os encontrar, vou saber quem são. Vou saber onde eles estarão, e então vou poder…

– Sefia?

– O quê?

– Você mesma acabou de dizer que podia passar a vida inteira procurando.

No interior de sua mente, Sefia se viu debruçada sobre o livro, ficando frágil e míope à medida que os anos se acumulavam e as chamas de sua vida queimavam até sumir. Ela enfiou as unhas nas páginas, como se elas fossem gritar sob seus dedos.

– Depois do redemoinho… – O capitão olhou pensativamente para o livro, embora não se mexesse para pegá-lo. – Depois de descobrir como ia morrer, eu podia ter parado de navegar – ele disse, ainda traçando aqueles círculos interconectados no joelho. – Eu sabia o que ia acontecer no mar. Poderia viver para sempre se ficasse em terra.

– Por que não fez isso?

– Jurar obediência a senhores e senhoras que não davam a menor importância a mim? Retirar minha sobrevivência de árvores e pedras? Não era assim que eu queria viver. – O capitão Reed olhou para ela de igual para igual. – Você tem uma escolha, Sefia. Controle seu futuro ou deixe que ele controle você.

No alto, o sino do navio começou a badalar. Uma, duas vezes… oito vezes. Os sons ecoaram no interior do peito gelado de Sefia.

Então Arqueiro apareceu na porta, suor brilhando no rosto, o cabelo e as roupas úmidos, e ela sorriu – um sorriso de verdade. Ele parecia irradiar calor.

E não pareceu perceber quando Sefia passou o livro para Reed, os fechos de ouro reluzentes implorando para serem abertos.

Ela quase o pegou de volta.

Mas Reed o soltou com delicadeza de seus dedos e, conforme ele se afastava pelo corredor, Sefia sentiu a influência do livro sobre ela ficar cada vez mais fraca, até que mal conseguia percebê-lo.

Arqueiro se ajoelhou ao lado dela, traçando os contornos de seu rosto com a ponta dos dedos.

Todo lugar onde ele tocava parecia brilhar com calor, e rachaduras surgiram no frio desolador de seu coração. Ela tomou a mão dele nas suas e as levou ao seu rosto, pele contra pele.

– Eu vi meu pai – ela murmurou.



“O garoto do mar”

A canção favorita de Harison
Foi há muitos anos, em uma noite quente de verão,
Quando o garoto saiu do mar.
Sua pele azul, seu cabelo branco,
E ele me amava.
Ele era selvagem e verdadeiro, e então eu soube
Que ele me amava.
Em nosso navio viajamos por anos no oceano,
Sem restrições, totalmente livres.
E ele entregava seus dias a uma devoção sem fim.
Pois ele me amava.
Eu disse que era uma fase e criei infinitos obstáculos.
Embora ele me amasse.
Um dia as ondas o varreram do navio
E o lançaram no azul.
Sua pele virou água; seu cabelo, peixes.
Ele perguntou se eu também o amava.
Tarde demais, gritei através do vento e da água,
“Eu sempre amei você.”
Eu sempre amei você.

Capítulo 31



A Guerra Vermelha

Mais tarde naquela noite, enquanto Sefia devia estar descansando, Meeks, Cavalo e alguns membros do quarto de estibordo se reuniram na enfermaria para jogar nau dos insensatos, levando moedas, copos de dados e um tabuleiro de jogo que Meeks e Theo conseguiram enfiar na cabine abarrotada.

Sardento e de óculos, com um malcuidado cabelo cor de canela, Theo era uma espécie de biólogo amador, e recentemente tinha adotado o louro vermelho de Harison, um pequeno papagaio com asas de pontas azuis, que agora podia ser visto constantemente empoleirado em seu ombro. Às vezes, ele cantava para o pássaro com sua bela voz de barítono, e ele assoviava em resposta. Enquanto ele lutava para abrir a mesa, a ave vermelha balançava de leve e erguia as asas para se equilibrar, trinando com irritação.

Arqueiro rastejou para o beliche ao lado de Sefia e repousou o joelho contra o dela. Ele ergueu um dedo e tocou a pena verde que ela enfiara no cabelo, e ela viu um sorriso iluminar seu rosto como uma vela tremulando contra a escuridão.

– Aqui, Sef. Faça alguma coisa útil. – Meeks largou um quadrado de lona a sua frente, e Theo pôs um pincel e um vidro de tinta preta sobre a mesa.

– Ei! – ela riu. – Vocês disseram que tinham vindo aqui jogar!

Meeks sorriu, revelando seu dente lascado.

– Bom, sim. Estamos aqui para jogar. Mas *também* soubemos o que você contou ao capitão, sobre todos nós estarmos no livro e tal.

– E?

– E gostaríamos de saber se você podia escrever nossos nomes.

Marmalade se enfiou no espaço ao lado da cabeceira do beliche e colocou o cabelo vermelho-mel atrás das orelhas. Ela era a contrapartida de Harison no

quarto de estibordo, uma grumete não muito mais velha que Arqueiro. A garota sorriu com esperança, criando covinhas nas bochechas.

– É claro – disse Sefia.

– Ótimo! – Meeks bateu palmas. – Comece com Harison.

Ela concordou com a cabeça. Havia dias que estava ouvindo falar de Harison, e finalmente poderia dar alguma contribuição para lembrá-lo, algo que talvez durasse mais que as palavras ou recordações deles.

Grande demais para caber na enfermaria com eles, Cavalo puxou um banco e se acomodou na porta, seus músculos salientes pressionados contra as paredes. Ele piscou para Sefia quando ela abriu o vidro de tinta e molhou o pincel.

Enquanto escrevia, os outros se debruçaram para perto, observando-a esculpir as letras, cada uma delas uma arquitetura trêmula de traços e curvas. Quando ela terminou, mostrou o pedaço de pano para Marmalade, a sua esquerda, antes de passá-lo para Arqueiro do outro lado. Depois de um instante, ele o entregou a Theo, que o deu a Meeks, que ficou olhando fixamente para ele por um bom tempo antes de passá-lo para Cavalo.

O carpinteiro segurou o nome entre seus dedos grossos e sujos de alcatrão e murmurou:

– Você sente muita falta de um homem.

Os outros assentiram.

Você sente muita falta de um homem.

– Agora o meu! – exclamou Meeks.

Arqueiro piscou para Sefia. Ela sentiu o rosto ficar quente.

Revirando os olhos, Marmalade puxou uma pilha de pedaços de lona de um bolso de sua grande jaqueta de retalhos e os jogou sobre a mesa.

Sefia se debruçou sobre o trabalho enquanto os outros apostavam moedas de vários tamanhos e graus de limpeza: loys de Deliene, caspers e angs de Everica, até uma moeda de squint de Roku que alguém tinha. Eram esses pequenos detalhes que mostravam as conexões entre o menor reino e seus colonizadores oxscinianos: ela parecia exatamente um kispe de cobre, exceto pelo buraco quadrado no centro. Enfiando a mão no bolso, Arqueiro acrescentou algumas moedas também.

– Onde conseguiu isso? – perguntou Sefia.

– Ele ganhou ontem à noite! De mim! – exclamou Theo, perturbando a ave em seu ombro. – Eu emprestei um pouco pra ele começar, mas, rapaz, isso foi um erro. Ele é quase tão bom quanto Marmalade.

Arqueiro deu um sorriso.

Juntos, eles sacudiram os cubos de madeira e emborcaram seus copos. Nau dos insensatos era um jogo simples jogado em barcos marítimos por toda Kelanna. Os jogadores tinham cinco dados e três rodadas para ganhar pontos, fazendo apostas antes de cada rodada.

Primeiro, tentavam tirar um seis, um cinco e um quatro, em ordem decrescente. Cada número representava uma coisa: o seis, um navio; o cinco, um capitão; e o quatro, uma tripulação. Você não podia ter uma tripulação sem antes ter um capitão, e não podia ter um capitão sem antes ter um navio. Ou pelo menos essa era a lógica. Arqueiro separou dois dados – um cinco e um seis – e tirou os outros três da mesa.

Sefia observou o pelo fino em seus antebraços brilhar à luz do lampião. Cada fio curto estava apontado perfeitamente na mesma direção, e por um instante ela não quis nada além de passar os dedos pelos braços dele, procurando as formas dos músculos sob sua pele.

A mão dela escorregou, e uma mancha gorda surgiu no fim do nome de Meeks. Corando, ela amassou o pedaço de lona na mão e pegou outro.

Cavalo se debruçou sobre a mesa.

– Como está se sentindo, Sefia? Depois do que aconteceu hoje?

Ela deu de ombros enquanto eles apostavam e jogavam os dados outra vez. Depois de ter um barco, um capitão e uma tripulação, você jogava pela carga: três por um caixote, dois por um barril e um por um saco de aniagem. Os pontos eram dados pela carga maior, e o melhor que você podia esperar eram dois caixotes, ou seis pontos. O truque era decidir quando parar de rolar os dados e ficar com o que tinha, porque sempre havia uma chance de acabar com nada. Arqueiro separou um dado com quatro pontos, jogou os dois últimos em seu copo e apostou uma moeda de cobre.

– Estou bem, eu acho – disse Sefia.

Meeks sacudiu a cabeça.

– Deve ser uma coisa estranha, ver seu passado.

– É… – Ela terminou o *S* do fim do nome dele com um floreio e separou o pedaço de lona.

– Você já viu seu futuro no livro?

– O quê? Não.

Eles jogaram os dados pela terceira vez. Cavalo fez uma careta para os seus e jogou todos de volta no copo. Theo xingou e fez o mesmo. A ave piou. Marmalade tirou seis, cinco, quatro, três e um, olhou para os dados de Arqueiro e riu com alegria, recolhendo as moedas no centro da mesa e as arrumando em

pilhas a sua frente.

– Mas o capitão disse que o livro tinha a história de tudo dentro dele – disse Meeks, coçando a cabeça.

– É, mas eu não vi tudo.

– Então o capitão ainda é a única pessoa que já conheci que sabe seu futuro. – Ele sacudiu a cabeça, incrédulo. Em seguida, dirigiu-se a Arqueiro: – Além de você, é claro.

Surpreso, Arqueiro tocou o anel de carne branca em volta do pescoço.

– É. Você sabe… o garoto com a cicatriz.

Theo e Marmalade olharam desconfortavelmente de Meeks para Arqueiro e de volta.

– Conhecemos a história – disse Sefia, cansada. – Serakeen quer que ele lidere um grande exército ou algo assim.

Intrigado, Meeks sentou-se um pouco mais ereto e inclinou a cabeça.

– E o resto?

Cavalo esfregou a boca com as costas da mão.

– Deixe pra lá, Meeks.

– O que quer dizer? – perguntou Sefia.

O contramestre franziu o cenho.

– Tem mais coisa nessa história, Sef.

Theo ajustou os óculos, parecendo desconfortável.

– Mas é só uma história. Não precisamos contar se você ainda não ouviu.

– Isso – resmungou Cavalo.

A ave balançou a cabeça para cima e para baixo.

Sefia olhou para Arqueiro, que assentiu.

– Não. Nós queremos escutá-la.

Meeks deu um suspiro profundo e afastou os dreadlocks do rosto.

– Dizem que ele vai comandar um grande exército e derrotar muitos inimigos. Vai ser o maior líder militar que o mundo já viu, e vai conquistar todas as Cinco Ilhas em um conflito sangrento conhecido como Guerra Vermelha. – A voz dele ficava mais suave à medida que falava, e a última frase saiu como pouco mais que um sussurro. – Ele vai ser jovem quando fizer isso, mas…

O rosto de Arqueiro adquiriu um tom cinza-esverdeado doentio.

Eles tinham ouvido a parte do exército, mas nada sobre o resto. *A Guerra Vermelha*. Uma escalada da guerra entre Oxscini e Everica? Ou algum novo horror? Eles não sabiam. Ele se curvou para a frente, uma mão tamborilando sobre a cicatriz.

– Mas o quê? – perguntou Sefia.

Os olhos escuros do contramestre brilharam com tristeza à luz do lampião.

– Mas vai morrer logo após sua última campanha… sozinho.

Caiu um silêncio na cabine.

– Sinto muito, Arqueiro. – Desculpando-se, Meeks estendeu a mão sobre a mesa, mas Sefia a afastou com um tapa, espalhando tinta por toda a superfície do jogo.

– Não acredito nisso, e você também não devia acreditar – ela repreendeu. – *Ele* não é *esse* garoto. E vocês nunca mais digam uma coisa dessas.

Se Meeks já não estivesse pressionado contra a bancada de trabalho da cirurgiã, teria dado um passo para trás. Do jeito que estava, apenas balançou a cabeça, infeliz.

– Sinto muito – repetiu.

Sefia enfiou o pincel outra vez na tinta e cruzou os dedos um sobre o outro.

– Eu estava falando sério quando disse que você nunca mais vai ter de lutar – disse ela para Arqueiro. – Nunca.

Ele acariciou as costas dos dedos dela e assentiu.

Ela envolveu a mão dele na sua e apertou uma vez antes de se voltar novamente para Meeks.

– Como você sabe disso tudo, afinal?

O contramestre puxou timidamente as pontas de seus dreadlocks.

– Eu coleciono histórias.

Cavalo se curvou na direção de Arqueiro, inclinando a mesa de modo que as moedas e os dados começaram a deslizar em sua direção. Os outros correram para detê-los.

– Não é você, está bem? – A voz dele era baixa, profunda e urgente. – Não é você.

– Não *quero* que seja Arqueiro, Sef. Mas estaria mentindo se dissesse que eu não queria tomar parte nessa história. – Meeks não olhou para ela enquanto estudava o retalho com seu nome. – Temos muito pouco tempo neste mundo, sabia? Encurtado ainda mais pela maldita tolice dos homens. Brigas em tavernas, foras da lei rivais, guerras que levam a vida de milhares. Nossas vidas são tão curtas que a maioria de nós só importa para um punhado de pessoas: o capitão, a tripulação, talvez alguns outros. Mas fazer parte de uma história como essa? Uma história que vai superar todas as outras por sua grandiosidade e alcance? Não me daria mais tempo por aqui, mas se eu fizesse parte de alguma coisa assim, talvez minha vida não fosse tão pequena. Talvez eu pudesse fazer alguma

diferença antes que meu tempo se esgotasse. Talvez eu importasse.

Sefia queria continuar com raiva dele, mas havia um desespero em suas palavras – o mesmo que vira no capitão Reed quando ele pediu para ver a si mesmo no livro, o mesmo desespero que ouvira no funeral de Harison quando eles cantaram ao jogar seu corpo ao mar – e sua raiva evaporou como água. Ela pegou o pincel outra vez e olhou nos olhos de Meeks, do outro lado da mesa.

Ele deu um sorriso triste.

– Mas Serakeen não é mencionado na profecia? – perguntou Sefia.

Meeks sacudiu a cabeça.

– Só o garoto.

– Mas, se controlar o garoto, ele ganha a guerra – disse Sefia.

Theo fez um som de repulsa na garganta.

– Foras da lei costumavam ter princípios. Você podia reivindicar seu navio, podia reivindicar seus espólios. Mas o oceano era de todos nós.

– Mas Serakeen quer mais que o oceano – disse Sefia. – Por que mais ele estaria raptando todos esses garotos? Ele quer os reinos, além dos mares.

Para sua surpresa, os outros riram.

– Ninguém aceitaria isso – disse Marmalade. – De jeito nenhum.

Theo balançou a cabeça com tamanho vigor que o papagaio bateu as asas e desceu lentamente pelo seu braço.

– Oxscini e Everica até deixariam de lado suas diferenças só para botá-lo em seu lugar – disse.

A ave desceu de Theo até a mesa e subiu na mão de Arqueiro. Ele se aprumou, surpreso.

– Mas todos esses rapazes… – ela começou.

– Eles não chegam nem perto do que os outros reinos têm – disse Theo.

– É – acrescentou Meeks. – E se você acha que o capitão ou qualquer fora da lei de respeito iria baixar a cabeça para *qualquer* homem, é melhor repensar isso.

Theo ajustou os óculos.

– Você não tem com o que se preocupar, Arqueiro. Como disse Marmalade, ninguém aceitaria isso. A Guerra Vermelha é um mito.

Cavalo concordou com a cabeça.

– Entendeu, Meeks? Um *mito*.

O contramestre ergueu as mãos.

– Eu ouvi, Cavalo. Mas Serakeen acredita que é verdade. Ele não vai parar só porque alguém lhe disse que está atrás de uma mentira.

Marmalade chacoalhou seu copo de dados com impaciência.

– Nós vamos jogar ou o quê?

Quando rolaram os dados, Sefia virou-se para Arqueiro e seus olhares se cruzaram. Um músculo se retorceu no rosto dele.

– Não – ela murmurou. – Mas alguém precisa detê-lo.

Capítulo 32



Foras da lei

Tufos do cabelo cor de palha de Airoso projetavam-se em torno de suas orelhas e por baixo da aba de seu chapéu como capim seco. Ele coçou o rosto, suas unhas arranhando a área no queixo com barba por fazer. Seu rosto vincado e endurecido pelo vento estava escuro ao sol do entardecer.

O capitão Reed havia parado ao lado dele, alto e esguio, com o cabelo protegendo seus olhos azul-oceano do sol. Rugas profundas se curvavam em torno de sua boca generosa, mostrando sinais de humor, embora ele estivesse estudando o mar e não sorrindo.

Oscilando de leve com o balanço delicado do navio, Arqueiro observou os dois. Airoso nunca dizia muito durante os longos quartos de quatro horas, e quando o capitão se juntava a eles, também não acrescentava muito à conversa, mas isso não era problema. Arqueiro não se incomodava com o silêncio.

Ele examinou o convés, como fazia a intervalos de minutos, e viu Sefia encarapitada no alto do tombadilho, debruçada sobre o livro em seu colo. Seu cabelo preto e comprido estava preso em um rabo de cavalo, mas o vento não parava de jogar mechas dele sobre seu rosto, em seus olhos. Ela as afastava com os dedos, mas estava tão envolvida na leitura que logo a mão voltava para a página, e o cabelo escapava outra vez, voando selvagemente ao vento. Arqueiro sorriu.

Airoso girou o leme três raios para bombordo, passando uma mão por cima da outra no timão. Um minuto depois, a brisa ficou mais forte, enchendo as velas com os sons altos e tremulantes de lona se esticando. O navio começou a ganhar cada vez mais velocidade, empurrado pelo vento novo.

O velho timoneiro piscou para Arqueiro.

– Faz uma semana que encontramos a assassina, e ainda não descobrimos o navio de onde ela veio – disse abruptamente o capitão, sua voz áspera como lixa. – Isso não parece peculiar para vocês?

Arqueiro concordou com a cabeça. Alguma coisa devia ter acontecido àquela altura. Se quem quer que tivesse mandado a assassina estava tão desesperado para mandar alguém ao *Corrente da Fé*, não desistiria tão fácil.

– Faz você pensar, não é? – perguntou o capitão Reed. – Acha que os assustou?

Arqueiro tornou a dar de ombros.

Airoso riu. Até sua risada era rouca, mais parecida com um latido que com um riso.

O capitão riu também.

– Não seja modesto, garoto. Cavalo disse que você lançou aquela faca entre os degraus diretamente no braço da mulher.

Hesitante, Arqueiro tocou a borda de sua cicatriz, apertando a carne irregular e nodosa.

– Soube que Meeks abriu a boca esses dias e contou a você sobre a Guerra Vermelha.

Ele confirmou com a cabeça.

O capitão Reed sugou o ar entre os dentes.

– Você sabia disso antes que ele te contasse?

Arqueiro sacudiu a cabeça. Sua memória só começava na noite em que Sefia abrira o caixote. Ele se lembrava da luz no chão, do ar frio e cortante e da voz dela. *Venha comigo. Por favor, venha comigo.* Mas antes disso… apenas lampejos. Sabores diferentes de dor. Gritos. Escuridão. O que quer que tivesse sido sua vida antes que ela o resgatasse, não era algo que valia a pena ser lembrado.

– Acha que está relacionado a você? – perguntou o capitão.

Arqueiro esfregou o braço, contando as queimaduras. Quinze. E depois ele matara aqueles homens na floresta, e mais dois nas docas. Ele, contudo, temia ter matado mais que isso. Era muito bom naquilo. Mas não gostava. Só fazia porque era preciso.

– Eu o vi lutando no Cais do Javali Negro. Você podia ter matado todos eles.

Airoso resmungou, concordando, mas Arqueiro sacudiu a cabeça. Não teria sido rápido o suficiente para salvá-la, para impedir que Machada a matasse. Ele largara a faca.

Enfiou a mão no bolso e pegou o fragmento de quartzo que Sefia lhe dera.

Com movimentos lentos e deliberados, começou a passar o polegar pelas faces do cristal, uma vez por cada plano antes de girá-lo e começar de novo.

O capitão Reed o observava, pensativo.

– Construí toda minha vida em torno de histórias que as pessoas contam sobre mim. Sabe o que eu aprendi?

Arqueiro sacudiu a cabeça.

– Você é o que faz. Se tudo o que faz é matar, então você é um matador.

Arqueiro concordou com a cabeça e apontou para o pescoço.

O capitão escarneceu.

– Já vi você fazer mais que isso, garoto. Você salvou Cavalo. Protegeu sua garota. Um matador a teria deixado morrer nas docas para poder alcançar seus inimigos. Mas você não fez isso.

Arqueiro se virou na direção do tombadilho, onde Sefia estava sentada. Ela mal havia se movido – sua mão estava levemente fora do centro da página, e mais cabelo antes preso se soltara –, mas ela tinha o mesmo vinco familiar na testa, a mesma expressão nos lábios que ele passara a conhecer tão bem: apertados levemente nas pontas, deixando-os mais redondos no meio. Lentamente, ele soltou a pedra da preocupação e a sentiu cair no fundo do bolso quando retirou a mão.

– Fugi de casa quando tinha dezesseis anos – disse o capitão. Ele franziu o cenho na direção da água, e as rugas em sua testa e sob seus olhos se tornaram mais pronunciadas. – Acredito que você saiba disso das histórias sobre mim.

Arqueiro balançou a cabeça, confirmando. Airoso ajustou sua pegada no timão, estendendo muito de leve o indicador para sentir o vento.

– Eu era só um garoto estúpido – prosseguiu o capitão Reed. – Não tinha ninguém como Sefia para cuidar de mim, e fui pego assim que deixei Deliene. Essa parte não está nas lendas. – Ele deu um suspiro. – Não sei quem me capturou, porque eles não me mantiveram por muito tempo, mas fizeram coisas… más, coisas feias… e até hoje não consigo entender por quê. De certa forma, não saber deixa tudo pior. – Ele coçou o peito, e os dedos fizeram um som delicado ao raspar em sua camisa de algodão. – Também não sei por que me soltaram. Mas, quando fizeram isso, prometi a mim mesmo que morreria antes de abrir mão de minha liberdade outra vez. Por isso me tornei um fora da lei.

Arqueiro levou os dedos à testa, sua maneira de fazer uma pergunta.

O capitão riu de um jeito duro e afiado como arame farpado.

– Meu único rei é o vento; minha única lei, a água.

Airoso concordou com a cabeça.

Quando Arqueiro franziu o cenho, o capitão Reed tirou o chapéu e passou a mão pelo cabelo.

– O que quero dizer é que somos livres. Nós escolhemos o que queremos fazer e quem queremos ser. Às vezes é preciso lutar muito por isso, mas vale a pena escolher por si mesmo.

Airoso curvou os lábios num sorriso assimétrico, revelando dentes manchados.

– Mas você não precisa ser um fora da lei para fazer isso – disse.

Arqueiro olhou para o capitão Reed, que assentiu e enfiou o chapéu outra vez, encerrando a conversa. Tanto ele como o timoneiro voltaram a observar a água.

Porém Arqueiro não tinha terminado. Desde que Sefia o tirara daquele caixote, ele tinha sido metade pessoa, reaprendendo tarefas simples como se alimentar e se vestir, e metade animal, matando sem hesitação nem remorso. Ele podia sentir aquela criatura louca e fedorenta do caixote faminta por sangue em seu interior, os vincos profundos à espreita por trás de seu próprio rosto, mas talvez não tivesse de ser assim. Talvez ele pudesse escolher ser uma pessoa completa: Arqueiro, caçador, protetor, picador de alcachofra, jogador, grumete, dono do quartzo, amigo. Essa percepção começou a fervilhar em seu interior, no começo devagar, mas depois com mais força e violência, até que ele ficou quente, transbordando com ela.

Talvez ele pudesse escolher.

Ele encontrou Sefia exatamente onde ela estava na última vez em que olhara: debruçada sobre o livro, seus ombros magros e escurecidos pelo sol. Com um sorriso, ele foi até ela em alguns passos rápidos e sentou ao seu lado.

Quando ela ergueu os olhos, o vento jogou uma mecha de cabelo em seu rosto, que ela soprou e pôs outra vez no lugar.

– Oi.

O sorriso dela fez seu coração acelerar. Ele se inclinou, ousando tocar a testa de Sefia com a ponta dos dedos, com um pouco de medo de que se afastasse. Mas ela não fez isso, e ele sorriu e levou seu cabelo para trás até prendê-lo atrás de sua orelha.

Ela sorriu com a mais leve sugestão de dentes.

– Obrigada.

Ele não podia se lembrar de querer nada tanto quanto queria beijá-la agora. Estar perto dela desse jeito, boca a boca, testando as formas de seus dentes e seus lábios. Era como se ele nunca tivesse realmente desejado qualquer coisa, e agora essa vontade queimava em seu interior como um lampião, a luz refletindo

dele tão forte quanto o facho de um farol.

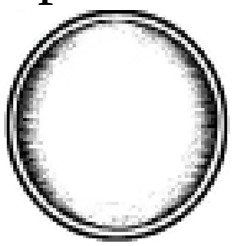
Mas ele não ousou.

Passou os braços em torno das barras da amurada e fez seu sinal para o livro.

E Sefia começou a ler para ele, sua voz clara e forte ao vento, e isso era suficiente. Não importava o que o livro ou as lendas diziam. O que importava era que ele e Sefia estavam *ali*, com as pernas balançando preguiçosamente da borda do tombadilho, com a brisa e o sol claro da tarde caindo sobre eles. O que importava era que eles estavam juntos… e ele estava feliz.

E eles ainda tinham mais duas horas até seu próximo quarto.

Capítulo 33



Jahara

Jahara era uma ilha basicamente neutra governada por um conselho de representantes de cada um dos Cinco Reinos, embora, devido a sua proximidade com a costa sul de Deliene, o voto do conselheiro delieneano tivesse o dobro do peso dos outros. Separada do Reino do Norte pelo Estreito Callidiano, sua localização no Mar Central fazia dela um ponto ideal para o comércio, e todo tipo de gente, de criminosos a foras da lei a embaixadores de cortes, era bem recebido na cidade, sob a promessa de que ninguém em Jahara podia ser acusado nem morto por crimes cometidos em outro lugar. Em respeito à neutralidade da ilha, até civis oxscinianos e evericanos obedeciam a essa regra básica. No entanto, ultimamente, o número de esfaqueamentos, tiros e incêndios criminosos tinha subido tanto que as marinhas Vermelha e Azul não eram mais permitidas em Jahara.

O *Corrente da Fé* chegou à cidade ao anoitecer, quando o sol era um globo de vidro derretido mergulhando na água negra. Os acendedores de lampiões já estavam trabalhando, e as colinas cintilavam com centenas de chamas trêmulas e diminutas. Margeados por lampiões, os longos atracadouros se projetavam para dentro da água, atravessando uns aos outros em uma confusão de barcos e docas, de modo que toda a cidade surgia à luz do entardecer como um labirinto cintilante, fervilhante de vida.

Quando a prancha se apoiou sobre o cais, alguns dos homens deram vivas. Eles contaram suas moedas e juntaram suas coisas, planejando a noite em terra.

Sefia olhou para a doca, sentindo-se muito pequena. Eles ainda estavam a uma boa distância da terra firme, separados por uma série de navios de todo

canto de Kelanna: chalupas e cúteres, brigues e barcas, com bandeiras de seda vermelhas, azuis e verdes.

– Cresci em Deliene – murmurou Sefia. – Província de Shinjai. – Deliene era dividida em quatro províncias: Terra de Corabelli, no sul; depois Ken e Alissar, divididas pela longa espinha da Muralha dos Cavaleiros; depois Shinjai, região montanhosa que fornecia grande parte da madeira de Deliene; e Gorman no Extremo Norte, uma terra de ilhas rochosas e águas geladas.

Arqueiro olhou para ela, surpreso.

Ela deu de ombros.

– Mas lá não é mais minha casa.

Enquanto eles se preparavam para desembarcar, a tripulação do *Corrente* se reuniu para se despedir. Sefia e Arqueiro ganharam abraços e apertos de mão, e convites sinceros para tornar a encontrar o *Corrente* quando sua missão acabasse. Alguns membros da tripulação até lhes deram presentes.

Cuca e Aly lhes deram provisões suficientes para encher suas mochilas até quase transbordar: carnes defumadas, frutas secas com interior macio e bolachas que durariam semanas.

– Essa é uma receita especial – disse Cuca. – Tem um gosto melhor e dura mais que qualquer pãozinho que você encontre em terra.

Meeks lhes deu dinheiro.

Airoso lhes fez um aceno breve, o que era a melhor despedida que qualquer pessoa já havia recebido dele.

– Onde está Arqueiro? – Cavalo se meteu entre Jules e Theo, que se afastaram amigavelmente. – Venha cá, garoto.

Arqueiro deu um passo à frente, hesitante. Embora não fosse baixo por nenhum padrão, ele parecia pequeno ao lado do grande carpinteiro.

– Esse garoto salvou minha vida – anunciou Cavalo. Enquanto falava, ele estendeu as mãos espalmadas para cima e abriu os dedos, o sinal de Arqueiro para ajudar. – Tenho uma dívida de sangue com ele que um dia vou pagar. – Ele deu um tapa nas costas de Arqueiro. – Até lá, tenho uma coisa para você.

Theo, Meeks e Marmalade estavam sorrindo e se cutucando com os cotovelos, sussurrando. Juntos eles passaram adiante uma espada dentro de uma bainha desgastada de madeira e um revólver. Cavalo os pegou com solenidade e fez uma reverência com a cabeça antes de dizer:

– Eles pertenciam a Harison. Acho que ele não teria se importado que eu desse isso para você.

Arqueiro pegou a arma no coldre e a aninhou nas mãos. Era um revólver com

coronha de nogueira, simples mas confiável.

– O pai dele deu essa arma para ele – acrescentou Meeks.

Arqueiro assentiu com a cabeça e o retornou cuidadosamente ao coldre antes de sacar a espada da bainha. Como o revólver, era uma arma simples, mas estava afiada e bem cuidada. Ele deixou que ela brilhasse por alguns instantes à luz das docas antes de enfiá-la outra vez na bainha. Com alguma cerimônia, ele pegou as armas e fez uma leve reverência para Cavalo, que lhe deu outro tapa nas costas.

Quando a maioria das despedidas tinha sido feita, o imediato se adiantou e presenteou Sefia com uma varinha de madeira, reta e lisa.

– Nós não distribuímos essas para qualquer um.

A tripulação murmurou, concordando.

Sefia pegou a varinha e passou os dedos por ela. Tinha um aroma suave de hortelã e remédio.

– O que é isso?

– Uma varinha feita do mesmo grupo de árvores do próprio *Corrente*. Para nos chamar, se precisar de nossa ajuda. Não importa quando, nós viremos correndo. – Ele explicou que a mesma magia que o ligava ao navio também o ligava à varinha, e se Sefia e Arqueiro conversassem com o objeto, ele conseguiria ouvi-los com a mesma clareza como se estivessem parados ao seu lado.

– Mas não usem se não estiverem com problemas. Somos foras da lei, não babás.

Sefia fez um aceno e enfiou a varinha no cinto como uma espada.

– Obrigada, senhor.

Ele lhe deu um tapinha no ombro.

– Boa garota.

Ela piscou para segurar as lágrimas. Além de Arqueiro, a tripulação do *Corrente* era os primeiros amigos que tivera, e pensar em não vê-los todo dia a fez sofrer de um jeito que não esperava. Ela olhou de um para outro, tentando encontrar as palavras, mas tudo o que conseguiu foi um sorriso meio reprimido.

Arqueiro fez uma reverência – um gesto formal, mas os outros balançaram a cabeça em aprovação.

O capitão Reed veio caminhando pelo convés com uma japona comprida e o chapéu caído sobre o rosto. Com uma das mãos, ele jogava uma bolsinha de couro para cima e para baixo; na outra, carregava o livro.

Ao se aproximar, Sefia sentiu o peso de seu olhar sobre ela.

– Boa sorte em sua caçada ao tesouro, capitão – ela disse. – Espero ouvir

histórias sobre o senhor e o Tesouro Perdido do Rei qualquer dia desses.

Os olhos azuis dele brilharam.

– Um dia, garota, mas provavelmente vai haver algum problema antes que isso termine.

– É o que vai fazer disso uma boa história.

Ele riu e devolveu suas gazuas, que ela guardou dentro do colete, e então lhe entregou o livro. Ela o pegou com solenidade e o apertou contra o peito.

– Sinto muito por não conseguir encontrar o ponto sobre o senhor – ela disse.

Ele piscou e deu um tapinha no bolso, onde guardava o pedaço de lona que Sefia tinha dado a ele uma semana antes.

– Eu consegui pegar meu nome, não foi? Você deu um presente a todos nós, Sef. Não vamos nos esquecer.

O resto da tripulação balançou a cabeça afirmativamente. Seus olhos e seus corações estavam febris, e queimavam tão forte que eles jamais poderiam descansar por muito tempo. Para eles, a vida só era tão boa quanto a próxima aventura, e eles seguiam atrás das mais loucas como baleeiros à caça de gigantes pelos mares poderosos.

O vento que vinha do mar despenteou seus cabelos e fustigou suas roupas. O capitão Reed ergueu a cabeça e farejou o ar.

– Cuidado. O que quer que você ache que vai encontrar nesse lugar que Machada mencionou, se tiver alguma coisa a ver com Serakeen, não é bom.

– Mesmo assim temos que ir.

– Vocês são foras da lei agora, garota. Não *têm* que fazer nada.

Sefia deu um sorriso amargo.

– Temos que encontrá-lo. Precisamos saber.

Reed olhou para ela, e por baixo da aba do chapéu seus olhos estavam muito azuis e muito tristes. Ele começou a descer pela prancha de desembarque, suas botas fazendo barulho contra as tábuas.

– Às vezes você encontra coisas e deseja não ter encontrado – ele disse, suavemente. – Às vezes deseja que elas tivessem ficado perdidas.

Depois que Reed desapareceu pela doca com Jules e Marmalade, as corredoras mais rápidas do navio, e os outros membros da tripulação se dispersaram por suas várias tarefas e aventuras noturnas, Sefia e Arqueiro restaram no cais com Cavalo e Meeks, que haviam lhes encontrado um guia: um pequeno homem com aspecto de furão e um casaco verde amarfanhado.

– Esse aqui é Gerry – disse o contramestre com orgulho. – Não há guia melhor em Jahara.

Cavalo parecia cético, mas Gerry assentiu com expressão azeda e puxou uma de suas mangas puídas.

– Então, aonde vamos, Sef? – perguntou Meeks.

Ela olhou para Arqueiro, lembrando-se da noite em que eles tinham se conhecido: os homens de Machada circulando pela floresta, o cheiro do assado e a conversa preguiçosa de seus homens. Metade deles agora estava morta: Patar e Tambur na clareira, Landin e Caolho, cujo nome ela nunca soube, Palo Kanta perto da cabana, e pelo menos mais dois nas docas. Mas ela e Arqueiro ainda estavam ali.

– A Jaula – ela disse. – Eu os ouvi falar sobre um lugar chamado Jaula.

Gerry olhou de soslaio para ela.

– Pagamento adiantado.

Meeks agitou um dedo para ele.

– Metade agora, metade depois.

O guia resmungou e saiu pela doca, deixando que os outros o seguissem.

Segundo Meeks, todo tipo de pessoa tinha negócios em Porto Central, usando uma rede de pranchas e tábuas para conectar suas balsas e barcos estreitos. Dizia-se que era possível caminhar quase dois quilômetros em qualquer direção sem botar os pés na terra. Mercadores ricos construíam passarelas largas que levavam direto a suas lojas, enquanto os pobres se acotovelavam por espaço, onde quer que pudessem encontrá-lo. A rede de lojas, navios e pontes apodrecidas mudava com tanta frequência que normalmente depois de um mês o porto se transformava em um labirinto completamente novo.

– E é por isso que você sempre contrata um guia! – declarou Meeks enquanto passavam pelo último dos altos navios no final do cais. – Não vou nem contar os problemas em que me meti porque não arranjei um guia.

À frente deles, Gerry soltou uma bufada de escárnio.

– O capitão não contratou um guia – observou Sefia.

– É, mas ele é o capitão Reed, não é? Ele não precisa.

– Nem o resto da tripulação.

– Está bem, se quiserem levar ao pé da letra. Mas entenderam, não é? Aqui não é seguro.

O guia os conduziu além dos atracadouros externos até o mercado flutuante. Durante o dia, ele ficava cheio de tendas coloridas e comerciantes de todos os tipos. Mas à noite, as balsas eram espaços lisos e desertos com montes de lixo e

cascas de frutas podres. Ratos enormes de cais corriam pelas sombras.

À medida que penetravam mais fundo no interior do labirinto, os lampiões de vidro ficavam mais escassos, até que apenas uma tocha isolada ou a lanterninha de uma barcaça iluminavam as estruturas de madeira apodrecidas. Arqueiro e Cavalo estavam em silêncio e alertas, à procura de movimentos nas sombras. Acima, o céu tinha um tom roxo amarelado como um hematoma.

Passaram por barracos e docas em ruínas que terminavam em poços abruptos de água suja, e abaixo dos dosséis em farrapos espreitavam figuras sombrias: velhas cansadas, desdentadas, que usavam vestidos baratos, homens gordos que fumavam e os acompanhavam com os olhos, cães tão magros que era possível contar suas costelas quando rosnavam na extremidade de suas correntes.

– Nesta área, é tão fácil as pessoas te matarem quanto negociarem com você – sussurrou Meeks. – Por isso, tomem cuidado.

Arqueiro assentiu e apontou para os olhos. Ele estava vigiando.

– Você se lembra do que eu falei sobre problemas, Sef?

– Lembro.

Por fim, eles pararam em uma passarela estreita ladeada por tabernas dilapidadas. Sob alguns agourentos lampiões amarelos, um punhado de clientes cambaleava pela rua, rindo e pendendo para
um lado. O guia deles gesticulou para um prédio próximo que parecia estar abandonado. A taberna não tinha janelas, apenas paredes de um cinza-esverdeado incrustadas com mofo e sal. Acima da porta, uma gaiola de passarinho pendurada emitia um som queixoso e estridente na brisa.

– Não é engraçado? – Cavalo tocou a parede com a mão bruta e examinou a sujeira nos dedos. – Já vim muitas vezes a esta rua, mas nunca percebi este lugar antes.

Meeks balançou a cabeça com sabedoria.

– As coisas são assim em Porto Central.

– Cale a boca, Meeks. Você também nunca viu isso antes. – Ele se virou para Gerry, que se encolheu sob sua sombra enorme. – Tem certeza de que esse é o bar que estamos procurando?

O guia confirmou com um aceno.

– Perguntem por aí. A Jaula é o único lugar onde Machada vem beber.

Ele examinou a rua de cima a baixo, seus olhos estreitos correndo de um lado para outro nervosamente.

Cavalo bateu na parede.

– O lugar não parece nem estar aberto.

O homenzinho deu de ombros e ajeitou seu colarinho puído.

– Vocês queriam a Jaula. Eu trouxe vocês até a Jaula. – Ele limpou a garganta e esfregou os dedos, olhando fixamente para Meeks.

– Está bem, está bem. – O contramestre pôs um loy de prata na palma de Gerry, e o homem saiu furtivamente pelo beco, deixando-os sozinhos diante da taberna.

– Você não precisa fazer isto, Sef – disse Cavalo. – Pode vir com a gente.

– Vai ser uma grande história – acrescentou Meeks.

Ela estudou seus rostos. Os olhos afastados de Cavalo e seu sorriso constante, as covinhas como parênteses em torno da boca, o nariz largo de Meeks e seu dente lascado. E, por um segundo, ela hesitou.

Mas então ela olhou para o alto, e no piso da gaiola de passarinho, como uma aranha no centro de uma teia, estava o símbolo que ela estava buscando.



Era tão pequeno que você não iria percebê-lo se não estivesse procurando, mas Sefia o conhecia tão bem que podia vê-lo mesmo quando fechava os olhos.

Duas curvas para seus pais. Uma curva para Nin. A linha reta para si mesma. O círculo pelo que tinha de fazer. Aprender para que servia o livro, resgatar Nin das pessoas que mataram seu pai. E conseguir sua vingança.

– Vejam – ela disse, apontando.

Arqueiro fez um aceno solene.

– Bom, eu vou… – murmurou Cavalo. Então abraçou os dois junto a seu peito maciço como um barril. – Se virem Serakeen, se sequer ouvirem um murmúrio de que ele está por perto, fujam, ouviram?
– Sua voz trovejou contra a bochecha de Sefia. – Corram o mais rápido e para o mais longe que puderem.

Ela o abraçou mais apertado.

– Eu quero ouvi-la dizer. Diga que não vai se meter com Serakeen.

– Sim, Cavalo.

Depois que o enorme carpinteiro os soltou, dando mais tapinhas nas costas dos dois, Meeks olhou para eles com ansiedade.

– Está com a varinha que o imediato lhe deu?

Sefia tocou no cinto.

Meeks os abraçou, primeiro Arqueiro, depois Sefia.

– Sei que quer respostas, Sef – ele murmurou em seu ouvido. – Você as quer como eu quero histórias, e se você for como eu, vai fazer qualquer coisa para consegui-las.

Ela concordou com a cabeça.

– Use a varinha se precisar. Mesmo que tenha de usá-la esta noite.

Enquanto ele e Cavalo seguiam pelo beco, não paravam de olhar para trás, para os dois jovens, até que, finalmente, viraram uma esquina e desapareceram.

Sefia passou os dedos pela varinha que o imediato havia lhe dado.

– Eu acho que é isso.

Arqueiro acenou a cabeça e empurrou a porta, mas ela não abriu.

– Trancada?

Sefia levou a mão ao interior do colete, pegou as gazuas e começou a trabalhar. Em um minuto, os dentes clicaram e a porta abriu. Havia pouca luz no interior, mas eles puderam identificar um chão sujo, mesas redondas nas sombras e fileiras após fileiras de garrafas marrons empoeiradas alinhadas na parede a sua direita. Não se via o balconista em lugar nenhum.

Eles entraram furtivamente, com medo de uma emboscada, mas o local estava vazio. Respirando o ar bolorento, Sefia sentiu-se tonta. Ela conhecia aquele lugar.

– Palo Kanta deveria ter vindo aqui também – ela sussurrou.

Arqueiro olhou bruscamente para ela.

– Aqui. – Ela parou no canto do bar e olhou para a taberna vazia. Em seguida desceu um passo. – E aqui.

Por toda a volta do salão, ela podia captar vislumbres do homem alto com um corte no queixo: rindo, a boca aberta, os molares à mostra. Os dedos acariciando um mai de ouro. Sujeira sob as unhas.

Ela caminhou desviando-se das mesas, sentindo como se estivesse caminhando pelos passos dele, e parou do outro lado do salão. Pensou ter ouvido alguns gritos distantes.

– E aqui – murmurou.

Arqueiro se aproximou e parou ao seu lado.

– Ele deveria ter estado aqui… e aqui embaixo. – Ela se ajoelhou, tateando o chão até que as mãos encontraram uma alça de metal redonda na forma do .

– Achei que esta taberna estivesse em uma balsa flutuante como as outras – ela sussurrou.

Com a ajuda de Arqueiro, ela abriu o alçapão, revelando uma estreita escadaria de pedra iluminada de baixo. Os sons de gritos, que ela pensou ter apenas imaginado, agora vinham nítidos – empolgados e agitados.

– Palo Kanta deveria ter descido por aqui. – Da mochila, Sefia tirou um pincel

e um pequeno vidro de tinta que Cavalo lhe dera como presente de despedida. Ela escreveu com cuidado o nome de Palo Kanta no interior da portinhola, perto da dobradiça. Soprou as palavras para secá-las e sussurrou: – Você sente muita falta de um homem.

Os olhos de Arqueiro pareciam grandes e brilhantes sob a luz mortiça. Enquanto colocava a tampa no vidro de tinta e o guardava de volta na mochila com o pincel, Sefia lembrou-se outra vez do que os homens de Machada tinham dito: *Ele parece um gato. Um daqueles grandes, com os olhos dourados.*

Juntos, eles desceram a escada. Quanto mais avançavam, mais claro e barulhento ficava, e a cada passo Sefia sentia Arqueiro mais tenso às suas costas, até que ele pareceu duro e quebradiço como vidro.

– Qual o problema? – Ela estendeu a mão, mas não o tocou, com medo de que ele quebrasse sob seus dedos.

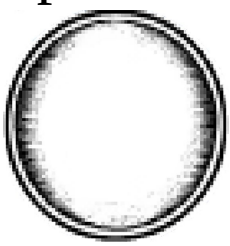
Ele apenas sacudiu a cabeça.

Quando chegaram ao final da escada, se viram em um aposento baixo de pedra com um grupo grande, barulhento e fedorento de pessoas amontoadas no centro. Elas estavam gritando – números, apostas, probabilidades – e gargalhando furiosamente. As paredes de pedra estavam molhadas com condensação, e o ar quente e úmido cheirava a suor, ferro e bebida.

A respiração de Arqueiro se acelerou. Ele tornou a sacudir a cabeça, agarrando o cabo da espada tão apertado que os nós dos dedos ficaram brancos. De algum lugar no centro do salão veio um som alto: *Bang! Bang! Bang!* Metal sobre madeira. Arqueiro se encolheu.

– Oh, não… – O coração de Sefia se afundou em seu peito. – É um ringue de lutas.

Capítulo 34



A Jaula

Arfando, Arqueiro cambaleou para trás até se encostar na parede, os olhos arregalados de medo. Sefia o puxou na direção da escada.

– Venha. Nós voltamos depois.

Mas era tarde demais. Um velho com cabelo rareando afastou-se da multidão e se dirigiu até eles, apoiando-se pesadamente em uma vassoura para se sustentar.

– O que vocês estão fazendo aqui?

Sefia ficou surpresa com a magreza do homem, como se ele tivesse ressecado ali embaixo e tudo o que tivesse para se manter de pé, agora, fosse a vassoura à qual se agarrava como uma bengala. Envolvendo o cabo, suas mãos eram lisas e duras como pedras de rio.

– Quem está aí? – gritou alguém da multidão.

Os outros começaram a se virar. Eles tinham olhos vorazes e brilhantes. Os nós dos dedos cortados. Pistolas e espadas e facas escondidas. Pessoas acostumadas à violência, que a sorviam como cerveja.

Arqueiro se encolheu, mas permaneceu ao lado dela.

– Eu sou Sefia, este é Arqueiro.

– Eu sou o Árbitro desse lugar – disse o homem com a vassoura. – O que vocês querem?

Árbitro. Sefia reconheceu a palavra. Árbitros eram os homens que organizavam as lutas, homens que trabalhavam para Serakeen. Ela engoliu em seco.

– Nós vimos o sinal embaixo da gaiola.

O Árbitro olhou Arqueiro de cima a baixo, seu olhar repousando brevemente

no pescoço do garoto. Arqueiro engoliu em seco com tanta força que Sefia sentiu todo o seu corpo estremecer.

– Nós já temos dois candidatos esta noite – disse o homem.

– Meninos? – Ela olhou para a plateia. Eles eram impressores? Assassinos e sequestradores, como Machada? Arqueiro não estava seguro ali. Ela entrelaçou o braço no dele.

– *Candidatos.* – O Árbitro tornou a se virar para o público. – Está tudo bem. Ele tem a marca. – Ele gesticulou com uma mão grande para que Sefia e Arqueiro se aproximassem. – Venham, então. É por isso que estão aqui, não é?

Sem esperar por eles, ele voltou lentamente até a plateia, que se abriu para ele como água se dividindo diante de uma pedra.

A escada subia em uma espiral negra atrás deles. Eles ainda podiam escapar se fosse necessário.

Ela olhou para Arqueiro. Tinha de ser escolha dele.

Ele assentiu.

Sefia apertou a mão dele com força, e juntos eles caminharam devagar até o grupo de pessoas.

O público tinha se fechado atrás do Árbitro, e eles acotovelaram Sefia quando ela se aproximou da larga depressão no centro do salão. Alguns deles os olharam com escárnio. Ela captou vislumbres de expressões maldosas, curiosas e olhos semicerrados. Atrás deles, avistou um túnel na outra extremidade do salão. Outra rota de fuga, talvez. Caso eles tivessem de lutar para escapar.

Quando chegou ao buraco, pôde sentir Arqueiro ainda tremendo a seu lado. Lá dentro, cerca de três metros abaixo, o chão estava coberto de palha e serragem. Em lados opostos da arena havia duas portas de madeira com respingos de sangue seco e, atrás delas, em corredores estreitos de pedra, dois garotos.

Um deles era alto e magro como um chicote, com uma cabeleira negra caindo sobre os olhos. Ele se apoiava em uma lança, silencioso e imóvel, observando o outro garoto através das frestas na porta.

Seu adversário era mais baixo e forte, com a estrutura de um boi, uma fronte baixa e saliente e rosto largo. Ele golpeava e batia em sua porta, fazendo-a estremecer e pular sob sua espada. A cada vez que batia, Arqueiro se encolhia e apertava a espada com mais força.

Os dois estavam sem camisa e descalços, assim como Arqueiro quando Sefia o encontrara, e seus braços estavam marcados com quinze queimaduras – uma para cada luta que tinham vencido.

Quarenta e cinco lutas.

Somando tudo, os três tinham matado quarenta e cinco outros garotos. Pelo menos.

A mão de Sefia deslizou até sua faca. As pessoas podiam *fazer* aquilo. Várias e várias vezes. Com grande fanatismo.

Ela ia descobrir onde estava Serakeen. Ia descobrir o que tinha acontecido com Nin. E então…

– Ele foi marcado? – Uma pessoa abriu caminho à força através da aglomeração, uma mulher de cabelo grisalho com nariz adunco e uma cicatriz no rosto. Ela tinha um colar com dentes de baleia, do tipo comum no norte de Deliene, pendurado no pescoço.

– Sim, Lavínia, ele tem a marca – resmungou o Árbitro.

– Ele não pode estar aqui, a menos que tenha a contagem também – disse um homem cujo velho chapéu militar azul o identificava como ex-membro da Marinha evericana.

Sefia examinou o público. Amontoados de um dos lados da arena de luta havia pessoas que deviam ser impressores do Reino de Pedra de Everica. Do alto, eles instigavam e incitavam o garoto mais baixo, que respondia golpeando a porta com a espada. Em frente a eles, os impressores do norte de Deliene esperavam, enquanto seu garoto permanecia em silêncio no corredor abaixo.

O resto deviam ser espectadores, jogadores que tinham vindo apostar no resultado da luta. Aquilo a deixou enojada.

O Árbitro se apoiou na vassoura e examinou Sefia e Arqueiro.

– De onde vocês são?

– Oxscini – ela respondeu. Ainda segurando a mão dele, podia sentir Arqueiro tremendo como uma folha pendurada em sua haste.

– Ele é um dos de Garula?

Sefia sacudiu a cabeça.

– De Berstrom?

– Não.

– Fengway?

Quantos impressores havia? Ela tornou a sacudir a cabeça.

– Ele está por conta própria.

– Então você é uma tola em vir aqui. – O Árbitro coçou a testa. – Você sabe mesmo no que está se metendo?

Sefia respirou fundo.

– Onde está Serakeen?

Bang! Bang! Bang! Os sons ecoaram de dentro do corredor.

– Mas ele tem a contagem? – perguntou o homem de chapéu azul.

Sefia olhou para ele.

– O que há de tão importante nessa contagem?

– Você é estúpida mesmo, não é, garota? É como Serakeen verifica os candidatos. Ele tem impressores trabalhando para ele em todos os reinos, exceto Roku. Candidatos lutam quinze vezes em seu próprio território e, quando terminam, vêm para a Jaula. Eu organizo uma luta e, se eles ganham, são enviados para Serakeen. – O Árbitro deu de ombros. – Ninguém sabe o que acontece com eles depois disso.

– Porque tudo o que importa é que somos pagos! – alguém gritou. Houve uma rodada de risos horrendos.

Sefia apertou a mão de Arqueiro.

– Nós não queremos lutar.

Mais risos no público.

– Ele tem de lutar, menina – explicou o Árbitro. – Ninguém segue adiante sem uma luta.

Os joelhos de Arqueiro cederam, e ele cambaleou. Os outros riram.

– Nós nunca tivemos uma luta tripla – disse Lavínia, observando atentamente o Árbitro.

– Se ele não tiver a contagem, não importa – repetiu o homem de chapéu azul. – Ele não pode lutar sem ela.

– Eu *sei*, Goj – respondeu o Árbitro rispidamente. – Não faça papel de idiota.

– Parem com isso! – gritou Sefia. – Ele não vai lutar!

– Então vocês não vão ver Serakeen.

Ela levou a mão ao porta-moedas.

– Eu pago…

Lavínia riu, mostrando os caninos afiados em sua boca.

– A última pessoa que tentou subornar um Árbitro teve a língua removida.

– Então que tal…

– Mostrem-nos a contagem ou vão embora – disse Goj.

– Ele está com minha tia! Preciso descobrir…

– Você não vai descobrir nada se ele não matar. – O Árbitro apontou para Arqueiro, que sacudiu a cabeça outra vez. – E não parece que ele esteja pronto para isso. Lutar ou ir embora. Essas são suas opções.

Sefia olhou para o Árbitro, mas os olhos dele estavam duros como pedra e o queixo firme, e ela não precisou da Visão para saber que ele não ia ceder. Então

ela se virou para Arqueiro.

As pessoas pareciam ter se dividido em torno dele. Arqueiro estava totalmente sozinho, a luz dos lampiões refletindo em seu cabelo e reluzindo no poço de seus olhos. Ele olhou para ela e nunca em sua vida alguém a tinha visto tão perfeitamente, visto as melhores e piores partes, e ela nunca desejou tanto que as coisas fossem diferentes.

Serakeen era a única pista que ela tinha do símbolo no livro.
O único modo de descobrir quem levara Nin. E se ela ainda estava viva.

Mas isso ia lhe custar Arqueiro. Porque ele teria de fazer o que ela prometera repetidas vezes que ele *nunca* teria de fazer de novo.

Estivera certa o tempo todo.

Ninguém que ela amava estava em segurança.

Ela queria envolver os braços em torno dele e dizer que ele não precisava fazer aquilo. Que não precisava tornar a lutar. Mas ela não se mexeu, e as palavras não saíram, e, enquanto hesitava, ele inclinou a cabeça para o lado em um movimento tão familiar que apertou seu coração.

Os cantos da boca dele se retorceram.

E sua mochila caiu no chão.

Por toda a volta dela, a multidão gritou de aprovação. O som cruel de todas aquelas gargantas era como um furacão, e ela percebeu o que ele tinha feito.

– Não! – Ela pegou a mochila e tentou devolvê-la a ele, mas era tarde demais. Ele puxou a camisa por cima da cabeça.

A multidão se aproximou correndo para ver as marcas de queimadura em seu braço.

– Ele tem! Ele tem a contagem!

– Mas nós vamos ser pagos por *cada* morte? – perguntou Lavínia. A cicatriz em seu rosto se contorceu.

O Árbitro deu um suspiro.

– Sim.

– Parece que esta noite vamos ver duas mortes! – alguém gritou.

Conversas ansiosas se espalharam pelo público. Contas e cálculos.
Probabilidades. Moedas tilintaram nas palmas de suas mãos. Dinheiro por sangue.

– Cinco peschles no garoto novo!

– Vinte!

– Mais dez em Haku!

Sefia sacudiu a cabeça. O que ela tinha feito? O que permitira que ele fizesse?

Arqueiro lhe entregou sua camisa, que ela inutilmente tentou devolver. Ele não tinha se recuperado completamente da luta no *Corrente* – seus cortes ainda estavam cicatrizando, suas costelas ainda estavam enfaixadas. Ela tinha *prometido* a ele.

– Não! Não! Você não pode…

O salão de teto baixo ecoou com os gritos e o chacoalhar de moedas. Apostas feitas, dinheiro trocado, provocações e gritos de ganância.

Arqueiro soltou seu coldre e estava abrindo a fivela da bainha de sua espada quando o Árbitro o deteve.

– Para esta luta, deixamos que usem a arma de sua escolha – disse, então olhou para a pistola de Arqueiro. – Com exceção das armas de fogo.

Arqueiro encarou o Árbitro por um segundo antes de entregar a espada a Sefia. Ele ia lutar, não selvagemente, mas por vontade própria. Como ele mesmo e sob suas próprias condições.

Ele parou na beirada da arena. A multidão se apertou ao seu redor, assobiando, zombando, suas palavras dolorosas e secas como carvão.

Ela se atrapalhou com as roupas nos braços.

– Arqueiro. – Seus lábios quase tocaram o ouvido dele.

Ele olhou para ela. E em seus olhos ela viu como ele estava com medo. Seu medo era uma coisa escura e afiada em seu interior: o garoto no caixote, malnutrido e coberto de cicatrizes, uma criatura feroz que não podia se alimentar, se banhar nem se vestir sozinha, que não conhecia nada além do medo, da dor e da morte. O que ele tinha sido e que estava morrendo de medo de se tornar outra vez.

– Não faça isso – sussurrou ela. – Vamos encontrar outro meio.

Eles estavam tão próximos que ela podia contar as sardas em seu rosto. Ele piscou, seus cílios compridos se abaixaram, e ela pensou por um segundo que ele ia assentir. Ia concordar, e não faria aquilo. Ele tinha algum outro plano em mente.

Em vez disso, ele a puxou e a envolveu em seus braços, e sua pele estava quente sob o rosto dela, e pela primeira vez desde que deixara a casa na colina de frente para o mar, ela se sentiu *tranquila*… como se todos os fragmentos em ebulição em seu interior tivessem finalmente repousado ali, nos braços dele. Na imobilidade repentina, ela pôde ouvir a respiração dele se acelerar, seu coração bater mais forte, e entendeu sem palavras nem sinais que ele ia lutar – ia fazer isso por ela, não importava no que isso o transformasse – e nada que ela dissesse ou fizesse o faria mudar de ideia.

Vaias ergueram-se ao seu redor como chamas – as vozes crepitando e estalando – e Arqueiro a soltou. Ela levou um susto com o choque de seus corpos se afastando.

Ele lhe deu as costas…

Ela tentou segurá-lo, mas suas mãos agarraram inutilmente o ar.

– Não, espere! Não!

Ele saltou no interior da arena, levantando serragem e palha.

– Arqueiro!

Trovões. A multidão urrou. O som girou em torno dela como um vento louco, ensurdecedor.

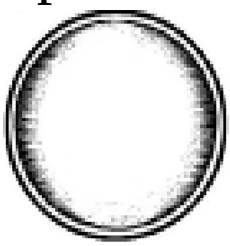
Lavínia se inclinou sobre ela, seu colar de dentes de baleia balançando diante do rosto de Sefia.

– Ele está ferido, não está, filhota? – A voz dela rastejava sob o barulho da multidão. Lavínia apontou para o garoto de cabelo escuro com a lança, olhando friamente por sua porta. – Gregor vai furá-lo.

Um travo azedo ergueu-se na garganta de Sefia. O outro garoto, Haku, sacudia sua porta e a golpeava com a espada. *Bang! Bang! Bang!* A multidão berrava por sangue, suas vozes e a batida de pés enchendo o salão com um tamborilar horrendo. Ela tentou respirar. *Não morra. Não morra. Não me deixe. Não morra.*

Arqueiro sacou o pedaço de quartzo do bolso e ficou imóvel, esfregando o polegar por suas laterais cintilantes, esperando a luta começar.

Capítulo 35



O custo da imortalidade

O capitão Reed reexaminou o pedaço de lona e tocou cada uma das letras com os dedos: REED. Em seguida, coçou o peito, acima do coração.

Ele já tinha visto palavras.

Elas tinham sido suas primeiras tatuagens, antes de qualquer uma que ele tivesse dado a si mesmo.

Por muito tempo elas nada significaram para ele exceto rapto: ser capturado e segurado no chão, sua incapacidade de lutar, o desamparo, a dor. Assim que teve chance, desenhou sobre elas suas próprias histórias, enterrando-as sob camadas de tinta para não ter de vê-las toda vez que olhasse no espelho. Mas, agora, embora tivesse encontrado alguém que decifrasse as marcas, ele nunca descobriria o que elas significavam. As palavras estavam perdidas nas profundezas de sua pele, obscurecidas por décadas de tinta.

Reed dobrou o tecido grosseiro e o enfiou outra vez no bolso.

– O senhor está pronto, capitão? – perguntou Marmalade. Seu rosto redondo parecia uma lua sob a luz fraca.

Ele assentiu.

– Este é o lugar?

A balsa diante deles tinha duas traves cruzadas acima da porta, assim como descrevera Dimarion quando eles firmaram a aliança entre o *Crux* e o *Corrente*.

Em algum lugar no interior, havia um velho badalo de bronze que pertencia ao sino do *Ouro do Deserto*, o navio que afundara com o rei Fieldspar em seu retorno do Tesouro Perdido. A próxima pista deles.

– Só espero que esteja em algum lugar exposto – disse Jules. – Fácil de

encontrar.

Marmalade concordou com a cabeça.

– Só me dê uma chance, capitão, e vou roubar isso para o senhor.

Ela estava sempre disposta, querendo agradar, e era rápida. Pernas rápidas, mãos rápidas. Tinha sido uma batedora de carteiras de primeira classe antes de se juntar à tripulação.

O capitão Reed sentiu a velha empolgação se agitar em seu interior, o aperto no estômago da antecipação nervosa de uma boa aventura.

Ele empurrou a porta.

As paredes estavam cobertas com bibelôs e quinquilharias, lembranças e bugigangas que escalavam as vigas até os cantos do teto, amontoadas em uma confusão caótica de objetos variados. Fitas de veludo negro, broches com pedras em forma de dragão, taças de metal amassadas, espadas enferrujadas, candelabros, retratos, botas, botões, sovelas, esculturas de ursos e orcas em alabastro, tesouras quebradas, facas com cabo de osso, o desenho esmaecido de uma mulher com capa de pele de urso.

Uma garçonete de vestido comprido com um tapa-olho sobre o olho direito se inclinou na direção deles.

– Bem-vindos ao Duas Barras. Quem temos o prazer de receber esta noite?

– Eu sou o capitão Reed. Essas são Jules e Marmalade. Elas são parte de minha tripulação.

– Claro que são. – A mulher piscou o olho bom para ele. – Eu sou Adeline. É bom vê-lo outra vez, capitão. Sente-se em qualquer lugar.

Reed olhou para Jules, que deu de ombros. Normalmente, as pessoas apertavam sua mão, pediam uma história ou riam descrentes quando ele se apresentava, mas aquela mulher era uma estranha, embora tivesse o mesmo nome de uma velha amiga, e o cumprimentou como se eles se conhecessem havia anos.

Na mesa maior, seis homens em andrajos riam e brindavam com mulheres mais velhas usando vestidos amarrotados e renda desbotada.

– À riqueza! – exclamou um dos homens, erguendo a caneca.

– À juventude! – riu a velha ao seu lado.

Reed, Jules e Marmalade se sentaram nos bancos do bar e viraram-se para observar o resto do ambiente. Baldes de madeira, lampiões e cordas pendiam do teto.

Jules deu de ombros.

– Lá se foi a esperança de achar alguma coisa fácil aqui.

Eles procuraram sinais do badalo nas paredes, mas embora encontrassem sinos de prata e fieiras de contas de vidro, pandeiros e ramos de flores secas, havia tanto lixo na taberna que achar uma coisa específica podia levar semanas. Isto é, se o *Beleza* já não o tivesse pegado. Reed praguejou em voz baixa.

– Ei, hã… capitão? Essa não é sua história?

Marmalade apontou para um reservado próximo, onde um homem comum com cabelo louro e fino e um espaço entre os dentes da frente estava entretendo seus companheiros de mesa com a história de Lady Delune.

– A mulher parecia completamente louca, gritando e agitando os braços, com as anáguas negras rasgadas e esvoaçando ao redor dos tornozelos enquanto corria por aquele seu casarão solitário. – Cuspe saiu voando através de seus lábios. – Eu quase não consegui pegá-la antes que ela corresse e pulasse pela sacada… não que a queda fosse matá-la. Ela tinha sobrevivido a coisas piores em seus muitos anos de vida…

Marmalade se inclinou para perto e sussurrou:

– Não foi assim que aconteceu, foi?

– Não. – Reed desenhou dois círculos interconectados no tampo do bar. Quando conheceu Lady Delune, ela estava sentada em seu jardim em ruínas, imóvel como uma pedra. Na verdade, em meio aos arbustos malcuidados e às folhas caídas, ele a havia confundido com uma estátua, coberta como estava por musgo e trepadeiras. Seu rosto era triste, seus olhos baços, e, apesar de todas as suas curvas perfeitas e traços simétricos, a única coisa nela que brilhava eram as pedras em seu colar. Eles tiveram uma longa conversa enquanto o sol se punha e as estrelas surgiam, todas salpicadas de branco no céu azul, e quando o amanhecer surgiu pálido e rosado no leste, ele tirou os diamantes dela, e com o mais leve tremor ela se dissolveu em uma pilha de poeira.

Ele desceu do banco. O homem estava contando tudo errado. A história dos Diamantes Amaldiçoados de Lady Delune era sobre o custo da imortalidade, não um ataque a uma mulher de duzentos anos.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Adeline chegou ao bar com suas canecas na mão.

– Boa história, hein? Às vezes, recebemos três ou quatro capitães Reeds em uma noite. Não sei lhe dizer quantas vezes eu ouvi essa lenda. Nunca é exatamente a mesma, é?

Reed empilhou oito zens de cobre sobre o bar.

– Ele está contando errado.

– Cale a boca! – Ela se inclinou para perto, de modo que ele pôde ver os

excessos em sua maquiagem. A verdadeira Adeline, a Senhora da Misericórdia e proprietária original de seu revólver lendário, não usava maquiagem e não seria vista de vestido nem morta. – Vocês não sabem? Por que vieram aqui se não sabem?

Marmalade virou sua bebida.

– Sabemos o quê?

Jules bebeu de sua própria caneca: por cima da armação dos óculos, seus olhos rápidos e observadores examinaram o local.

– Nenhum desses caras é *realmente* quem diz ser – sussurrou Adeline.

– Não diga.

Ela riu de novo e deu um tapinha brincalhão no ombro dele.

– Quer dizer, não conte a ninguém que eu disse isso… especialmente para Clarian, o dono daqui – Ela apontou para um homem flácido de meia-idade servindo bebidas atrás do balcão. – Mas a Duas Barras é uma taberna de *mentirosos*. As pessoas vêm aqui para contar a história de outra pessoa, fingir que é a sua própria, e ter quem acredite nelas. Ninguém contradiz ninguém. Essas são as regras.

Reed esfregou uma mancha no bar. Se você não gostava da própria vida, você a mudava. Fugia. Fazia alguma coisa espetacular. Não roubava a história de outra pessoa e fingia que era sua.

Em um reservado no canto, uma mulher de idade, afirmando ser Eduoar, o Rei Solitário, falava sem parar sobre as refeições suculentas, de dar água na boca, que eles serviam no castelo em Corabel.

Fingindo ser o Velho Eremita das montanhas szythianas na província de Shinjai, um homem desdentado elogiava os calçados exóticos de seus vizinhos e passava os dedos por suas fivelas e seus acabamentos.

Adeline sacou um par de pistolas imaginárias de coldres imaginários e fez uma pose, os dedos puxando gatilhos imaginários e a boca vermelha fazendo sons de *Pou! Pou! Pou!*.

Reed estremeceu. Era como se todas as coisas boas e verdadeiras que ele já tinha feito não importassem, e ele – quem era, o legado pelo qual tanto trabalhara – estivesse se dissolvendo, se dissipando a cada mentira que contavam.

– Senhora – ele disse. – Odeio lhe informar, mas…

– Capitão. – Jules virou com a caneca na mão, apontando dissimuladamente para a parede atrás do bar.

Ele engoliu seus insultos, sorriu e estendeu a mão para Adeline.

– Faz tanto tempo. Eu não a reconheci sob esta luz. É bom vê-la outra vez. Mande minhas lembranças para Isabella.

Rindo, ela apertou a mão dele e foi embora alegremente, a barra do vestido se arrastando sobre as tábuas do piso.

– No lado esquerdo – murmurou Jules sem erguer o rosto da caneca.

Atrás do bar havia um espelho e algumas prateleiras de vidro repletas de garrafas, e dos dois lados a parede estava coberta de instrumentos usados: couros de tambor e malhos forrados, violões sem cordas, flautas comuns e de pã e violinos. Mas a maioria eram sinos: grandes sinos de latão, velhos sinos de mão enferrujados, pequenos guizos em correntes de prata, e alguns gongos e carrilhões pendurados entre o resto. E ali, em um gancho, havia um velho badalo de latão, fosco e verde, com a gravação de um sol nascente acima de um deserto semioculto sob uma crosta de azinhavre.

A marca do *Ouro do Deserto*.

Tudo que alguém precisava fazer era ir até atrás do balcão e tirá-lo do gancho. Depois disso, dar apenas alguns passos até a porta. Ele olhou para Marmalade, que captou seu olhar e deu um aceno. Ela bebeu o resto de sua cerveja e sinalizou pedindo outra.

Clarian, o proprietário, começou a encher outra caneca com cerveja dourada enquanto falava com uma jovem bonita sentada no bar a sua frente.

– Que barulho que fazem?

Ela inclinou o rosto rosado e fechou os olhos.

– Bom – ela começou –, pareciam árvores, mas também mais do que árvores. Eu as conhecia tão bem que podia ouvir uma folha roçando na outra e saber qual delas estava falando comigo. Tínhamos longas conversas sobre nada além das folhas que farfalhavam e dos galhos barulhentos. Hoje em dia, sinto até falta de seus estalidos, da fuga repentina de esquilos correndo pela casca das árvores.

O homem olhava para ela com satisfação, o olhar fixo em seus lábios muito tempo depois de terminar de servir a bebida de Marmalade.

– Gosto de ir às montanhas – ele disse, por fim. – As florestas não são mágicas, mas ainda falam: os galhos se agitando no inverno e o murmúrio do vento. Gosto do estalar das folhas e dos pássaros batendo as asas.

Havia algo estranho no modo como ele reutilizava as palavras da mulher, mas, enquanto falava, ele pareceu se iluminar por dentro, como se sua pele e seu esqueleto não passassem de um abajur escondendo seu coração brilhante. Ele empurrou a bebida de Marmalade sobre o tampo de madeira desgastado, onde ela a pegou sem derramar uma gota.

Reed deixou mais quatro zens no bar.

– Você já ouviu aquela sobre o sino do *Ouro do Deserto*?

Quando Clarian o ignorou, Reed limpou a garganta. Só quando a moça dirigiu a atenção do homem em sua direção, ele se virou e fixou os brilhantes olhos azuis no capitão.

– Qual é essa? – perguntou.

– O sino do *Ouro do Deserto*.

– Não, nunca ouvi essa. – Enquanto falava, seu olhar não se afastou do rosto de Reed.

Pelo canto do olho, Reed viu Jules sacudir a cabeça. O homem não tinha olhado na direção do badalo. Ou ele não sabia a que sino ele pertencia ou era um mentiroso muito bom. Naquele lugar, as duas opções eram possíveis.

Reed prosseguiu, atento a qualquer vislumbre de reconhecimento no rosto pálido de Clarian.

– Eles contam essa história em Liccaro, ao pôr do sol no céu empoeirado. Quando o navio do rei Fieldspar afundou no meio da Baía Efígia, tudo a bordo, incluindo os marinheiros, os oficiais e o segredo de onde escondeu todos os seus belos tesouros, se perdeu com ele. Mas, segundo a lenda, alguns dias, se você sai na baía, ainda pode ouvir o badalar do sino do navio embaixo d’água. Um som lúgubre, como se todos os habitantes de Liccaro estivessem chorando pelo que aconteceu com seu reino. Gritando por justiça contra os regentes. Chorando pelo que perderam, pela pobreza, e pelos dias longos e quentes de vazio.

Clarian sorvia a descrição, seus olhos se regozijando avidamente com as palavras, acompanhando cada curva e fechar dos lábios de Reed com o mesmo fascínio de Sefia ao ler o livro, e foi então que o capitão entendeu: o homem era surdo. Seus clientes fingiam ser mais famosos ou mais importantes do que eram na realidade; Clarian fingia que podia ouvir. E naquele lugar, onde ninguém chamava atenção para isso nem o tratava de maneira diferente, talvez fosse outro tipo de história espetacular. Seus olhos aquosos bebiam a descrição do sino, como se ele pudesse realmente ouvir o badalar profundo e as vozes se lamentando na água.

– Desculpe-me – disse Reed. – Pelo que está prestes a acontecer aqui.

– O que você quer dizer com isso?

O homem de cabelo fino terminou sua história sobre Lady Delune agitando a língua e movendo os quadris.

Reed girou em seu banco e ficou de pé.

– Não foi assim que aconteceu!

As axilas do homem estavam manchadas de suor, e sua camisa estava encharcada onde ele se curvava sobre a barriga.

– É mesmo?

– Você acha que atacar uma mulher é algo do que se gabar? Se tivesse conhecido Lady Delune, saberia que ela é dez vezes mais bela do que a descreveu, e poderia facilmente esfregar o chão com uma criatura desprezível como você.

Ele captou o olhar de Marmalade e piscou. Ela virou toda sua bebida e roubou um copo de uísque de uma mesa próxima. Sua face estava rosada, seus olhos brilhavam. Ela estava pronta.

As outras pessoas na mesa do homem riram. Elas tentaram esconder isso cobrindo a boca com a mão, mas seu riso escapou através dos dedos e caiu retinindo sobre a mesa.

– Eu não entendo – riu Reed. – Por que mentem para si mesmos desse jeito? Vocês não são especiais. Vocês não vão ser lembrados. Por que preferem sentar aqui e inventar histórias quando podiam estar lá fora *fazendo* histórias?

Os outros o encararam. Estavam tensos, seus rostos erguidos, os olhos estreitados. Ao lado deles, Jules tomava sua bebida e revirava os olhos para seu falatório.

– Quem é você pra falar com a gente assim? – perguntou o homem de cabelo fino, levantando-se e indo na direção dele. – Você está aqui com o resto de nós.

Clarian saiu de trás do bar de braços cruzados e olhar duro.

A raiva deles se revirava como uma nuvem de tempestade. Reed podia senti-la roncando em seu interior, ameaçando explodir de seus punhos e dentes cerrados.

– Eu sou o capitão Cannek Reed – ele disse lentamente. Então afastou as dobras de seu casaco e revelou os revólveres em seus coldres: uma coronha de marfim, a outra negra. Houve uma expressão coletiva de surpresa.

– Escutem – prosseguiu. – Nós trabalhamos duro por nossas histórias. Elas são o que deixamos para trás quando morremos. Não são feitas para serem distorcidas por alguns vermes num bar em um beco escondido. Então, vão embora. Saiam daqui. Vão fazer alguma coisa digna de se contar, em vez de roubar de pessoas como eu.

Ele se virou, e o Reed impostor saltou sobre ele e o acertou direto no queixo.

O verdadeiro capitão ergueu o rosto e sorriu.

– Isso mesmo. Venha!

O local entrou em erupção. Marmalade chutou a cadeira de um dos mendigos

à mesa grande e o homem caiu. Reed riu. Alguém o acertou na cabeça com uma caneca. Vidro e cerveja se derramaram ao seu redor. Jules estava trocando socos com o eremita impostor. Ele riu outra vez. Uma briga! Só precisava mantê-los ocupados. Brigando com ele. Brigando uns com os outros. Toda a taberna era uma confusão de sangue e xingamentos, cadeiras quebradas, punhos e rostos. Clarian lhe deu um soco na barriga. Ele se dobrou ao meio, respirando com dificuldade e rindo ao mesmo tempo. A mulher que fingia ser o Rei Solitário deu um tapa na cara do proprietário quando ele se virou.

Pelo canto do olho, Reed viu Marmalade arrancar o badalo da parede, enfiá-lo no casaco e correr na direção da porta. Era tão pequena e rápida que ninguém a notou na confusão.

Reed deu um assovio penetrante.

– Capitão? – veio a voz de Jules do outro lado do aposento.

– Vamos dar o fora daqui!

Em um instante ela estava ao seu lado, sorrindo, com um hematoma ficando vermelho e roxo em seu rosto. Ele jogou uma bolsa de moedas atrás do balcão e eles partiram, trocando mais alguns socos no caminho e saindo pela porta para a noite.

No interior da taberna, a briga continuou. Vidro se estilhaçava. Mesas se quebravam, pessoas gritavam e aplaudiam. Seu riso selvagem emanava pelas janelas espatifadas e condensava no ar frio.

Algumas docas adiante, Marmalade estava esperando por eles, empoleirada na amurada de uma casa flutuante e balançando as pernas sobre a água. Quando se aproximaram, ela se ergueu de um pulo e brandiu o badalo como uma varinha mágica.

– Ta-dã!

Jules lhe deu um tapinha caloroso no ombro.

– Dedos rápidos, Marmalade. Eu não tinha certeza se você conseguiria, depois de tudo que bebeu.

A garota deu um sorriso travesso.

– O capitão estava pagando. Não consegui resistir. Ela entregou o badalo a Reed, que traçou a gravação do sol nascente com a unha. Segundo a lenda, se eles estivessem perto o suficiente, qualquer som que o badalo fizesse ecoaria no sino, ainda perdido na Baía Efígia com o *Ouro do Deserto*. Ele o bateu com força em uma estaca de madeira. Lascas voaram, mas o badalo emitiu um som vibrante e abafado.

Jules o tocou com a ponta do dedo, absorvendo o som na pele.

– Esse é o badalo certo?

– Deve ser. – Ele o enfiou no interior da jaqueta.

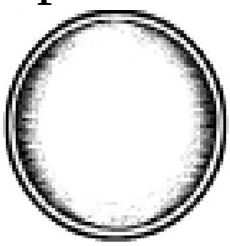
Eles saíram andando pela doca, de volta para o *Corrente*. Marmalade ria baixinho de vez em quando.

– Vocês viram a cara deles quando o capitão começou a gritar sobre as histórias?

Reed sorriu. Ele podia sentir o cheiro do mar, escutá-lo bater contra as docas e as costas distantes, chamando-o para águas mais selvagens, para monstros maiores, para histórias a serem ainda conquistadas. Ele riu.

– Acho que agora eles têm alguma coisa sobre o que falar.

Capítulo 36



Matar ou morrer

Sefia estava parada na beirada da arena de pedra, ainda abalada pela sensação dos braços de Arqueiro em seus braços, peito contra peito. Seu coração batia loucamente dentro dela como um pássaro aprisionado – penas voando, asas quebrando contra as barras –, mas no interior do ringue Arqueiro estava imóvel, como costumava ficar. Esperando. Preparado.

Os urros do público subiram até o teto – um trovão terrível de gritos, bater de pés e risos alucinados –, então desabaram sobre o salão como uma enchente. Homens e mulheres agitavam-se em torno dela, quentes e suados e uivando como animais. A sede de sangue estava nítida em seus olhos e dentes. As portas dos corredores se abriram. Os lutadores estavam soltos.

Arqueiro e o garoto com a lança alcançaram um ao outro primeiro. Como jaguares em combate em meio à vegetação rasteira, com dentes, músculos e garras afiadas como navalhas, eles lutaram. Punhos, a ponta cintilante da lâmina, nuvens de poeira se erguendo sob seus pés. Eles eram tão rápidos que Sefia só conseguia captar vislumbres da luta: Arqueiro agarrando o cabo da lança; o outro garoto, Gregor, esparramado no chão, nuvens de serragem se erguendo dele.

O terceiro garoto, Haku, atacou com a espada, mas Arqueiro agora estava com a lança. Os sons de metal atingindo madeira ricochetearam nas paredes de pedra. Lascas do cabo da lança foram cortadas pela espada.

Arqueiro acertou um golpe atrás do outro, quebrando ossos, deixando marcas. Gregor se levantou cambaleante e se juntou aos ataques de Haku, mas os movimentos de Arqueiro pareciam não exigir esforço, belos e terríveis em sua eficiência. Era como se ele pudesse ver cada esquiva, finta e defesa como se

fossem fios individuais na tapeçaria violenta da luta, e pudesse torcê-los, tecê-los e cortá-los de acordo com a sua vontade.

Sefia estava ao mesmo tempo enfeitiçada e horrorizada, porque ele fazia com que parecesse *fácil*.

Como se tivesse nascido fazendo aquilo.

Como se tivesse nascido *para* fazer aquilo.

Arqueiro golpeou com a lança. Ela zuniu pelo ar, um ruído que foi interrompido abruptamente quando o cabo de madeira atingiu com força o pescoço de Haku.

Não houve sangue. A lâmina não havia acertado.

Não, Arqueiro o havia poupado.

Haku desabou, gemendo.

Em meio aos urros da multidão, Lavínia murmurou:

– Essa foi uma oportunidade perfeita. Por que seu garoto não o matou?

Sefia apertou as mãos sobre os ouvidos.

Gregor pegou a espada caída de Haku e atacou Arqueiro. A lança se partiu em duas, arremessando uma chuva de lascas sobre o chão. Arqueiro levou um corte. O público soltou vivas. Sangue emplastrou seu cabelo e escorreu por sua face, vermelho vivo. Gregor agitou a lâmina de um lado para outro, testando seu peso.

Então Arqueiro atacou – seus movimentos eram um borrão, as extremidades quebradas da lança atingiram os braços compridos de Gregor, seus ombros, pernas e cabeça em um ritmo entrecortado de golpes, arranhões e pele rasgando. *Crác!* Arqueiro esmigalhou os ossos da mão do garoto.

A espada caiu.

O público gritou.

Outro golpe. Gregor perdeu o equilíbrio e caiu de costas no chão.

A ponta da lança parou logo acima de sua garganta.

Levara menos de dois minutos para Arqueiro deixar um garoto inconsciente e prender o outro no chão. Ele não estava sequer respirando com dificuldade.

A multidão gritava enlouquecida, a sede de sangue pulsando em suas gargantas e olhos enquanto pediam avidamente a matança.

Gregor aninhou a mão arruinada junto ao peito e olhou para Arqueiro debaixo de sua cabeleira ensanguentada. No chão, o garoto não parecia com medo. Ele parecia… pronto.

Ao redor de Sefia, homens e mulheres gritavam, veias saltando em seus pescoços e testas, olhos arregalados. Ela tentou bloquear o som, mas seus gritos inarticulados a engolfaram, correndo por baixo de sua pele.

Arqueiro sopesou a lança. Os gritos do público passaram através dele. Trovão em seu sangue. E, de repente, ele não se parecia mais com Arqueiro. Ele parecia o garoto no caixote. Um animal com olhos injetados. Um assassino. O cheiro de poeira, pedra e suor se intensificou.

A multidão ficou ainda mais entusiástica. Estavam famintos por aquilo. Tinha de haver uma morte.

Sefia o observava, querendo que a olhasse. Ela piscou e o salão explodiu numa fina poeira dourada, girando e brilhando, e no centro estavam Arqueiro, a lança e o garoto – todas as linhas de suas vidas culminando nesse momento: matar ou morrer. Uma escolha da qual não se podia voltar atrás. Sefia estava com medo de respirar, com medo de perturbar aquelas correntes cintilantes, mas observava e torcia. *Isso, não. Você não quer fazer isso. Você não quer* ser *isso. Olhe para cima. Por favor, olhe para cima.*

Então ele fez isso. Seus olhos tinham perdido aquela expressão selvagem. Ele se tornou Arqueiro outra vez.

Deixou o braço cair, e se afastou.

A plateia urrou. Consternação. Revolta. Sefia foi empurrada. Gritavam com ela – mãos tentando segurá-la, palavras agredindo-a. Então o tom das vozes mudou. Eles estavam excitados, ávidos outra vez.

Gregor saltara de pé e pegara a espada. Ela estava apertada em sua mão boa. Ele partiu para cima de Arqueiro com uma expressão selvagem, os dentes expostos.

– Arqueiro! – A palavra escapou dela.

Ao som de sua voz, ele girou e saiu do caminho – tarde demais. A espada lhe fez um talho no lado do corpo. Ele não vacilou; foi como se ele sequer tivesse sentido. Atacou Gregor com a lança quebrada; uma chuva de golpes que acertaram seu tronco, suas rótulas, os nós dos seus dedos que sangravam. Arqueiro era rápido demais. O garoto não conseguia bloquear todos os seus ataques. Eles o espancaram. Eles o quebraram.

Finalmente, Arqueiro o atingiu no rosto. Gregor caiu e não se levantou de novo.

Ao lado dele, Haku se mexia e gemia, mas não conseguia se erguer.

Os dois estavam vivos.

Arqueiro jogou os pedaços da lança quebrada do outro lado do ringue e subiu pela porta do corredor mais próximo. Quando surgiu de dentro da arena, parecia que estava saindo de um poço no qual estivera perdido por muito tempo, e agora todas as partes de si mesmo que mais odiava e temia estavam jorrando como

água.

Sefia tentou correr até ele, mas uma mão fria agarrou seu pulso, impedindo-a.

– Não tão rápido, filhota. – O colar de dentes de baleia balançava à frente dela como um pêndulo. Lavínia a segurou com força. – É preciso que haja uma morte.

A multidão urrava.

A mão de Sefia se dirigiu ao cinto, mas a varinha havia caído. Ela estava no chão perto da mochila de Arqueiro.

– Nós não ganhamos nada se não houver uma morte!

– Ele tem que matar! Senão, não vai para Serakeen!

Arqueiro cerrou os punhos, mas ninguém ousava se aproximar do garoto.

– O que diz o Árbitro? – alguém perguntou.

Sefia se contorceu, tentando soltar o pulso, mas as unhas de Lavínia se cravaram em sua pele.

O Árbitro deu um suspiro.

– Há sempre uma morte.

Ela se soltou de Lavínia, mergulhou na direção das armas de Arqueiro e as atirou para ele. Ele pegou o cabo da espada em pleno ar. A bainha deslizou e saiu, a lâmina brilhou. As pessoas ficaram imóveis. Todos os olhos foram atraídos para ele. Sefia pegou a varinha do imediato.

– Deve haver uma morte – repetiu o Árbitro, pálido, enquanto se apoiava na vassoura. – É assim que funciona.

Mas Arqueiro já não estava ouvindo o que ele dizia. Avançou pelo público, que se abriu para ele como grama murchando diante do fogo. Não fizeram nenhum movimento para detê-lo conforme ele pendurava suas coisas no ombro.

Quando terminou, ele olhou seriamente para o Árbitro, esperando. Sangue escorria sobre seu olho esquerdo e pelo queixo, mas naquele momento sua predisposição à violência era apenas parte do que o tornava tão formidável. A violência fizera com que os outros o notassem, mas agora sua própria presença lhe dava controle do local. Ele parecia arder como se tivesse engolido o sol, que agora brilhava através de seus olhos e dentes. Para Sefia, ele nunca parecera tão alto.

O Árbitro esmoreceu sob o olhar de Arqueiro. Os músculos de sua mandíbula se retorceram.

Então ele assentiu. Sefia não ficou surpresa.

– Não posso lhe pagar se não houver uma morte – ele disse.

– Nós não queremos seu dinheiro. Só nos diga aonde ir em seguida. Como

encontrar… – A palavra seguinte deixou um gosto ruim em sua língua. – Serakeen.

Os olhos dele se dirigiram nervosamente na direção de Arqueiro.

– No fim do túnel.

O salão explodiu em objeções. Vozes se elevaram. Houve ameaças de violência. Lavínia sacou sua pistola, uma coisa de aspecto maligno com uma coronha esculpida.

Goj, o impressor de Everica, tirou o chapéu azul e o agitou com raiva diante do rosto do Árbitro.

– O que lhe dá o direito…

Mas a voz dura do Árbitro ecoou nas paredes de pedra.

– Façam o que digo ou Serakeen vai saber.

Invocar o Flagelo do Leste os silenciou e, por um momento, todos olharam ao redor desconfortavelmente, como se algo mau e sombrio fosse sair das fendas nas pedras. Então Lavínia cuspiu para o lado, e com alguns resmungos de insatisfação, os jogadores começaram a desfazer as apostas, devolvendo bolsas de moeda, contando mai de ouro e angs de prata na palma das mãos.

– O porteiro vai estar a sua espera – disse o Árbitro.

Um porteiro. Ele poderia lhes dizer onde estava Serakeen, se tinha visto Nin.

Sefia e Arqueiro contornaram a arena e se dirigiram ao túnel, onde ela pegou um lampião da parede. Eles saíram andando enquanto Arqueiro vestia suas roupas, deixando para trás o cheiro de sangue e os gemidos dos feridos.

Quando o barulho e o cheiro do ringue diminuíram, Sefia pôs a lanterna no chão e jogou os braços em torno de Arqueiro. Ele cambaleou de leve com o impacto, mas então a abraçou de volta.

– Obrigada – disse, o rosto encostado em sua camisa.

Ele acariciou seu cabelo, apenas uma vez, e repousou a mão em seu ombro.

– Eu estava com medo de que você… – A voz dela sumiu. O coração dele tamborilava sob o rosto dela, e ela se lembrou do calor de sua pele, das cordilheiras elevadas de suas cicatrizes tocando seu queixo e o canto da boca. – Mas você não fez isso. – Ela o apertou mais uma vez e o soltou.

Ele assentiu com a cabeça, tocando a ponta da cicatriz. Os garotos eram como ele.

– Só vai ficar mais perigoso a partir daqui. – Ela passou os dedos pela varinha do imediato. – Devemos chamá-los? Eles disseram que iam nos ajudar. – *E talvez precisemos de ajuda*, pensou ela, fechando a cara.

Ele sacudiu a cabeça e cruzou os dedos.

– Você tem razão. – Sefia guardou a varinha. – Somos nós que temos de fazer isso. Vamos tentar encontrar o lugar, e então, se precisarmos de ajuda, pedimos.

O túnel parecia se estender por quilômetros. Enquanto caminhavam, ela os imaginou passando por baixo dos sapateiros, dos padeiros, dos ferreiros em suas forjas com as paredes manchadas de preto. Sentiu como se ela e Arqueiro tivessem desaparecido sob o mundo – as pessoas, seus conflitos, lares, empregos e ruas – e, por um momento, conseguido escapar das próprias vidas, de Serakeen, de pais mortos, de livros e violência, e que, quando ressurgissem na superfície,
pareceriam ter se materializado do nada, sem passado nem direção.

Mas quando subiram um lance largo de escada e encontraram uma porta marcada com , Sefia entendeu que levavam o passado consigo e que, a cada dia, ficavam mais pesados.

Arqueiro pegou a mão dela.

Quando ela empurrou a porta, eles saíram em um pequeno cais atulhado de barris quebrados e caixotes vazios. A leste, os sons baixos da atividade noturna erguiam-se de Porto Central, mas ali, na periferia da cidade, a noite estava suave e azul, e as lanternas dos barcos brilhavam como vaga-lumes âmbar na água negra. Do outro lado do Estreito Callidiano, a silhueta de Corabel era uma mancha, cintilando com lampiões.

Sefia levou um susto quando alguém se moveu na doca. Envolto em um sobretudo comprido de lona encerada, o homem estava sentado em um dos pilares como uma enorme ave negra. Ele não disse nada, mas subiu no barco e os convidou a bordo.

– Você é o porteiro? – sussurrou Sefia.

O homem confirmou com um aceno. Os vales de seu rosto oscilaram sob a luz da noite, e ela sentiu uma vontade súbita de pôr a mão em seu braço, para tranquilizar os dois, talvez, de que ele era real e sólido e não ia se desfazer quando ela o tocasse.

– Serakeen está aqui, em Jahara? – ela perguntou.

O porteiro apontou para o outro lado da água, na direção do continente. Na direção de Corabel.

O Flagelo do Leste tinha deixado seu território em torno de Liccaro por aquilo? Podia ser a última chance deles de encontrá-lo antes da luta seguinte na Jaula.

– Onde em Corabel? Podemos encontrar Serakeen sozinhos. Só nos diga onde

ele está.

O porteiro não disse nada, apenas gesticulou para o barco.

Arqueiro tocou o rosto com quatro dedos. Queria que ela lesse o porteiro, como tinha feito com o balconista do bar em Epidram.

Sefia respirou fundo e procurou uma marca que lhe permitisse focalizar a Visão – as cicatrizes em torno da boca dele. Ela piscou.

As correntes de luz se derramaram sobre ela, e então ela percebeu que o porteiro *não podia* falar. Ele não tinha escolha: não tinha língua. Ela tinha sido cortada muito tempo atrás, há uma vida inteira, aparentemente. Ele tinha até esquecido como gemer.

Antes, ele fora um impressor de Liccaro. Chegara à Jaula, onde tentara subornar o Árbitro. O Árbitro o mandara para Serakeen, que removera sua língua.

Agora ele era um porteiro sem nome, que vinha quando era chamado e fazia a única coisa que lhe pediam: levar candidatos de Jahara para Corabel. Sem fazer perguntas nem dar respostas.

Talvez ele merecesse aquilo, pelo que fizera quando era impressor. Sefia não sabia.

Ela piscou de novo.

– Desculpe.

Mas ela era a única entre eles que podia falar, e o porteiro ficou em silêncio. Não ia conseguir respostas desse jeito.

Entrando no barco com agilidade, ela se sentou no centro com a mochila entre os joelhos.

– Ele vai nos levar à Baía de Corabel – ela disse. – Há um armazém. Ele leva todo mundo para lá.

Se o porteiro ficou surpreso, não deu nenhum sinal.

Arqueiro sentou-se em frente a ela, de onde podia observar o porteiro, embora não houvesse nada de ameaçador no homem. Ele pendurou o lampião – apenas uma silhueta contra o céu estrelado – e soltou as velas.

Enquanto deixavam Jahara, Sefia limpou e enfaixou os ferimentos de Arqueiro com suprimentos das mochilas deles. Ela esfregou o lado de seu rosto com um pano molhado, limpando o sangue com delicadeza.

Quando terminou, deixou que as mãos permanecessem sobre o rosto dele. Queria traçar as curvas de suas sobrancelhas com os polegares, levar os lábios ao canto macio e sardento de sua pálpebra. Uma onda de calor tomou seu rosto, e ela se encolheu em seu assento, ocupando-se em guardar o cantil e o trapo sujo.

– Vamos encontrar as pessoas que fizeram isso com você. Com eles. Com todos nós. – Ela não disse o que eles iam fazer depois disso. Aprender para que servia o livro. Resgatar Nin… e depois…

Ela não sabia. A única coisa que sabia era que, o que quer que tivesse se proposto a fazer um ano atrás, as coisas tinham mudado. *Ela* tinha mudado. Ela não ia tirar mais uma vida. Ia encontrar outro jeito.

Eles atravessaram em silêncio o Estreito Callidiano, acompanhados apenas pelos sons da água batendo contra o barco. O céu arroxeado acima de Jahara começou a esmaecer, substituído pela visão de Corabel à noite.

Três faróis em espiral tomaram forma ao longo da costa rochosa, alertando marinheiros para se afastar dos penhascos traiçoeiros e das contracorrentes rápidas da costa de Deliene. Eram torres enormes encimadas por salões de vidro e espelho, mandando fachos de luz através das águas escuras, guiando navios para o interior da mansa baía da capital sobre a colina.

Sete anos tinham se passado desde que ela deixara Deliene, observando as montanhas cobertas de neve desaparecerem da popa de um velho navio mercante. Ela tinha chorado, as lágrimas geladas em seu rosto, o nariz vermelho de frio. Nin estivera atrás dela e envolvera a capa de pele de urso em torno das duas.

– Será que algum dia vamos pra casa, tia Nin? – ela perguntara.

A mulher apertara seus ombros.

– Não tem volta, menina. Não para nós.

Sefia tinha segurado o choro.

– Seu lar é você quem faz. – Nin dera de ombros. – Pode ser um navio. Pode ser o que você leva por aí nas costas todo dia. Pode ser sua família. Ou talvez apenas uma pessoa que você ame mais do que qualquer outra. Isso é lar.

O porteiro levou Sefia e Arqueiro a um cais afastado no arco oeste da baía, no interior do braço longo e comprido do penhasco. Lampiões piscavam no centro do porto, onde uma estrada subia o morro até a cidade, mas ali havia apenas sombra e a luz das estrelas.

Em silêncio, ele os conduziu ao redor da baía até um depósito enorme escavado nos penhascos de pedra.

– Obrigada – disse Sefia. – Nós assumimos daqui.

Mas ele apenas sacudiu a cabeça e abriu a porta. Sefia e Arqueiro ficaram tensos, preparados para correr, mas nada se mexeu no interior. Com exceção de pilhas de caixotes e rolos gigantes de corda, o lugar estava vazio, cavernoso e ecoante. Cautelosamente, eles entraram atrás do porteiro.

Na extremidade oposta, ele passou as mãos pela parede, e um painel de pedras deslizou para o lado – uma porta oculta com uma fechadura sensível à pressão. Sefia se lembrou de seu velho quarto, de muito tempo atrás.

Ela olhou o armazém de cima a baixo.

– Tem outra entrada?

O porteiro estendeu a mão para o interior da abertura, onde encontrou uma tocha nas sombras e a acendeu, iluminando um túnel de pedra seca.

À luz, Sefia pôde ver que ele tinha o tipo de rosto que você veria em seu padeiro, seu alfaiate, no homem que varria as ruas à noite, em seu pai ou seu tio.

Ele se virou abruptamente, puxando o capuz negro sobre a cabeça, então entrou no túnel e esperou por eles.

Arqueiro caminhava junto da parede do armazém, à procura de outra entrada. Sefia se esgueirou para o escritório do supervisor e passou as mãos sobre o chão, à procura de emendas.

Mesmo assim, o porteiro ficou esperando.

Finalmente, Arqueiro voltou, as mãos espalmadas para cima para mostrar que não tinha encontrado nada.

– Essa não pode ser a única porta – ela disse ao porteiro. – Você já viu outra entrada?

Ele sacudiu a cabeça. Aquele era o único caminho por onde entrava e o único caminho por onde saía. Mas ela já sabia disso por sua Visão. Apenas ousou ter esperança.

– Vamos voltar de manhã. Pelo menos podemos vigiar este lugar.

Arqueiro tocou seu cotovelo.

– É perigoso demais. Não sabemos o que há lá embaixo.

Ele sacudiu a cabeça. Eles sabiam exatamente o que havia lá embaixo. A pessoa que tinham passado aquelas longas semanas procurando. Logo depois da porta.

Sefia engoliu em seco. Era para isso que ela tinha vindo. Eles só iam entrar até onde precisassem, até descobrirem outra saída. Então voltariam para planejar.

Com Arqueiro às suas costas, ela entrou no túnel.

O porteiro fechou a porta atrás deles e os conduziu pelo corredor. Os únicos sons eram a respiração deles, o farfalhar de seus movimentos pelo piso e o crepitar do fogo.

Por fim, chegaram a um entroncamento. O túnel se bifurcava para dois lados, desaparecendo na escuridão, mas diante deles havia uma porta de metal. Ela emitia um brilho baço à luz da tocha, e era dominada por um círculo grande

inscrito com quatro linhas, três curvas e uma reta:



Estava apontado na direção errada, mas era inconfundível. Sefia levou a ponta dos dedos ao metal.

– Serakeen? – ela perguntou.

O porteiro olhou furtivamente para a esquerda, e das sombras veio um suave:

– Logo atrás da porta, querida.

Sefia levou um susto. Um guarda deu um passo à frente, de braços cruzados. Ele se apoiou despreocupadamente na parede, como se esperasse pelas vítimas de Serakeen toda noite. Seu olhar a percorreu.

– Você está aqui para garantir que entremos? – indagou.

– Estou aqui pra garantir que não saiam espiando por aí – ele respondeu. – Vocês são livres para partir. Mas disseram pra gente que não fariam isso.

– A gente? – repetiu ela enquanto Arqueiro se movia às suas costas.

Um segundo guarda.

Ela olhou para o porteiro.

– Você podia ter nos avisado.

Os guardas riram quando ele abriu a boca e lhe mostrou a carne marcada por cicatrizes onde antes ficava sua língua.

Mais cedo, ela tivera pena dele. Não estava com pena agora.

– Você devia ter encontrado um jeito – repreendeu.

Ele fez uma reverência com a cabeça e se retirou. O brilho polido de seu casaco encerado foi desaparecendo pelo túnel até ser engolido pelas sombras.

Arqueiro a estava observando. Seus olhos pareciam mais dourados que o normal, quase em chamas.

– Bom, agora eles sabem que estamos aqui – disse Sefia. Ela olhou para os guardas, que riram com malícia. – Você está pronto?

Arqueiro confirmou com a cabeça.

Eles se viraram para a porta, para o símbolo que estiveram caçando, e para o que havia por trás dele.

Águas vermelhas

Antes do Duas Barras, antes de Sefia e Arqueiro, antes da busca pelo Tesouro Perdido do Rei, o capitão Reed e o Corrente da Fé fizeram uma jornada à Borda Oeste do mundo. Eles passaram pelo rasgo no céu que condenara Cat e sua tripulação, mas o vento amainara logo depois. O navio patinhava. As velas pendiam das vergas como cortinas manchadas. Só o capitão Reed os fazia avançar, encontrando correntes morosas na água parada, mantendo o curso apesar da luz cegante e do calor calcinante do oeste.

O sol tinha eclipsado quase metade do céu, ofuscando toda a sua cor. Reed esfregou a fronte seca. O calor o oprimia e o torcia, embora não restasse nada nele para suar.

Ele tinha passado a noite inteira andando pelo compartimento de carga, tocando cada um dos barris e caixotes, um depois do outro. Subindo e descendo pelas passagens. Fazendo a volta nos estoques cada vez menores. Um, dois, três, quatro... contando-os repetidas vezes, como se isso fosse repor os barris de água vazios e as peças magras de carne salgada.

Mas, pela manhã, nada havia mudado. A tripulação recebeu uma refeição parca de uma bolacha, uma fatia de carne seca e um copo de água. Poucos tinham sequer energia para reclamar. Seus corpos estavam se consumindo lentamente, murchando até ficarem enrugados e secos como passas, a pele esticada sobre os tendões e os ossos.

O capitão Reed se apoiou no gurupés, esforçando-se para ficar de pé. Passara horas ali, traçando círculos interligados nos ramos da figura de proa, mas, por

mais cálculos que fizesse, o resultado era o mesmo: eles tinham provisões exatamente suficientes — se os ratos não as pegassem e a navegação fosse tranquila — para uma viagem de volta. Se voltassem hoje, poderiam sobreviver.

O sol estava mergulhando no mar, acendendo-o como um lampião. Eles estavam perto. Mas quanto? A luz era algo sutil e cambiante. Eles podiam passar além da Borda do Mundo hoje, ou amanhã, ou na semana seguinte.

Ou nunca.

Talvez o oceano continuasse para sempre, e não houvesse nada para ele encontrar por lá. Nada além de água vazia e infinita.

Ao lado dele, Meeks apertava os olhos para ver ao longe, à procura de sinais de mudança nos mares. Sombras bocejavam no fundo de seus olhos. Todos tinham começado a ficar parecidos — esqueletos ambulantes usando máscaras horrendas, como a capitã Cat e o último marinheiro do Sete Sinos.

Reed esfregou os olhos doloridos.

— Por que você me seguiu até aqui, Meeks?

O contramestre fez uma careta.

— Você se lembra do que Cat disse, antes de morrer?

Ele se lembrava. Aquelas sete palavras não paravam de voltar para ele, circulando ao seu redor à noite.

— Quem vai se lembrar da sua tripulação? — ele repetiu.

— Ela estava certa, não estava? Todas essas coisas que estamos fazendo, todas as aventuras em que estivemos... mais cedo ou mais tarde, as pessoas vão se esquecer que fomos nós. Não você, você é o capitão. Mas a tripulação? Uma hora, eles vão se esquecer de

mencionar nossos nomes. Vão se esquecer inclusive de que estivemos aqui.

— Então por que...

— Porque você não vai. — Meeks abriu um sorriso para ele, afastando os lábios rachados. — Eu vi você entrar naquele fogo na ilha flutuante. Vi você abrir mão de rações para que a tripulação pudesse ter mais. Alguns homens, sabendo quando vão morrer, poderiam correr menos riscos. Mas não você. Saber que não vai morrer faz você lutar mais ainda para proteger aqueles que podem.

Reed pôs a mão no ombro estreito do contramestre e apertou. Talvez ele pudesse finalmente fazer o que a capitã Cat queria: salvar a tripulação — todos eles, não apenas seus corpos, mas suas mentes também, de modo que, quando deixassem aquele lugar, ele não ficaria marcado em suas lembranças do mesmo modo que as experiências da capitã Cat tinham ficado nas dela. Eles podiam se ver livres daquela maldita luz infinita, e nunca mais teriam de pensar naquilo outra vez.

As palavras se agitaram profundamente nas trincheiras de seu coração: Nós vamos para casa. Elas se ergueram, atravessando-o
em torvelinho como fumaça, subiram pela sua garganta e pararam ali, atrás do portão de seus dentes. Nós vamos para casa.

Palavras que significavam derrota. E fracasso.

E sobrevivência.

— Capitão... — Meeks levou os punhos aos olhos e exibiu os dentes.

Reed olhou no rosto enrugado do contramestre e praguejou:

— A doutora nos alertou sobre isso.

Distorções. Pontos cegos. Dor.

Meeks tentou piscar, mas não conseguia mais abrir os olhos.

— Desculpe, capitão. Eu queria ajudar.

— Vamos levá-lo à doutora. — O capitão Reed tomou o contramestre pela mão e começou a conduzi-lo na direção da escotilha principal.

O que mais seria tirado deles, antes do fim? Se houvesse um fim. A extensão reluzente de água se espalhava infinitamente por toda a sua volta, se misturando ao brilho branco do sol.

Uma explosão abafada, como pólvora, atingiu o gurupés. Reed se virou. Pedaços do sol estavam se rasgando e flutuando na direção deles, deixando longas trilhas de luz. Onde quer que acertassem, eles fervilhavam e explodiam como nuvens de poeira, salpicando o casco com partículas de luz.

O Corrente estava adentrando o sol poente.

Gritos de alarme se ergueram da tripulação.

— Isso não está certo! — gritou alguém. — Nós não vamos mais longe!

Meeks virou a cabeça bruscamente na direção da voz. Suas mãos procuraram suas armas.

— Camey, aquele filho da...

Um sopro de luz percorreu o pescoço e o rosto de Reed.

A sensação era quase nada, ainda mais leve e menos substancial que um floco de neve. Ele passou a mão pela gola da camisa, mas a luz já havia desaparecido.

Eles tinham conseguido. Ele teria gritado isso, se não estivesse tão rouco.

Ele empurrou Meeks para trás do mastro de proa.

— Fique aqui até eu avisar. Não vou perder você.

— Mas capitão...

— Faça isso. — Sem esperar resposta, ele saiu cambaleante pelo convés, sacando a Senhora da Misericórdia. Estava tão fraco que as tábuas do chão pareciam deslizar sob seus pés.

— Alguém viu Aly? — Cuca perguntou pela camareira, enfiando a cabeça para fora da cozinha. Reed passou cambaleando por ele e parou no canto da escotilha principal.

Depois do mastro principal, Airoso se agarrava ao timão, onde Greta o segurava pelo pescoço com uma mão forte.

A outra apertava o cano de um revólver contra a sua cabeça. Camey estava parado ao lado deles, com o nariz adunco e olhos vermelhos, e armas apontadas para o imediato, que estava parado na porta da cabine principal.

— Isso é o bastante, capitão. — Camey apontou a cabeça para a Senhora da Misericórdia. — E largue isso.

Para enfatizar a mensagem, Greta apertou o revólver contra Airoso. O timoneiro tossiu e tentou cuspir para o lado, mas não saiu nada.

O cabelo de Greta tinha começado a cair, deixando áreas escamosas de pele visíveis entre os fios negros. Ela e Camey não haviam emitido uma reclamação, nem em forma de piada, em semanas. Reed devia ter percebido. Mas estivera tão concentrado em chegar à Borda do Mundo que não notou. Ou não tinha ligado.

Agora ela ameaçava Airoso, embora não estivesse muito firme sobre os pés, um pouco desconfiada dos

próprios membros. Reed podia sacar mais rápido do que Camey; talvez até conseguisse matá-lo antes que ele disparasse. Mas não se isso lhe custasse sua tripulação.

O capitão soltou a Senhora da Misericórdia. O revólver de prata caiu no convés enquanto Cavalo e a doutora saíam da escotilha principal.

O quarto de bombordo saiu aos tropeções do abrigo do castelo de popa, piscando com a claridade.

Jules veio na direção deles.

— Camey, o que...

Ele atirou a seus pés. Lascas de madeira voaram do convés. O imediato se encolheu.

— Agora — disse Camey. — Solte o cinto do revólver e se livre dele também.

O cano do revólver de Camey olhava fixamente para Reed. Lembrando-se do javali na ilha flutuante — que levara um tiro bem entre os olhos — ele obedeceu, desafivelando os coldres e os deixando cair — com o Executor e tudo — ao lado da Senhora da Misericórdia.

— Vire a gente para o outro lado — rosnou Greta para Airoso.

O timoneiro resmungou. Suas mãos se flexionaram sobre o timão, mas ele não o virou.

Sopros de luz atingiram as velas e o convés. Gritos abafados ergueram-se da tripulação. O sol assomava cada vez mais alto, cada vez mais perto do navio, enquanto nuvens de luz quebravam sobre os mastros e o cordame.

— Camey, isso não é perigoso... — começou Reed.

— Você não sabe disso. Não sabe o que tem aí fora. Colocou a gente numa situação ruim depois da outra

nesta viagem maldita, e isso não está certo. Nós já aguentamos o suficiente.

— Se você tivesse feito isso um minuto antes, talvez eu tivesse concordado — disse Reed. — Mas não agora. Não consegue sentir? — A Borda do Mundo esperando logo depois do círculo do sol. Seus dedos tamborilaram uns nos outros. Uma história digna de ser contada.

Camey sacudiu a cabeça.

— Eu não vou entrar aí.

Greta puxou o cão de seu revólver.

— Vai ser mais fácil com sua ajuda, Airoso, mas vamos fazer sem você se for preciso — ela disse.

— Não! — Cavalo saltou para a frente.

Camey atirou nele. A bala entrou em seu ombro carnudo e saiu pelo outro lado. Ele caiu no convés. A doutora correu até ele.

Houve um burburinho entre o resto da tripulação. Um por um, eles levantaram as mãos — braços erguidos, mãos espalmadas — e se afastaram de Reed. Nenhum deles, nem mesmo Jules, a doutora ou o velho Goro, olhou para ele.

Um sorriso se abriu no rosto de Camey.

— Harison, pegue as armas dele.

O navio penetrou no sol, envolto em nuvens de luz. Uma fumaça brilhante cobria o gurupés. Reed praguejou. Meeks estava lá na proa.

O grumete olhou de Camey para Reed, e de volta. Ele sacudiu a cabeça.

— Vamos, Harison — disse Greta. — Você é um de nós. — A luz brilhava tão forte que os olhos dela estavam praticamente fechados. Reed a observava com cuidado. Ela não sabia onde Harison estava, para onde

dirigir a voz. Estava tão cega quanto Meeks, embora tentasse esconder isso. — Você é de casa — disse ela.

— Não — disse Harison, cambaleando pelo convés. — Eu estou em casa.

A determinação dela se esvaiu enquanto seus olhos sem visão moviam-se perdidos de um lado para outro. Ela tinha certeza de que ele ia ajudá-los. Tanta certeza que Reed quase sentiu pena dela.

Luz engoliu a vela de giba, a vela de estai.

Os olhos amarelados de Camey saltavam de suas órbitas enquanto ele berrava:

— Vire!

Airoso exibiu os dentes.

— Apodreça na terra. Você não vai tomar este navio.

A proa agora estava coberta de luz, que se elevava no ar acima da oficina e se derramava sobre a amurada. Eles já haviam passado quase um terço do caminho.

— Ajudem-me! — gritou Camey para os outros. — Vamos todos morrer se vocês não ajudarem!

Jules e Theo avançaram hesitantes, as mãos estendidas, sem estarem muito seguros de si.

Reed podia sentir a luz lambendo seus ombros, a parte de trás de sua cabeça. Ela flutuava na periferia de sua visão.

— Hoje não — ele murmurou.

Ele foi tomado pela luz. Ela rodopiava e sussurrava ao seu redor, explodindo em nuvens de poeira onde tocava sua pele. Ele estava tão iluminado que sentia que seria explodido ao seu toque.

Os outros gritavam. Alguém choramingou.

Um tiro cortou o ar.

Alguém caiu no chão, gemendo.

Reed se abaixou, olhando para a luz, mas tudo o

que viu foi aquele clarão.

Alguém tropeçou sobre ele. Outra pessoa estava gritando. Ele ouviu os ruídos de uma briga: grunhidos, arrastar de pés, xingamentos, pancadas de cotovelos e joelhos sobre madeira, batidas de carne contra carne.

Uma arma caiu no chão.

Ele procurou os revólveres que soltara. Seu cinto. Qualquer coisa.

— Capitão? — A voz de Harison junto de seu ombro.

— Fique abaixado — murmurou Reed.

A luz desapareceu tão abruptamente que ele sentiu como se tivesse sido jogado em um poço. Ele tateou à procura das armas, mas suas mãos não encontraram nada. Tudo estava negro e frio. Depois do calor calcinante do outro lado do sol, aquele frio penetrava nos ossos. Era triturante.

Ele encontrou o cinto e o afivelou. Quando sua visão começou a voltar, viu o céu negro e o disco branco do sol, que emitia pouca luz e nenhum calor. Seu hálito congelava no ar.

Greta estava deitada no chão, a mão no peito e a respiração acelerada e dolorosa. Sangue se espalhava por sua camisa, em torno de suas mãos. Acima dela, Airoso se agarrava ao timão, sua camisa salpicada de sangue.

Harison estava de joelhos ao lado do chiqueiro de porcos vazio. Reed o segurou pelo cotovelo e o ergueu.

— Meeks está atrás do mastro de proa. — O frio entrecortava suas palavras.

O grumete assentiu com a cabeça e partiu apressado, quase colidindo contra Cuca, que saía aos

tropeções da cozinha chamando Aly.

A tripulação estava de quatro ou se agarrando à amurada, tremendo no frio repentino. Cavalo se curvou de maneira protetora sobre a doutora, que tentava estancar seu ferimento.

O imediato estava lutando contra Camey. Os dois grunhiam e se agarravam, cada um tentando conseguir vantagem sobre o outro. Um dos revólveres de Camey tinha sido arremessado para longe, do outro lado do convés, mas ele apertava o outro com os nós dos dedos brancos de tanta determinação. O imediato segurou seu pulso e bateu sua mão várias vezes na amurada, tentando fazer com que ele o soltasse, mas os dois continuaram firmes.

Camey tropeçou. Ele não conseguia enxergar. Seus braços se abriram e se debateram.

Mas o imediato nunca estava cego no Corrente da Fé.

Ele arrancou a arma da mão de Camey, virou-a para ele e puxou o gatilho.

Sangue jorrou no convés. Camey caiu.

O navio estava em silêncio enquanto a tripulação atônita recuperava a visão. O céu estava escuro como breu — não havia sequer os pontos das estrelas na escuridão — e a iluminação leve do lado de trás do sol era fraca e fria, mais como uma névoa que luz.

Na imobilidade súbita, Aly desceu do mastro de proa, seu rifle pendurado às costas. Ela parou ao lado do corpo de Greta. Sua respiração fumegava.

De trás da cozinha, Harison surgiu conduzindo Meeks pela mão.

— O que aconteceu? — perguntou o contramestre, sua

voz soando alta em meio ao silêncio. — Ajude-me, Harison. —

O grumete se inclinou para sussurrar em seu ouvido.

Reed estreitou os olhos na direção do cesto da gávea e caminhou até Aly.

— Eu estava me perguntando aonde você tinha ido.

Ela estremeceu.

— Eu não podia deixar que eles tomassem o Corrente, capitão.

O frio estava penetrando em seus ossos. Doía respirar. Reed envolveu os ombros de Aly e esfregou seu braço. Ela estava tremendo. Os outros estavam amontoados perto das amuradas, apontando para a escuridão assustadora diante do navio.

A água era tão negra quanto o céu. Não era natural. Assim que qualquer luz tocava a água, ela afundava sob a superfície e desaparecia, engolida pela escuridão. Até o som das ondas quebrando contra o casco era errado, como o bater de dentes.

O fundo dos olhos de Reed ardia. Sua respiração estava presa na garganta. Aquela escuridão profunda e fria fez algo uivar no interior de seu âmago, chorando e gritando para sair dali.

Os outros também deviam ter sentido aquilo, porque Aly logo começou a chorar.

Cavalo também choramingava como um bebê.

Luzes vermelhas surgiram no fundo do oceano, mas elas absorviam mais luz do que emitiam, não iluminando nada. Milhares e milhares delas, multiplicadas várias vezes até onde a vista alcançava no mundo sombrio atrás do sol.

O imediato girou, mas não conseguiu ver as luzes vermelhas. Ele só conseguia sentir o frio, a

inquietação perturbadora que penetrava em suas entranhas, seu coração e seus pulmões.

Então o som avançou da escuridão.

Rolou sobre o Corrente como neblina no cume de montanhas, enchendo os espaços entre eles, uivando — ou seria gemendo? Sussurros, falatórios e risos loucos. Vozes ou o badalar de sinos, ou geleiras se partindo em duas, ou encostas de montanhas se desfazendo em pó. O último suspiro trêmulo dos moribundos. Era o som mais terrível em um mundo de sons terríveis, o tipo de som que o assombra tarde da noite quando a escuridão o envolve e o frio penetra em você pelas fendas. Quando, de repente você é tomado pela sensação inabalada de que já está morto — e desaparecido para sempre.

Eles tinham chegado às águas vermelhas na Borda do Mundo — o lugar dos descarnados.

Capítulo 37



Respostas

Sefia apoiou as mãos sobre o emblema no centro da porta e olhou para Arqueiro. O ferro frio queimava suas palmas. Duas curvas para seus pais. Uma curva para Nin. A linha reta para si mesma. O círculo para o que tinha de fazer.

Arqueiro assentiu com um aceno. Eles tinham ido até ali por respostas. Tinham ido até ali para acabar com aquilo.

Ignorando os guardas que observavam das sombras, ela respirou fundo, engoliu as dúvidas, e começou a se virar. No interior da porta, grandes engrenagens de metal giraram com um ruído metálico enquanto o símbolo rodava até ficar virado para o lado certo.



Os pinos da fechadura clicaram, e a porta se abriu pesada e silenciosamente para dentro.

Sefia apertou os olhos. Depois da escuridão dos corredores, a sala à frente era tão clara que a cegou. Velas enchiam castiçais presos às paredes e os copos de um candelabro pendurado. Chamas encimavam círios delgados e brancos, iluminando paredes rústicas protegidas por tapeçarias e retratos antigos nos quais os olhos pintados dos modelos brilhavam como cacos de vidro.

Em frente a eles, perto do centro da sala, tinha uma escrivaninha. Sob a superfície envernizada havia uma pilha alta de maços de papel, vidros de tinta e penas de escrever com as quais Sefia jamais sequer sonhara, e ela foi tomada pelo desejo repentino de abrir todas as gavetas com puxadores de prata e examinar seus conteúdos, procurando pergaminho liso, livros menores e

canivetes que coubessem na curva da sua mão.

Mas, atrás da escrivaninha, com as mãos cruzadas corretamente a sua frente, havia uma mulher de cabelo negro e prateado, olhos como neve enlameada e pele da cor e maciez de uma concha calcinada pelo sol.

Sua pele era um pouco mais clara, o queixo e os ombros um pouco mais largos, mas, à distância, Sefia podia tê-la confundido com sua mãe.

A mulher se levantou como se estivesse esperando sua chegada.

– Bem-vindos. – Sua voz era intrincada e exata como trabalho em metal. – Fico feliz que vocês tenham conseguido chegar.

Quando Sefia e Arqueiro entraram, seus passos deixando depressões suaves em um grosso carpete vermelho e dourado, um homem com um sobretudo sujo cor de berinjela fechou a porta atrás deles. Ele era alto e magro, com barba por fazer e um bigode grosso que emoldurava a boca. Uma cicatriz vermelho-arroxeada subia pelo lado esquerdo de seu rosto, fazendo com que os cantos de seus olhos caíssem.

Ao vê-lo, a mão de Sefia correu para o cabo de sua faca. Ao seu lado, Arqueiro abria e fechava os dedos, tocando de leve sua velha bainha de madeira.

O homem tentou sorrir, mas havia uma expressão triste em sua boca, um brilho em seus olhos de águas claras.

– Não tenham medo – ele disse. – Não quero machucar vocês.

Como se tentasse comprovar o que estava dizendo, ele ergueu as mãos e recuou até o aparador na parede da direita, onde se encostou sem jamais tirar os olhos de Sefia. Ele nem pareceu notar que Arqueiro estava ali.

– Por favor, sentem-se – disse a mulher atrás da escrivaninha. Ela gesticulou para as duas poltronas de couro a sua frente.

Sefia e Arqueiro permaneceram de pé.

– Qual de vocês é Serakeen? – perguntou Sefia, seu olhar indo e vindo entre a mulher e o homem, sem reconhecer nenhum deles de sua Visão.

– Meu nome é Tanin, e esse é meu parceiro Rajar. – Enquanto falava, a mulher foi até um reluzente jogo de chá de prata na parede esquerda. Sua passagem entre a escrivaninha e a mesinha lateral deixou um rastro revolto de ar frio que agitou seus cabelos e a seda bordada de sua blusa. – O homem que vocês conhecem como Serakeen, o senhor da guerra sedento de sangue, o Flagelo do Leste, é uma fabricação, um mito útil que nós criamos. Mas, infelizmente, ele não existe.

– O que você quer dizer com “não existe”? – perguntou Sefia. – Quem tem atacado navios na Baía Efígia? Quem tem pilhado cidades em Liccaro? Quem

tem procurado garotos com cicatrizes em torno do pescoço?

– Eu – murmurou Rajar. – Ele apertou as extremidades do bigode com o polegar e o indicador, mas não a olhou nos olhos.

– Não me diga que Serakeen não é real. Atender por um nome diferente não faz de você uma pessoa diferente.

– Eu não queria – ele disse. Parecia estar suplicando a ela. – Você tem de acreditar que eu não queria.

– Mas fez mesmo assim.

Rajar olhou impotente para Tanin, que não disse nada enquanto virava o bule de chá sobre a fina porcelana branca. Para Sefia, parecia que a mulher alterava até o próprio ar ao seu redor, e mesmo aquele pequeno movimento, torcendo os fios de vapor que espiralavam das xícaras fragrantes de chá, talvez formasse furacões sobre algum oceano distante dali a semanas.

– Rajar age no interesse do bem maior. Há razões muito mais repreensíveis para se tirar uma vida – ela disse por fim. – Sobrevivência básica, por exemplo. Você sem dúvida aprendeu essa lição, em suas muitas viagens.

Sefia cambaleou, lembrando-se da clareira, da luz laranja através das janelas da cabana, e de Palo Kanta com os lábios retorcidos, sua vida escorrendo através das mãos assassinas dela.

– Agora – prosseguiu Tanin –, sentem-se.

Quando foi atingida pelas últimas duas palavras, os joelhos de Sefia dobraram. Sua mochila escorregou de seus ombros, e ela afundou na poltrona às suas costas. Arqueiro sentou-se também, mas se levantou outra vez em um instante, visivelmente abalado.

Aquela voz tinha poder. Não era mágica, mas irresistível e perigosa.

– Querem creme ou açúcar com o chá? – prosseguiu a mulher como se nada de estranho tivesse acontecido.

Sefia torceu as alças da mochila aos seus pés.

– Quem *é* você? – ela perguntou.

Tanin largou torrões de açúcar em duas xícaras e se virou.

– Sou a Diretora de uma organização conhecida por selecionar alguns poucos como a Guarda.

A Guarda. Sefia articulou as palavras, sem emitir som. Elas se encaixaram dentro de si da mesma forma que uma chave entra em uma fechadura, acomodando-se no lugar, abrindo todo tipo de porta profunda em seu interior.

– E Serakeen trabalha para você? – Sefia olhou para o homem ao lado do aparador. Ele cruzou e descruzou os braços. Seu casaco de couro rangeu.

– *Rajar* é um de nós – disse Tanin com decisão. – Ele faz o que é preciso.

– Pelo bem maior.

– Sim.

Quando Tanin entregou a Sefia uma xícara e um pires, os dedos frios e sujos de tinta da mulher tocaram os seus. Ela sentiu um calafrio. A colher tilintou contra a porcelana.

– Que é?

– Paz. – Tanin ofereceu a segunda xícara a Arqueiro, mas ele não a pegou.

Sefia riu. Era absurdo. Exterminadores exaltando as virtudes da piedade. Açougueiros pregando a moderação. Arqueiro olhou para ela, surpreso.

Sem se abalar, Tanin se instalou atrás da escrivaninha e soprou sobre a superfície de seu chá.

– A guerra pode levar à paz, se as pessoas certas saírem vitoriosas – ela disse.

– E vocês são as pessoas certas?

– Temos que ser.

– Você parece iludida.

– Você parece desinformada.

– Então me informe. – Sefia pôs a xícara sobre a mesa ao lado da poltrona e cruzou os braços.

– Você pode não nos conhecer, mas conhece os resultados de nosso trabalho. Nós terminamos a disputa de sangue em Deliene. Acabamos com o domínio de Oxscini sobre Roku. Unificamos Everica.

– Em guerra contra Oxscini.

– Sim, Oxscini sempre foi um problema para nós. Mas não por muito mais tempo.

– Como?

– É impossível se opor aos números. – Tanin sorriu.

O olhar de Sefia correu para Arqueiro, depois voltou para Tanin.

– A Guerra Vermelha – murmurou, finalmente entendendo. – Vocês viram isso no livro, não viram? É assim que sabem que um garoto como Arqueiro está envolvido. É por isso que querem que ele lidere seu exército. É por isso que precisam do livro de volta. Vocês querem garantir que tudo aconteça.

– O que está escrito *sempre* acontece – disse Tanin. – Nós não conhecemos tudo, mas já vimos o suficiente para saber que a Guerra Vermelha está chegando. Um garoto com uma cicatriz em torno do pescoço, um garoto igual a seu amigo, *vai* liderar um exército, e seus inimigos vão cair diante dele como trigo diante de uma foice. Vidas serão perdidas, mas ao final da guerra, os reinos vão finalmente

pôr fim às suas pequenas disputas. Com essa guerra, vamos criar paz *duradoura* para todos os cidadãos de Kelanna.

Por um segundo, a ideia brilhou diante de Sefia como uma de suas Visões: as Cinco Ilhas trabalhando juntas em harmonia, todos os reinos beligerantes unidos, suas histórias turbulentas solucionadas em uma única vitória decisiva. O custo seria alto. Mas a paz ia valer a pena.

Arqueiro tocou a cicatriz em seu pescoço. Ele ia trajar o custo da paz deles pelo resto da vida.

– Para todos os cidadãos de Kelanna – repetiu Sefia lentamente. – E Arqueiro? Você chama o que fizeram com ele de *paz*? O que fizeram *comigo*? Minha família? A mulher que você mandou para pegar o livro de nós, você acha que ela conseguiu alguma paz quando…

– Não fale de assuntos de que não entende – disse Tanin bruscamente, sua voz golpeando Sefia como um chicote. – Todos fazemos sacrifícios para o bem maior. Seus pais sabiam disso, antigamente.

Sefia ficou sem ar. Ela levou um momento para reencontrar a voz, e quando conseguiu, suas palavras foram pouco mais do que um arquejo.

– Você conheceu meus pais?

– Eles não contaram a você? – Uma pequena ruga de surpresa surgiu entre as sobrancelhas de Tanin quando ela pôs a xícara de lado. – Eles eram membros da Guarda.

Sefia não disse nada, mas sentiu as dúvidas se abrindo em seu interior.

Seus pais? Eles eram *heróis*. Eles se opunham a pessoas como Serakeen. Eles escondiam o livro dele. Eles *nunca* iriam…

Mas, para começar, como eles tinham aprendido a ler?

– Seu pai era meu melhor amigo – acrescentou Rajar em voz baixa. – Muito tempo atrás.

A boca dela secou. Seria aquela a conexão entre o símbolo e Serakeen, o assassino e o livro?

– Meu pai? – ela murmurou.

– Ele era o Aprendiz Bibliotecário – disse Tanin, a voz tornando-se dura. – Era seu *dever* proteger o Livro. Mas ele quebrou todos os juramentos que fez. Ele e sua mãe assassinaram o diretor Edmon e roubaram o Livro de nós.

Sefia sacudiu a cabeça, mas não conseguiu parar de se perguntar: e se ela estivesse errada? E se suas lembranças dos pais – a mãe cheia de graça, pele bronze e cabelos negros com cheiro de terra; o pai segurando seu queixo quando a deixava com Nin – fossem invenções também? Alguma farsa que tinham

montado para manter as verdadeiras identidades em segredo?

Eles tinham feito parte da Guarda?

O que os fizera mudar de ideia?

Por que eles roubaram o livro?

– Então eu me tornei Diretora – prosseguiu Tanin. – Encarregada de recuperar o Livro e compensar uma traição que nos fez regredir décadas.

– Não, não pode ser. Eles teriam me contado.

– Ah, Sefia, você não sabe mesmo. – Tanin sacudiu a cabeça, virando cada folha no tampo da escrivaninha como se estivesse procurando pelas palavras certas com os dedos. – Mar, *sua mãe*, era uma Assassina. A morte era seu negócio.

– Minha mãe jamais matar…

– Ah, mas matou. Sua mãe era *extraordinária*. Ela podia sufocar uma pessoa até a morte a quinze metros de distância. Era tão poderosa que podia ter consumido cidades inteiras.

Sefia sacudiu a cabeça e encarou o chão. Sob seus pés, os desenhos no carpete se sobrepunham e cruzavam em uma trama impossível de conexões e nós incompreensivelmente complicados, mas ela não conseguia segui-los mais do que conseguia seguir o que Tanin estava lhe dizendo.

Não era verdade. Não podia ser verdade.

Mas ela não conseguiu evitar as lembranças das cicatrizes nas mãos da mãe. Sua facilidade com uma faca.

Tanin ainda estava falando, mas apenas alguns trechos alcançavam Sefia através da névoa de sua confusão. Então:

– Seu pai também não era fácil…

Com essas palavras, essas duas palavras inócuas, a raiva de Sefia entrou em foco, como um facho de luz através de uma lente. *Meu pai*. Ela estreitou os olhos. Algo se acendeu em seu interior.

– …com um estalo de seus dedos…

Sua pele queimava. Ela estava vulcânica, furiosa, revoltada. Uma avalanche de carvão pronta a entrar em ignição. Ela tinha ficado desorientada pelos bons modos de Tanin, pela contrição sofrida de Rajar, pela verdade sobre seus pais. Mas agora se lembrava do que estava fazendo ali. E se lembrava de por que tinha vindo.

– …drenar e secar lagos em questão de segundos…

Aos poucos, Sefia ergueu a cabeça. O resto da sala se tornou turvo, quente e branco, até que tudo o que ela podia ver era Tanin descansando tranquilamente

atrás da escrivaninha, seus lábios se tocando e afastando, enviando palavras pelo ar como fumaça doce e tóxica.

– Eles não deviam se apaixonar, sabe, mas sempre gostaram de quebrar as regras. – Por um momento, tristeza passou pelo rosto
de Tanin como uma nuvem diante da lua. – Então eles quebraram seus votos. Eles roubaram o Livro. Eles traíram tudo pelo que tínhamos trabalhado tão duro. Sua mãe morreu antes que pudéssemos encontrá-la, mas seu pai…

Sefia ficou de pé. Sua mão se fechou em torno do cabo da faca.

– Vocês o mataram – ela disse.

– Eu teria dado qualquer coisa para não fazer o que eu fiz – murmurou Tanin. – Mas precisávamos do Livro de volta.

Como uma bala, como uma explosão de pólvora, tristeza, culpa e raiva, Sefia se lançou sobre a mesa. Sua faca brilhou. Folhas de papel se espalharam em torno deles como pássaros assustados.

Sefia derrubou Tanin no chão e levou a faca à garganta da mulher.

– Vocês o torturaram. Como fizeram com Nin. – Ela apertou o gume da faca sobre a pele branca da mulher. – Onde ela está? Está viva?

Tanin sorriu, mas sua voz estava trêmula de arrependimento.

– Você *é* a filha de sua mãe, não é?

Um ruído às suas costas fez Sefia olhar para trás. Sua faca relaxou no pescoço de Tanin quando ela vislumbrou Rajar, seu sobretudo escuro se abrindo enquanto ele levantava os braços, as mãos retorcendo e puxando o ar.

Por mágica, as armas de Arqueiro foram arrancadas de suas mãos. A espada e o revólver viajaram através da sala.

Com um giro do pulso, Rajar lançou Arqueiro em uma poltrona e recolheu as armas no ar antes que caíssem no chão.

Horrorizada, Sefia se voltou para Tanin bem a tempo de vê-la abrir os olhos. Suas pupilas se contraíram em pontos negros, dois poços de prata.

A Visão.

– Não! – gritou Sefia.

Mas era tarde demais. Com um aceno, a mulher jogou Sefia para o lado. A faca voou de sua mão quando suas costas atingiram a mesa. Ela sentiu dor se espalhar por sua espinha e desmoronou no chão, gemendo.

Alisando suas roupas, Tanin se levantou. Ela tornou a erguer a mão, levantando Sefia do carpete como se ela estivesse pendurada por cordas invisíveis, e a pôs bruscamente na poltrona ao lado de Arqueiro.

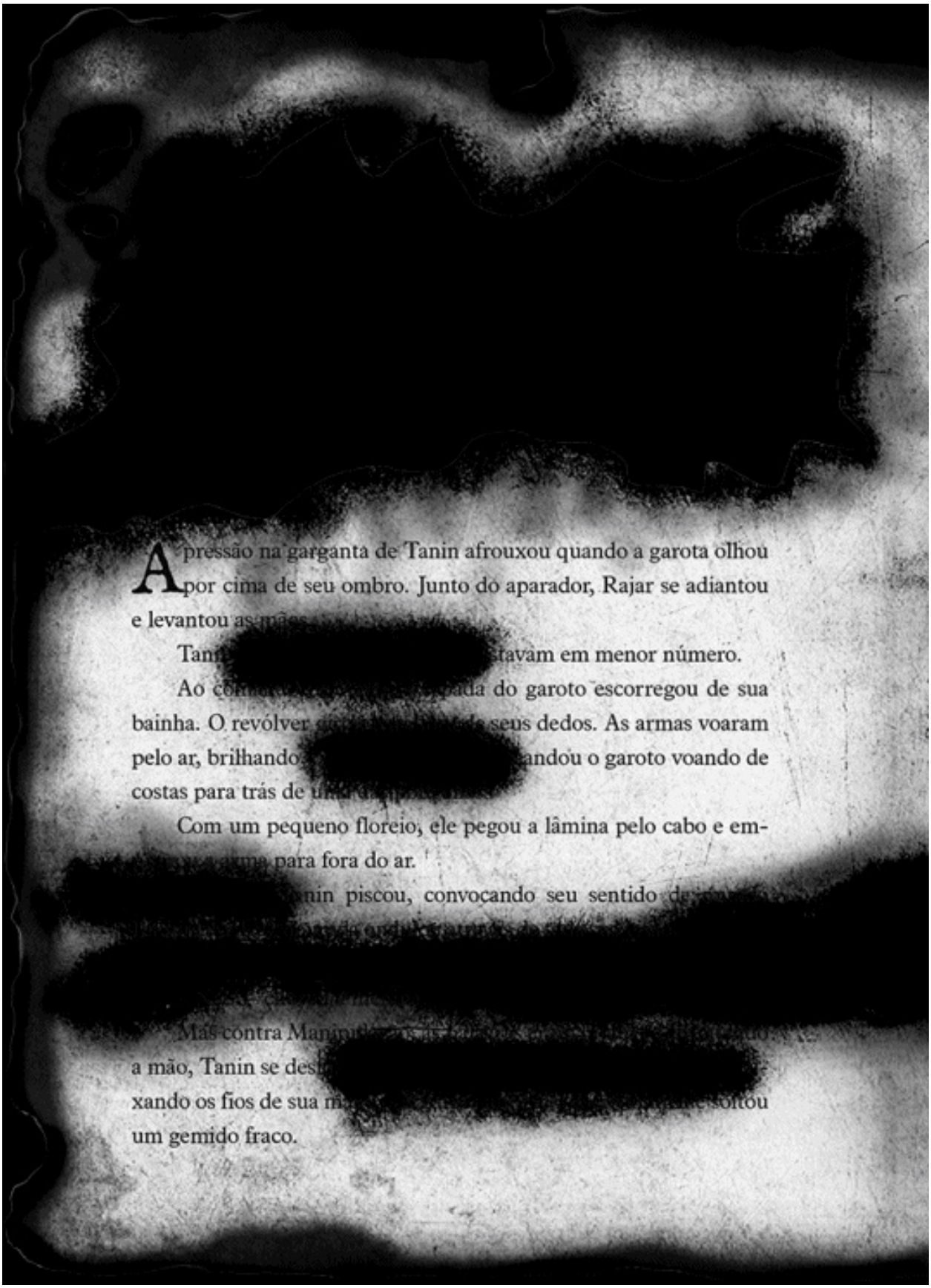
Sefia lutava, mas seus braços e pernas estavam presos.

Aos seus pés, a mochila estava se desafivelando como se aberta por mãos invisíveis. Seus pertences saíram dela desordenadamente – panelas, velas e os biscoitos que Cuca lhes dera – e então o livro se ergueu de suas profundezas, projetando seu brilho de couro enquanto flutuava na direção das mãos estendidas de Tanin.

A mulher o apertou junto ao peito como se ele fosse uma criança perdida e deu um suspiro de profunda satisfação.

– O que está escrito sempre acontece – ela murmurou.

MESMO



A pressão na garganta de Tanin afrouxou quando a garota olhou por cima de seu ombro. Junto do aparador, Rajar se adiantou e levantou as mãos

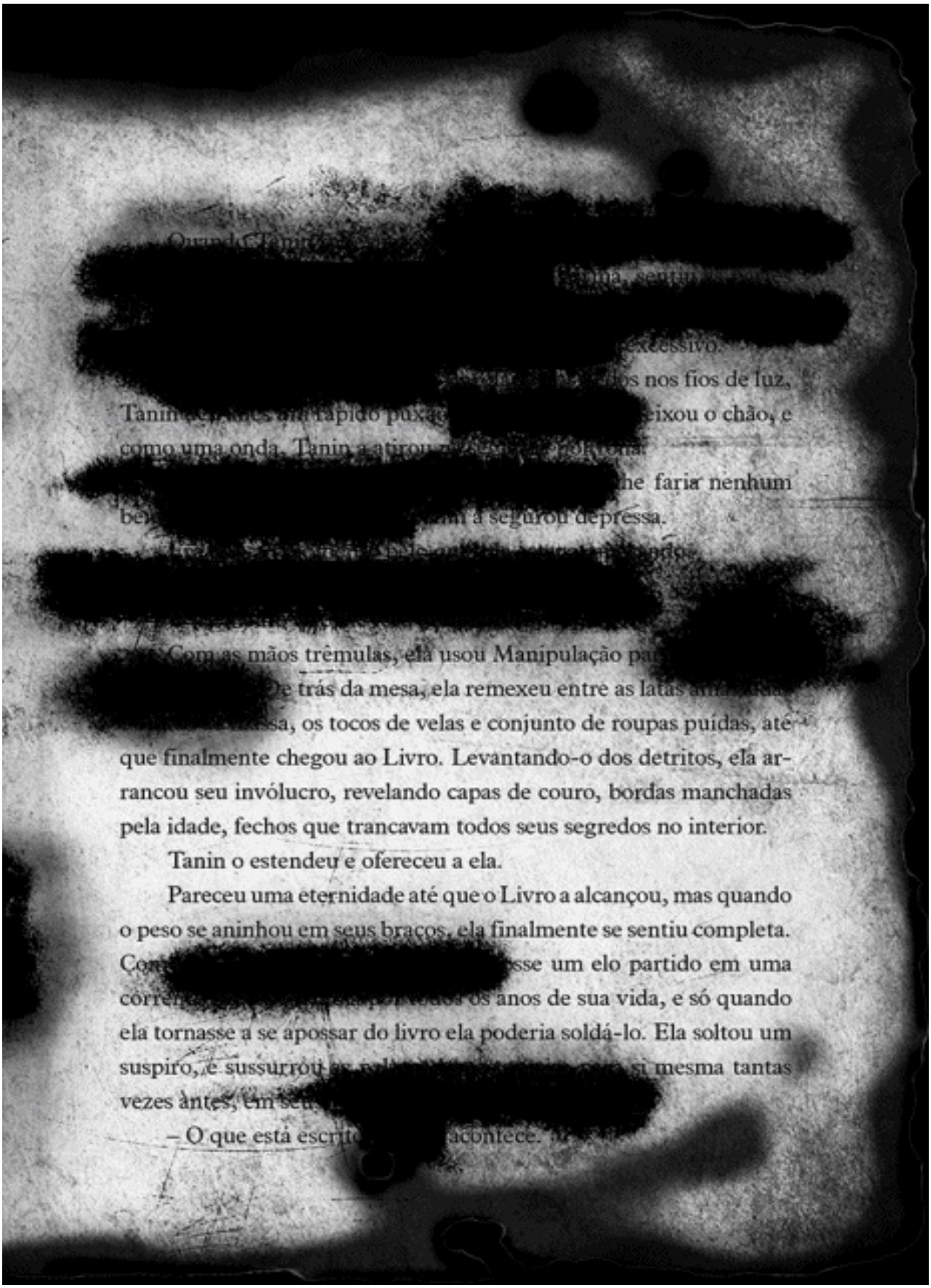
Tani tavam em menor número.

Ao co pada do garoto escorregou de sua bainha. O revólver de seus dedos. As armas voaram pelo ar, brilhando andou o garoto voando de costas para trás de u

Com um pequeno floreio, ele pegou a lâmina pelo cabo e em- para fora do ar.

nin piscou, convocando seu sentido de

Mas contra Manin a mão, Tanin se desl xando os fios de sua m oltou um gemido fraco.



Quando [illegible]

[illegible]ma, sem[illegible]

[illegible]excessivo.

[illegible]os nos fios de luz,

Tanin [illegible] um rápido puxã[illegible]eixou o chão, e

como uma onda, Tanin a atirou [illegible]

[illegible]he faria nenhum

be[illegible]ani a segurou depressa.

[illegible]ndo.

Com as mãos trêmulas, ela usou Manipulação pa[illegible]

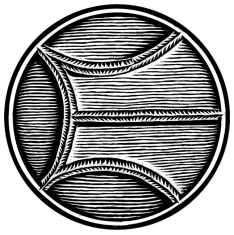
[illegible]e trás da mesa, ela remexeu entre as latas amassadas [illegible]

[illegible]ssa, os tocos de velas e conjunto de roupas puídas, até que finalmente chegou ao Livro. Levantando-o dos detritos, ela arrancou seu invólucro, revelando capas de couro, bordas manchadas pela idade, fechos que trancavam todos seus segredos no interior.

Tanin o estendeu e ofereceu a ela.

Pareceu uma eternidade até que o Livro a alcançou, mas quando o peso se aninhou em seus braços, ela finalmente se sentiu completa. Com[illegible]sse um elo partido em uma corren[illegible] por todos os anos de sua vida, e só quando ela tornasse a se apossar do livro ela poderia soldá-lo. Ela soltou um suspiro, e sussurrou [illegible] si mesma tantas vezes antes, em seu[illegible]

– O que está escrit[illegible]acontece. [illegible]



Corredores

Antes de se tornarem pais, Lon e Mareah eram corredores. Estavam correndo quando roubaram o Livro, quando escaparam daquele complexo de espelhos e passagens de mármore em uma erupção de fogo, entulho e pedaços carbonizados de papel. Um agarrava o Livro junto do peito, sob os braços cruzados, como se tentasse apertá-lo até o interior das costelas, até que seus pulmões se enchessem de letras e seu coração se transformasse em um parágrafo pulsante. O outro se agarrava a seu cotovelo, para que pudesse segurá-lo se tropeçasse, para fazer com que ele continuasse, estimulando-o a seguir em frente, sempre em frente.

Quando atravessaram a porta e irromperam na noite e no ar fresco, eles correram.

Perseguidos pela água e pelas florestas, por homens, mulheres e cães, eles correram.

Correram através de continentes, montanhas, praias. Mesmo forçados a se esconder, eles eram rápidos. Irrequietos. Respiravam depressa. Eram selvagens e furtivos. E quando dormiam – se dormiam –, eles o faziam intermitentemente, em turnos, com o Livro entre eles, sempre prontos para partir. Para correr outra vez.

Então um dia, quando eles acharam que, talvez, tivessem corrido longe o bastante, por tempo o bastante, porque não conseguiam mais ouvir os sons dos caçadores nem sentir a perseguição em seus calcanhares, eles construíram a casa na colina com vista para o mar.

Capítulo 38



O garoto com a cicatriz

Arqueiro lutava contra suas amarras invisíveis, testando os pés e cada um dos dedos das mãos, mas não conseguia mover nada além da cabeça e do pescoço. Ele estava preso.

Tudo tinha acontecido muito rápido.

– Você está bem? – perguntou Sefia. Algumas mechas desgarradas de cabelo tinham se soltado, e sua roupa estava amarrotada, mas ela parecia ilesa. A pena verde brilhava atrás de sua orelha.

Ele assentiu com a cabeça, observando Rajar pôr a espada e o revólver de Harison sobre o aparador e cruzar os braços com ar triste. Arqueiro conhecia aquela expressão. Culpa. Autodepreciação. Ele havia sentido isso também, várias e várias vezes.

O que quer que ele esperasse de Serakeen, não era aquilo. Não era afinidade.

Tanin abriu uma gaveta, pegou um pouco de papel mata-borrão e o pressionou contra o pescoço, mas havia pouco sangue. Com uma expressão de escárnio, ela amassou o papel e o jogou fora. Então pôs o livro sobre a escrivaninha e acariciou a capa desgastada, seus dedos elegantes e sujos de tinta percorrendo o couro descolorido. Para Arqueiro, ela parecia triste… e com raiva.

Após um momento, ela se sentou e cruzou as mãos.

– Vamos acabar com isso, então. Examine-o.

Os olhos de Arqueiro se arregalaram quando Rajar atravessou a sala. O homem deu a volta na poltrona, cofiando a ponta dos bigodes outra vez. Ele se agachou e pôs a mão no joelho de Arqueiro.

– Desculpe – disse. Seu hálito cheirava levemente a fumaça, cravo e bebida. Ele se levantou e abriu um canivete.

Arqueiro lutava contra seus imobilizadores invisíveis. Sua faca de caça estava embainhada na alça da mochila, tão perto, mas impossivelmente distante.

– Deixe-o em paz! – gritou Sefia.

Rajar sacudiu a cabeça.

– Nós precisamos saber.

Então, segurando a manga de Arqueiro, ele cortou o tecido, expondo as quinze queimaduras em seu braço, e encarou as cicatrizes com olhos azuis e assimétricos. Suas pupilas se encolheram em pontos de escuridão.

Arqueiro se encolheu, mas não recebeu nenhum golpe.

Depois de um momento, Rajar fechou o canivete e o guardou de volta no bolso.

– Ele é um assassino habilidoso, embora não tenha completado o teste final na Jaula.

– Você não tem o direito de fazer isso – repreendeu Sefia.

Rajar a ignorou. Ele deu a volta e parou em frente a Arqueiro.

– Quem é você, garoto? – sussurrou. – É aquele por quem temos procurado?

Arqueiro sentiu como se o homem o estivesse sacudindo, de modo que todas as coisas que ele tinha bloqueado por tanto tempo, todas as coisas que tentara esquecer, se soltassem dele.

– Então? O que você acha? – Tanin brincava com um canivete de prata, girando-o impacientemente entre os dedos. – Pronto para a Academia?

– Ele ia ser um faroleiro. – Rajar esfregou o rosto. – Ele ia proteger pessoas.

Arqueiro se sentiu fraco.

As memórias irromperam dele como blocos de gelo flutuante.

Um farol sobre um promontório rochoso.

As notas de um bandolim pairando como bolhas de sabão de uma janela iluminada.

Uma menina com cachos cor do sol através de folhas amarelas.

Ele estava se lembrando. Depois de todo aquele tempo.

Sua cabeça girava como se ele estivesse se abrindo por dentro, todos os bloqueios mentais que erguera para se proteger se rompendo um atrás do outro, inundando-o de sangue e bile.

De repente, o teto pareceu baixo demais, as paredes muito próximas. Ele estava de volta no caixote. O fedor azedo de sua própria urina. Marcas de garras. Sentiu a pontada de farpas sob as unhas. Escuridão. Não haveria luz até que o caixote fosse aberto, e então haveria medo e dor. Risadas feias e mortes, e então comida, depois que alguém estivesse morto.

Toda vez que ele era solto havia medo e dor.

O garoto que Machada executou na frente dele só para fazê-lo pegar uma arma.

O treinamento com os outros garotos de Machada – pele esfolada sobre os nós dos dedos, o peso de uma espada – até que ele foi o único que restou.

Então as lutas.

Ele fechou os olhos mas viu todas elas, sentiu cada golpe, ouviu cada último suspiro, viu cada cadáver no chão. Todos eles.

Ele desmoronou sobre seus imobilizadores invisíveis, arfando. O pedaço de quartzo repousava solidamente no fundo de seu bolso, mas ele não conseguia alcançá-lo. Suas mãos não se moviam.

– Arqueiro? – A voz de Sefia estava abafada, como se chegasse a ele através da água.

Ele não olhou para ela. Não conseguia.

– Ele não foi talhado para matar, Tanin – disse Rajar. – Ele não merece estar aqui.

Tanin deu um sorrisinho.

– Você se vê nele, não é?

– Sim. – A cicatriz como um chicote no rosto de Rajar se retorceu quando a palavra deixou seus lábios.

Naquele instante, Arqueiro sentiu tanta pena dele quanto o odiava e temia.

– O destino tem um senso de humor cruel – disse Tanin –, mas não pode ser evitado.

Arqueiro engoliu em seco, sentindo o tecido da cicatriz se apertar em torno do pescoço.

– Você também pode usar a Visão.

– Nós chamamos de Olhar.

Rajar relanceou para Arqueiro uma última vez, então suspirou e voltou para junto do aparador, onde apertou seu casaco ao redor de si, embora não estivesse frio.

A voz de Sefia ficou aguda de surpresa.

– Foi por isso que vocês o queimaram. Precisavam de uma marca para poder usar a Visão nele.

– Precisamos nos assegurar de que os candidatos completem todos os nossos testes.

– Mas ele não fez isso. Escapou de Machada, não escapou? Ele não matou aqueles garotos na Jaula. Ele não é quem vocês querem.

As memórias de Arqueiro se reviraram várias vezes em seu interior. Depois das vidas que ele vivera, e das vidas que tirara, quem era ele, na verdade?

Um filho?

Um faroleiro?

Um animal? Um assassino?

O garoto com a cicatriz, aquele que estava sendo procurado pela Guarda?

– Mas ele está com *você* – observou Tanin. – A filha das duas pessoas mais poderosas que eu já conheci. É você, Sefia, que o torna especial. É claro que nós o queremos.

Capítulo 39



Escolhas

O estômago de Sefia estava embrulhado.

– Eu nunca quis…

Mas não importava o que ela queria. Sempre que tocara o símbolo ou lera o livro ou recitara seu juramento, ela o estivera conduzindo, devagar, inexoravelmente – e o tempo inteiro garantindo que era sua amiga, que iria protegê-lo – para as próprias pessoas de quem ele deveria estar fugindo todo esse tempo.

Arqueiro não olhou para ela. Sua respiração estava entrecortada.

– Nós estamos à procura do Livro há décadas, e você não só o trouxe para nós, mas trouxe junto um candidato também. – Tanin percorreu o  na capa do livro com a ponta dos dedos, assim como a própria Sefia tinha feito centenas de vezes. – Não há coincidências.

Será que tudo – seus pais, a Guarda, sua busca por respostas e o que os impressores tinham feito com Arqueiro – estava destinado a acontecer daquele jeito desde o princípio? Será que eles eram todos apenas histórias cujos finais já estavam escritos, as datas de suas mortes afixadas às páginas com pontos-finais?

Tanin passou o dedo pela borda do colete, sobre o coração.

– Acho que você é extraordinária, Sefia. Ainda mais do que seus pais, se descobriu seus poderes por conta própria.

Uma chama de orgulho e curiosidade brilhou no peito de Sefia, rapidamente apagada pela dor e confusão.

– Eu aprendi. Eles não me contaram nada.

Eles não me contaram nada.

– Desculpe-me. – A voz de Tanin saiu suave. – Eu gostaria que as coisas tivessem sido diferentes.

Os olhos de Sefia se turvaram de lágrimas. Ela sacudiu a cabeça, piscando.

– Sei que você não quer acreditar – prosseguiu Tanin –, mas eu os amava. Sua mãe era como uma irmã mais velha para mim… família. Se as coisas tivessem sido diferentes, você e eu poderíamos ter…

– Você os *amava*? Você matou meu pai! – interrompeu Sefia.

Tanin apertou os lábios, como se para encerrar dentro de si sua tristeza, seu arrependimento.

– Sim.

– Você matou Nin também?

– A Chaveira? – perguntou Tanin. – Não, Sefia, nós a pusemos sob custódia.

Sefia tentou saltar para a frente, mas os imobilizadores invisíveis a seguraram.

– Nin está viva?

– Você gostaria de vê-la?

– Sim! – A palavra escapou dela antes que pudesse impedi-la.

Rajar alisou o bigode.

– Tem certeza? – ele perguntou para Tanin.

– Se ela não acredita que seus pais nos traíram, talvez acredite na Chaveira – replicou Tanin.

Com um suspiro, ele dobrou o casaco em torno de si mesmo e saiu da sala por uma porta nos fundos, escondida atrás de uma tapeçaria. Os olhos de Arqueiro tinham se fechados. Seu rosto estava molhado de lágrimas.

– Arqueiro?

No silêncio, Tanin abriu as trancas do livro, então as fechou. Abriu e fechou outra vez. A ruga tornara a aparecer entre suas sobrancelhas, e ela olhava fixamente para o símbolo no centro da capa, como se pudesse atravessá-la apenas com a intensidade de seu olhar.

Depois de um momento, ela se inclinou para a frente e sussurrou, como se falasse com o próprio livro:

– Mostre-me onde está escondida a última peça do Amuleto da Ressurreição.

Ela abriu o livro. As páginas se agitaram. Os olhos dela estavam famintos, devorando as palavras, e então… Ela ergueu os olhos, piscando. Parecia que tinha esquecido onde estava.

A respiração de Sefia se acelerou. Tanin estava pesquisando o livro. Era só isso o que ela precisava fazer para encontrar o que estava procurando?

Tanin passou a língua pela ponta dos dedos e folheou o livro. Então tornou a

erguer os olhos para Sefia, e seu olhar se estreitou.

– O que você…? Lon fez isso?

– Fez o quê? O que você está procurando?

Tanin a ignorou. Ela folheou algumas páginas sem muito interesse antes de fechar o livro e se recostar na cadeira.

Sefia não tirava os olhos da lombada rachada. Ela podia pesquisar o livro. Todas as perguntas sobre seus pais seriam respondidas se ela pudesse apenas…

A porta dos fundos se abriu, e uma pessoa foi empurrada para o interior da sala. Uma pessoa usando uma capa de pele de urso. Uma pessoa que parecia uma montanha de sujeira. Uma pessoa com mãos como milagres.

– Tia Nin! – Sefia quis jogar os braços em torno da mulher, mas ainda estava presa à poltrona. – Desculpe. Desculpe. A culpa é minha. – As palavras jorravam dela como água transbordando de uma represa. – Eu nunca devia ter deixado que a levassem. Eu devia tê-los impedido.

Nin levou alguns segundos agonizantes para erguer o rosto, mas quando fez isso, seus olhos turvos pareceram entrar em foco. Havia algo vago e incerto na curva de seus ombros, nos movimentos irrequietos de seus dedos.

– É você? – ela balbuciou.

– Sim, sou eu, Sefia!

Um sorriso se abriu em meio às linhas endurecidas do rosto de Nin.

– Menina – murmurou. Ela estava mais magra do que Sefia se lembrava, seus movimentos mais hesitantes, mas naquele momento ela quase se parecia com a velha Nin.

Exceto que não olhava Sefia nos olhos.

Sefia encarou Tanin.

– O que vocês fizeram com ela?

– Ela tinha uma informação vital.

Ela lançou um olhar para Nin. Ela *sabia* que só havia um modo de a assassina ter descoberto que ela tinha o livro. Só não quisera acreditar.

– Ah – ela disse.

A boca de Nin se mexeu. Seus maxilares se moveram. Mas nenhum som saiu. Rajar assumiu seu lugar junto do aparador e cruzou os braços.

– Vá em frente – insistiu Tanin. – Conte a Sefia sobre os pais dela.

Como se estivesse obedecendo a uma ordem, Nin começou a falar:

– O que você quer saber, garota? Se eles o roubaram? Se eu os ajudei? Sim e sim.

Sua fala também estava diferente. As palavras pareciam deslizar de sua

língua, como se ela não conseguisse controlá-las.

– Quem são essas pessoas? – perguntou Sefia.

– A Guarda é boa. A Guarda protege todos nós.

– Meus pais os traíram?

– Sim. Eles não eram quem você pensava que fossem, menina.

Não, não eram. Um soluço se alojou na garganta de Sefia. Ela não conseguia mais olhar para Nin. Seus pais não tinham sido heróis. Tinham sido traidores. Mentirosos. Até com a própria filha.

– Nós tínhamos de recuperar o Livro – disse Tanin com delicadeza. – Não podíamos deixar algo tão poderoso solto no mundo.

– Solto? – repetiu Sefia. Como se o livro fosse alguma espécie de fera enjaulada.

– As pessoas são fracas. Não se pode confiar nelas. Consegue imaginar como Kelanna seria se todo mundo pudesse fazer o que você e eu podemos? Homens seriam transformados em cães e nunca se transformariam de volta. Castelos iriam se desintegrar com um aceno de mão. Ladrões e assassinos, traficantes de escravos e déspotas, o pior tipo de pessoa poderia governar Kelanna porque *eles* iriam usar a palavra para o mal. Seria o caos.

Em sua poltrona, Arqueiro levantou a cabeça, seus olhos embaçados pelas lágrimas.

Tanin debruçou-se sobre a mesa, com a voz baixa e urgente.

– Quando unificarmos os reinos sob um único governo, vamos nos assegurar de que isso nunca aconteça. Vamos garantir que ninguém nunca mais volte a ser corrompido pelo poder do Livro.

– É isso o que você acha que aconteceu? Acha que meus pais foram corrompidos? – Sefia sentia como se sua pele tivesse sido costurada pelo avesso. – Tia Nin?

Mas Nin ainda não olhava para ela.

Arqueiro lutou contra suas amarras invisíveis. As veias ao longo de seus braços incharam, mas ele não conseguiu se mexer.

– Você pode se juntar a nós, sabia? – Tanin girou mais uma vez o canivete entre os dedos e o pôs sobre a escrivaninha. – Nós podemos ensiná-la a controlar seus dons. Você pode *ajudar* pessoas. Protegê-las. Do jeito que seus pais deviam ter feito.

Seus pais. As imagens que Sefia tinha deles já estavam se apagando, seus traços rachando e descascando como pintura velha, não revelando nada além de escuridão por baixo. Eles tinham traído Tanin. Eles tinham traído Sefia também,

escondendo aquilo dela.

– Sefia… – A palavra saiu tão baixo que ela nem teve certeza de tê-la ouvido.

Arqueiro a estava encarando, suor brilhando em sua testa, os lábios entreabertos, embora nenhum outro som saísse. Mas ele tinha falado. Sua voz era rouca e profunda, e o som cantou no sangue dela.

– Me juntar a vocês? – perguntou Sefia, com raiva. – Não me faça rir.

Tanin sacudiu a cabeça.

– Sefia, acho que você não está entendendo o que estou lhe oferecendo…

– Não – ela repetiu. – Nós nunca vamos nos juntar a vocês.

Pela primeira vez, um sorriso surgiu no rosto desolado de Rajar.

Ao lado dele, Nin piscou. Seus olhos pareceram desanuviar. Ela balançava para a frente e para trás sobre os calcanhares, flexionando os dedos das mãos.

– Não depois do que vocês fizeram com as pessoas que amo.

Enquanto Sefia falava, a expressão de Tanin foi do divertimento para a dúvida, e depois para confusão, sofrimento e, finalmente, para raiva. A mulher se ergueu, assomando sobre ela.

– As pessoas que você *ama*? Seus pais mentiram para você. Sua *tia Nin* entregou você. – A voz dela era fria e dura como gelo, mas havia nela um toque oculto de dor, correndo profundamente sob a superfície, fazendo sua raiva irromper e eclodir.

Sefia lançou um olhar temeroso para Nin. Seu rosto estava ficando vermelho. Ela mordeu os lábios. Cerrou os dentes. Então as palavras jorraram dela:

– Eu contei a eles. Eu contei a eles, garota. Não consegui evitar. Saiu. Seu nome. Descrição. Hábitos. Essa coisa que você levava. Contei tudo a eles. Descul…

Mas a voz de Tanin a interrompeu, suas palavras penetrando Sefia repetidas vezes:

– Eu a teria recebido de braços abertos. *Eu* teria lhe dado tudo que seus pais nunca deram.

– Sefia, me escute – prosseguiu Nin. – A Guarda é poderosa. Mais poderosa do que você imagina. Eles controlam Everica, Liccaro. Tem alguém em Deliene também. Eles vão…

– Poder. Conhecimento. Propósito. Inúmeras vezes, *eu* a deixei viver, Sefia. Você devia me escolher.

– Corra, Sefia! – A voz de Nin ecoou como um sino rachado. – Corra!

Tanin ergueu os dedos, e Sefia se lançou contra suas amarras. Ela conhecia aquela expressão. As pupilas estreitas. A dor e a vingança em seus olhos.

Sem sequer tocá-la, Tanin torceu repentina e violentamente o pescoço de Nin.

Houve um *estalo*.

Um grito se ergueu da garganta de Sefia. Nin desabou, como se alguém tivesse acertado todos os seus pontos de apoio com uma marreta e ela estivesse desmoronando, caindo, se desfazendo, e então… se apagou, suas mãos tão imóveis quanto luvas de couro.

Ela estava morta.

Capítulo 40



De todos os jeitos que importam

– Nin! – A palavra explodiu dela e estourou em uma nuvem brilhante de luz.

Sefia ergueu os braços. As cordas douradas de Tanin que a imobilizavam se soltaram e se dissiparam em nada.

Ela se ergueu, sua Visão girando e brilhando ao seu redor como rajadas de neve.

Arqueiro também estava livre. Ela pôde senti-lo se mover para pegar suas armas enquanto as mãos de Rajar puxavam para trás as abas de seu casaco, expondo seus revólveres.

Sefia levantou a mão. O canivete ergueu-se da escrivaninha.

Tanin abriu a boca para falar.

Mas Sefia estava cansada de ouvir. Sua mão cortou o ar.

A lâmina rasgou a garganta de Tanin. A pele se abriu, vermelha, quente e larga. Suas mãos voaram para seu pescoço. Ela pareceu surpresa.

Em um instante, Rajar estava do seu lado, murmurando algo, aninhando seu corpo enquanto ela caía no chão. Os lábios de Tanin se mexeram, mas sua voz extraordinária tinha desaparecido. Sangue vazava entre seus dedos.

A luz se apagou de seus olhos.

Arqueiro puxou o braço de Sefia, e ela ergueu os olhos. Ele estava com suas mochilas no ombro e o livro nas mãos. À luz de velas, a encadernação de couro brilhava, lustrada por centenas de anos de manuseio.

O livro de seus pais.

O livro de Palo Kanta.

De Tanin.

De tudo.

Indistintamente, ela ouviu Rajar chamar reforços. Ela deu uma última olhada para a encosta desmoronada que era o corpo de Nin.

Corra.

Então o livro estava em seus braços, e eles estavam correndo – saíram pela porta e seguiram pelo túnel, onde mal reduziram a velocidade enquanto Arqueiro deixava o guarda ruivo inconsciente e atirava na perna do outro.

Seus passos ecoavam nas paredes.

Suas respirações saíam entrecortadas no peito.

Eles chegaram ao espaço amplo e escuro do armazém, onde a luz das estrelas formava um padrão pontilhado no chão.

Então emergiram na curva da baía com as sombras de barcos na água. Dispararam na direção do esquife mais próximo, onde jogaram suas coisas e pegaram as cordas, soltaram as amarras e levantaram velas.

Os sons de perseguição reverberaram no armazém. Gritos. Passos pesados.

Sem fôlego, Sefia e Arqueiro empurraram o barco para longe da doca. Uma brisa encheu as velas.

Tiros foram disparados.

Eles se abaixaram.

Pedaços do casco explodiram a sua volta.

Pessoas inundaram as docas com rifles nas mãos. Algumas desceram o cais à procura de outro barco. Outras se ajoelharam e tornaram a erguer as armas.

Houve uma explosão de chama laranja.

E o ruído de rifles.

Sefia piscou. Ela podia ver as balas seguindo na direção deles, podia ver suas trilhas como rastros de luz. Com um gesto de sua mão, elas caíram inofensivamente na água.

Arqueiro a encarou.

Nas docas, seus perseguidores tinham conseguido outro barco, mas agora estavam fora de alcance. Ela e Arqueiro seguiam na direção do mar, a água empurrando-os além dos faróis, para dentro das correntes rápidas do Estreito Callidiano.

Sefia se agarrou à amurada, encarando sem ver o céu varrido por nuvens, o luar meneando nas ondas.

Nin.

Ah, Nin.

O borrifo do mar caía sobre o convés, encharcando o lado esquerdo do

esquife. Sefia piscou para tirar água salgada dos cílios e olhou ao redor. Eles estavam sozinhos, com frio e molhados enquanto o vento mordia seus rostos e a ponta de suas orelhas.

Ela desabou sobre a amurada com a cabeça entre as mãos.

Depois de um instante, Arqueiro se sentou ao seu lado.

– Sefia? – ele murmurou.

Ela afundou o rosto nos braços. Tanin estava morta.

Mas Nin também.

– Eu sinto muito.

Ela olhou para ele. Lá fora, na água, os planos de seu rosto eram emoldurados por uma luz azul, como se ele fosse uma nuvem de tempestade transbordando de raios.

– Essa foi a segunda pessoa que eu matei. – Sua voz se reduziu ao silêncio.

Por um momento, Arqueiro não falou. Então sua mão foi até seu pescoço.

– Eu matei vinte e quatro.

Ela quis dizer alguma coisa, mas que palavras poderiam expressar tudo pelo que tinham passado, todas as coisas terríveis que tinham feito, todas as respostas que tinham descoberto, e todas as perguntas que ainda tinham de fazer?

Ela levantou a mão, tocou a fronte dele uma vez e ergueu dois dedos cruzados na escuridão.

Ela não precisava de palavras para isso.

Arqueiro acariciou sua mão, passando a ponta dos dedos pelas laterais macias dos dela até se entrelaçarem nos dele.

– Sim – ele disse.

Ele estava com ela.

Eles estavam juntos.

De todas as maneiras que importavam.

Então ele se inclinou sobre ela e apertou os lábios no canto de sua testa, logo acima da têmpora.

Sefia ficou tensa, lembrando da sensação dos braços dele ao seu redor, de sua pele nua, do coração tamborilando freneticamente em seu peito. Mas então ela fechou os olhos e se aproximou dele, e suas bocas se encontraram pela primeira vez.

O beijo não foi intenso nem apaixonado, nem mesmo doce como ela havia imaginado que poderia ser. Foi carinhoso e forte, como se a pressão de seus lábios pudesse comunicar todas as coisas que ele sentia por ela, todas as coisas que ainda não tinha as palavras para dizer.

Aquilo a abriu. Suas emoções se acumulavam em seu interior, e ela podia senti-las se derramando sobre suas entranhas: tristeza, arrependimento, raiva, dor, confusão, alívio e outras cujos nomes ela não sabia. Lágrimas caíram sobre seus dedos entrelaçados.

Com delicadeza, Arqueiro esfregou suas mãos e seu rosto, recolhendo suas lágrimas.

– Para onde, agora? – ele perguntou.

Sefia olhou para o livro, os fechos de ouro brilhando suavemente no convés. O livro podia dizer a ela – ela podia abri-lo e folhear suas páginas e encontrar as respostas de que precisava. Tudo estava ali.

Em vez disso, ela apertou a mão dele e olhou para o horizonte.

– Qualquer lugar, menos aqui – respondeu.

Agradecimentos

De certa forma, sempre acreditei que os livros fossem mágicos – transformadores, incendiários, transcendentes. Máquinas do tempo, quebra-cabeças em forma de caixa e chaves para portas que sequer sabíamos existir, no fundo de nossos corações.

Mas durante este último ano, descobri que os livros são mágicos porque as *pessoas são mágicas* – brilhantes, generosas, e extremamente talentosas. Este livro não existiria sem os médiuns, mágicos e feiticeiros que tiram coelhos figurativos de cartolas figurativas. Seu toque deu a este livro uma voz, um corpo, uma vida – e por isso sou infinitamente grata.

Montanhas de gratidão a minha agente-guerreira que monta dragões, Barbara Poelle, que foi atraída para esta viagem extraordinária e me lançou a ela. Nem em meus sonhos mais loucos imaginei que poderia encontrar uma defensora e parceira tão incrível, e não poderia ter mais sorte, nem ser mais orgulhosa, do que ser uma poelleana. Você é uma força da natureza. Obrigada por tudo.

Soube em minha primeira conversa com minha editora Stacey Barney que ela era a pessoa a dirigir este livro, e nem uma vez ela o conduziu na direção errada. Obrigada por acreditar, pelo sentido certeiro de história e por sua abordagem atenta da revisão, e por nunca deixar que eu me saísse algo menos do que o meu melhor. Sua influência fez de *A leitora* um livro melhor, e de mim, uma escritora melhor.

Legiões de agradecimentos a Jenniffer Berrer e todas as pessoas maravilhosas na Puttnam e na Penguin, que levaram esta história para o mundo: David Briggs, Emily Rodriguez, Elizabeth Lunn, Wendy Pitts e Cindy Howle. Com um aplauso e apreço extraespeciais para Marisa Russel, minha divulgadora extremamente talentosa, e Kate Melzer, que responde todas as minhas perguntas com simpatia e sempre me deixa fazer outras.

Muito respeito e gratidão a Chandra Wohleber e a Janet Rosenberg por sua atenção ao estilo e ao detalhe. Obrigada por fazerem de cada frase a melhor versão dela mesma.

A todas as pessoas que transformaram estas palavras em um livro físico real:

vocês são mágicos de verdade. Obrigada a Celia Young, Marikka Tamura e David Kopka por ouvirem minhas ideias para mensagens ocultas e enigmas, em seguida transformá-los em realidade. Foi um raro prazer trabalhar com o cartógrafo extraordinário Ian Schoenherr – obrigada por ser o melhor tipo de colaborador. Estou grata por (e ainda um pouco impressionada com) a feitiçaria de Deborah Kaplan e Kristin Smith, que melhoraram o livro de forma impressionante, e devo torrentes de obrigadas a Yohey Horishita, cujas ilustrações incríveis capturam de maneira tão perfeita o espírito de *A leitora*. Obrigada, você vez deste livro mais que um livro.

A Heather Baror-Shapiro, obrigada por levantar as velas e lançar Sefia, Arqueiro e Reed em inúmeras novas aventuras pelo mundo.

Amor e gratidão infinitos a minha família por garantir que eu nunca estivesse sozinha nesta jornada. Para mamãe e Chris, que sempre acreditaram em mim, obrigada por me darem a oportunidade e o estímulo para fazer aquilo que mais amo, e por me mostrarem que o sucesso significa trabalhar por ele hora a hora, minuto a minuto. Este livro jamais tria sido escrito sem vocês. A tia Kats, obrigada por todas as coisinhas: por me deixar ler seus quadrinhos, por noites de TV e pelas caminhas na natureza, por me deixar pintar dragões em seu armário. Tenho muita sorte de ser sua sobrinha. A meu pai, que transformava cada dia em uma história, toda ida ao parque em uma aventura épica. Saudade.

A Cole, obrigada por suportar meu jeito ansioso e emotivo de escritora, por preparar o jantar, fazer tarefas em casa e dar banho nos cachorros quando estou ocupada na edição, por nunca esconder que tem orgulho de mim. Todas as palavras neste romance não seriam suficientes para agradecer a você por seu estímulo e apoio. Amo você.

Tenho uma dívida com Diane Glazman, a crítica mais dura e leitura mais atenta que já encontrei, por demolir impiedosamente meus primeiros rascunhos e ajudar a dar forma esta trama.

A Matthew Tucker, tudo isso começou porque você queria que eu escrevesse uma história de fantasia. Aqui está ela.

Um grande obrigado à inimitável Brenda Drake, por realizar o melhor concurso literário da internet, e grande abraço e saudações a minhas colegas de Pitch Warriors de 2014, especialmente minha amiga e colega de time Kirsten Squires. Seu apoio me mostrou a importância da comunidade em uma profissão que é frequentemente isolada demais. Tenho muita sorte de estar nesta estrada com você.

Eu já disse uma vez e vou repetir: eu não estaria aqui sem Renée Ahdieh. Se

isto fosse um livro infantil, você seria uma combinação maravilhosa de fada madrinha, cavaleira de armadura reluzente e melhor amiga durona. Sua crença, seu aconselhamento e sua amizade são insubstituíveis. Obrigada, obrigada, obrigada.

Obrigada a meus colegas estreantes no Sweet Sixteens e à turma de 2016, em especial às maravilhas mágicas de Jessica Cluess e Tara Sim cuja amizade foi um recurso mais valioso que qualquer publicação em blog, planilha ou guia de como sobreviver a seu ano de estreia. Vocês duas são mesmo as melhores.

Finalmente, a qualquer estudante ou frequentador de acampamentos de verão que conversou comigo sobre livros, TV, filmes ou videogames, que uma vez deu nome a um navio, um personagem ou um reino – sua imaginação é *inspiradora*. Espero que vocês saiam em busca de seus sonhos com paixão, tenacidade e bondade. Eu acredito em suas histórias, escrevam-nas bem.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para opiniao@vreditoras.com.br com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, abr. 2018



Facebook



Instagram



Twitter


FERNANDA NIA
MENSAGEIRA
da
Sorte
PLATA FORMA 21

Mensageira da sorte

Nia, Fernanda

9788592783839

426 páginas

Compre agora e leia

A SORTE É IMPREVISÍVEL ♦ Em pleno Carnaval carioca, durante uma confusão em um protesto contra a AlCorp, Sam passa a ser uma mensageira temporária no Departamento de Correção de Sorte, uma organização extranatural secreta incumbida de nivelar o azar na vida das pessoas. Para manter esse equilíbrio, os mensageiros devem distribuir presságios de sorte para alguns escolhidos. E o primeiro "cliente" de Sam é justamente o seu novo vizinho e colega de classe, Leandro. O garoto é um youtuber em ascensão e a ajuda dela, na forma de uma mensagem sobre nada menos que paçoca, o impulsiona a fazer um vídeo que o levará para o auge da fama. O que Sam não sabe é que Leandro também é engajado nos protestos contra a corrupção da AlCorp, sem se preocupar com os riscos que possa correr ou com as chances que tem dado ao azar, e a garota se vê obrigada a usar a sorte do Destino para protegê-lo. Perdida entre seus sentimentos por Leandro e a culpa pela morte de seu pai, Sam começa a compreender a linha tênue entre o livre-arbítrio e o acaso. Com uma boa dose de sarcasmo, ela embarca na dura jornada para desmascarar o que está deteriorando o sistema da Justiça, tanto a natural quanto a extranatural. Em meio a uma rede de intriga, corrupção e poder, a mensageira da sorte precisará fazer as pazes com o passado e lutar até o fim para que a balança do

Destino se equilibre outra vez. ♦ "Em Mensageira da sorte, Fernanda Nia mescla seu senso de humor característico com uma sensibilidade ímpar, criando uma história maravilhosa sobre a busca do equilíbrio em meio ao caos." – Bárbara Morais, autora da trilogia Anômalos "Ação e suspense habilmente costurados no humor que flutua entre o leve, o firme e o crítico, resultado de toda a experiência da autora com quadrinhos e outras narrativas. Na sua estreia como autora de romances, Fernanda Nia se torna a mensageira necessária de um excelente presságio, e chega para somar na fantástica cena brasileira que não se esquece de suas raízes e do momento em que vivemos." – Felipe Castilho, autor de Ordem Vermelha e da série O Legado Folclórico

Compre agora e leia


TRACI CHEE
MAR DE TINTA E OURO
A ORADORA
PLATA FORMA

A oradora

Chee, Traci
9788592783600
540 páginas

Compre agora e leia

O que está escrito sempre acontece. Por isso, as histórias contidas no Livro não podem ser mudadas. Todavia, há algo engraçado sobre elas... as histórias podem ser narradas de outras formas. Há sempre uma nova versão que gostaríamos de contar. E, no ponto em que se encontram desta narrativa, mudar o próprio destino é tudo o que Sefia e Arqueiro mais querem. Se você bem pode se lembrar, faz pouco tempo que eles conseguiram escapar da Guarda. Nossa heroína e nosso guerreiro estão escondidos nas florestas de Deliene, planejando os próximos passos. Pesadelos têm perseguido Arqueiro: lembranças do animal em que os impressores quase o transformaram. O desejo de vingança tem crescido nele, assim como a vontade de salvar outros garotos de passarem pelo mesmo tormento. Ao lado de Sefia, ele lutará para acabar com os impressores e libertar cada prisioneiro. Ao mesmo tempo, Sefia precisa deter a guerra planejada pela Guarda, além de proteger Arqueiro do futuro sangrento que escreveram para ele. E ela o protegerá a qualquer custo, mesmo que isso signifique perder a única pessoa que a ama de verdade.

Compre agora e leia


GODSGRAVE
O ESPETÁCULO SANGRENTO
V.2 DAS CRÓNICAS DA QUASINOITE
JAY KRISTOFF
AUTOR BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
PLATAFORMA

Godsgrave

Kristoff, Jay

9788592783716

592 páginas

Compre agora e leia

eBook em novo formato, revisto e revisado.Nascimento. Vida. E morte. É assim que cantamos a jornada de personagens heroicos. Porém, a dona desta trama, não é uma heroína com a qual se está acostumado. Mia Corvere – o pequeno corvo – é a encarnação da vingança. Nas viragens passadas, ela era apenas uma discípula da seita de assassinos mais temida da República de Itreya. E, embora tenha falhado no teste final, foi a única capaz de resgatar o ministério da Igreja Vermelha do golpe traiçoeiro dado pelos legionários luminatii. Mia, enfim, foi ungida Lâmina. Agora ela é uma serva da Mãe da Noite. E cada vida que executa é uma oração para a Nossa Senhora do Bendito Assassinato.Mas não pensem que a garota se esqueceu daqueles que destruíram sua família, e cujo sangue realmente quer ter em suas mãos. Para saciar sua sede de vingança, a assassina será capaz de sair do caminho que a Igreja trilhou para ela, e seguir sua própria vontade. Usando de suas artimanhas, Mia Corvere fará de tudo para se tornar uma gladiatii – escravos de lutas que batalham até à morte. Com demônios feitos de sombras ao seu lado, nosso pequeno corvo vai decorar as arenas de vermelho e vísceras. Por sangue e glória, os louros de cada vitória vão aproximá-la ainda mais dos algozes de seu pai e do espetáculo sangrento com o qual ela sempre sonhou. Em Godsgrave, a República está prestes a cair.

Compre agora e leia


ESTAMOS BEM
Nina LaCour
PLATA FORMA 21

Estamos bem

LaCour, Nina

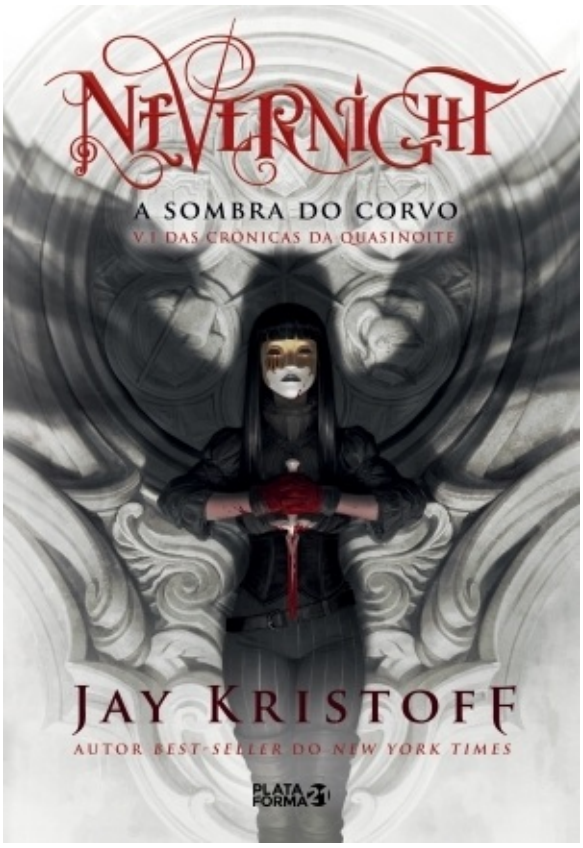
9788592783334

224 páginas

Compre agora e leia

Marin deixou tudo para trás. A casa de seu avô, o sol da Califórnia, o corpo de Mabel e o último verão agora são fantasmas que ela não quer revisitar. O retrato de uma história em que já não se reconhece mais. Ninguém nunca soube o motivo de sua partida. Nada se sabe sobre a verdade devastadora que destruiu sua vida. Agora, ela vive em um alojamento vazio e está sozinha no inverno de Nova York. Marin está à espera da visita de sua melhor amiga e do inevitável confronto com o passado. As palavras que nunca foram ditas finalmente se farão presentes para tirá-la das profundezas de sua solidão. Estamos bem é um sussurro íntimo embalado por um soco indelével. Nina LaCour retrata a elaboração do sofrimento de forma bela e dolorosamente sincera, provocando um desejo pungente de atravessar qualquer distância para se reconectar com quem ama.

Compre agora e leia


NEVERNIGHT
A SOMBRA DO CORVO
V I DAS CRÔNICAS DA QUASINOITE
JAY KRISTOFF
AUTOR BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
PLATA FORMA

Nevernight

Kristoff, Jay

9788592783259

608 páginas

Compre agora e leia

Há histórias sobre Mia Corvere, nem todas verdadeiras. Alguns a chamam de Moça Branca. Ou a Faz-Rei. Ou o Corvo. A matadora de matadores. Mas, uma coisa é certa, você deveria temê-la. Quando ela era criança, Darius Corvere – seu pai – foi acusado de insurreição contra a República de Itreya. Mia estava presente quando o carrasco puxou a alavanca, viu o rosto do pai se arroxeando e seus pés dançando à procura do chão, enquanto os cidadãos de Godsgrave gritavam "traidor, traidor, traidor"... No mesmo dia, viu a mãe e o irmão caçula serem presos em nome de Aa, o Deus da Luz. E, embora os três sóis daquela terra não permitam que anoiteça por completo, uma escuridão digna de trevas tomou conta da menina. As sombras nunca mais a largaram. Mia, agora com dezesseis anos, não se esqueceu daqueles que destruíram sua família. Deseja tirar a vida de todos eles. É por isso que ela quer se tornar uma serva da Igreja Vermelha – o mais mortal rebanho de assassinos de toda a República. O treinamento será árduo. Os professores não terão misericórdia. Não há espaço para amor ou amizade. Seus colegas e as provas poderão matá-la. Mas, se sobreviver até a iniciação, se for escolhida por Nossa Senhora do Bendito Assassinato... O maior massacre do qual se terá notícia poderá acontecer. Mia vai se vingar.

Compre agora e leia